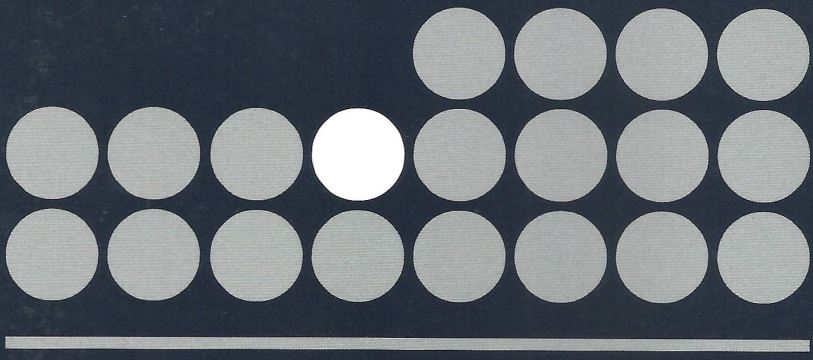
2Coríntios

Introdução e comentário

Colin Kruse



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA· VIDA NOVA

2Coríntios

Introdução e comentário

Colin G. Kruse, B. D, M. Phil., Ph. D.
Professor de Novo Testamento
Ridley College, Universidade de Melbourne



Tradução
Oswaldo Ramos

VIDA NOVA

Copyright © 1987 Colin G. Kruse
Título original: *The Second Epistle of Paul to the Corinthians —An Introduction and Commentary*
Traduzido da edição publicada pela
Inter-Varsity Press (Leicester, Inglaterra)

1.ª edição: 1994
Reimpressões: 1999, 2005, 2006, 2007, 2008, 2011

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP
04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves,
com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

ISBN 978-85-275-0344-0

TRADUÇÃO
Oswaldo Ramos

REVISÃO
Liege Marucci
João Guimarães
Theófilo Vieira

COORDENAÇÃO EDITORIAL E DE PRODUÇÃO
Vera Villar

Para minha mãe
DOROTHY ISOBEL KRUSE
e à memória de meu pai
PETER WILLIAM KRUSE

SUMÁRIO

PREFÁCIO GERAL À EDIÇÃO EM INGLÊS 9

PREFÁCIO GERAL À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS 11

PREFÁCIO DO AUTOR 13

ABREVIATURAS PRINCIPAIS 14

INTRODUÇÃO 17
I. . A cidade de Corinto 17
II. Paulo e os coríntios 21
III. Problemas literários 29
IV. Oposição a Paulo em Corinto 45
V. Data 57

ANÁLISE 59

COMENTÁRIO 61

PREFÁCIO GERAL À EDIÇÃO EM INGLÊS

A série original dos comentários *Tyndale* tinha como alvo fornecer ajuda ao leitor geral da Bíblia. Ela se concentrava no sentido do texto, sem entrar em tecnicismos da erudição. Ela procurava evitar "os extremos de ser indevidamente técnica ou inutilmente breve". Muitos dos que utilizaram os livros concordam em que, até certa medida, houve sucesso no alcance deste alvo.

Todavia, os tempos mudam. Uma série que, por tanto tempo, serviu tão bem, talvez já não tenha muita relevância como teve à época de seu lançamento. Novos conhecimentos vieram à luz. A discussão de questões da crítica tem mudado. Os hábitos de leitura da Bíblia têm se modificado. Quando se iniciou a série original, pressupunha-se que a maioria dos leitores usava a *Authorized Version* (Versão Autorizada), sendo que os comentários podiam ser feitos segundo ela, mas esta situação já não mais existe.

A decisão de revisar e atualizar toda a série não foi tomada rapidamente, mas, no final, pensou-se que era isto o que pedia a situação atual. Existem novas necessidades e elas serão mais bem atendidas por novos livros ou por uma completa atualização dos livros antigos. Os alvos da série original permanecem. Os novos comentários não são pequenos nem indevidamente longos. Eles são mais exegéticos do que homiléticos. Não discutem todas as questões da crítica, mas nada se escreve sem uma consciência dos problemas que prendem a atenção dos eruditos do Novo Testamento. Onde se sente que estas questões devem receber uma consideração formal, elas são discutidas na introdução e, algumas vezes, em notas adicionais.

Mas a principal motivação destes comentários não é de natureza crítica. Estes livros são escritos para ajudar o leitor não-técnico a entender melhor a Bíblia. Eles não pressupõem um conhecimento da língua grega, e todas as palavras gregas discutidas são transliteradas; mas os autores têm o texto grego diante deles, e seus comentários são feitos com base nos originais. Os autores têm liberdade para escolher suas próprias traduções modernas, mas pede-se a eles que mantenham em mente a variedade de traduções em uso corrente.

A nova série dos comentários *Tyndale* vem à lume, como aconteceu com a anterior, na esperança de que Deus, por sua graça, use estes livros para ajudar o leitor comum a compreender o mais completa e claramente possível o sentido do Novo Testamento.

Leon Morris

PREFÁCIO GERAL À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A *Série Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo, mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infindáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto, a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave, e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o Novo Testamento deverá constar de 20 livros de cerca de 200 páginas cada. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o Novo Testamento. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto neotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes, porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO DO AUTOR

Desejo expressar meus gradecimentos à Inter-Varsity Press e ao Editor Geral de Tyndale New Testament Commentaries pelo fato de terem-me convidado para contribuir com este livro para a série revista. Espero que esta obra venha a ser um sucedâneo digno do comentário da pena do falecido professor R. V. G. Tasker, o qual vai substituir.

A maior parte do trabalho dedicado a este livro eu realizei durante minha licença sabática, em 1985. Desejo registrar meus agradecimentos ao Conselho do Ridley College, pela licença concedida, de modo que eu pudesse desincumbir-me deste projeto, e também à St. Augustine's Foundation, Canterbury, pela ajuda financeira no sentido de cobrir os custos extraordinários incorridos por viver e estudar no exterior. Sou muito grato ao Dr. Murray Harris, presidente de Tyndale House, Cambridge, e a outros pesquisadores que ali estavam trabalhando em fins de 1985, pela amizade e encorajamento. Também desejo agradecer a meus três filhos, que cuidaram da casa, a sós, enquanto o pai, a mãe e a irmã deles estavam em Canterbury; de modo especial, desejo agradecer à minha esposa, que assumiu a responsabilidade total de nossa família, durante os dois meses que passei em Cambridge.

Este livro eu o dedico à minha mãe, e à memória de meu pai, em reconhecimento de tudo quanto lhes devo.

É minha esperança e minha oração que este modesto trabalho ajude o povo cristão a ter uma compreensão maior da Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios e, ao fazê-lo, que os crentes possam avaliar melhor a graça incrível do Deus a quem Paulo serviu.

Colin G. Kruse

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

Allo	E.B. Allo, Saint Paul: Seconde épître aux Corinthiens, Études bibliques (Gabalda, ^{2}1956).
Alford	H. Alford, The Greek New Testament, 2 (Longmans, Green & Co., ^{7}1895).
ARA	Versão da Bíblia de Almeida Revista e Atualizada; SBB (é a versão normalmente empregada nesta tradução; quando não, explica-se *in loco*).
ARC	Versão da Bíblia de Almeida Revista e Corrigida.
AV	Versão Autorizada do Rei Tiago (King James), 1611.
BAGD	W. Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, traduzido e adaptado por W. F. Arndt e F. W. Gingrich; segunda edição revista e aumentada por F. W. Gingrich e F. W. Danker (Universidade de Chicago, 1979).
Barrett	C. K. Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians* (A. e C.Black, 1968 e 1973).
Bornkamm	G. Bornkamm, "The history of the origin of the so-called Second Letter to the Corinthians" *NTS* 8 (1961-62), pp. 258-264.
Bruce	F. F. Bruce, *1 and 2 Corinthians*, New Century Bible (MMS, 1971).
Bultmann	R. Bultmann, *The Second Letter to the Corinthians*, ET de R.A. Harrisville (Augsburg, 1985).

Calvin	João Calvino, *The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon*, ET de T. A. Smail (St Andrew Press, 1964).
Crysostom	João Crisóstomo, *Homilies on the Epistles of Paul to the Corinthians*, Pais Nicenos e Pós-Nicenos da Igreja Cristã 12 (Eerdmans, 1969).
Denney	J. Denney, *The Second Epistle to the Corinthians*, The Expositor's Bible (Hodder & Stoughton, 1894).
ET	Tradução para o inglês
Furnish	V. P. Furnish, *II Corinthians*, Anchor Bible 32a (Doubleday, 1984).
GNB	Good News Bible (Versão em Inglês de Hoje): Antigo Testamento, 1976; Novo Testamento, ^{4}1976.
Harris	M. J. Harris, "2 Corinthians", *The Expositor's Bible Commentary* 10, ed. F. E. Gaebelein (Zondervan, 1976), pp. 299-406.
Héring	J. Héring, *The Second Epistle of St Paul to the Corinthians*, ET de A. W. Heathcote e P. J. Allcock (Epworth, 1967).
Hughes	P. E. Hughes, *Paul's Second Epistle to the Corinthians*, New London Commentary (MMS, 1962).
JB	A Bíblia de Jerusalém, 1966.
Kümmel	W. G. Kümmel, *Introduction to the New Testament*, ET de H.C. Kee (SCM, 1975).
Lietzmann	H. Lieztmann, *An die Korinther I/II*, Handbuch zum Neuen Testament 9, ampliado por W. G. Kümmel (J.C. Mohr,1969).
LSJ	*A Greek-English Lexicon*, compilado por H. G. Liddell e R. Scott; nova edição revista por H. S. Jones e R. Mackenzie (Oxford, ^{9}1940).
Martin	R. P. Martin, *2 Corinthians*, Word Biblical Commentary 40 (Word Books, 1986).
MM	J. H. Moulton e G. Milligan, *The Vocabulary of the Greek*

	Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources (Hodder & Stoughton, 1914-1929).
Murphy-O'Connor	J. Murphy-O'Connor, *St Paul's Corinth: Text and Archaeology* (Michael Glazier, 1983).
NEB	The New English Bible: Antigo Testamento, 1970; Novo Testamento, ^{2}1970.
NIV	The New International Version: Antigo Testamento, 1978; Novo Testamento, ^{2}1978.
Plummer	A. Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St Paul to the Corinthians*, International Critical Commentary 47 (T. & T. Clark, 1915).
RSV	Versão Padrão Revista: Antigo Testamento, 1952; Novo Testamento, ^{2}1971.
RV	Versão Revista, 1884.
Schmithals	W. Schmithals, *Gnosticism in Corinth: An Investigation of the letters to the Corinthians*, ET de J. E. Steely (Abingdon, 1971).
Strachan	R. H. Strachan, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians,* Moffat New Testament Commentary (Hodder & Stroughton, 1935).
Str-B	[H. L. Strack e] P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, 6 vols. (Beck, 1922-1956).
Tasker	R. V. G. Tasker, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians*, Tyndale New Testament Commentaries 8 (Tyndale, 1958).
TDNT	G. Kittel e G. Friedrich, eds., *Theological Dictionary of the New Testament*, ET de G. W. Bromiley, 10 vols. (Eerdmans, 1964-1976).
Wendland	H. D. Wendland, *Die Brief an die Korinther*, Das Neue Testament Deutsch 7 (Vandenhoeck & Ruprecht, 1965).
Weiss	J. Weiss, *Earliest Christianity: A History of the Period AD 30-150*, 2 vols. (Harper & Row, 1959).

INTRODUÇÃO

I. A CIDADE DE CORINTO

A antiga cidade de Corinto ficava no estreito istmo que liga o Peloponeso ao território continental grego. Essa antiga cidade fora construída numa plataforma trapezoidal, cerca de cinco quilômetros e meio a sudoeste da atual Corinto, ao pé de uma colina rochosa conhecida como Acrocorinto. Essa colina ergue-se à altura de quase mil metros acima do nível do mar, dominando a paisagem circundante.

O istmo sobre o qual Corinto fora construída separa as águas do golfo de Corinto, a noroeste, das águas do golfo Sarônico, a sudeste. No lado noroeste do istmo, banhada pelo golfo de Corinto, ficava a cidade portuária de Lecaion, e no lado sudeste, banhada pelo golfo Sarônico, ficava o porto de Cencréia (usado por Paulo, quando o apóstolo viajava de navio, saindo de Corinto, ou a ela chegando, cf. At 18:18). A distância por terra entre os dois portos era de aproximadamente dezesseis quilômetros; a distância pelo mar, ao redor da ponta ao sul do Peloponeso (cabo Maleae), era de cerca de 320 quilômetros. A região do cabo Maleae era notória pelas suas violentas tempestades e pelas correntes traiçoeiras, de tal forma que os antigos marinheiros costumavam citar certo provérbio, que Estrabão preservou para nós: "Mas quando você dobra Maleae, esqueça-se de casa". Em vez de empreender a perigosa viagem ao redor do cabo Maleae, os antigos capitães preferiam desembarcar suas cargas num dos lados do istmo e fazê-las transportar por terra até o outro lado. Se o navio não fosse demasiado grande, podia ser amarrado a um veículo de rodas e puxado

ao longo da faixa mais estreita do istmo, por uma estrada pavimentada de pedra, conhecida como Diolkos (do verbo *dielko*, "atravessar"). A seguir, o capitão poria a carga de volta no navio e retomaria a viagem marítima.

Por causa dos perigos da viagem ao redor do cabo Maleae e das despesas elevadas, relacionadas à descarga e carga de mercadorias e ao transporte do navio por terra, desde bem cedo, no tempo de Periandro (falecido em cerca de 586 a.C.), planejava-se abrir um canal que cortasse esse istmo. O imperador Nero iniciou uma tentativa séria em 67 A.D., que foi abandonada à época de sua morte. As obras nesse canal só foram retomadas em 1887 e terminadas em 1893.

Portanto, a antiga Corinto ficava no cruzamento de duas importantes rotas comerciais. A primeira era a que dava a volta pelo istmo, entre a Ática e o Peloponeso; a segunda era a que cortava o istmo, indo de Lecaion até Cencréia. Os navios vindos da extremidade ocidental do Mediterrâneo apinhavam o porto de Lecaion, enquanto os que provinham da Ásia e da extremidade oriental do Mediterrâneo agrupavam-se no porto de Cencréia. Corinto, tendo uma posição geográfica estratégica tão privilegiada, enriqueceu às custas de impostos cobrados pela movimentação de mercadorias, que a cidade supervisionava e controlava.

Entretanto, a antiga Corinto era famosa não só por sua importância comercial, mas também por ser de sua responsabilidade a organização dos jogos bienais do istmo, que atraíam muitas pessoas. Além disso, Corinto ganhara certa reputação por causa da adoração à deusa Afrodite. Um templo em louvor a Afrodite erguia-se no local mais elevado do Acrocorinto, o monte ao pé do qual localizava-se a cidade. Diz-nos Estrabão que o culto a Afrodite era tão rico que se falava em mil pessoas dedicadas à deusa. Muitos capitães de navios, afirma Estrabão, gastavam todo o seu dinheiro entretendo-se com as prostitutas cultuais, de modo que o provérbio: "Uma viagem a Corinto não é para qualquer homem" tornou-se popular entre eles.[1]

1. Estrabão (c. 63 a.C. – c. 22 A.D.) completou sua *Geografia* em cerca de 7 a.C. e incluiu em sua obra a descrição da antiga Corinto como era antes de sua destruição em 146 a.C. Recentemente, algumas questões têm sido levantadas no que concerce à exatidão de suas afirmações a respeito da prostituição cultual, cf. H. Conzelmann, *1 Corinthians* [1 Coríntios] (Fortress, 1975), p. 12; Murphy O'Connor, pp. 55-56.

Em 146 a.C. a cidade foi tomada pelos romanos, sob a liderança de Lúcio Múmio. A cidade foi totalmente arrasada. Muitos de seus tesouros foram levados para Roma, ou destruídos. Seus habitantes, os antigos coríntios, foram mortos ou vendidos como escravos. A cidade ficou em ruínas e desabitada durante mais de cem anos, até 44 a.C., quando Júlio César ordenou que fosse reconstruída e que ex-escravos a ocupassem.

Pausânias, escrevendo em cerca de 174 A.D., disse que "Corinto deixou de ser habitada pelos antigos coríntios, pois foi ocupada por colonos enviados pelos romanos". A Corinto dos dias de Paulo não deve ser vista como cidade grega, mas como colônia romana, talvez de caráter totalmente cosmopolita. Ainda que os ex-escravos enviados por Roma fossem italianos, precisamos entender que, à época de Paulo, a localização de Corinto e as oportunidades para enriquecer, como resultado do controle das rotas comerciais, teriam atraído muitas outras pessoas de diferentes nacionalidades. Sabemos que dentre tais pessoas havia uma comunidade de judeus. Sua existência em Corinto, atestada por Filo (*Embassy to Gaius* [Embaixada para Gaio], 281), é confirmada pela descoberta de uma pedra que traz resquícios claros de uma inscrição: "[Sin]agoga dos Hebr[eus]". A data geralmente é estabelecida como sendo do período da ocupação posterior (entre 100 a.C. e 200 A.D.)[1]; a pedra teria sido umbral da porta de entrada de uma sinagoga judaica em Corinto, na qual, de acordo com Atos 18:4, Paulo teria pregado ao chegar pela primeira vez a Corinto.

Da descrição feita por Pausânias fica bem claro que a nova Corinto tornou-se o centro de adoração dos antigos deuses greco-romanos. Esse autor refere-se a deuses ou altares dedicados a Posêidon, Palaemon, Afrodite, Ártemis, Dionísio, Hélio, Hermes, Apolo, Zeus, Ísis, Eros e outros. Estrabão registra que em seu tempo havia um pequeno templo dedicado a Afrodite, no cume do monte Acrocorinto; na época em que Pausânias escreveu, a encosta do Acrocorinto estava pontilhada de lugares de culto a várias deidades, inclusive Ísis, Hélio, Demétrio e Pelágio. No topo ainda se encontrava o templo a Afrodite, com imagens de Hélio, Eros e da própria Afrodite.

1. É impossível atribuir uma data exata a essa inscrição; todavia, ela confirma que bem cedo a comunidade judaica possuía um lugar de reuniões em Corinto. Cf. Murphy-O'Connor, pp. 78-79; Barrett, p. 2.

Fica bem claro, pois, que a nova Corinto dos dias de Paulo ainda era um centro de adoração a Afrodite, da mesma forma que a antiga cidade havia sido, antes de sua destruição em 146 a.C. Entretanto, constitui erro atribuir a essa cidade a descrição do culto a Afrodite com mil prostitutas cultuais, pois isto se relaciona à cidade antiga. Devemos entender que a Corinto dos dias de Paulo era semelhante a qualquer outro centro comercial cosmopolita, sob o poder de Roma, nem melhor nem pior.

Não há dúvida de que Corinto estava readquirindo sua riqueza e prestígio nos dias de Paulo. Era a capital da província romana da Acaia. Restituiu-se a Corinto a responsabilidade da organização dos jogos do istmo (atribuída à cidade de Sicião, após a destruição de Corinto em 146 a.C.), tão logo a nova Corinto foi reconstruída por ordem de Júlio César, em 44 a.C. Por volta do segundo século A.D., Corinto era provavelmente a principal cidade da Grécia.

Outra minúcia digna de interesse, relacionada aos contatos de Paulo com Corinto, é a descoberta, durante escavações, dos restos de uma grande plataforma de orador, ou pódio. Acredita-se que esse teria sido o tribunal (*bēma*) perante o qual Paulo teria sido levado diante de Gálio (At 18:12-17). Construído cerca de 44 A.D., de mármore azul e branco, consistia de uma plataforma alta, larga, retangular, originalmente suportando uma superestrutura e guarnecida de bancos no fundo e aos lados. Entretanto, a identificação dessa estrutura como sendo o tribunal perante o qual Paulo foi trazido diante de Gálio tem sido questionada em épocas mais recentes. Argumenta-se que o *bēma* era reservado para ocasiões oficiais muito importantes, e que questões de menor monta, como as queixas dos judeus contra Paulo, provavelmente teriam sido resolvidas numa das basílicas designadas para propósitos administrativos. Independentemente do lugar exato aonde Paulo foi levado, o episódio parece ter-lhe provido a idéia em que ele baseou sua declaração de 2 Coríntios 5:10, segundo a qual "importa que todos nós compareçamos perante o tribunal (*tou bēmatos*) de Cristo".

Cerca de cem metros ao norte do centro da antiga Corinto escavaram-se os restos de um relicário de Asclépio. Segundo a mitologia grega, Asclépio era filho do deus Apolo e de uma mulher. Asclépio tornara-se um curandeiro afamado. Em muitas cidades encontravam-se relicários desse deus curandeiro, inclusive em Roma, Pérgamo, Cirene,

Atenas e Corinto. As curas ocorriam quando os doentes banhavam-se no mar e, em seguida, praticavam abluções simbólicas no relicário e ofertavam bolos de mel no altar. Seguiam-se novas abluções antes de os pacientes entrarem no pátio principal do relicário, onde eram exortados a dormir. Enquanto estivessem dormindo, o deus lhes apareceria em sonho e neles praticaria sua arte curadora. Ao acordar, os adeptos desse culto ver-se-iam curados. A seguir, os pacientes curados apresentavam ofertas de gratidão, acompanhadas de votos na forma de imagens de terracota, em tamanho natural, representando as partes do corpo antes afetadas pela doença. Tais ofertas eram apresentadas ao deus do relicário. Muitos de tais modelos de gesso foram encontrados no Asclépio, em Corinto (e.g., mãos, pés, pernas, braços, olhos, orelhas, seios, genitais), e estão expostos numa sala especial do museu da antiga Corinto.[1]

Se tais curas eram aceitas como genuínas nos relicários de Asclépio, podemos imaginar a tendência dos coríntios para ficar grandemente impressionados por alguém que chegasse afirmando ter poderes semelhantes de cura. Os adversários de Paulo em Corinto reivindicavam ter tais poderes e davam a entender que Paulo era deficiente nessa área. Em resposta, o apóstolo precisou lembrar a seus leitores de que "as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos" (2 Co 12:12).

Em 1858 a cidade de Corinto foi destruída por um grande terremoto; como resultado, o local ao pé do Acrocorinto foi abandonado, e uma cidade moderna edificada cerca de cinco quilômetros e meio de distância, a nordeste.

II. PAULO E OS CORÍNTIOS

O relacionamento de Paulo com os crentes coríntios estendeu-se por um período de vários anos (cerca de 50-57 A.D.), e foi uma questão bastante complexa. O apóstolo visitou Corinto três vezes. Emissários de Paulo visitaram Corinto e membros da congregação coríntia visitaram Paulo, quando este ministrava em Éfeso. Além disso, Paulo enviou

1. M. Lang, *Cure and Cult in Ancient Corinth: A Guide to the Asklepieion* (American School of Classical Studies at Athens, 1977). [Cura e adoração na antiga Corinto: um guia ao Asclépio].

várias cartas aos coríntios durante esse período, tendo recebido pelo menos uma carta deles.

Por causa da natureza fragmentária das informações disponíveis, é-nos bastante difícil reconstruir todos os detalhes do relacionamento histórico de Paulo com os coríntios com algum grau de certeza. Nossas duas fontes primárias (as longas cartas de Paulo) e o importante documento secundário (o relato de Atos dos Apóstolos) só fornecem informações parciais. Para aumentar a dificuldade, nossa fonte principal (1 e 2 Coríntios) apresenta alguns problemas enigmáticos, de ordem literária, que precisariam ser resolvidos a fim de se fazer uma reconstituição histórica confiável. Entretanto, esses problemas literários só podem ser resolvidos de modo adequado mediante o recurso de uma reconstituição histórica plausível.

A fim de prover uma estrutura que permita a compreensão de 2 Coríntios, apresentamos abaixo uma reconstituição hipotética da seqüência dos acontecimentos no relacionamento de Paulo com a igreja coríntia. Esta reconstituição envolve certas decisões com respeito aos problemas literários e históricos. Entretanto, a fim de prover uma declaração bastante clara da seqüência hipotética dos eventos, omitimos a discussão desses pontos críticos na reconstituição, a qual será apresentada posteriormente (veja pp. 29 - 58), onde damos as razões em que baseamos aquelas decisões.

A. O PRIMEIRO CONTATO DE PAULO COM CORINTO

De acordo com Atos dos Apóstolos, a primeira visita de Paulo a Corinto foi feita na última fase de sua segunda viagem missionária. Ao deixar Atenas, dirigiu-se a Corinto, onde se encontrou com um casal judeu, Áqüila e Priscila, recém-chegados à cidade depois de expulsos de Roma. Todos os judeus, inclusive esse casal, haviam recebido a ordem de sair da capital imperial, mediante um édito de Cláudio (julga-se que o teria promulgado em 49 A.D.). Paulo dedicava-se ao mesmo ofício praticado por esse casal (fabricação de tendas, ou artesanato em couro), de modo que trabalhavam juntos durante a semana, e todos os sábados discutiam com judeus e gregos, a quem persuadiam na sinagoga (At 18:1-4).

Depois de algum tempo, os judeus de Corinto rejeitaram a mensagem de Paulo, opuseram-se a ele e o hostilizaram. Diante disso, Paulo dedicou atenção total aos gentios da cidade, muitos dos quais creram e foram batizados. Aparentemente, o apóstolo sentiu-se vulnerável e amedrontado, visto que lemos: "Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade." Depois disto, ele permaneceu ali mais dezoito meses, ensinando em Corinto (At 18:9-11).

Por fim, os judeus planejaram um golpe contra Paulo e trouxeram-no perante o tribunal (*bēma*) de Gálio, procônsul da Acaia, acusando-o de ensinar o povo a adorar a Deus de modo contrário à lei. Todavia, Gálio expulsou os judeus de seu tribunal, recusando-se a julgar questões pertinentes à lei judaica. Paulo continuou a ministrar em Corinto " ainda muitos dias", antes de velejar para a Síria, assim concluindo sua primeira visita a Corinto. Interrompeu sua viagem para fazer uma parada em Éfeso, em cuja sinagoga pregou, mas recusou um convite para permanecer mais tempo ali, prometendo voltar se Deus assim o quisesse (At 18:19-21). Ao retornar à Síria, chegara ao fim sua segunda viagem missionária.

B. CONTATOS COM CORINTO DURANTE O MINISTÉRIO EM ÉFESO

Depois de passar algum tempo em Antioquia (da Síria), Paulo iniciou sua terceira viagem missionária: " Havendo passado ali algum tempo, saiu, atravessando sucessivamente a região da Galácia e Frígia, confirmando todos os discípulos" (At 18:23). A seguir, Paulo tomou seu caminho até Éfeso, ali chegando logo depois de Apolo – um famoso judeu alexandrino – ter partido dali em direção a Corinto (At 18:24 – 19:1).

Quando Paulo chegou a Éfeso, entrou na sinagoga e falou "ousadamente, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus" (At 19:8). Mais uma vez foi hostilizado pelos judeus, por isso se retirou do meio deles, levando consigo os discípulos. Então, durante dois anos, pregou diariamente no pátio de Tirano, de modo que " todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos" (At 19:10). Durante essa época, muitos milagres extraordinários foram

realizados por meio de Paulo (curas e exorcismos), o que induziu a muitas conversões e à queima de inúmeros livros de magia. Tais conversões perturbaram os lucros dos ourives de Éfeso, que ganhavam a vida fazendo relicários de Ártemis, a deusa dos efésios; liderados por um tal Demétrio, criaram tremendo tumulto na cidade (At 19:8-40). Portanto, o ministério de Paulo em Éfeso foi marcado por grande sucesso e forte oposição. Foi durante esse período tumultuado que ocorreram muitos dos contatos de Paulo com a igreja coríntia, os quais formam o pano de fundo histórico de 2 Coríntios. Relacionamos abaixo os vários contatos feitos durante esse período.

(i) Carta "anterior" de Paulo
Tomamos conhecimento de uma carta enviada por Paulo aos coríntios em que ele os exorta: "que não vos associásseis com os impuros". As palavras de Paulo foram mal interpretadas pelos coríntios; estes entenderam que deviam separar-se totalmente, e cortar todos os contatos sociais com o mundo não-cristão (1 Co 5:9).

(ii) Visitantes de Corinto
Estando em Éfeso, Paulo recebeu a visita de Estéfanas, Fortunato e Acaico (1 Co 16:15-18), e também de algumas pessoas a quem ele se refere como "os da casa de Cloe", as quais relataram a Paulo as disputas e divisões que ocorriam na igreja coríntia (1 Co 1:11-12).

(iii) Carta dos coríntios dirigida a Paulo
Também durante seu ministério em Éfeso, Paulo recebeu uma carta dos próprios coríntios, a qual levantava uma série de questões sobre as quais desejavam aconselhamento (casamento, 1 Co 7:1, 25; alimento oferecido aos ídolos,1 Co 8:1; dons espirituais, 1 Co 12:1; coleta, 1 Co 16:1, 12).

(iv) Tensão entre Paulo e os coríntios
Uma leitura cuidadosa de 1 Coríntios revela-nos que a tensão aguda no relacionamento entre Paulo e os coríntios, que se reflete em 2 Coríntios 10 – 13, já começava a crescer nos primeiros estágios do ministério paulino aos efésios. Os indícios dessa tensão crescente nós os encontramos por toda 1 Coríntios. Três declarações servirão como exemplos:

"Alguns se ensoberbeceram, como se eu não tivesse de ir ter convosco; mas em breve irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e então conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos" (1 Co 4:18-19); "A minha defesa perante os que me interpelam é esta: Não temos nós o direito de comer e beber?" (1 Co 9:3-4); "Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado" (1 Co 14:37-38).

(v) A redação de 1 Coríntios

Foi, então, para esclarecer as intenções de sua carta "anterior", para dar resposta às notícias trazidas por (Estéfanas e) os da casa de Cloe e às perguntas feitas na carta coríntia, e para acabar com a crítica emergente quanto à sua própria pessoa e ministério que Paulo redigiu 1 Coríntios durante sua estada em Éfeso. O apóstolo aproveitou a oportunidade também para dar algumas instruções concernentes às "contribuições para os santos" (uma coleta que estava sendo recolhida entre as congregações cristãs gentílicas, com o objetivo de ajudar os crentes pobres de Jerusalém), e para prevenir os coríntios a respeito da visita que intencionava realizar. Paulo planejava viajar para Corinto através da Macedônia; depois de ficar um tempo considerável ali, viajaria para Jerusalém, acompanhando os portadores da coleta, se isto lhe parecesse desejável (1 Co 16:1-9; cf. At 19:21-22).

(vi) Visita de Timóteo a Corinto

Paulo enviou Timóteo a Corinto (1 Co 4:17; 16:10-11), mas não dispomos de informações explícitas sobre o que aconteceu quando o jovem pastor esteve ali. Entretanto, está bem claro que Paulo aguardou ansiosamente o retorno de Timóteo (1 Co 16:11). Pela época em que Paulo começara a redigir 2 Coríntios, Timóteo já havia regressado (2 Co 1:1); o relacionamento entre Paulo e os coríntios havia passado por um período muito difícil.

(vii) A "dolorosa" visita de Paulo

Aparentemente, quando Timóteo chegou a Éfeso, em regresso, trouxe notícias perturbadoras a respeito do estado geral das coisas em Corinto.

Isto fez com que Paulo mudasse seus planos de viagem, que havia traçado em 1 Coríntios 16:5-9. Em vez de viajar através da Macedônia para Corinto, e dali para Jerusalém, Paulo velejou direto para Corinto. Sua intenção, agora, era visitar a igreja em Corinto e, a seguir, viajar para o norte, para a Macedônia, voltando depois para Corinto, a caminho de Jerusalém. Fazendo isso, esperava dar aos coríntios "um segundo benefício" (2 Co 1:15-16). Entretanto, quando Paulo chegou a Corinto, vindo de Éfeso, viu-se alvo de um ataque terrível (2 Co 2:5; 7:12), engendrado por um indivíduo, sem que a congregação, como um todo, fizesse algo no sentido de dar apoio ao apóstolo (2 Co 2:3). Tal visita haveria de ser sumamente dolorosa, algo que o apóstolo não gostaria de repetir. Uma vez mais Paulo muda seus planos; em vez de voltar para Corinto após a viagem programada para a Macedônia, tomou o caminho direto para Éfeso (2 Co 1:23; 2:1).

(viii) Carta "severa" de Paulo

De volta a Éfeso, Paulo escreveu sua assim chamada carta "severa" aos coríntios. É provável que tal carta já não exista mais, embora alguns sugiram que ela ficou preservada em parte, ou no todo, em 2 Coríntios 10 – 13 (veja pp. 31 - 33). Ela conclamava a igreja coríntia a tomar providências contra a pessoa que havia hostilizado tanto a Paulo, e com isso demonstrar a inocência da igreja, nessa questão, e sua afeição pelo apóstolo (2 Co 2:3-4; 7:8, 12). Não ficou claro quem teria sido o portador de tal carta "severa" a Corinto. Pode ter sido Tito. Seja como for, era de Tito que regressava de uma visita a Corinto, que Paulo esperava notícias dos coríntios, isto é, a resposta à sua carta. Parece que Paulo acreditava que receberia uma resposta positiva. Ele expressou sua confiança nos coríntios a Tito antes de este partir para Corinto (2 Co 7:14-16), e talvez houvesse incumbido Tito de tratar com os coríntios da questão da coleta (2 Co 8:6). Os dois haviam planejado encontrar-se em Trôade. Foi por isso que Paulo saíra de Éfeso a caminho de Trôade. Ele descobrira ali uma porta aberta para a evangelização, mas por Tito não ter voltado ainda e por estar muito ansioso para encontrá-lo, o apóstolo deixa Trôade e atravessa a Macedônia, na esperança de interceptá-lo em sua viagem dessa província até Trôade (2 Co 2:12-13).

C. CONTATOS COM CORINTO ENQUANTO NA MACEDÔNIA

Ao chegar à Macedônia, Paulo viu-se envolvido em amarga perseguição, experimentada pelas próprias igrejas da Macedônia (2 Co 7:5; 8:1-2). Este fato apenas aumentou sua ansiedade.

(i) A chegada deTito à Macedônia e a carta de alívio de Paulo
Quando, finalmente, Tito chegou, o conforto que Paulo sentiu foi grande (2 Co 7:6-7), mais ainda ao ouvir do jovem companheiro sobre o zelo dos coríntios em demonstrar seu afeto e lealdade ao apóstolo, mediante a punição daquele que lhe causara tanto sofrimento. Paulo respondeu, diante de tão boas notícias, enviando outra carta, 2 Coríntios 1 – 9 (veja pp. 33 - 38). Diz o apóstolo o quanto estava alegre porque os coríntios reagiram bem à sua carta "severa" e que a visita de Tito justificara seu orgulho por eles, de modo especial por Paulo haver exaltado os coríntios perante Tito antes de enviá-lo a Corinto (7:4, 14, 16). Esforçou-se em explicar-lhes as mudanças nos seus planos de viagem (1:15 – 2:1) e porque, com a mente agitada, lhes escrevera previamente uma carta "severa" (2:3-4; 7:8-12). Embora Paulo sentisse tremenda alegria pelo fato de os coríntios terem agido energicamente no sentido de cumprir a justiça, o apóstolo os exorta a que perdoem ao que havia causado tanta dor e que o restaurem, "para que Satanás não alcance vantagem sobre nós" (2:5-11).

Esta carta cheia de alívio trata de dois outros assuntos com certa profundidade. Primeiro, há uma longa explicação sobre a maneira por que seu ministério apostólico havia sido sustentado e fortalecido em meio às muitas aflições e ansiedades que Paulo experimentara tanto na Ásia (Éfeso) como na Macedônia (1:3-11; 2:12 – 7:4). Segundo, encontramos instruções e exortações minuciosas a respeito da contribuição para os santos (2 Co 8 – 9). Os coríntios haviam iniciado há um ano a coleta ("desde o ano passado principiastes", 8:10), quando haviam escrito a Paulo, que lhes respondera oferecendo diretrizes básicas sobre o assunto (1 Co 16:1-4). De fato, Paulo já havia gabado perante os macedônios a respeito da prontidão coríntia em contribuir financeiramente, e agora se tornava um tanto ansioso porque os coríntios poderiam não ficar à altura de seus elogios (9:1-4).

(ii) Tito volta a Corinto

Paulo queria ter certeza de que nem ele nem os coríntios ficariam embaraçados por um eventual despreparo deles na questão da coleta. Foi por isso que ele mandou Tito e outras duas pessoas a Corinto, para certificar-se de que alguns assuntos ficassem acertados antes que o próprio Paulo chegasse, talvez acompanhado de macedônios, perante quem ele elogiara a prontidão coríntia (8:16 – 9:5).

Entretanto, quando Tito e os outros chegaram a Corinto, descobriram que a situação se deteriorara. Alguns homens a quem Paulo chamara de "falsos apóstolos" atiravam toda sorte de acusação contra Paulo e seus emissários. Parece que a igreja coríntia havia sido seriamente influenciada por esses homens, tendo aceito seu "evangelho" (11:1-4) e ficado sob suas pesadas exigências (11:16-20). Tito trouxe más notícias da terrível situação de Corinto a Paulo, que ainda estava na Macedônia.

(iii) A carta final de Paulo a Corinto

Reagindo a esta crise de maiores proporções, Paulo enviou sua carta mais severa – e talvez a última – aos coríntios, a saber, 2 Coríntios 10 – 13 (veja pp. 38 - 39). Esta foi escrita a fim de dar resposta às acusações dos "falsos apóstolos" e eliminar as suspeitas que haviam levantado nas mentes dos coríntios. Dá-nos a impressão de uma última e desesperada tentativa de incutir prudência naquela igreja, fazendo-a cair em si, assegurando sua volta à devoção pura a Cristo e reavivando mais uma vez sua lealdade ao pai espiritual, Paulo. Nessa carta, o apóstolo os adverte de sua planejada terceira visita, quando ele demonstrará sua autoridade, se necessário, embora espere que a reação positiva dos coríntios a essa carta faça com que isso seja desnecessário (12:14; 13:1-4, 10).

D. TERCEIRA VISITA DE PAULO A CORINTO

De acordo com Atos 20:2-3, Paulo viajou para a Grécia depois de ter estado na Macedônia, e ali permaneceu três meses. Podemos presumir que, por essa época, realizou sua terceira visita a Corinto. Aparentemente, fosse por causa de sua carta, fosse por causa de sua terceira visita a Corinto, os problemas da igreja coríntia estavam, por ora, resolvidos.

Pode-se inferir isso da carta de Paulo dirigida aos romanos, escrita em Corinto durante aqueles três meses. Nessa carta, assim expressa Paulo: "Mas agora estou de partida para Jerusalém a serviço dos santos. Porque aprouve à Macedônia e à Acaia levantar uma coleta em benefício dos pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém" (Rm 15:25-26). Se os crentes da Acaia (em sua maioria constituídos por coríntios) haviam agora contribuído financeiramente, é óbvio que suas faltas, refletidas em 2 Coríntios 11:7-11 e 12:13-18, haviam sido reparadas. E se Paulo passara três meses na Grécia, num estado de espírito que lhe permitira redigir Romanos, é que a situação em Corinto devia ter melhorado de modo marcante.

Seria gratificante poder dizer que, depois de tudo isso, a igreja coríntia avançou de vitória em vitória. Infelizmente, não foi isso que aconteceu. Evidências da primeira carta de Clemente (escrita em cerca de 95 A.D.) indicam que a desarmonia se tornara um problema outra vez.

III. PROBLEMAS LITERÁRIOS

No início da seção anterior, em que fizemos uma tentativa de reconstituir o curso do relacionamento de Paulo com os coríntios, observamos que tal empreendimento só poderia ser realizado se determinadas decisões concernentes a problemas literários pudessem ser tomadas. Fica, pois, claro que a reconstituição elaborada acima repousa sobre certas pressuposições quanto à estrutura literária de 1 e 2 Coríntios. Chega agora o momento de declararmos essas suposições e de fornecer as razões que nos levaram a tomá-las, visto que elas não só sublinham a reconstituição histórica dos eventos sugerida acima como também influenciam os comentários que se seguem.

A. CORRESPONDÊNCIA CORÍNTIA DE PAULO: QUANTAS CARTAS?

Um dos problemas que mais causam perplexidade com respeito ao relacionamento de Paulo com os coríntios refere-se ao número de cartas que ele escreveu, e se todas essas cartas foram preservadas (no todo ou em parte). As opiniões variam enormemente. O ponto de vista que

sublinha a reconstituição dos eventos, adotado neste comentário, é o de que Paulo escreveu cinco cartas para a igreja de Corinto. A primeira teria sido a "anterior" (hoje perdida) mencionada em 1 Coríntios 5:9; a segunda, a que se seguiu nossa 1 Coríntios. A terceira seria a carta "severa" de que se fala em 2 Coríntios 2:3-4; 7:8, 12; a quarta carta seria nossa 2 Coríntios 1 – 9. A quinta e última carta é a que se preservou substancialmente em 2 Coríntios 10 – 13.[1]

Entretanto, há várias outras opiniões. Alguns argumentam que só houve três cartas: a "anterior" (hoje perdida), a seguir 1 Coríntios (que deve ser identificada como a carta "severa" de 2 Co 2:3-4; 7:8, 12) e, finalmente, 2 Coríntios.[2] Outros presumem que quatro cartas foram escritas: a "anterior" (2 Co 6:14 – 7:1 às vezes é considerado um fragmento dessa carta), 1 Coríntios, a carta "severa" (em grande parte preservada em 2 Co 10 – 13) e 2 Coríntios 1 – 9.[3]

Além dessas opiniões principais, mais ou menos diretas e francas, há algumas sugestões segundo as quais existiriam fragmentos de pelo menos quatro (ou no máximo seis) cartas, inclusive a "anterior" e a "severa", as quais podem ser encontradas espalhadas ao longo de nossas 1 e 2 Coríntios.[4]

Como já mencionamos, o ponto de vista adotado neste comentário é o de que Paulo escreveu cinco cartas a Corinto. Segue-se uma discussão de cada uma dessas cartas, em seqüência, com as razões por que adotamos esse parecer.

(i) A carta "anterior"

Não se contesta o fato de Paulo haver escrito uma carta antes de 1 Coríntios. Tal carta "anterior" fica implícita em 1 Coríntios 5:9. Tratava, pelo

1. Parece estar havendo um emergente consenso em apoio a este ponto de vista entre comentaristas mais recentes. Cf., e.g., Bruce, pp. 23-25; 164-170; Barrett, pp. 3-11; Furnish, pp. 26-46; Martin, p. xl.
2. Cf. Allo, pp. lii-liii; Lietzmann, pp. 139-140; Tasker, pp. 30-35; Hughes, pp. xxiii-xxxv; Kümmel, pp. 287-293; W. H. Bates, "The integrity of II Corinthians", *NTS* 12 (1965-66), pp. 56-59; A. M. G. Stephenson, "A defence of the integrity of 2 Corinthians", *The Authorship and Integrity of the New Testament* (SPCK, 1965), pp. 82-97.
3. É a opinião, e.g., de Plummer, pp. xvii-xix; Strachan, pp. xxxix-xl.
4. É a opinião, e.g., de Bultmann, pp. 16-18; Schmithals, pp. 87-110. Este deteta fragmentos de seis cartas: (A) 2 Co 6:14 – 7:1; 1 Co 6:12-20; 9:24 – 10:22; 11:2-34; 15; 16:13-24, (B) 1 Co 1:1 – 6:11; 7:1 – 9:23; 10:23 – 11:1; 12:1 – 14:40; 16:1-12, (C) 2:14 – 6:13; 7:2-4, (D) 10:1 – 13:13, (E) 9:1-15, (F) 1:1 – 2:13; 7:5-16; 8:1-24.

menos em parte, da questão do relacionamento dos crentes com pessoas de comportamento imoral. Muitos comentaristas acreditam que essa carta se tenha perdido. Entretanto, alguns argumentam que parte dela preservou-se em 2 Coríntios 6:14 – 7:1.[1] Parece que esta passagem interrompe o fluxo de pensamento do contexto, razão por que alguns a consideram uma interpolação identificada como fragmento da carta "anterior" de Paulo (veja pp. 42 - 45). Entretanto, surge uma dificuldade grave nesta sugestão. É verdade que a carta "anterior" de Paulo havia sido mal interpretada pelos coríntios, que entenderam não poder manter contatos com pessoas imorais, mas Paulo respondeu em 1 Coríntios 5:9-13, dizendo que sua recomendação aplicava-se apenas a "alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra... malfeitor". Seu preceito não deveria aplicar-se aos incrédulos. Entretanto, a passagem de 2 Coríntios 6:14 – 7:1, que alguns argumentam ser fragmento da carta "anterior", refere-se claramente ao relacionamento com *incrédulos*: "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos". Fosse esta passagem um fragmento da carta "anterior", Paulo seria culpado de uma flagrante contradição.

(ii) 1 Coríntios

A maioria dos eruditos aceita a unidade de 1 Coríntios e concorda que esta é a segunda carta enviada por Paulo a Corinto. Um pequeno número deles questiona sua unidade e opina que diversas seções teriam pertencido originalmente à carta "anterior".[2] Entretanto, a argumentação desses eruditos não convence. Como o assunto todo não se cinge diretamente à exegese de 2 Coríntios, a questão pode ser posta de lado.

(iii) A carta "severa"

Que Paulo tenha escrito uma carta "severa" está bem implícito em 2 Coríntios 2:3-4; 7:8, 12. O ponto de vista adotado neste comentário é que este documento não existe mais. A opinião antiga, tradicional, ainda apoiada por alguns eruditos, é que a carta "severa" a que Paulo se refere de fato é 1 Coríntios.[3] Argumenta-se que a redação dessa carta teria

1. Por exemplo: Strachan, p. xv; Schmithals, p. 95.
2. E.g. Schmithals, pp. 95-96.
3. Assim pensa, e.g., Hughes, pp. xxviii-xxx.

causado muitas lágrimas a Paulo e grande tristeza aos que a receberam. Paulo precisava repreender os novos-convertidos por várias razões, especialmente por causa da atitude frouxa deles para com as práticas imorais de alguns membros da congregação. Um elemento que apóia o ponto de vista tradicional é que 1 Coríntios de fato contém uma ordem no sentido de impor-se uma ação disciplinar contra o ofensor (1 Co 5:3-5, 7, 13); a única coisa que sabemos quanto ao conteúdo da carta "severa" é que ela continha tal exigência que o apóstolo esperava fosse obedecida pelos coríntios (2 Co 2:5-11). Entretanto, a maioria dos eruditos de hoje rejeita a opinião de que 1 Coríntios deva ser identificada como a carta "severa" de Paulo. A razão é que, a despeito da imposição paulina de uma providência disciplinar contra a pessoa incestuosa, e umas palavras fortes acerca do espírito partidário, libertinagem e desordem no culto público, 1 Coríntios na verdade não dá a impressão de ter sido escrita "no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração... com muitas lágrimas" (2 Co 2:4). Não parece uma carta que Paulo teria ficado triste por ter de escrevê-la, e que teria causado tristeza aos destinatários (2 Co 7:8-9).

O ponto de vista dominante durante muitos anos foi o de que a carta "severa" havia sobrevivido, pelo menos em parte, estando preservada em 2 Coríntios 10 – 13.[1] Em apoio a esta idéia, argumenta-se que teria sido impossível a Paulo escrever 2 Coríntios 1 – 9 e 10 – 13 ao mesmo tempo, às mesmas pessoas. Há mudança de tom, partindo de um encorajamento caloroso a seus leitores para que completem o que haviam começado, no que concernia à coleta, na passagem dos capítulos 8 – 9, para repreensões estridentes e defesa pessoal apaixonada, nos capítulos 10 – 13, uma mudança drástica demais. Em segundo lugar, afirma-se que certo número de passagens nos capítulos 1 – 9 referem-se a declarações feitas *anteriormente*, nos capítulos 10 – 13 (cf., e.g., 1:23/13:2; 2:3/13:10; 2:9/10:6; 4:2/12:16; 7:2/12:17), e que isto demonstra que os capítulos 1 – 9 foram escritos depois dos capítulos 10 – 13. Em terceiro lugar, em 10:16 Paulo afirma que está ansioso por pregar o evangelho "para além das vossas fronteiras". Argumenta-se que tal declaração não poderia ter sido escrita da Macedônia para

1. Assim pensam, e.g., Plummer, pp. xxvii-xxxvi; Strachan, p. xix; Bultmann, p. 18; Wendland, p. 8; Schmithals, p. 96.

Corinto (como teria sido o caso, se 2 Coríntios fosse uma unidade epistolar), mas poderia ter sido redigida bem apropriadamente de Éfeso (provável cidade de onde partiu a carta "severa"). Quarto argumento: afirma-se que se 2 Coríntios fosse uma unidade epistolar, Paulo seria acusado de fazer declarações contraditórias dentro da mesma carta (cf. 1:24/13:5; 7:16/12:20-21).

Os aspectos positivos da opinião segundo a qual os capítulos 10 – 13 constituem a porção maior da carta "severa" de Paulo são que ela nos dá uma explicação para a dramática mudança de tom que ocorre em 10:1; que o conteúdo desses capítulos é de tal ordem que poderiam ter sido escritos "no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração"; e que ela, sem dúvida, teria causado muita aflição a seus leitores. Todavia, esta opinião carrega consigo algumas fraquezas. A primeira destas é que os capítulos 10 – 13 não contêm aquele elemento que sabemos ter sido parte da carta "severa" de Paulo, a exigência para que se disciplinasse o ofensor. Segunda fraqueza: em 12:17-18, Paulo pergunta: "Porventura vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei? Roguei a Tito, e enviei com ele o irmão; porventura Tito vos explorou?" Parece que isto se refere a algo *lá de trás*, a acordos mencionados em 8:6, 16-24 e 9:3-5. Se aceitarmos que os capítulos 8 – 9 originalmente pertenciam ao mesmo texto, com os capítulos 1 – 7 (como o faz a maioria – não todos – dos proponentes da opinião de que os capítulos 10 – 13 constituem a carta "severa" de Paulo), parecerá que os capítulos 10 – 13 teriam sido escritos *depois* dos capítulos 1 – 9. Terceira: Paulo escreveu sua carta "severa" em vez de fazer a visita a Corinto que prometera, assim não causando aflições a seus leitores (1:23 – 2:4), enquanto os capítulos 10 – 13 teriam sido escritos quando o apóstolo estava pronto para efetuar a visita (12:14), ameaçando forte providência disciplinar (13:1-4).

Portanto, o ponto de vista adotado neste comentário é o de que a carta "severa" não está embutida nem em 1 Coríntios nem em 2 Coríntios 10 – 13, pois está desaparecida.

(iv) 2 Coríntios 1 – 9

Parece que existe uma tendência emergente para um consenso, em obras mais recentes sobre 2 Coríntios, segundo o qual os capítulos 1 – 9

constituem a quarta carta de Paulo à igreja de Corinto.[1] Tal consenso baseia-se na aceitação de duas proposituras: primeira, que os capítulos 8 – 9 devem ficar juntos com os capítulos 1 – 7; e segunda, que os capítulos 1 – 9 e 10 – 13 não poderiam ter sido escritos ao mesmo tempo, às mesmas pessoas.

A primeira propositura tem sido questionada por alguns eruditos. Várias sugestões têm aparecido: que o capítulo 8 teria sido originalmente uma carta separada, e que era o capítulo 9 que vinha após o capítulo 7, ou que o capítulo 9 é que teria sido uma carta separada e só mais tarde incorporado após o capítulo 8.[2]

Três principais argumentos apóiam esta linha de questionamento. Primeiro: a redação de 9:1, com sua fórmula introdutória, *peri men gar* ("Ora") e a descrição completa da questão em pauta, "a assistência a favor dos santos", revela que Paulo está iniciando novo assunto, e não dando continuidade a uma questão apenas mencionada no capítulo 8. Embora seja verdade que Paulo costuma usar uma fórmula semelhante (mas não idêntica) noutras passagens quando vai mudar de assunto (e.g., 1 Co 7:1; 8:1; 12:1; 16:1), isto não significa que cada vez que encontrarmos tal fórmula devemos presumir que se inicia ali um novo assunto. Além disso, o uso de uma descrição integral de assunto, como "a assistência a favor dos santos", conquanto pudéssemos esperar uma descrição mais breve, se o capítulo 9 fosse continuação do assunto tratado no capítulo 8, não precisamos ser compelidos a considerar o capítulo 9 como sendo uma carta originariamente separada do capítulo 8. O emprego da descrição completa do assunto, em 9:1, torna-se compreensível, em face do grande volume de material redacional exposto, depois da primeira menção à coleta, em 8:4.

Em segundo lugar, o apelo de Paulo ao exemplo dos macedônios, a fim de motivar os coríntios, em 8:1-5, e sua referência ao exemplo destes, que o apóstolo usara a fim de estimular os macedônios, em 9:1-2, seriam considerados como contradizentes, se os capítulos 8 e 9 devessem estar juntos. Entretanto, tal contradição é mais aparente do

1. Bruce, p. 169; Barrett, p. 9; Furnish, pp. 30-41; Martin, p. xl.

2. Cf., e.g., Weiss, 2, p. 353, que considera o capítulo 8 como adição posterior; e Bornkamm, p. 260; Schmithals, pp. 97-98; Bultmann, p. 18, que entendem que o capítulo 9 teria sido adicionado posteriormente.

que real. No capítulo 8, Paulo nos fala de uma ação terminada, efetivada pelos macedônios para estimular os coríntios, de modo que terminassem o que apenas haviam iniciado. No capítulo 9, Paulo menciona que ele teria muito cedo utilizado a prontidão dos coríntios no sentido de prover socorro, e o apóstolo o faria para estimular os macedônios à ação que agora empreendiam. Não há aqui nenhuma contradição inerente.

Terceiro, os capítulos 8 e 9 apresentam diferentes propósitos para o envio de "irmãos" até Corinto. No capítulo 8, Paulo diz que está enviando emissários altamente credenciados para que se evitem acusações de mau uso do dinheiro da coleta. No capítulo 9, o propósito é garantir que tudo esteja pronto quando Paulo chegar. Poder-se-ia dizer, para esclarecer, que ambos os propósitos complementam-se mutuamente e não há exigência de separação entre os capítulos 8 e 9.

Favorecendo a unidade dos capítulos 8 e 9, pode-se demonstrar que há um progresso discernível na discussão iniciada num capítulo e continuada no outro. No capítulo 8, Paulo começa a estimular os coríntios à ação, ao citar o exemplo dos macedônios (vv. 1-7) e o exemplo da auto-entrega de Cristo (vv. 8-12), ao mesmo tempo que os tranqüiliza, dizendo que não procurava sobrecarregá-los para que outros fossem aliviados (vv. 13-15). A seguir, Paulo fala das providências tomadas para a recepção e transporte da coleta, de maneira a ficar claramente visível que o projeto foi todo executado de forma exemplar (vv. 16-24). No capítulo 9, o apóstolo continua a motivar os coríntios à ação, ao enfatizar que eles ficariam bastante embaraçados se, afinal, estivessem despreparados quando os macedônios chegassem, visto que anteriormente Paulo havia elogiado muito os coríntios perante os macedônios pela sua prontidão (vv.1-5). O apóstolo revigora seu apelo para a ação generosa ao enfatizar que Deus ama a quem dá com alegria, e que "o que semeia com fartura, com abundância também ceifará" (vv. 6-7). Finalmente, Paulo lembra a seus leitores que Deus é capaz de supri-los de todas as bênçãos, para que possam exceder na generosidade, e que ao reagir de modo positivo estarão demonstrando obediência ao evangelho (vv. 8-15).

Pode-se argumentar, ainda, a favor de os capítulos 8 e 9 pertencerem à mesma carta, que a referência de Paulo aos emissários ("enviei os irmãos"), em 9:3, pressupõe algum conhecimento de quem seriam eles,

como se deduz de 8:16-24. Além disso, 9:3-5 implica que os coríntios entendiam sua obrigação de contribuir para aquela coleta. Paulo enfatizara essa obrigação em 8:6-15.

Em suma, parecem insuficientes as razões pelas quais deveríamos descartar-nos da conclusão de que os capítulos 8 e 9 devem ficar juntos, na posição que ocupam. Esta opinião apóia-se também no fato de que não existe um manuscrito conhecido em que estes capítulos estejam noutra posição qualquer, diferente da tradicional.

A segunda propositura alicerça-se na crença de que a mudança de tom que ocorre em 10:1 é tão grande que se torna psicologicamente improvável que os capítulos 1 – 9 e 10 – 13 sido redigidos ao mesmo tempo, para as mesmas pessoas. Nos capítulos anteriores, de modo especial os capítulos 7 – 9, o apóstolo expressou sua alegria e alívio ao ouvir que os coríntios haviam demonstrado sua lealdade a ele, Paulo, ao disciplinar o ofensor (7:6-11), afirmou sua confiança nos coríntios (7:14-16), e sentiu-se à vontade para trazer à baila outra vez o assunto da coleta perante seus leitores (capítulos 8 – 9). Em 10:1, o tom da carta muda drasticamente. Paulo prossegue e adverte quanto a alguma providência disciplinar que ele poderá ter de tomar (10:2, 5-6; 13:2-4, 10), defende-se de acusações assacadas contra ele, a que seus leitores deram ouvidos (10:9-11; 11:7-11; 12:16-18), expressa seu desapontamento diante da prontidão com que os coríntios estavam dispostos a aceitar outro evangelho (11:3-4), e ataca vigorosamente a integridade dos que procuram induzir seus convertidos contra sua pessoa (11:12-15). O que vemos, então, nos capítulos 1 – 9, é basicamente a reação de Paulo diante de uma crise que foi resolvida (crise precipitada por um indivíduo), enquanto nos capítulos 10 – 13 encontramos a reação do apóstolo a uma nova crise, esta muito longe de uma solução à época em que a carta foi escrita (crise provocada por um grupo de intrusos a quem o apóstolo chama de "falsos apóstolos"). Pode-se argumentar que estes fatos seriam explicáveis se considerarmos os capítulos 1 – 9 como a reação de Paulo em face das boas-novas que Tito lhe trouxera a respeito da reação dos coríntios à carta "severa", e se virmos nos capítulos 10 – 13 uma carta subseqüente, redigida pelo apóstolo, depois que chegaram até ele as notícias péssimas concernentes a uma crise muito mais séria, desencadeada pelas atividades daqueles "falsos apóstolos" em Corinto.

Há, todavia, alguns eruditos que rejeitam esta opinião e propugnam pela unidade da carta.[1] Eles também reconhecem uma mudança de tom em 10:1, mas dizem que isso se pode compreender sem postular a existência de duas cartas. Alguns sugerem que quando o apóstolo estava no processo de redigir a carta cheia de alívio e de alegria, recebeu novas informações vindas de Corinto, anunciando-lhe que outra crise acabara de abater-se sobre a igreja de Corinto, às quais ele reagiu acrescentando os capítulos 10 – 13 ao que já havia escrito. Outros argumentam que a mudança de tom em 10:1 não é tão grande como se tem imaginado. Esses apontam para um tema comum de força ao longo da fraqueza, que percorre ambas as partes da carta. Salientam, ainda, que o apóstolo deleita-se na defesa pessoal em ambas as partes da carta. Finalmente, observam que nenhum manuscrito conhecido reproduz 2 Coríntios de forma diferente daquela em que a conhecemos hoje.

Estas considerações são importantes e precisam ser acatadas seriamente. Respondemos dizendo, em primeiro lugar, que é possível explicar-se a mudança no tom da carta, em 10:1, pela chegada até o apóstolo de notícias recentes, desconcertantes, vindas de Corinto, estando ele redigindo sua carta de alívio. Entretanto, fosse esse o caso, esperaríamos que Paulo escrevesse algo sobre a situação: enquanto estava elogiando os coríntios pela sua lealdade, chegam notícias frescas, à luz das quais ele é forçado, agora, a repreendê-los por sua deslealdade para com ele próprio e para com o evangelho.

Em segundo lugar, é verdade que o tema da força ao longo da fraqueza está presente em ambos os grupos de capítulos, 1 – 9 e 10 – 13, e que em ambos também há defesa pessoal. Todavia, a intensidade da defesa no último grupo de capítulos é muito maior do que no primeiro, e a razão para a inclusão do tema da força ao longo da fraqueza nos capítulos 1 – 9 é diferente da razão de sua inclusão nos capítulos 10 – 13. No primeiro grupo (1 – 9), esse tema foi batido para demonstrar como, apesar de todas as suas privações e dificuldades apostólicas, o poder de Deus ainda esteve operando em seu ministério. No segundo grupo (10 – 13), Paulo inseriu esse tema apenas como inversão deliberada dos critérios de seus adversários para avaliação do apostolado.

1. E.g., Allo, pp.lii-liii; Lietzmann, pp. 139-140; Tasker, pp. 30-35; Hughes, pp. xxiii-xxxv; Kümmel, pp. 287-293; Bates, *op. cit.*, pp. 56-59; Stephenson, *op. cit.*, pp. 82-97.

Em terceiro lugar, de fato não existem manuscritos que dêem apoio à divisão da carta conforme propomos; entretanto, isto pode ser explicado se imaginarmos duas cartas separadas sendo copiadas num único rolo, bem cedo, na história da transmissão textual.

Se aceitarmos essas duas proposituras (que os capítulos 8 e 9 pertencem ao mesmo documento, ao lado dos capítulos 1 – 7, e que os capítulos 10 – 13 representam outra carta, escrita algum tempo depois da redação dos capítulos 1 – 9, remetidos a Corinto), não haverá razão para que os capítulos 1 – 9 não sejam considerados a quarta carta de Paulo aos coríntios.

(v) 2 Coríntios 10 – 13

Demos resposta aos argumentos contrários à opinião de que os capítulos 10 – 13 pertenciam originalmente ao mesmo documento dos capítulos 1 – 9 (acima, pp. 32 - 33); também respondemos à argumentação contrária à compreensão de que os capítulos 10 – 13 são a carta "severa" de Paulo (pp. 33 - 38). O ponto de vista adotado pela maioria dos comentaristas modernos é o de que os capítulos 10 – 13 constituem a maior parte de uma quinta carta que Paulo teria escrito a Corinto, após o envio dos capítulos 1 – 9,[1] e este é o entendimento adotado neste comentário.

Uma das vantagens deste ponto de vista é, como já vimos, que ele explica melhor a marcante mudança de tom que ocorre em 10:1. A segunda vantagem é que essa opinião esclarece melhor o fato de nos capítulos 10 – 13 Paulo estar preparando caminho para sua terceira visita, que está iminente. Assim, em 12:19 – 13:10 ele demonstra que o propósito de tudo quanto escreveu era o crescimento dos coríntios, na esperança de que, ao realizar sua terceira visita, não precisaria usar de severidade no exercício de sua autoridade apostólica. Esse propósito declarado enquadra-se bem no conteúdo dos capítulos 10 – 13, desde que estes não sejam considerados como pertencentes ao mesmo documento dos capítulos 1 – 9, visto que estes não trazem o mínimo traço de ameaça da ação disciplinar. Além disso, este propósito declarado é entendido melhor se os capítulos 10 – 13 não forem tomados como sendo a carta "severa" de Paulo. Paulo escreveu a carta "severa" *em vez de* fazer-lhes outra visita, e não para preparar caminho para tal visita.

1. Bruce, pp. 166-172; Barrett, pp. 9-10, 21; Furnish, pp. 30-41; Martin, p. xl.

A terceira vantagem deste ponto de vista é que dá mais sentido às referências feitas por Paulo ao comportamento de Tito, em 12:17-18. Nesse passo, Paulo pergunta se Tito e os outros que ele enviara a Corinto, a serviço da coleta, teriam servido de instrumentos de Paulo para obter vantagens pessoais às custas dos coríntios. Esta questão implica que os capítulos 10 – 13 teriam sido escritos *depois* dos capítulos 1 – 9, em que o apóstolo informa a seus leitores que está prestes a enviar-lhes esses homens (8:6, 16-24; 9:3-5).

Finalmente, esse ponto de vista reconhece as diferentes naturezas da oposição a Paulo refletidas nos capítulos 1 – 9 e 10 – 13, respectivamente. No primeiro caso, a oposição partia de um indivíduo (o ofensor de 2:5; 7:12), de que os coríntios já haviam tratado. No segundo, a oposição sobreveio por parte de um grupo de intrusos, a quem Paulo chama de "falsos apóstolos", a qual estava no apogeu quando esses capítulos foram escritos. Acrescente-se que o resultado dessa crise precipitada pela oposição não ficou bem esclarecida para nós.

B. INTERPOLAÇÕES EM 2 CORÍNTIOS?

Há duas passagens em 2 Coríntios que, à primeira leitura, parecem interromper o fluxo de pensamento de Paulo. Por essa razão, alguns eruditos têm sugerido que essas passagens originalmente não ocupavam a posição que hoje ocupam na carta. O problema todo relaciona-se à questão mais ampla do número de cartas que Paulo escreveu a Corinto, e de que vestígios ou parte delas permanecem embutidos em nossas 1 e 2 Coríntios. Os passos que nos interessam aqui são 2:14 – 7:4 e 6:14 – 7:1.

(i) 2:14 – 7:4

Paulo traz a primeira parte da carta (1:1 – 2:13) para o primeiro plano ao dizer que sua ansiedade, enquanto aguardava a chegada de Tito, o impedira de aproveitar a porta que se lhe abrira para pregar o evangelho em Trôade; na verdade, Paulo pusera de lado aquela obra e atravessara a Macedônia (2:12-13). Neste ponto exato, há mudança abrupta na linguagem. O que se segue (2:14 – 7:4) é basicamente uma descrição longa da maneira por que Deus o havia capacitado a desenvolver um ministério eficaz, a despeito das muitas dificuldades e críticas. Só em

7:5 é que Paulo volta mais uma vez ao assunto de seu encontro com Tito. De fato, se todo o passo de 2:13 – 7:4 for omitido e, na leitura da carta, pularmos de 2:13 direto para 7:5, o texto faz sentido. Várias explicações têm sido aventadas para esse fenômeno.

Primeiramente, há os que argumentam que 2:14 – 7:4 é, de modo definitivo, uma interpolação, constituindo uma carta completa ou parte de uma carta separada, redigida por Paulo e incluída aqui por um editor dessas cartas. Assim é que alguns sugerem que 2:14 – 7:4, ao lado dos capítulos 10 – 13, constituem a carta "severa" mencionada em 2:3-4,[1] enquanto outros afirmam que se trata de uma carta anterior, escrita antes da carta "severa", numa época em que os coríntios ainda não se haviam tornado vítimas dos adversários de Paulo.[2] Estes pontos de vista apresentam sérios problemas. O ponto de vista que estabelece ligação entre 2:14 – 7:4 com os capítulos 10 – 13 deixa de considerar as atitudes totalmente diferentes adotadas por Paulo nos dois blocos de material textual. Em 2:14 – 7:4, ele expressa grande confiança na lealdade dos coríntios (7:14, 16), enquanto nos capítulos 10 – 13, o apóstolo está convencido de que os coríntios capitularam diante de seus adversários (11:2-4, 19-20). E ambos os pontos de vista deixam de dar uma explicação adequada para a íntima conexão existente entre 7:4 e 7:5ss. Nesta passagem, a idéia de aflição é retomada e fica relacionada a 7:2-4 mediante o uso da palavra "porque" (*gar*). Além disso, ambos os pontos de vista não levam na devida consideração a repetição em 7:5ss. de algumas idéias encontradas nos versículos precedentes (e.g., 7:4: "Mui grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio por vossa causa"; 7:14, 16: "se nalguma cousa me gloriei de vós em tudo vos falamos com verdade, também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira"; "em tudo posso confiar em vós").

Segundo, e em contraste, há os que consideram 2:14 – 7:4 parte integrante de 2 Coríntios. Para defender essa posição, precisam explicar a brusca transição de 2:13 para 2:14ss. Numerosas explicações têm sido apresentadas:

1. Weiss, p. 349; Bultmann, p. 18.
2. Bornkamm, pp. 259-260; Wendland, p. 9; Schmithals, pp. 98-100.

(a) Em 2:14 – 7:4, Paulo faz uma digressão consciente a fim de expressar sua gratidão a Deus pelo alívio da ansiedade que sentia até que finalmente se encontrou com Tito, digressão evocada pela menção de seu nome em 2:13.[1]

(b) Em 2:14ss., Paulo atribui todas as suas viagens a Deus, a fim de contrabalançar suas alegações anteriores de si mesmo (1:8-11; 1:23 – 2:1; 2:12-13), pelas quais "a compulsão das tarefas" havia frustrado seu desejo de viajar ou de não viajar.[2]

(c) O contraste entre a fraqueza humana e o poder de Deus, encontrado em 1:8-11 se repete quando, depois de admitir sua fraqueza em 2:12-13, Paulo faz soar outra vez a nota de triunfo em 2:14ss.[3]

(d) Paulo estava desejoso de evitar qualquer mal-entendido, depois de haver confessado sua aguda ansiedade quando em Trôade (2:13), de modo que ele ou enfatiza o fato de não ter havido derrota espiritual para ele, pessoalmente,[4] ou vindica grande sucesso para sua pregação por toda parte (inclusive Trôade),[5] visto que Deus sempre o conduziu em triunfo.

(e) A menção de Tito em 2:13 fez com que Paulo pulasse à frente, esquecendo-se momentaneamente dos estágios intermediários mostrados em 7:5ss., explodindo numa exclamação teológica que era a base em que se apoiava seu atual relacionamento restaurado com os coríntios.[6]

(f) Há uma sugestão mais recente segundo a qual, embora exista uma separação entre 2:13 e 2:14, isto não constitui evidência de interpolação, mas, ao contrário, origina-se da apresentação que Paulo faz de um segundo texto tradicional de ação de graças (2:14-16). Esse

1. Plummer, p. 67; Tasker, pp 56-57; Kümmel, p. 291; Harris, pp. 303, 331. Allo, p. 45, alarga a base dessa gratidão incluindo não só o alívio da ansiedade à chegada de Tito como também a lembrança do triunfo universal do evangelho, evocado pela menção da Macedônia, em 2:13, e, assim, dos fiéis cristãos daquela parte do mundo.
2. Crisóstomo, p. 301.
3. P. Bachmann, *Der zweite Brief des Paulus an die Korinther* (Erlangen, ^{4}1922), pp. 126-127, citado por M. Thrall, "A second thanksgiving period in II Corinthians", *JSNT* 16 (1982), p. 105.
4. Hughes, pp. 76-77.
5. T. Zahn, *Introduction to the New Testament* (T. & T. Clark, ^{3}1909), p. 343, n.1, citado por Thrall, *op.cit.*, p. 106.
6. Barrett, p. 97.

período textual prevê, como ocorre na maioria das ações de graças de Paulo, aquilo que será discutido com minúcias a seguir.[1]

O argumento mais forte em prol do ponto de vista de que 2:14 – 7:4 é parte integrante de 2 Coríntios é a presença da idéia de conforto na aflição, que se encontra em 1:1 – 2:13; 7:5-16 como também em 2:14 – 7:4 (capítulos 1:3-11; 7:5-7, 12-13 com 4:7 – 5:8; 6:1-10; 7:4). Esta idéia percorre os primeiros sete capítulos como um fio unificador. Além do mais, leva em consideração de modo adequado a conexão lógica existente entre 7:4 e 7:5. Em ambos os casos, portanto, a idéia de que 2:14 – 7:4 não constitui uma interpolação é a que deve ser aceita, desde que se encontre uma explicação adequada para a transição abrupta de 2:13 para 2:14. Como já vimos, as sugestões abundam, de modo que se for possível enxergar meios de chegar a um acordo no que concerne à transição, não deveremos aceitar fácil demais a idéia de que 2:14 – 7:4 é uma interpolação.

(ii) 6:14 – 7:1

É bastante fácil verificar por que estes seis versículos chegaram a ser considerados por muitos como uma interpolação (dentro de uma interpolação maior de 2:14 – 7:4). Em 2:14 – 6:13, Paulo enfatiza a natureza e a conduta de seu ministério apostólico, aparentemente defendendo-se contra as acusações que seu adversário ofensor havia levantado, e a que a congregação dera ouvidos. Paulo apresenta sua defesa com uma exortação vinda do fundo do coração: "Para vós outros, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios, e alarga-se o nosso coração... como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós" (6:11-13). Esta exortação é interrompida de súbito e segue-se outra, para que os coríntios não tenham contato com os pagãos (6:14 – 7:1). Em 7:2, a exortação para que os coríntios abram seus corações para o apóstolo é retomada.

Todos os comentaristas modernos reconhecem as mudanças repentinas de assunto de 6:14 e 7:2. Várias explicações diferentes para tal têm sido apresentadas. Alguns acham que 6:14 – 7:1 é uma interpolação não-paulina.[2] O dualismo apocalíptico (justiça/iniqüidade; luz/trevas;

1. Thrall, *op. cit.*, pp. 111-119.
2. Cf., e.g., Bultmann, p. 180, e n. 202.

Cristo/Belial), reminiscência dos rolos de Qumran, o emprego de *hapax legomena* (palavras que só se encontram aqui, nos escritos de Paulo), a incompatibilidade do exclusivismo de Paulo aqui com o tratamento mais liberal de 1 Coríntios 5:9-10, e a conjunção inusitada de "corpo" (*sarx*, lit. "carne") e "espírito" (*pneuma*) (que são usualmente contrastados por Paulo) são mencionados como evidências de que esta passagem não foi redigida por Paulo. Para a maioria dos eruditos, estes argumentos não são definitivos. O vocabulário apocalíptico inusitado pode ser explicado pela natureza da exortação, como também o poderia ser o emprego de *hapax legomena*. A assim chamada exclusividade de 6:14 – 7:1 não está necessariamente em conflito com o assim chamado liberalismo de 1 Coríntios. Até mesmo nessa carta Paulo é muito inflexível quanto à necessidade de evitar compromissos com o culto idólatra (1 Co 10:14-22). Paulo faz distinção entre contatos sociais com os pagãos e envolvimento com o culto pagão. Finalmente, é verdade que Paulo, numa discussão teológica, faz confronto direto entre "carne" e "espírito", quando "espírito" refere-se ao Espírito Santo (cf. Gl 5:16-25), mas na passagem em tela a expressão "carne" (lit., algumas versões trazem "corpo") e "espírito" é expressão que representa a pessoa toda.

A maioria dos eruditos, portanto, aceita 6:14 – 7:1 como texto paulino legítimo. Entretanto, muitos ainda o consideram uma interpolação no texto de 2 Coríntios feita por um redator posterior. A maioria dos que o identificam assim, julgam-no um fragmento da carta "anterior", que se perdeu, mencionada em 1 Coríntios 5:9.[1] Há um problema com respeito a esta opinião: 6:14 – 7:1 conclama os coríntios para uma separação entre crentes e *incrédulos*, no que concerne ao culto idólatra, enquanto as palavras de Paulo em 1 Coríntios 5:9-13 indicam que em sua carta "anterior" seu interesse havia sido que os coríntios deveriam evitar contatos com *crentes* cujo comportamento fosse imoral. Outro problema ainda é a própria dificuldade para explicar-se *por que* algum redator posterior haveria de interpolar, deliberadamente, tal passagem neste contexto (elimina-se a inserção acidental ao nos lembrar de que as cópias das cartas de Paulo do primeiro século eram feitas

1. Wendland, p. 212; Weiss, p. 356; Strachan, pp. xv, 3-4; Schmithals, pp. 94-95.

em rolos de papiro, não em folhas soltas agrupadas, as quais poderiam facilmente ficar fora de ordem).[1]

À luz de tudo isso, há muitos eruditos que, embora concordem que as transições são rudes (6:13 a 6:14 e 7:1 a 7:2), ainda assim argumentam que 6:14 – 7:1 sempre constituiu parte integrante de 2 Coríntios e sempre esteve localizado onde está hoje.[2] É evidente que tais eruditos precisam explicar a razão de ser dessas mudanças repentinas de assunto, em 6:14 e 7:2. Têm sido apresentadas algumas sugestões:

(a) Teria havido uma pausa no ditado da carta, em 6:13.[3]

(b) Havendo estabelecido sua autoridade espiritual nos capítulos precedentes, Paulo ousadamente adverte os coríntios contra a ameaça sempre presente do paganismo, não todavia com espírito de censura, como ocorre talvez em 6:11-13 (que precede) e 7:2-4 (que se segue).[4]

(c) Paulo, sabendo que os coríntios estavam tendo relacionamentos com outros apóstolos que pregavam um evangelho diferente, abre seu coração a fim de revelar seu anseio por um relacionamento restaurado com seus convertidos, e exorta-os no sentido de nutrirem os mesmos sentimentos. Entretanto, Paulo os admoesta: "Se vocês se voltarem para Deus, e para mim como seu mensageiro, isto significará um rompimento com o mundo".[5]

(d) O maior interesse de Paulo centraliza-se no relacionamento restaurado, o que fica evidenciado pelo ímpeto de 6:11-13, que é retomado em 7:2-4. Entretanto, ele sabia que a principal dificuldade residia na indisposição dos coríntios para renunciar a todos os seus compromissos com o paganismo, fato que explica a inclusão de 6:14 – 7:1 entre 6:13 e 7:2.[6]

N. A. Dahl apresenta uma sugestão interessante. Argumenta ele que 6:14 – 7:1, com seus paralelismos marcantes em relação a certas

1. Cf. Allo, pp. 189-193.
2. Plummer, pp.xxiii-xxvi; Lietzmann, p. 129; Allo, pp. liii, 193-194; Tasker, pp. 29-30; Hughes, pp. 241-244; Barrett, pp. 23-25; Harris, p. 303.
3. Lietzmann, p. 129.
4. Hughes, p. 244.
5. Barrett, p. 194.
6. Plummer, p. xxv; Harris, p. 303.

características dos rolos de Qumran, originalmente era uma composição não-paulina, que o próprio Paulo incluiu (ou mais provavelmente algum redator posterior) no atual contexto, como parte da advertência do apóstolo aos coríntios, para que não ombreassem com os falsos apóstolos. Aliar-se a esses tais "em sua oposição contra Paulo significaria ombrear com Satanás/Belial, em sua oposição a Cristo".[1] Embora o ponto de vista de Dahl a respeito da composição original de 6:14 – 7:1 seja problemático, a explicação que ele dá para a inter-relação da passagem e seu atual contexto é interessante. Apresenta a vantagem de relacionar a passagem à corrente sub-reptícia de oposição a Paulo que se reflete nos capítulos 1 – 7, e que se tinha tornado aberta de todo, à época em que Paulo escreveu os capítulos 10 – 13.

IV. OPOSIÇÃO A PAULO EM CORINTO

Em nossa reconstrução dos acontecimentos envolvidos no relacionamento de Paulo com a igreja de Corinto (pp. 21 - 29), sugerimos que a oposição a Paulo teve duas fases. Na primeira fase, a oposição partiu primordialmente de um indivíduo. Chegara a notícia de que a igreja havia tomado providências disciplinares contra o transgressor, o que produzira alívio e satisfação em Paulo, expressos nos capítulos 1 – 7. A oposição nesta fase concentrava-se num único indivíduo, mas há indícios, nos capítulos 1 – 7, da existência de uma corrente subterrânea (não aparente) de oposição a Paulo.

A segunda fase da oposição reflete-se nos capítulos 10 – 13. Aqui Paulo responde vigorosamente aos ataques daqueles a quem chama de "falsos apóstolos". De acordo com nossa reconstrução hipotética dos acontecimentos, esta fase da oposição só veio a tornar-se aberta depois de Paulo haver conseguido que se tomasse uma ação disciplinar contra o delinqüente acima mencionado. Os "falsos apóstolos" talvez tenham estado em Corinto durante a primeira fase da oposição, de modo que uma onda oculta de crítica, emanada deles, teria fortalecido os ataques desse transgressor. Entretanto, a oposição dos "falsos apóstolos" saiu do anonimato subterrâneo para a superfície só depois que houve ação

1. N. A. Dahl, "A fragment and its context: 2 Cor. 6:14 – 7:1", *Studies in Paul: Theology for the Early Christian Mission* (Augsburg, 1977), p. 69.

disciplinar contra aquele transgressor, e depois de Paulo haver exortado os membros da igreja a reavivar seu afeto por tal pessoa.

O propósito desta seção na Introdução é discutir a identidade da oposição a Paulo, em Corinto, o que pode ser feito de modo conveniente sob dois cabeçalhos principais.

A. A OPOSIÇÃO REFLETIDA NOS CAPÍTULOS 1 – 7

Conforme esclarecemos acima (pp. 25 - 26), Paulo, ao visitar Corinto pela segunda vez, tornou-se alvo de amargo ataque pessoal disparado por um indivíduo (o que causara dores, 2:5; o que praticara o mal, 7:12). A igreja, como um todo, não providenciou a defesa de seu apóstolo, como poderíamos esperar que fizesse (2:3), pelo que Paulo viu-se forçado a retirar-se, não sem antes pronunciar advertências sérias quanto a uma ação disciplinar (cf. 13:2).

Tradicionalmente, esse indivíduo opositor tem sido identificado como sendo o cidadão acusado de incesto, a que se refere 1 Coríntios 5,[1] conseqüentemente, acredita-se que a segunda visita de Paulo a Corinto teria ocorrido *antes* de o apóstolo escrever 1 Coríntios que, por isso, veio a ser considerada a carta "severa".[2] Entretanto, esta idéia tem sido abandonada pela maioria dos comentaristas do século vinte, por duas principais razões: (a) Paulo, que em 1 Coríntios 5 exigiu com tanta veemência a excomunhão do indivíduo incestuoso, dificilmente poderia voltar atrás e rogar que lhe fosse dada a reconciliação em 2 Coríntios 2. Esta objeção não tem grande força, visto que subestima os efeitos do evangelho do perdão na vida do próprio apóstolo. (b) A ofensa a que Paulo alude em 2 Coríntios 2 não é o comportamento imoral, mas um ataque pessoal sobre sua própria pessoa e sua autoridade apostólica. Esta é uma objeção muito mais pesada.

Outros eruditos têm identificado o indivíduo que comandou o ataque contra Paulo como sendo um dos "falsos apóstolos" a quem Paulo vergastou em 11:12-15,[3] mas tal identificação também é problemática. Seria irrazoável talvez que Paulo esperasse que a igreja exercesse

1. Cf., e.g., Crisóstomo, pp.296, 351-352; Alford, p. 637; Denney, pp. 1-6; Hughes, pp. 59-65.
2. Alford, p. 53; Denney, pp. 3-5; Hughes, pp. 50-51.
3. Barrett, p. 7, é um exemplo.

disciplina contra alguém que não só não era membro dela, mas também uma pessoa que a igreja aceitara como apóstolo de Cristo, segundo a força das cartas de recomendação (vindas de Jerusalém). Outros se contentam com deixar de lado a questão da identidade real do ofensor, considerando apenas uma pessoa desconhecida que, por alguma razão ignorada, dirigiu um ataque pessoal contra Paulo.[1] Entretanto, é possível pelo menos sugerir uma identificação mais possível: que o indivíduo transgressor não era outro senão o incestuoso contra quem Paulo antes havia exigido que se tomasse uma providência disciplinar, e tal pessoa agora era culpada de uma segunda ofensa. Em apoio a esse ponto de vista damos a seguir a seguinte seqüência de eventos.

No ambiente de libertinagem que cercava a igreja de Corinto (1 Co 5 – 6), um de seus membros cometeu incesto com sua madrasta (1 Co 5:1). Ouvindo isso, Paulo escandalizou-se e exigiu providências disciplinares da parte da igreja contra tal crente, para que fosse "entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor [Jesus]" (1 Co 5:1-5). Tal exigência foi ouvida pela igreja quando 1 Coríntios foi recebida e lida. Algum tempo depois, Timóteo, enviado por Paulo (1 Co 4:17; 16:10-11), chegou a Corinto. Aparentemente, ele descobriu que nem tudo ia bem na igreja. Esta não havia atendido à exigência de Paulo quanto à providência disciplinar, e o próprio crente incestuoso estava resistindo à autoridade do apóstolo Paulo. Timóteo regressou a Éfeso, e ali informou a Paulo sobre o estado da igreja. Então, o apóstolo fez sua segunda e "dolorosa" visita a Corinto (2 Co 2:1), durante a qual esperava resolver o problema com o apoio da igreja. Entretanto, o que na realidade aconteceu foi que o crente incestuoso, longe de arrepender-se ou sentir-se intimidado, orquestrou um ataque pessoal contra Paulo, questionando suas credenciais e sua autoridade. Os crentes, membros da igreja, não saíram em defesa de Paulo, como este esperava que fizessem (1 Co 2:3).

Este questionamento das credenciais e da autoridade de Paulo não ocorreu no vácuo. Ainda à época da redação de 1 Coríntios, Paulo estava ciente de que seu apostolado estava sendo analisado com espírito crítico em Corinto (1 Co 4:3-5), e que certas pessoas que lhe eram um tanto

1. Esta é a opinião da maioria hoje, apoiada, e.g., por Plummer, pp. 54-55; Strachan, p. 70; Bruce, p. 185; Bultmann, pp. 47-48; Furnish, p. 168.

antipáticas estavam levantando perguntas (1 Co 4:18-21). É possível que Pedro tenha visitado Corinto e que, depois disso, tenha surgido o partido dos adeptos de Cefas (1 Co 1:12). Embora seja improvável que o próprio Pedro houvesse levantado objeções quanto às credenciais de Paulo, isto poderia ter sido feito pelo partido dos adeptos de Cefas, que o consideravam seu patrono. Entretanto, parece que também havia outros trabalhando ocultamente, pessoas a quem Paulo haveria de referir-se mais tarde como quem anda "mercadejando a palavra de Deus" (2 Co 2:17), praticando "cousas que, por vergonhosas, se ocultam... andando com astúcia... adulterando a palavra de Deus" e que o apóstolo se recusava a imitar (2 Co 4:1-2); parece que esses tais haviam chegado a Corinto munidos de cartas de recomendação, e criticavam Paulo por não as possuir (2 Co 3:1-3). Embora esses homens dificilmente apoiassem o cidadão incestuoso em seu pecado, suas críticas veladas contra Paulo poderiam ter sido utilizadas por esse delinqüente como munição extra em seu ataque ao apóstolo. Se isso de fato aconteceu, temos uma pista quanto à razão por que a igreja de Corinto, como um todo, não correu na defesa de Paulo. Conquanto pudessem concordar com Paulo quanto à disciplina daquele ofensor, estavam ao mesmo tempo levantando dúvidas e perguntas a respeito de sua autoridade, as quais eram trazidas por outros, mas utilizadas pelo incestuoso contra Paulo. Os membros da igreja ponderavam sobre tais questões a respeito de Paulo e sentiam-se puxados para duas direções opostas, resultando ficarem paralisados, incapazes de defender Paulo, dando-lhe o apoio que ele esperava (2 Co 2:3).

Assim foi que Paulo viu-se destituído de apoio em Corinto, sendo forçado a retirar-se sem resolver o problema, não, todavia, sem proferir advertências horrendas quanto às providências que ele pretendia tomar subseqüentemente (2 Co 13:2). O apóstolo voltou a Éfeso, onde redigiu a carta "severa" movido de grande aflição, angústia de coração e muitas lágrimas (2 Co 2:4). Foi uma carta que Paulo sentiu tristeza em ter de escrever, e que ocasionou grande tristeza entre os crentes coríntios. Parece que, nessa carta, o apóstolo repreendeu-os severamente por deixarem de disciplinar o delinqüente e não apoiarem seu apóstolo (2 Co 2:1-4; 7:8). Entretanto, a carta surtiu o efeito desejado. Os coríntios espicaçados partiram para a ação. Tomaram providências enérgicas

contra o crente incestuoso. Este foi expulso da comunhão da igreja e entregue a Satanás, segundo exigência de Paulo (1 Co 5:3-5, 13; cf. 2 Co 7:6-13). Quando Paulo ouviu de Tito que o ofensor havia sido severamente punido pelos coríntios, sentiu-se aliviado e cheio de alegria, visto que a confiança que o apóstolo depositara neles finalmente encontrava retribuição (2 Co 7:6-16). Ao mesmo tempo, Paulo sentia-se preocupado com o bem-estar daquele ofensor que havia sido disciplinado pelos coríntios, temendo que o mesmo ficasse transtornado por excessiva tristeza, e preocupado com a igreja, temendo que Satanás pudesse tirar vantagem da situação. É quando Paulo exorta os membros da igreja a reafirmarem seu amor pelo delinqüente e confortá-lo (2 Co 2:6-11).

A idéia de que o ofensor de Paulo pode ser identificado como sendo o homem incestuoso de 1 Coríntios 5:1 encontra vários pontos de apoio que podemos apontar. Primeiramente, fica bem claro que persistia o problema genérico da imoralidade durante o período das comunicações epistolares de Paulo com Corinto. A carta "anterior" continha uma exortação para que os crentes evitassem contatos com crentes imorais, designação de Paulo para "alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador", enfim, pessoa culpada de imoralidade (1 Co 5:9-11). Quando o apóstolo escreveu 1 Coríntios, o problema da imoralidade estava se manifestando tanto no comportamento do homem incestuoso (1 Co 5:1-2) quanto na freqüência a prostitutas, no caso de outros (1 Co 6:15-20). Quando Paulo escreveu sua última carta aos coríntios, ainda estava preocupado com o problema da imoralidade na igreja (2 Co 12:21). A persistência do problema genérico da imoralidade na igreja, antes e depois da menção do pecado do incesto, demonstra que a atmosfera criada pelo homem incestuoso perdurava, tendo ele feito oposição a Paulo em vez de submeter-se imediatamente à disciplina exigida pelo apóstolo.

Em segundo lugar, é preciso que se entenda que *não* há indicações de que 1 Coríntios, que contém a exigência para que o ofensor incestuoso fosse disciplinado, na verdade tenha induzido a igreja a obedecer.

Em terceiro lugar, é possível, portanto, que quando Timóteo chegou a Corinto, deparou com um ofensor impenitente e uma igreja ainda hesitante em executar a ação exigida pelo apóstolo.

Quarto ponto: 2 Coríntios 2:5 descreve o ofensor como a pessoa que "causou tristeza não... apenas a mim, mas ...em parte a todos vós". Em 1 Coríntios 5:6-8, em que Paulo fala dos efeitos do pecado do homem incestuoso, ele traz à memória de seus leitores que "um pouco de fermento leveda a massa toda". Era impossível que a igreja permitisse a presença tranqüila, persistente, daquela pessoa incestuosa em seu meio sem que os membros fossem prejudicados de alguma forma. Portanto, há esta possível conexão entre o fermento que leveda a massa, sobre o qual Paulo advertiu a igreja em 1 Coríntios 5:6-8, e o dano ocasionado a todos pelo transgressor, de que o apóstolo fala em 2 Coríntios 2:5.

O quinto ponto é que, desde que Paulo soube que a igreja havia tomado uma providência disciplinar contra o delinqüente, passou a preocupar-se com esse indivíduo: que ele não fosse tomado de excessiva tristeza. Portanto, exorta a igreja a que reafirme seu amor pelo ofensor, perdoando-o e confortando-o, de tal maneira que Satanás não pudesse obter vantagens nessa situação (2 Co 2:6-11). Lembremo-nos de que em sua exigência original quanto à disciplina, Paulo ordenou à igreja que tal indivíduo fosse "entregue a Satanás". Há aqui, talvez, outro elo, sugerindo que o ofensor de 2 Coríntios 2:5; 7:12 deve ser identificado como sendo o homem incestuoso de 1 Coríntios 5:1. Paulo, que havia exigido que tal homem fosse em primeiro lugar entregue a Satanás, agora, presumivelmente, verificando que ele se arrependera, deseja vê-lo perdoado e restaurado, de tal modo que não será a Satanás, afinal, que se atribuirá vantagem (ao eliminar da igreja definitivamente um de seus membros).

B. A OPOSIÇÃO ENFRENTADA NOS CAPÍTULOS 10 – 13

A segunda fase da oposição envolveu um ataque pessoal amargo contra Paulo por aqueles a quem ele chamava de "falsos apóstolos", sendo essa a que o apóstolo enfrenta nos capítulos 10 – 13. Conforme observamos acima, a influência desses homens provavelmente já se teria feito sentir à época em que Paulo escreveu 1 Coríntios; a crítica velada deles se teria talvez transformado na munição usada contra Paulo pelo ofensor incestuoso durante a "dolorosa" visita de Paulo a Corinto. Nesse caso, entenderíamos por que, ao enfrentar os desafios desse

homem, Paulo teve que se defender em relação ao fato de não portar cartas de recomendação, enquanto os outros as portavam (2 Co 3:1-3). Além disso, sabendo que os "falsos apóstolos" davam tremendo valor a suas ligações judaicas (2 Co 11:22), podemos entender o significado das comparações e contrastes entre a glória do ministério sob a nova aliança e a da aliança mosaica (2 Co 3:4-18).

(i) Os "falsos apóstolos" e seu ataque contra Paulo

A natureza do ataque efetuado pelos "falsos apóstolos" contra Paulo refletiu-se em sua reação exaltada nos capítulos 10 – 13. Eles o acusaram de ser audacioso quando ausente, a uma distância segura, sendo porém humilde e servil quando presente (10:1). Paulo costumaria ter "mundano proceder" (10:2). Costumaria amedrontar as pessoas de longe, com cartas ameaçadoras, mas demonstraria falta de autoridade e de palavra imperiosa quando entre os crentes (10:9-10). Aqueles falsos apóstolos criticavam o apostolado de Paulo dizendo que era inferior ao deles, tanto porque lhe faltava eloqüência (11:5-6), como também (implicavam eles) seu ministério tinha falta de sinais apostólicos (12:11-12). E, acima de tudo, talvez com maior crueldade, atacavam a integridade pessoal de Paulo em questões financeiras. Insinuavam que a recusa de Paulo em aceitar ajuda financeira da parte dos coríntios (eles próprios obviamente recebiam dinheiro) era evidência de que Paulo na verdade não os amava (11:7-11) e, pior ainda, constituía uma cortina de fumaça atrás da qual Paulo intencionava subtrair deles uma importância maior ainda, para si mesmo, mediante a manobra das ofertas (12:14-18).

Tudo isso que relacionamos são críticas atiradas contra Paulo pelos "falsos apóstolos". Entretanto, é de suma importância que procuremos compreender as coisas que essas pessoas defendiam de forma positiva, de maneira que possamos ter um quadro tão completo quanto possível relacionado ao que o apóstolo diz nos capítulos 10 – 13. Mais uma vez dependemos de algumas indicações encontradas na reação de Paulo a tais apóstolos falsos, descrita nos capítulos 10 – 13. Todavia, de tudo isso podemos tirar as seguintes deduções: orgulhavam-se de pertencer a Cristo (10:7); pregavam um evangelho diferente daquele pregado por Paulo (11:4); orgulhavam-se de sua eloqüência (11:6); apresentaram-se em Corinto (talvez apenas no início) como sendo os que desenvolviam

sua missão na mesma base do trabalho de Paulo (11:12); adotaram uma atitude autoritária em Corinto e tiveram êxito em impor sua autoridade sobre a igreja (11:19-21); orgulhavam-se de sua ascendência judaica e do fato de serem servos de Cristo (11:21-23); enfatizavam a importância de terem experimentado visões e revelações da parte de Deus (12:1), bem como da realização de sinais e maravilhas, que consideravam sinais do verdadeiro apóstolo (12:11-13); também enfatizavam a necessidade de haver evidências de que Cristo estaria falando através de toda pessoa que afirmasse ser seu emissário, evidências que consistiam em certa demonstração de poder (13:3).

Dos vários indícios encontrados nos capítulos 10 – 13, depreende-se que os adversários de Paulo eram cristãos judeus[1] que se orgulhavam de suas credenciais judaicas e do fato de serem servos de Cristo. Se, como sugerimos acima (p. 48), a exigência de cartas de recomendação, a que Paulo deu resposta em 3:1-3, emanou originariamente desses homens, parece-nos razoável concluir que eles mesmos portavam tais cartas elogiosas, com toda probabilidade oriundas de Jerusalém. Nesse caso, teriam uma afinidade natural com o partido de Cefas, que já se formara em Corinto, o qual favoreceria a forma judaica de cristianismo associada a Pedro.

No que concernia a Paulo, esses homens não eram apóstolos verdadeiros de Cristo. De fato, Paulo os acusou de pregar outro Jesus e outro evangelho diferente (11:4), e isto nos traz à memória a carta aos gálatas, em que Paulo ataca todos quantos proclamam outro evangelho (Gl 1:6-9). Naquele caso, os adversários de Paulo eram judaizantes, um substantivo cunhado para descrever os judeus cristãos que procuravam impor sobre os convertidos gentílicos a obrigação de cumprir a lei, e fazê-los submeter-se à circuncisão. Entretanto, não há indícios em 2 Coríntios de que os adversários de Paulo em Corinto estavam tentando impor estas coisas.

Além das questões pertinentes à lei e à circuncisão, acrescentem-se outras diferenças importantes entre os judaizantes da carta aos gálatas, e os adversários com quem Paulo se defronta nos capítulos 10 – 13. Os adversários coríntios de Paulo punham grande ênfase na habilidade oratória (11:5-6), não constituindo algo que caracterizasse a hierarquia

1. A maioria dos eruditos caminharia pelo menos até aqui na identificação dos adversários de Paulo. Entretanto, Schmithals, pp. 293-295, conclui que esses homens eram gnósticos judeus.

de Jerusalém (At 4:13), nem, presumivelmente, os judaizantes que os representavam. Além disso, os "falsos apóstolos" de Corinto enfatizavam a importância das experiências visionárias e das revelações (12:1), demonstrações de poder, a fim de provar que Cristo falava por seu intermédio (13:3), e os assim chamados sinais apostólicos (12:11-13). Pelo que sabemos, estas coisas tampouco constavam da lista de vindicações dos judaizantes. No mundo helenístico, enfatizava-se a importância da oratória eloqüente, havendo verdadeiro fascínio pelos operadores de milagres, que procuravam demonstrar sua validade mediante apelos a visões e revelações (cf. Cl 2:18) e pela realização de obras portentosas (cf. At 8:9-13). É possível que a oposição judaico-cristã a Paulo, em Corinto, tenha tomado de empréstimo algo do mundo helenístico, ou até mesmo houvesse introduzido adaptações a seu ataque. Torna-se claro de 1 Coríntios que os crentes de Corinto orgulhavam-se dessas coisas, e precisavam ser advertidos por Paulo quanto a colocar tanta ênfase nelas (1 Co 1:5; 4:8-10; 13:1-2).

Ficamos, então, com a impressão de que os adversários de Paulo eram judeus cristãos que teriam sido influenciados (mediante exposição) pelo mundo helenístico, e incorporaram em sua compreensão do apostolado certas idéias helenísticas, ou talvez fossem judeus cristãos oriundos da igreja-mãe de Jerusalém, que se acomodaram a idéias prevalecentes entre os coríntios, de modo que assim pudessem influenciá-los mais facilmente contra Paulo.[1]

(ii) "Falsos apóstolos" e "superapóstolos"

Até este ponto da discussão, presumimos que Paulo tem em mente apenas um grupo de adversários, ao longo dos capítulos 10 – 13, em que ele os ataca e compara-se a si mesmo com outros. Assim é que se tem tomado como pressuposição que as pessoas a quem Paulo chama de "falsos apóstolos" (11:12-15), bem como os "superapóstolos" mencionados em 11:5 e 12:11, são as mesmas pessoas. Entretanto, nem todos os comentaristas concordam com tal pressuposição. Barrett, por exemplo, argumenta que a expressão "falsos apóstolos" refere-se aos

1. Barrett, pp. 29-30, argumenta que os adversários de Paulo eram "judeus de origem palestina que exerciam influência judaizante", os quais, por razões estratégicas, quando em Corinto adotaram certas características helenísticas.

adversários de Paulo em atividade na igreja de Corinto, enquanto os tais "superapóstolos" são de outra área. Denotam estes a liderança da igreja de Jerusalém, os apóstolos de Jerusalém, inclusive Pedro. Embora Paulo não admita ser inferior *vis-à-vis* a tais "superapóstolos", não os critica nem ataca, como faz aos "falsos apóstolos".[1]

Um dos pontos positivos deste modo de entender a questão é que ele nos possibilita ver os paralelismos entre os problemas que Paulo estava enfrentando em Corinto e os que enfrentava na Galácia. Os convertidos de Paulo na Galácia estavam sendo perturbados pelos judaizantes, que exigiam que os convertidos de origem gentílica tomassem sobre si o jugo da lei e se submetessem à circuncisão. Na época em que esta questão estava sendo debatida na igreja primitiva, as coisas se tornaram mais complicadas pela ambigüidade de Pedro em Antioquia (Gl 2:11-21). Se os adversários de Paulo em Corinto apelassem para o exemplo e ensino dos "superapóstolos", inclusive Pedro, Paulo se veria preso nas garras de um dilema. Por um lado, teria de atacar as doutrinas divulgadas por seus adversários, mas, por outro lado, teria de ser reticente ao criticar Pedro ou quaisquer dos outros "superapóstolos", visto serem os "pilares" da igreja de Jerusalém, os quais haviam reconhecido a validade de sua missão e de seu evangelho, e lhe haviam estendido a destra da comunhão (Gl 2:1-10). Assim foi que Paulo, embora forçado a afirmar que de maneira alguma era inferior aos "superapóstolos", para que pudesse fortalecer sua posição contra os que a estes apelavam na oposição que lhe moviam, recusou-se a criticar ou a atacar os "superapóstolos" embora atacasse os "falsos apóstolos".

Conquanto este ponto de vista que faz distinção entre "falsos apóstolos" e "superapóstolos", nos capítulos 10 – 13, seja bastante atraente, há certos fatores que não o corroboram. Em primeiro lugar, em 11:1-6, em que Paulo pela primeira vez se refere a tais homens dando a entender que são "superapóstolos", ele o faz no contexto de uma repreensão aos coríntios pelo fato de terem recebido um Jesus diferente, um espírito diferente e um evangelho diferente. É improvável que Paulo descrevesse com tais palavras o conteúdo da pregação dos "pilares" da igreja de Jerusalém, visto que ele e tais "pilares" haviam chegado a um acordo,

1. C.K. Barrett, "Paul's opponents in 2 Corinthians", *Essays on Paul* (SPCK, 1982), pp. 60-86.

fazendo reconhecimento mútuo do evangelho que pregavam e das áreas missionárias pelas quais seriam responsáveis (Gl 2:6-9). Em segundo lugar, no mesmo contexto Paulo concorda que talvez ele fosse menos hábil para falar do que os apóstolos superequipados, mas vindica não ser inferior em conhecimento. Parece-nos totalmente improvável que Paulo precisasse concordar com a existência de alguma inferioridade em sua oratória, em comparação com a dos "superapóstolos", se estes de fato fossem os apóstolos da igreja de Jerusalém. Nenhum destes tivera o benefício de uma educação formal, pelo que sabemos (cf. At 4:13), enquanto Paulo, embora talvez deficiente na retórica no mundo helenístico, tivera a vantagem maior de aprender aos pés de um famoso rabino judeu (At 22:3). Parece-nos, portanto, que quando Paulo aceita sua possível inferioridade em eloqüência, em relação aos "superapóstolos", não deve estar se referindo aos apóstolos de Jerusalém. É mais provável que esteja confessando inferioridade em relação a seus adversários de Corinto, homens que haviam conseguido certa fama em retórica como arte cultivada no mundo helenístico.

Portanto, entendendo que Paulo faça conexão entre os "superapóstolos" e o evangelho diferente, o Jesus diferente e o espírito diferente, e conceda certa inferioridade em sua própria eloqüência, torna-se muito improvável identificar os "falsos apóstolos" como sendo os "pilares" da igreja de Jerusalém. É melhor considerar os "superapóstolos" e os "falsos apóstolos" como sendo duas designações de um grupo só, o daqueles homens a quem o apóstolo enfrentava em Corinto, e aos quais ele acusava de desviar seus convertidos, ao afastá-los da devoção pura a Cristo (11:2-6), sendo esta a opinião adotada pela maioria dos comentaristas.

(iii) Diferenças teológicas entre Paulo e os "falsos apóstolos"

Se juntarmos os fragmentos de informações que Paulo nos dá acerca do ensino de seus adversários, poderemos discernir duas principais áreas de desacordo teológico entre esses homens e o apóstolo. A primeira diz respeito ao próprio evangelho, e vimos que Paulo considera o evangelho deles como sendo diferente, em que um Jesus diferente é pregado e um espírito diferente é recebido (veja Introdução, pp. 51 - 52), e Comentário, pp. 196 - 197).

A segunda área de desacordo relaciona-se à questão do apostolado e aos critérios de avaliação das afirmações feitas pelas pessoas que se intitulam apóstolos de Cristo. Tais critérios eram necessários, visto que o título de "apóstolo" era vindicado por outros indivíduos, além dos doze, na igreja primitiva, de modo que os cristãos precisavam ser capazes de avaliar-lhes as credenciais. Os adversários de Paulo, pelo menos tanto quanto Paulo nos permite enxergar em suas cartas, apregoavam o que se poderia chamar de atitude triunfalista. Eles esperavam que um apóstolo tivesse aspecto pessoal impressionante, liderança marcante e grande eloqüência (10:10). Deveria falar com autoridade aos que lhe fossem subalternos (11:20-21). Sua afirmação quanto a ser apóstolo deveria fundamentar-se em visões e revelações da parte de Deus (12:1), e ter confirmação mediante a realização de sinais apostólicos (12:11-13). Agiria como porta-voz de Cristo, e assim seria reconhecido mediante as manifestações de poder em seu ministério (13:2-4). Quanto aos aspectos formais, o apóstolo de Cristo deveria exibir conexões judaicas apropriadas (11:21-22) e ser portador de cartas de recomendação (3:1), muito provavelmente oriundas da liderança judaica da igreja-mãe em Jerusalém.

Por amor à igreja de Corinto, Paulo sentiu-se obrigado a responder a seus adversários de acordo com a insensatez deles. Assim foi que o apóstolo salientou que em seu ministério não faltavam recomendações (3:2-3), conhecimento (11:6) nem autoridade (11:20-21; 13:10). Salienta também que recebeu visões e revelações da parte de Deus (12:1-5), que realiza sinais próprios de um apóstolo (12:11-13), e que pode demonstrar evidências de que Cristo fala por seu intermédio (13:3-4). Entretanto, ficou bem claro que Paulo rejeitou esse sistema de avaliação de vindicações de apostolado e a atitude triunfalista. Para Paulo, as marcas do verdadeiro ministério apostólico são seus frutos (3:2-3), o caráter pelo qual o ministério é desempenhado (i.e., se de acordo com a humildade e mansidão de Cristo) (10:1-2) e o compartilhamento dos sofrimentos de Cristo (4:8-12; 11:23-28). Aquele que prega o evangelho de Cristo crucificado como Senhor dará exemplo, em seu ministério, tanto da fraqueza em que Cristo foi crucificado como do poder exercido por Cristo como o Senhor ressurreto (4:7-12; 12:9-10; 13:3-4).

Temos aqui, portanto, dois meios inteiramente diferentes de avaliar um ministério autêntico. Um deles é triunfalista e enfatiza apenas as manifestações de poder e de autoridade, sem deixar lugar para a fraqueza e o sofrimento. O outro, embora afirme a importância do poder e da autoridade, insiste em que estes elementos não são inerentes ao apóstolo, mas dependem inteiramente da atividade de Deus, que determinará se esse poder repousará em seus servos, em sua fraqueza, e se se manifestará na loucura da pregação do evangelho (12:9-10; 1 Co 1:17 – 2:5).

V. DATA

Discutimos longamente (pp. 21 - 39) as circunstâncias históricas em que 2 Coríntios (tanto as porções dos capítulos 1 – 9 como as de 10 – 13) foi escrita. Resta-nos agora apenas tentar dar as datas em que esses textos foram escritos.

A tarefa de atribuir datas aos vários pontos da carreira de Paulo e às épocas em que ele escreveu suas cartas é repleta de dificuldades. No caso de seu relacionamento com os coríntios, possuímos alguns possíveis pontos de referência que nos poderão ajudar. Primeiro, Atos 18:2 diz que quando Paulo chegou a Corinto, em sua primeira visita, "encontrou certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma". Acredita-se, de modo geral, que o édito de Cláudio teria sido promulgado em 49 A.D.[1] Segundo: em Atos 18:12-17 lemos que durante a primeira visita de Paulo a Corinto, ele foi levado perante Gálio, o procônsul da Acaia. Fragmentos de uma inscrição, descobertos durante escavações em Delfos, contêm a reprodução de uma carta do imperador Cláudio. Pelo conteúdo dessa inscrição se pode inferir que Gálio exerceu suas funções em Corinto desde a primavera de 51 A.D. até a primavera de 52 A.D.. Entretanto, uma declaração feita por Sêneca, o filósofo estóico e irmão de Gálio, informa-nos que Gálio não cumpriu seu período de trabalho, sendo, pois, impossível datar o encontro de Paulo com ele como tendo ocorrido na parte

1. Murphy-O'Connor, pp. 130-140, levanta algumas perguntas sobre essa data.

final de seu termo. Tal encontro deve ter ocorrido entre julho e outubro de 51 A.D.[1]

Trabalhando a partir destes pontos de referência e anotando as informações contidas em Atos dos Apóstolos sobre os movimentos de Paulo (e presumindo-se que isto seja em essência compatível com o que se pode inferir das cartas do apóstolo), podemos sugerir a seguinte cronologia dos contatos de Paulo com os coríntios. Ele teria chegado a Corinto para sua primeira visita no começo de 50 A.D. Após permanecer ali dezoito meses, foi levado perante Gálio (segunda metade de 51 A.D.). Permaneceu "muitos dias" em Corinto após essas acusações, e em seguida velejou para Antioquia. Depois de "algum tempo" ali, Paulo viajou através da Galácia até Éfeso, onde ficou dois anos e três meses (52-55 A.D.). Depois de deixar Corinto, e possivelmente durante sua estada em Éfeso, o apóstolo teria escrito sua carta "anterior". Pelo final desse tempo em Éfeso (55 A.D.), ele escreveu 1 Coríntios, fez a visita "dolorosa" e escreveu a carta "severa". A seguir, Paulo saiu de Éfeso, viajando via Trôade até a Macedônia, onde se encontrou com Tito; dali escreveu 2 Coríntios 1 – 9, e logo depois 2 Coríntios 10 – 13 (56 A.D.). Em seguida, o apóstolo fez sua terceira visita a Corinto e passou três meses na Grécia, antes de partir com a coleta para Jerusalém, na esperança de ali chegar a tempo para a festa do Pentecoste em 57 A.D.

1. Ibid., pp. 146-150.

ANÁLISE

A. REAÇÃO DE PAULO A UMA CRISE DEBELADA (1:1 – 9:15)

I. PREFÁCIO (1:1-11)
- *a. Saudação* (1:1-2)
- *b. Ações de graça* (1:3-11)

II. O TEXTO BÁSICO DA REAÇÃO (1:12 – 7:16)
- *a. Mudança de planos de Paulo* (1:12 – 2:4)
  - *1. Defesa geral de sua integridade* (1:12-14)
  - *2. Defesa de sua mudança nos planos de viagem* (1:15 – 2:4)
- *b. Perdão para o ofensor* (2:5-11)
- *c. À espera de Tito* (2:12-13)
- *d. Conduzido em triunfo* (2:14-17)
- *e. Cartas de recomendação* (3:1-3)
- *f. Ministros da nova aliança* (3:4-6)
- *g. Dois ministérios: comparação e contraste* (3:7-18)
  - *1. Exposição de Êxodo 34:29-32* (3:7-11)
  - *2. Exposição de Êxodo 34:33-35* (3:12-18)
- *h. A conduta de Paulo em seu ministério* (4:1-6)
- *i. Tesouro em vasos de barro* (4:7-12)
- *j. O espírito de fé* (4:13-15)
- *l. O objeto da fé* (4:16 – 5:10)
  - *1. Por isso não desanimamos* (4:16-18)
  - *2. A habitação celestial* (5:1-10)
- *m. O ministério da reconciliação* (5:11 – 7:4)

1. *Reação à crítica* (5:11-15)
2. *Ato de reconciliação de Deus em Cristo* (5:16-21)
3. *Apelo à reconciliação* (6:1-13)
4. *Apelo a um viver santo* (6:14 – 7:1)
5. *Apelo adicional à reconciliação* (7:2-4)

n. A alegria de Paulo após a resolução da crise (7:5-16)

III. A QUESTÃO DA COLETA (8:1 – 9:15)

a. O exemplo dos macedônios (8:1-6)
b. Paulo exorta os coríntios a exceder em excelência (8:7-15)
c. Recomendação daqueles que receberão a coleta (8:16-24)
d. Estejam preparados e evitem humilhação (9:1-5)
e. Exortação a que sejamos generosos (9:6-15)

B. PAULO REAGE DIANTE DE NOVA CRISE (10:1 – 13:14)

I. O TEXTO BÁSICO DA REAÇÃO (10:1 – 13:10)

a. Uma petição ansiosa (10:1-6)
b. Paulo reage perante a crítica (10:7-11)
c. Gloriar-se dentro de limites apropriados (10:12-18)
d. A ingenuidade dos coríntios (11:1-6)
e. A questão da remuneração (11:7-15)
f. A "conversa insensata" (11:16 – 12:13)
1. *Recebei-me como insensato* (11:16-21a)
2. *Ascendência judaica e provações apostólicas de Paulo* (11:21b-33)
3. *Visões e revelações* (12:1-10)
4. *Sinais do apostolado* (12:11-13)

g. Paulo recusa-se a ser pesado aos coríntios (12:14-18)
h. O verdadeiro propósito da "conversa insensata" de Paulo (12:19-21)
i. Paulo ameaça tomar providências enérgicas em sua terceira visita (13:1-10)

II. CONCLUSÃO (13:11-13)

a. Exortações e saudações finais (13:11-12)
b. Bênção (13:13)

COMENTÁRIO

A. REAÇÃO DE PAULO A UMA CRISE DEBELADA (1:1 – 9:15)

I. PREFÁCIO (1:1-11)

A. Saudação (1:1-2)

As palavras iniciais de Paulo seguem a fórmula usual encontrada no começo de muitas cartas gregas antigas: "De A para B, saudações". Entretanto, Paulo expandiu a fórmula acrescentando palavras que enfatizavam sua autoridade apostólica (a qual havia sido questionada em Corinto) e outras que exprimiam sentimentos cristãos específicos.

1. Paulo descreve-se a si próprio como *apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus*. Para Paulo, apóstolo de Cristo era alguém que havia visto o Senhor ressurreto (1 Co 15:3-10; Gl 1:15-16), que lhe confiou o evangelho (Gl 1:11-12; 2:7), alguém em cujo ministério evangélico tornou-se evidente a graça de Deus (Rm 1:5; 15:17-19; Gl 2:8-9). Foi na estrada de Damasco que Jesus Cristo apossou-se de Paulo, confiou-lhe a pregação do evangelho e o comissionou a "receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1:5). Paulo se descreve a si próprio como *apóstolo de Cristo* e insiste que isso ocorreu *pela vontade de Deus*. Existe um paralelo distinto entre a autoridade que Paulo afirmava possuir e aquela exercida pelos doze a quem Jesus enviou em missão pela Galiléia. A

estes dissera Jesus: "Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou" (Mt 10:40). A comissão para sermos emissários de Cristo tem o apoio da vontade de Deus, o Pai. Paulo precisava enfatizar essa autoridade no início de sua carta, visto que ela havia sido questionada em Corinto.

A saudação inicial é partilhada pelo *irmão Timóteo*. De acordo com Atos 16:1-3, Paulo encontrou-se com Timóteo em Listra, durante sua segunda viagem missionária. Era filho de mãe judia e de pai grego. Paulo viu o potencial de Timóteo e recrutou-o para ser membro da pequena equipe missionária. Durante o longo ministério de Paulo em Éfeso, em sua terceira viagem missionária, o apóstolo enviou Timóteo a Corinto (1 Co 4:17; 16:10), provavelmente como portador de 1 Coríntios. Se Timóteo foi, na verdade, o portador de 1 Coríntios, podemos então deduzir que de fato ele chegou a Corinto, embora não haja evidências explícitas disto, nem dos eventos que teriam ocorrido, se ele de fato chegou lá. O que sabemos é que Tito subseqüentemente substituiu Timóteo como emissário de Paulo naquela cidade. Seja como for, pela época em que Paulo ditou sua saudação inicial de 2 Coríntios, Timóteo estava ao seu lado, e as coisas haviam piorado, no que concernia ao relacionamento entre Paulo e a congregação.

A carta é dirigida *à igreja de Deus, que está em Corinto*. Com freqüência Paulo considera as igrejas possessão de Deus (cf., e.g., 1 Co 1:2; 10:32; 11:16, 22; 15:9; 1 Ts 2:14; 2 Ts 1:4); isto nos faz lembrar de que as igrejas não são, propriamente, meras associações de indivíduos que pensam de maneira semelhante, dotados de pendor religioso, mas comunidades pertencentes a Deus, com quem gozam de um relacionamento especial. Visto que a igreja de Corinto era possessão de Deus, qualquer ameaça contra sua pureza ou contra sua devoção a Cristo era questão de profundo interesse para o apóstolo (cf. 1 Co 3:16-17; 5:6-8; 2 Co 11:2).

Na saudação à igreja coríntia, Paulo inclui *todos os santos em toda a Acaia*. A palavra *santos* aqui de modo algum carrega as idéias do século vinte a respeito de canonização; ao contrário, seu uso por Paulo reflete o fato de que todos os crentes são chamados por Deus para serem sua possessão especial. A província romana da Acaia cobria a metade sul da Grécia de hoje e incluía, além de Corinto, a cidade portuária de Cencréia e Atenas. Entretanto, quando Paulo fala em "toda a Acaia"

pode não estar se referindo exatamente à província romana. Em 1 Coríntios 16:15-18 ele se refere à casa de Estéfanas (de Corinto), como sendo os primeiros convertidos da Acaia. Sabemos que Paulo conseguiu conversões em Atenas (At 17:34) antes de chegar a Corinto, por isso, aparentemente, a região que ele denomina Acaia, aqui, não incluiria Atenas, não sendo, portanto, coincidente com a província romana portadora desse nome.[1] Sabemos que havia crentes em Cencréia (Rm 16:1), os quais provavelmente teriam sido incluídos entre os destinatários.

2. Nas antigas cartas gregas a palavra *chairein* ("saudações") era empregada na fórmula introdutória, "De A para B, saudações". Em contextos epistolares do Novo Testamento, *chairein* só se encontra em Atos 15:23; 23:26 e Tiago 1:1. Nas cartas de Paulo, *chairein* é substituída pela palavra caracteristicamente cristã *charis* (*graça*) e, na maioria dos casos, há uma expansão, como aqui, lendo-se: *Graça a vós outros e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.* A palavra *graça* nestes contextos significa o cuidado ou a ajuda de Deus. Tal graça primeiramente foi demonstrada pelo envio de seu Filho ao mundo a fim de efetuar a salvação da humanidade (cf. Rm 5:8; 2 Co 8:9); efetuada essa obra salvífica, a graça se manifesta, agora, em graciosos atos de amor, ajuda e provisão (cf. Rm 8:32).

Paz é a tradução da palavra *eirēnē*, que no grego clássico possuía um sentido predominantemente negativo (ausência de hostilidade). Todavia, na LXX *eirēnē* foi usada como o equivalente da palavra hebraica *shalôm*, palavra que carrega conotações positivas de bem-estar, integridade e prosperidade gozados por todos os recipiendários da graça de Deus (cf., e.g., Nm 6:22-27). Para os autores do Novo Testamento, de modo especial Paulo, a palavra *eirēnē* contém essa idéia positiva. A paz que Paulo invocava sobre seus leitores era primariamente a paz objetiva com Deus, obtida mediante a morte de Cristo (cf. Ef 2:13-18), cuja percepção produz nos crentes a conscientização subjetiva de paz e bem-estar.

1. Mas cf. Leon Morris, *I Coríntios: Introdução e Comentário* (Vida Nova/Mundo Cristão, 1986) sobre 1 Co 16:15.

B. Ações de Graça (1:3-11)

Em antigas cartas gregas havia, em geral, logo após a saudação introdutória, uma breve expressão em forma de oração de interesse ou ações de graça pelos recipiendários. As cartas de Paulo usualmente incluíam ações de graça após a saudação introdutória e 2 Coríntios não é exceção. Entretanto, a ação de graça nesta carta é inusitada em que não focaliza a graça de Deus, evidenciada na vida de seus leitores, como ocorre na maioria das demais cartas do apóstolo, mas antes focaliza o conforto que ele e seus companheiros haviam experimentado no meio de grandes aflições. Seus leitores surgem à tona apenas quanto baste para que Paulo lhes diga que as aflições dele concorrem para o conforto e salvação dos crentes, e que ele espera que, enquanto vão compartilhando seus sofrimentos, compartilhem também o conforto que ele recebeu. A despeito da natureza inusitada de sua seção de ações de graça, ela desempenha, todavia, a função usual de um agradecimento profundo, nas cartas de Paulo, i.e., provê um tema superior que percorre toda a epístola (4:7-18; 6:3-10; 7:4-7; 11:23 – 12:10; 13:3-4).

3. *Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.* As expressões de louvor a Deus do Antigo Testamento (e.g., Êx 18:10; Rt 4:14; 1 Rs 1:48; Sl 28:6; 41:13), bem como as liturgias judaicas do primeiro século (e.g., as dezoito bênçãos do culto na sinagoga), com freqüência iniciam com as palavras "Bendito seja Deus", que se aproximam muito das palavras piedosas com que Paulo abre sua ação de graças aqui. Entretanto, ao descrever a Deus como *Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*, Paulo revela a nova compreensão cristã de Deus. Deus é aquele que se revela no Filho, a quem ele enviou ao mundo (cf. Gl 4:4).

Quando Paulo descreve a Deus como *o Pai de misericórdias*, está novamente apelando para sua herança literária judaica, na qual a misericórdia de Deus é freqüentemente celebrada e invocada (e.g., Ne 9:19; Sl 51:1; Is 63:7; Dn 9:9; Sabedoria de Salomão 9:1). Entretanto, a apreciação de Paulo das misericórdias de Deus se havia aprofundado mediante a compreensão da ação salvífica de Deus em Cristo (Rm 12:1 usa a expressão "misericórdias de Deus" para denotar os grandes atos salvíficos de Deus em Cristo, conforme são descritos em Rm 1 – 11).

É digno de nota que o apóstolo tanto emprega "misericórdia", como o verbo "ter misericórdia", muito mais vezes que qualquer outro escritor do Novo Testamento, o que reflete a importância que ele atribuía à misericórdia de Deus.

Deus de toda consolação. Com esta descrição adicional de Deus, Paulo introduz o principal tema da seção de ações de graça, e dá-nos uma previsão de muita coisa que se dirá posteriormente na epístola. A palavra que se traduziu aqui por *consolação (paraklēsis)* pertence a um importante grupo de palavras [que também inclui *parakaleō* (pedir, exortar ou encorajar, consolar); *paraklētos* (advogado, ou consolador)]. É significativo que o emprego de *parakaleō* no sentido de "exortar", muito comum no mundo helenístico judaico e no mundo grego, está quase totalmente ausente na LXX. Por outro lado, o emprego de *parakaleō* no sentido de "consolar", raro nos escritos gregos e nos helenísticos judaicos, é muito comum na LXX. Exemplos notáveis do emprego desta palavra na LXX encontram-se em Isaías 40:1; 51:3; 61:2; 66:13, onde a consolação mencionada é a que provém do livramento que Deus proporciona a seu povo.[1] A palavra *paraklēsis* é empregada por Lucas em seu evangelho, ao descrever as pessoas que, à semelhança de Simeão, esperavam "a consolação (*paraklēsin*) de Israel" (Lc 2:25), e aqui também a consolação aguardada repousa no livramento que Deus proverá (mediante a vinda do Messias). Para Paulo, a era messiânica já havia chegado, embora haja uma sobreposição das duas eras, a qual explica a surpreendente coincidência da aflição e da consolação na presente época, de que o apóstolo fala nesta passagem. A consolação final dos filhos de Deus aguarda o dia da revelação de Jesus Cristo em glória. Todavia, visto que a era messiânica já foi inaugurada por Cristo, em sua primeira vinda, o crente experimenta, no tempo presente, a consolação de Deus, à semelhança de uma amostra antecipada da consolação final.

4. Neste versículo, Paulo movimenta-se, saindo de "Deus de toda consolação", para falar do Senhor como alguém *que nos conforta em toda a nossa tribulação.* Há duas coisas que precisamos saber. Qual era a tribulação e qual a natureza da consolação? É bastante fácil identificar

1. Veja O. Schmitz, G. Stahlin, *"Parakaleō, paraklēsis"*, *TDNT* 5, pp. 773-799.

o que Paulo queria dizer com *tribulação*. Até em 2 Coríntios há várias referências às tribulações que Paulo experimentou (1:8-10; 4:7-12; 11:23-29). Elas incluíam as provações físicas, os perigos, as perseguições e ansiedades experimentadas no desempenho de sua comissão apostólica.

A resposta à segunda pergunta não é determinada tão facilmente. Por um lado, é verdade que às vezes, a consolação que Paulo recebia era o livramento que *anulava* sua tribulação. Nos versículos 8-11 ele fala de livramento que *anulou* um perigo mortal, e em 7:5ss., em que Paulo descreve os eventos que precedem a redação de sua carta, ele se refere ao livramento que *anulou* sua ansiedade, quando Tito se lhe juntou na Macedônia. Fica bem claro que Paulo não estava livre de perseguições e tribulações só porque recebia consolação vinda de Deus. As referências a tribulações em 2 Coríntios, mencionadas acima, bastam para demonstrar esse fato. No entanto, é óbvio que à época da redação da carta Deus havia livrado Paulo de todas as suas aflições, no sentido de que nenhuma delas lhe fora fatal (vv. 8-11; cf. At 9:23-25; 14:19-20; 16:19-40).

Por outro lado, é igualmente verdade que Paulo entendia a consolação como encorajamento e graça sustentadora *em plena* aflição. Tal conceito se torna evidente quando Paulo, neste versículo, explica a seus leitores um dos aspectos positivos do sofrimento cristão. O sofrimento é permitido *para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus*. Um ser humano não pode efetuar livramento divino que *anule* a aflição de alguém, mas é-lhe possível compartilhar com outro sofredor o encorajamento que recebeu *em meio às* suas próprias aflições. O testemunho da graça de Deus na vida do crente é um lembrete poderoso às demais pessoas da habilidade e prontidão de Deus para prover graça e força de que necessitam. É isto que Paulo tem em mente quando diz a seus leitores, no versículo 6, que a consolação que ele recebera foi "para o vosso conforto". (Quanto a referências claras, isentas de ambigüidade, a respeito de Paulo ter sido encorajado por Deus, para que ficasse firme diante da tribulação, recebendo a certeza de que a graça de Deus lhe era suficiente para neutralizar fraquezas, sofrimentos e perseguições, veja At 18:9-11 e 2 Co 12:8-10, respectivamente.)

5. Nos versículos 3-4, Paulo bendisse a Deus pela consolação na tribulação, e aqui ele prossegue, explicando que a honra de compartilhar dos sofrimentos de Cristo é sempre acompanhada da alegria de receber a consolação de Deus. Visto que a era do pecado ainda persiste, Paulo e seus colaboradores compartilham *os sofrimentos de Cristo* mas sua *consolação transborda por meio de Cristo.*

Essa idéia de compartilhar os sofrimentos de Cristo tem sido interpretada de várias maneiras: (a) Paulo experimentou sofrimento em seu trabalho apostólico, da mesma maneira como Cristo o fez em sua obra messiânica.[1] (b) Os sofrimentos que recaíram sobre Cristo estendem-se até alcançar as pessoas que hão de compartilhá-los (Barrett). (c) A expressão compartilhar "os sofrimentos de Cristo" é alusão ao batismo cristão (Allo). (d) Os sofrimentos de Cristo não são especiais, mas simplesmente aqueles experimentados pela humanidade em geral. Entretanto, os cristãos entendem e experimentam esses sofrimentos de maneira nova (Bultmann). (e) Os contemporâneos judaicos de Paulo esperavam que a era messiânica fosse precedida e introduzida por um período de tribulações. Estas seriam conhecidas como as angústias messiânicas, ou dores de parto do Messias/Cristo (Goudge).[2] (f) Cristo, que sofreu pessoalmente na cruz, continua a sofrer em seu povo, enquanto subsistir a presente era (cf. At 9:4-5; Bruce, Harris).

Avaliando as várias sugestões, podemos afirmar que a de Allo, segundo a qual a expressão "os sofrimentos de Cristo" é uma alusão ao batismo cristão, encontra poucos adeptos. A sugestão de Bultmann de que ela se refere à experiência da humanidade em geral não tem a necessária força de persuasão, à luz da lista de aflições de 2 Coríntios, todas as quais se relacionam ao ministério de Paulo como apóstolo. Por outro lado, algumas das idéias remanescentes poderiam ser combinadas. Poderíamos afirmar que a expressão "os sofrimentos de Cristo" significa, aqui, os sofrimentos suportados por causa de Cristo, e experimentados como parte daquilo que os judeus chamavam de dores de parto do Messias, ao mesmo tempo em que viam certa íntima identificação entre Cristo e o cristão sofredor. Poderíamos dizer, por exemplo,

1. J. Denney, *The Death of Christ*, ed. R.V.G. Tasker (Tyndale, 1956), pág. 82.
2. Assim também pensa E. Best, *One Body in Christ: A Study in the Relationship of the Church to Christ in the Epistles of the Apostle Paul* (SPCK, 1975), pp. 131-136.

que enquanto os cristãos suportam as aflições messiânicas por amor de Cristo, o próprio Cristo sofre em seu povo (cf. At 9:4-5), ou que, unidos a Cristo, os cristãos também cumprem o papel do Servo Sofredor, e lhe compartilham as aflições.[1]

Enquanto Paulo e seus colaboradores compartilham "os sofrimentos de Cristo em grande medida" porque ainda estamos na era do pecado, "assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo", porque a era messiânica já se iniciou. Como vimos, esta consolação pode assumir a forma de livramento *da* aflição, ou encorajamento *na* aflição, o qual os capacita a persistir.

6. No versículo 4, Paulo indica o resultado da perseverança na tribulação: a habilidade para "consolar aos que estiverem em qualquer angústia". Aqui no versículo 6, ele menciona um segundo aspecto positivo: *se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação.* Os coríntios hão de receber benefícios decorrentes das aflições de Paulo. A piedosa expectativa judaica da era messiânica poderia expressar-se em termos de um tempo de consolação para o povo de Deus (Is 40:1-11; 51:1-6; 61:1-4; Lc 2:25; cf. Mt 5:4; 2 Ts 2:16-17). Paulo, mediante seu ministério de pregação, marcado por muitas aflições, possibilitou que os coríntios compartilhassem sua consolação. Esta incluía, assim o entendemos, as primícias da salvação, que são experimentadas na época presente, e a salvação, no último dia. Esta é a razão por que Paulo diz que suas aflições eram para conforto e salvação dos coríntios.

Não só as aflições de Paulo, mas também o conforto que ele recebeu em meio ao sofrimento eram para o benefício de outrem: *se somos confortados, é também para o vosso conforto.* O que o apóstolo declarara em termos genéricos no versículo 4, ele aplica agora de modo específico aos coríntios. É uma verdade (não porém toda a verdade) a afirmação de que Paulo fora confortado *para* (*hyper*) conforto de seus leitores, i.e., para que ele pudesse confortá-los com o conforto que recebera de Deus. Ele prossegue, afirmando que tal conforto *se torna eficaz, suportando com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos.* É preciso que comentemos dois aspectos dessa declaração.

1. C. Kruse, *New Testament Foundations for Ministry* (MMS, 1983), pp. 111-114.

Primeiramente, temos de admitir que só podemos imaginar quais teriam sido os sofrimentos que afligiam os coríntios. É improvável que fossem da mesma natureza dos de Paulo, no decurso de sua missão apostólica. É possível que Allo esteja certo ao sugerir que as aflições experimentadas pelos coríntios eram decorrentes de conflitos entre famílias e parentes, todos os problemas dolorosos e os pequenos constrangimentos da vida diária, decorrentes da prática do evangelho, vindos de toda parte, numa cidade submersa no paganismo e sua licenciosidade. Se assim era, Paulo estaria reconhecendo que, em tais aflições, dos coríntios se poderia dizer que compartilhavam os sofrimentos de Cristo (cf. v. 5; Fp 1:29-30).[1]

Em segundo lugar, a consolação que os coríntios receberam foi não apenas o encorajamento do testemunho de Paulo, mas talvez um despertamento para a possibilidade de um testemunho semelhante, que eles mesmos viessem a experimentar encorajamento e graça fortalecedora da parte do próprio Deus.

7. A despeito de toda a tensão no relacionamento entre Paulo e seus convertidos, após a redação de 1 Coríntios (veja Introdução, pp. 25 - 27), o apóstolo encerra a seção de ações de graça com esta afirmação: *A nossa esperança a respeito de vós está firme.* Até haver terminado de redigir os capítulos 1 – 9, Paulo não havia perdido ainda a confiança em seus leitores (cf. 2:3; 7:4), e mesmo quando escreveu sua carta "severa" o apóstolo mantinha a certeza de que eles reagiriam de forma positiva. Foi a Tito que Paulo expessou sua confiança na reação positiva dos coríntios (7:12-16). A confiante esperança de Paulo nos coríntios baseava-se no conhecimento de que Deus os encorajava e os fortalecia, *sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação.* Esta declaração foi traduzida literalmente. Dois pontos exigem comentários.

Primeiramente, Paulo fala "dos" sofrimentos e "da" consolação, não de *nossos* sofrimentos nem de *nossa* consolação. Isto sugere que os coríntios compartilham não os sofrimentos de Paulo e de seus companheiros (como a tradução RSV sugere), mas que todos (Paulo,

1. Cf. R. C. Tannehill, *Dying and Rising with Christ: A Study in Pauline Theology* (Alfred Topelmann, 1967), pp. 90-98.

seus companheiros e os coríntios) compartilham "os" sofrimentos, i.e., os sofrimentos de Cristo (veja comentário sobre o v. 5).

Em segundo lugar, no original grego a última cláusula não tem verbo (veja a tradução literal acima), o qual precisa ser suprido na tradução. A RSV acrescenta o verbo e faz o texto afirmar que a participação dos coríntios na consolação ocorrerá no futuro (*assim o sereis da consolação*). Entretanto, visto que o verbo da primeira cláusula está no presente (*sois participantes dos sofrimentos*), é melhor suprir um verbo no presente para a segunda cláusula, como o faz a NIV ("assim vós participais também de nossa consolação"). De fato, isto provê uma tradução da segunda cláusula que se enquadra melhor no contexto, em que Paulo diz que sua esperança concernente a seus leitores está firme; ele sabe que se estiverem compartilhando os sofrimentos, hão de compartilhar a consolação também.

8. No versículo precedente, Paulo disse a seus leitores que quando compartilham os sofrimentos, compartilham também a consolação. Agora, neste versículo, Paulo usa uma fórmula: *Porque não queremos, irmãos, que ignoreis...*, e sai do genérico para entrar no específico, a fim de ilustrar, a partir de sua própria experiência recente, tanto o sofrimento como a consolação de que acabou de falar. A palavra *irmãos* é empregada de modo genérico, é lógico, para denotar tanto crentes do sexo masculino como do feminino (veja também 8:1; 13:11).

A natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia. Isto ainda estava vividamente fresco na memória de Paulo. Não dispomos de informações suficientes que nos permitam uma identificação positiva de que tipo de aflição teria sido essa. Muitos eruditos apresentaram suas sugestões (veja Nota Adicional, pp. 73-75), dentre as quais parece que obtém a maior aceitação a que se refere a uma oposição judaica inflamada contra o apóstolo, em Éfeso. O certo é que a aflição veio a tornar-se uma experiência devastadora para o apóstolo Paulo. Diz ele: *foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida.*

9. Paulo acrescenta mais uma explicação sobre a seriedade da situação que enfrentou, e diz: *já em nós mesmos tivemos a sentença de morte.* Esta declaração (lit., "na verdade nós recebemos a sentença de morte em nós mesmos") é de difícil interpretação. Dois fatores são determi-

nantes: o sentido da palavra grega (*apokrima*) que se traduz por *sentença*, e o significado das palavras "em nós mesmos" (*en heautois*). A referência de Paulo a ter recebido sentença de morte "em nós mesmos" dá a entender que se tratou de uma experiência subjetiva. Não foi tanto um veredito pronunciado por alguma autoridade externa, mas antes uma percepção nascida no coração e na mente do apóstolo. Daí se segue que *apokrima* provavelmente não foi uma sentença de morte pronunciada contra alguém, por algum magistrado. Mais provavelmente teria sido um veredito lançado pela própria mente de Paulo, ao perceber as horrorosas malhas em que se viu preso (segundo opinião da maioria dos comentaristas), ou talvez a resposta (*apokrima* pode significar "resposta" ou "veredito") dada por Deus às orações do apóstolo naquela circunstância.[1] O certo é que ele estava numa situação desesperadora e, humanamente falando, sem possibilidade de fuga.

Paulo diz que experimentou esse veredito/resposta de desespero *para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos*. A confiança em Deus, em vez de em nossas próprias habilidades inatas, tem importância fundamental na vida cristã; entretanto, tal atitude não sobrevém de modo natural. Com freqüência, como no caso do próprio apóstolo Paulo, enfrentar situações impossíveis é algo necessário *para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos*. Paulo havia aprendido que um dos propósitos de Deus ao atirar-nos em aflições é ensinar-nos total dependência dele. Para Paulo, as aflições mortais que ele enfrentou na Ásia devem ter sido terríveis. Pareceu-lhe não só que a morte era uma perspectiva próxima (v. 8, "a ponto de desesperarmos até da própria vida"), mas que sua carreira missionária seria cortada, deixando muitos projetos por terminar. Os problemas de Corinto não haviam sido resolvidos, a coleta para os santos de Jerusalém (cf. caps. 8 e 9) não se completara, e a própria ambição de Paulo de evangelizar a parte ocidental do império não se realizaria (cf. Rm 15:22-29). Tais projetos, aparentemente delineados por Deus, dariam em nada. Como bem observa Hughes, "seus [de Paulo] sentimentos não devem ter sido diferentes dos de Abraão ao ser

1. D. J. Hemer, "A note on 2 Corinthians 1:9", *Tyn* B 23 (1972), pp. 103-107, argumenta: "Não há como ver uma metáfora judicial de uso contemporâneo, aqui", mas *apokrima* entende-se melhor como sendo uma resposta dada por Deus a uma petição feita pelo apóstolo.

confrontado com o sacrifício de Isaque... Mas ele aprendeu também a exercer uma fé semelhante à de Abraão, para quem 'Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos'". Quando o próprio Paulo teve que enfrentar a perspectiva da morte foi que ele aprendeu a confiar em Deus como aquele que ressuscita os mortos. Paulo já sabia que Deus era aquele que havia ressuscitado a Cristo dentre os mortos, e ressuscitará em Cristo a todos os que nele confiarem (1 Co 15:20-23; 1 Ts 4:13-18). Entretanto, parece que o apóstolo aprendeu algo mais pessoal, mediante sua experiência na Ásia, i.e., a confiança em Deus como a Pessoa que o ressuscitaria de sua morte pessoal.

10. Paulo testifica que Deus *nos livrou e livrará de tão grande morte, em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos.* Se o perigo tão mortífero de que Paulo se livrara fora um ataque conjugado da parte dos judeus de Éfeso (veja Nota Adicional, pp. 73 - 75), teria sido então pela heróica intervenção de Priscila e Áqüila que se efetivou o livramento divino de Paulo. De acordo com Atos 18:24 – 19:1, esse casal residia em Éfeso quando Paulo ali chegou, em sua terceira viagem missionária, e talvez houvesse morado nessa cidade, durante o ministério paulino entre os efésios, embora, à época em que Paulo redigiu Romanos, o casal houvesse mudado para Roma (Rm 16:3). Se esse casal estivesse residindo em Éfeso durante o ministério de Paulo, e se nosso modo de identificar as aflições de Paulo na Ásia estiver correto, Priscila e Áqüila teriam estado presentes quando o apóstolo enfrentou "tão grande morte" na cidade. Em Romanos Paulo também diz: "Saudai a Priscila e a Áqüila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram as suas próprias cabeças" (Rm 16:3-4). Tais palavras, escritas logo depois de 2 Coríntios, podem referir-se ao papel desempenhado pelo casal no livramento de Paulo, desde que, é lógico, a reconstituição feita acima estiver correta.

Tendo experimentado livramento divino havia tão pouco tempo, Paulo se sentia encorajado a crer que Deus agiria em seu favor outra vez: *temos esperado que ainda continuará a livrar-nos.* Paulo estava bastante consciente das ameaças contra sua integridade, emanadas de seus próprios patrícios (Rm 15:30-31;1 Ts 2:14-16), e de acordo com Atos ainda deveriam ocorrer outras tentativas da parte dos judeus a fim

de matá-lo (At 20:3; 21:10-14; 23:12-15). No entanto, Paulo expressa sua confiança em que Deus o livrará novamente. Alguns têm sugerido que esse livramento futuro antecipado por Paulo não dizia respeito a livramento de perigos temporais, mas ao grande livramento final do último dia. Tal idéia, entretanto, é implausível: ele solicita orações de seus leitores, no versículo seguinte, o que sugere que o que Paulo tem em mente é principalmente o livramento de perigos naqueles dias de seu ministério.

11. *Ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor.* Paulo estava convencido da eficácia da oração intercessória e, reiteradamente, pedia orações a seus amigos (cf. Rm 15:30-32; Ef 6:18-20). Todavia, uma das características do apóstolo era sua preocupação não apenas pelo livramento pessoal, concedido em resposta a muitas orações (*por meio de muitos*), mas também que se oferecessem ações de graça (*sejam dadas graças a nosso respeito*) àquele que concede o livramento. Paulo exorta os coríntios a que o ajudem, orando: *para que, por muitos sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos.* A expressão *muitos* neste versículo é a tradução de *pollōn prosōpōn* (lit., "muitas faces"). Provavelmente se trata de emprego figurado de *prosōpōn*, significando apenas "pessoas" ou "indivíduos", de modo que o texto pode ser adequadamente traduzido assim: "muitos darão graças a nosso respeito pelas bênçãos a nós concedidas em resposta a [às orações de] muitas pessoas". No atual contexto de oração, é possível que *prosōpōn* tenha sido empregado para dar a idéia das faces das pessoas voltadas a Deus, em oração. Nesse caso, o texto poderia ser traduzido assim: "de modo que sejam dadas graças por muitas pessoas, pelas bênçãos concedidas a nós, em razão das muitas faces erguidas em oração."

Nota Adicional: As Aflições de Paulo na Ásia

Numerosas tentativas têm sido feitas no sentido de explicar a natureza das aflições de Paulo na Ásia. Embora nenhuma dessas explicações possa ser considerada conclusiva, por causa da falta de evidências concretas, algumas dessas hipóteses são bem plausíveis. Denney sugere que se tratava do perigo iminente de afogamento, que se deduz de 2 Coríntios 11:25; isto, todavia, é improvável, não sendo o tipo de

experiência que alguém descreveria como tendo ocorrido "na Ásia". Outra opinião, adotada por vários comentaristas mais recentes (e.g., Allo, Barrett, Harris), é que a aflição sofrida por Paulo teria sido uma grave doença. Favorece este ponto de vista o fato de o verbo no tempo perfeito fazer bom sentido em "em nós mesmos tivemos (*eschēkamen*) a sentença de morte" (v. 9). Houvesse Paulo sido afligido por grave moléstia, ter-se-ia sentido como sob "sentença de morte", e que só pelo poder de Deus, doador de vida, tal sentença não foi executada. Entretanto, esta hipótese não fica livre de problemas. Ela implica o emprego muitíssimo inusitado (não, porém, singular) da palavra grega que se traduziu por "tribulação" (*thlipsis*), que só raramente se usa para descrever uma doença. Além disso, se se aceitar que os versículos 8-11 ilustram a verdade genérica que se deve partilhar consolação ao mesmo tempo em que se partilham as tribulações de Cristo (vv. 5-7), torna-se improvável que as aflições de Paulo "na Ásia" eram uma grave doença. Noutras passagens, quando o apóstolo fala de suas aflições, nesses termos, entende-se que Paulo fala de suas perseguições e sofrimentos enfrentados no decurso de seu ministério apostólico (cf. Gl 6:17; Cl 1:24).

Tertuliano identificou as aflições de Paulo na Ásia com as lutas "em Éfeso com feras" de que o apóstolo fala em 1 Coríntios 15:32[1] (e Plummer concorda com ele). Contra essa idéia objeta-se que a maneira pela qual Paulo fala de suas aflições em 2 Coríntios 1:8 sugere que esta foi a primeira vez que o apóstolo menciona-as aos coríntios, e que por isso devem ter ocorrido após a redação de 1 Coríntios. Outra explicação que tem sido oferecida é que foi durante um aprisionamento em Éfeso que Paulo enfrentou "tão grande morte" (Furnish). Se aceitarmos a hipótese do aprisionamento do apóstolo em Éfeso, temos aqui uma explicação interessante, especialmente se também aceitarmos a idéia de que a carta aos Filipenses foi escrita aí. Nesta carta temos possíveis alusões à morte que Paulo antecipava (Fp 1:20-23; 2:17-18).

Outros comentaristas (e.g., Calvino, Lietzmann) identificam as aflições na Ásia como sendo os tumultos de Éfeso, que ocorreram depois das acusações atiradas contra Paulo pelo sindicato dos ourives, sob a liderança de Demétrio, rebeliões para as quais a oposição judaica a

1. "On the resurrection of the flesh", *The Ante-Nicene Fathers* 3 [Os pais antenicenos 3] (Eerdmans, 1973), p. 582.

Paulo também foi mobilizada (cf. At 19:23-41). R. J. Yates chama a atenção com insistência para o papel especial que talvez Alexandre tenha desempenhado, ao incitar os judeus (At 19:33), visto que um certo Alexandre é mencionado outra vez em 2 Timóteo 4:14 como tendo causado "muitos males" a Paulo. Além disso, ao dirigir-se aos presbíteros efésios, Paulo refere-se a "lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram" (At 20:19). Há mais: de acordo com Atos foram alguns "judeus vindos da Ásia" que incitaram a multidão no templo de Jerusalém, de tal modo que Paulo foi agarrado por mãos grosseiras e violentas (At 21:27). (Teriam esses judeus viajado da Ásia até Jerusalém só para terminar a perseguição que haviam iniciado em Éfeso?)[1] Contra esta hipótese salienta-se que, de acordo com Atos 19, não parece que Paulo estaria ameaçado de perigo tão mortífero, como 2 Coríntios 1:8-11 deixa implícito. Esta é uma objeção deveras forte; todavia, ela fica em grande parte neutralizada quando se verifica que a redação de Atos ocorreu provavelmente cerca de trinta anos depois dos acontecimentos descritos em seu décimo nono capítulo; entretanto, quando Paulo escreveu 2 Coríntios 1:8-11, esses acontecimentos estavam bem frescos em sua memória.

Para quem subscreve estas linhas, a última destas sugestões é a mais plausível. Entretanto, como mencionamos no início desta nota, todas as explicações só podem constituir um apanhado de conjecturas, à vista da escassez das evidências colhidas. Conquanto não possamos ter certeza a respeito da natureza das aflições de Paulo, podemos estar certos de qual é a lição que ele deseja extrair delas: total dependência do Deus que ressuscita os mortos.

II. O TEXTO BÁSICO DA REAÇÃO (1:12 – 7:16)

A. Mudança de Planos de Paulo (1:12 – 2:4)

Paulo, nesta seção, consciente de que havia certas críticas a seu caráter e ações, defende sua integridade em termos genéricos (1:12-14) e, a seguir, justifica-se em relação a seus planos de viagem e à carta "severa" (1:15 – 2:4).

1. R. J. Yates, "Paul's afflictions in Asia: 2 Corinthians 1:8", *EQ* 53 (1981), pp. 241-245. Veja também J. E. Wood, "Death at work in Paul", *EQ* 54 (1982), pp. 151-155.

1. Defesa geral de sua integridade (1:12-14)

Paulo encerrara a seção anterior (1:3-11) com um pedido de oração. Pode ser que a defesa geral de sua integridade em 1:12-14 tenha tido a intenção de justificar seu pedido, mas é mais provável que objetive algo mais, e prepare o caminho para a defesa específica de sua integridade com relação a seus planos de viagem e à redação de sua carta "severa" em 1:15 – 2:4.

12. *Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência.* Paulo usa o conceito de a pessoa gloriar-se mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. Em essência, significa confiança, e nos escritos de Paulo é conceito empregado tanto negativa como positivamente. Usado negativamente, refere-se a uma autoconfiança sem base nenhuma, pois a pessoa se fundamenta em seus próprios méritos; mas usada positivamente, denota uma autoconfiança legítima, baseada naquilo que Deus fez e capacitou a pessoa a fazer (cf. Rm 15:17-19).

A palavra *consciência* (*syneidēsis*) ocorre mais vezes na correspondência paulina do que em todos os demais livros do Novo Testamento, somados. Diferentemente dos estóicos, Paulo não considerava a consciência como sendo a voz de Deus dentro de nós, e tampouco restringia sua função aos atos do passado da pessoa (em geral os maus), como se acreditava no mundo grego secular dos dias do apóstolo.[1] Para Paulo, a consciência era a faculdade humana pela qual a pessoa aprova ou desaprova suas ações (quer executadas, quer apenas intencionadas) e as de outras pessoas.[2]

Não se deve igualar a consciência à voz de Deus, nem ainda à lei moral; é, antes, a faculdade humana que julga as ações à luz do padrão mais elevado que a pessoa consegue perceber.

Considerando que a natureza humana foi integralmente afetada pelo pecado, tanto a percepção do padrão de ações exigido como a função da própria consciência (como elemento constitutivo da natureza humana) foram prejudicadas pelo pecado. É por isso que a consciência jamais poderá ocupar a posição de juiz supremo do comportamento humano. É possível que a consciência desculpe uma pessoa por algo que Deus

1. Cf. J. N. Sevenster, *Paul and Seneca* (Brill, 1961), pp. 84-102; C. Maurer, *"Synoida/syneidēsis"*, *TDNT* 6, pp. 898-919.
2. M. E. Thrall, "The pauline use of *syneidēsis*", *NTS* 14 (1967-1968), pp. 118-125.

não desculpará e vice-versa; é também possível que a consciência condene uma pessoa por algo que Deus não condena. Portanto, o julgamento final pertence só a Deus (cf. 1 Co 4:2-5). No entanto, rejeitar a voz da consciência é o mesmo que arriscar o desastre espiritual (cf. 1 Tm 1:19). Não é possível rejeitar a voz da consciência impunemente, mas pode-se modificar o padrão mais elevado a que ela se refere ao se obter uma compreensão maior da verdade.

Neste versículo, Paulo explica em que base ele se gloria, no testemunho de sua consciência, uma consciência que reconhece que *com santidade*[1] *e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas na graça divina, temos vivido no mundo, e mais especialmente para convosco.* Paulo comporta-se desta maneira no mundo, i.e., onde quer que ele desenvolva sua missão, mas, diz ele: *mais especialmente para convosco.* Ele havia passado dezoito meses entre os coríntios, em sua primeira visita àquela cidade, e durante esse tempo, e nos contatos subseqüentes, havia tomado o máximo cuidado para comportar-se de modo exemplar. Só podemos tentar imaginar as razões por que Paulo era tão cuidadoso em Corinto. Talvez os coríntios, mais que outros povos, criticassem o comportamento dos pregadores itinerantes (cujo modo de viver nem sempre era exemplar); por isso, Paulo queria que ficasse absolutamente claro que, sendo mensageiro do evangelho, renunciava a todos os métodos duvidosos.

O contraste entre o comportamento, por um lado, de acordo com *a santidade e sinceridade de Deus* e *na graça divina*, e, por outro lado, de acordo com *a sabedoria humana* é comparação que surge com freqüência nas cartas de Paulo. Por exemplo, um pouco mais tarde, nesta epístola, Paulo afirma: "Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus" (2:17; cf. 4:2). *Sabedoria humana* é o equivalente a astúcia (cf. 4:2), ou ostentação de palavras (cf. 1 Co 2:1) a fim de impressionar o ouvinte. Um ministério *na graça divina* é aquele que confia no poder de Deus,

1. Outros manuscritos antigos trazem "simplicidade" (haplotēti) *em vez de "santidade" (hagiotēti). As evidências têm equilíbrio delicado, ficando difícil escolher uma das duas alternativas. Entretanto, a ênfase maior da assertiva de Paulo no versículo 12 é bastante clara, e fica inalterada pela escolha de uma ou outra alternativa.*

em que o ministro o vê em ação (cf. Rm 15:17-19; 1 Co 2:2-5; 2 Co 12:11-12). Se Deus, mediante sua graça, decidir manifestar seu poder, tal ministério será eficaz; se não, Paulo não procurará produzir resultados por meios enganosos.

13a. Paulo prossegue em sua defesa genérica dizendo: *Porque nenhuma outra cousa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis.* Parece que o apóstolo havia sido criticado em Corinto por alguns crentes que questionavam o caráter direto e franco de suas cartas. Mais tarde (de acordo com a reconstituição dos eventos adotada neste comentário, veja Introdução, p. 28), Paulo teve que responder a outras críticas concernentes a uma alegada discrepância entre suas atitudes para com os coríntios, quando ele estava presente, e as atitudes refletidas em suas cartas quando ausente (cf. 10:10-11). Todavia, no presente contexto, parece que Paulo está respondendo a uma insinuação de que havia escrito uma coisa tendo em mente outra, diferente. Ele nega com firmeza tal coisa.

13b-14. Aqui, Paulo dirige a atenção de seus leitores para o *dia de Jesus, nosso Senhor*, aquele dia em que a vida e o trabalho de todas as pessoas serão submetidos ao escrutínio divino. Com respeito a isso, assim se expressa o apóstolo: *espero que o compreendereis de todo, como também já em parte nos compreendestes, que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa.* Noutras passagens Paulo fala do orgulho e da alegria que ele terá de seus convertidos, no dia da vinda de Jesus (Fp 4:1; 1 Ts 2:19), mas somente aqui ele se refere ao orgulho que espera que seus convertidos sintam dele, de seu apóstolo, naquele dia. De sua parte, Paulo sentirá orgulho de seus convertidos porque eles são o selo de seu apostolado, a prova de que ele desempenhou com grande sucesso sua missão de pregar, por amor do seu nome [de Jesus Cristo], para a obediência por fé, entre todos os gentios (Rm 1:5). Os convertidos de Paulo deveriam sentir orgulho de seu apóstolo, ao entenderem, naquele dia, tudo quanto devem a ele. Tudo isso nos ajuda a entender a esperança que animava a Paulo, e que ele expressa no presente contexto, que os coríntios hão de entender na plenitude tudo que até o presente momento só entenderam em parte.

2. Defesa de sua mudança nos planos de viagem (1:15 – 2:4)

15-16. *Com esta confiança.* Paulo explica a seus leitores que fora com um senso de confiança no orgulho que sentiam por ele e que ele retribuía, que o apóstolo deseja voltar a visitá-los. Em 1 Coríntios 16:5, Paulo havia prometido visitá-los *depois* de haver passado pela Macedônia. Mas, conforme Paulo explica aqui, ele fez uma mudança em seus planos, de modo que vai visitá-los *antes* de partir para a Macedônia: *resolvi ir primeiro encontrar-me convosco, para que tivésseis um segundo benefício.* O apóstolo explica no versículo 16 que sua mudança de planos deveria resultar num *segundo benefício* para os coríntios: *e por vosso intermédio passar à Macedônia, e da Macedônia voltar a encontrar-me convosco, e ser encaminhado por vós para a Judéia.* Ao fazer isso, Paulo intencionava fazer *duas* visitas, em vez de uma, a que ele prometera em 1 Coríntios 16:5-7.

A palavra *benefício*[1] pode denotar simplesmente a alegria que os coríntios deveriam experimentar ao verem seu apóstolo outra vez. Entretanto, Paulo já não via seu relacionamento com as pessoas em termos puramente humanos (5:16), i.e., à parte da importância de Cristo, e por isso o *benefício* que Paulo tem em mente provavelmente deveríamos entender em termos dos efeitos de seu ministério espiritual entre os coríntios (cf. Rm 1:11-12).[2]

17. A confiança com que Paulo falou no versículo 15, até certo ponto, estava fora de ordem, visto que havia críticas contra ele entre os coríntios. Foi a crítica a respeito de sua mudança de planos de viagem que o forçou a perguntar: *Ora, determinando isto, terei porventura agido com levian-*

1. A palavra que a ARA traduziu por benefício, e a RSV traduziu por prazer é no grego *charan* (lit., "alegria"). Entretanto, provavelmente se trata de uma emenda de escriba; a palavra original teria sido *charin* ("graça", "bondade", "favor"), que tem apoio ligeiramente maior nos manuscritos e se encontra na tradução marginal de RSV, bem como na versão da ARC ("segunda graça").

2. Uma interpretação diferente de *charin*, sugerida por G. D. Fee ("*Charis* in II Corinthians 1:15: apostolic parousia and Paul-Corinth chronology", *NTS* 24 (1978), pp. 533-538), é que o termo deveria ser entendido num sentido ativo. Nesse caso, o *segundo benefício* que os coríntios deveriam experimentar seria o seguinte: eles teriam duas oportunidades para demonstrar "bondade" para com seu apóstolo. A primeira, quando o ajudassem a partir para a Macedônia e a segunda, em sua viagem para a Judéia. A fraqueza desta sugestão é que se os coríntios sido encorajados a criticar seu apóstolo, uma afirmativa desse tipo, que Paulo pretendia dar-lhes duas oportunidades para que lhe fossem prestados dois favores, não seria o melhor meio de vencer-lhes a atitude crítica.

dade? A forma da pergunta no grego indica que se espera uma resposta negativa. Paulo, na verdade, está dizendo: "Vocês não estão pensando que eu mudei meus planos de maneira leviana, estão?" A pergunta seguinte se relaciona à integridade pessoal de Paulo: *Ou, ao deliberar, acaso delibero segundo a carne de sorte que haja em mim simultaneamente o sim e o não?* Outra vez a pergunta de Paulo exige uma resposta negativa. Agir *segundo a carne* (é tradução literal) neste contexto dá a entender que a pessoa está pronta para negar seus compromissos, se os mesmos já não lhe interessarem, e que ela os abandonará sem qualquer contemplação pelas partes envolvidas. Tal pessoa troca seu "sim" por um "não" sem a menor compunção, se a mudança lhe interessa. A pergunta de Paulo intenciona induzir seus ouvintes a negar enfaticamente que seu apóstolo seria capaz de agir dessa maneira imoral.

18. *Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não é sim e não.* Esta sentença constitui afirmação sob juramento[1] da parte de Paulo, segundo a qual sua palavra aos coríntios era coerente com suas firmes intenções. Paulo não lhes havia dito algo, estando, ao mesmo tempo, disposto a fazer outra coisa bem diferente, que lhe interessasse, sem sentir nenhum tipo de constrangimento.

Paulo freqüentemente emprega juramentos em suas cartas (cf. Rm 1:9; Gl 1:20; 2 Co 1:23; 11:10, 31; Fp 1:8; 1 Ts 2:5, 10), ao desejar defender ou enfatizar com força a verdade de suas assertivas. Isto nos sugere que na igreja primitiva as palavras de Cristo contra o juramento, em Mateus 5:33-37, eram entendidas como crítica contra o emprego inadequado do juramento, e não como proibição contra seu uso. De acordo com Mateus 26:63, o próprio Cristo estava preparado para jurar, ao responder a uma pergunta do sumo sacerdote.

19. No versículo precedente, Paulo afirmou a confiabilidade de sua palavra dirigida aos coríntios. O apóstolo estivera preocupado em

1. Alguns comentaristas (e.g., Plummer) entendem este versículo não como sendo afirmação sob juramento, mas uma declaração direta e franca: "Deus é fiel em que nossa palavra para vocês não foi sim e não". Neste caso a sentença se torna uma assertiva de que a confiabilidade de Paulo repousa sobre a fidelidade de Deus. Entretanto, a maioria dos eruditos (e.g., Lietzmann, Hughes, Barrett, Furnish) reconhece de modo correto a presença de uma fórmula de juramento, aqui. Quando Paulo usa a expressão "Deus é fiel" como parte de uma declaração simples, esta não é seguida de uma cláusula regida por *hoti* (Furnish).

defender sua integridade com relação às mudanças que introduzira em seus planos de viagem. Todavia, parece que Paulo achava que se a confiabilidade de sua palavra concernente a planos de viagem estava sendo questionada, também seria de questionar-se a confiabilidade da mensagem de seu evangelho. Por isso é que ele assevera, aqui, não haver equívoco algum no evangelho que ele prega. *Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi por nosso intermédio anunciado entre vós, isto é, por mim... não foi sim e não; mas sempre nele houve o sim.* Não há sequer sombra de mudança no Jesus Cristo que Paulo proclamava em seu evangelho. No versículo 20, ele explica melhor o que isto significa.

Paulo associa a si próprio, de maneira específica, na pregação do evangelho em Corinto, a *Silvano e Timóteo.* Silvano, que pode ser identificado como o Silas de Atos, era um dos líderes da igreja de Jerusalém, o escolhido para levar a decisão do concílio de Jerusalém a Antioquia (At 15:22), obreiro que se tornou companheiro de Paulo na segunda viagem missionária, depois da dissensão entre Paulo e Barnabé (At 15:36-41). Quando Paulo e Silas chegaram a Listra, Timóteo, filho de uma judia cristã e de pai grego, foi recrutado para formar uma pequena equipe missionária (At 16:1-3). Assim, quando Paulo foi a Corinto pela primeira vez, ambos estes jovens estavam ligados a ele, e se lhe uniram na pregação do evangelho.

20. *Porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nele o sim.* Com estas palavras, Paulo esclarece o que quis dizer no versículo precedente, que em Jesus Cristo é sempre sim ("sempre nele houve o sim"). O Antigo Testamento contém muitas promessas de Deus a respeito da era messiânica. Nenhuma delas deixará de cumprir-se em Cristo. Não há engano no que concerne ao cumprimento das promessas divinas em Jesus Cristo.

Porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio. O texto grego correspondente a esta sentença é difícil de ser traduzido e interpretado acuradamente, com minúcias, embora seu sentido geral seja bem claro. A tradução da RSV (assim como da ARA) reflete um contexto de culto, na igreja primitiva, em que oferendas em louvor a Deus eram erguidas "mediante Cristo", e confirmadas pelo "amém" da congregação. Uma fórmula semelhante encontra-se em

muitas das manifestações de louvor encontradas no Novo Testamento (e.g., Rm 1:25; 9:5; 11:36; 15:33; 16:27; Gl 1:5; Ef 3:21; Fp 4:20; 1 Tm 1:17; 6:16; 2 Tm 4:18; Hb 13:21; 1 Pe 4:11; 5:11; 2 Pe 3:18; Jd 25; Ap 1:6; 7:12), fato que confirma o uso de "amém" desta maneira, na igreja primitiva.

Entretanto, a tradução da RSV não preserva, tão bem como deveria, a conexão existente entre a primeira e a segunda partes do versículo, a qual é evidente no original. Neste se enfatiza que se trata do mesmo Cristo, em quem o sim das promessas de Deus se encontra, o qual é também aquele mediante quem "é o amém para glória de Deus". A ênfase do original parece ser que o "amém" é pronunciado tanto por Cristo como por nós, para a glória de Deus.

Pode-se observar que somente quando acrescentamos nosso "amém" às promessas de Deus, as quais encontram seu sim em Cristo, é que tais promessas tornam-se eficazes em nosso caso, e por essa razão podemos, então, verdadeiramente glorificar a Deus pela sua graça a nós concedida.

21-22. Nestes versículos podemos ver por que Paulo introduziu a idéia da natureza inequívoca de Cristo, aquele em quem as promessas de Deus encontram seu sim. É que foi no inequívoco Cristo que Paulo e seus colaboradores se fundamentaram e foram comissionados por Deus, como mensageiros do evangelho, e é nesse Cristo também que receberam o selo do Espírito. Trocada em miúdos, a resposta de Paulo aos que lhe atribuem inconstância, por causa das mudanças que ele introduziu em seus planos de viagem, é que a obra de Deus em sua vida garante a confiabilidade de tudo quanto ele diz. A fim de explicar a natureza dessa obra de Deus em sua vida, Paulo introduz quatro importantes expressões.

Primeiramente, diz Paulo: *Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus.* A palavra "confirmar" (*bebaioō*) é empregada com sentido legal nos papiros a respeito de uma garantia concedida de que certos compromissos serão cumpridos. No Novo Testamento, *bebaioō* é usado de modo semelhante em conexão com a proclamação do evangelho, a qual é "confirmada" por sinais miraculosos, ou pela concessão de dons espirituais (Mc 16:20; 1 Co 1:6). Quando

esse verbo é empregado a respeito de seres humanos, indica seu fortalecimento, ou sua confirmação, de modo que passam a exibir certas características. Por exemplo, em 1 Coríntios 1:8, Paulo escreve a respeito de crentes que são confirmados para serem "irrepreensíveis" no dia do Senhor. Aqui, Paulo diz que Deus o fortaleceu e o confirmou, como também a seus colaboradores (e aos coríntios) para que sejam dignos de confiança.

Em segundo lugar, diz Paulo que Deus *nos ungiu*. Este verbo no grego é *chriō*, ungir; visto que a unção com freqüência era um rito de comissionamento (Êx 28:41; 1 Sm 15:1; 1 Rs 19:16), a RSV traduziu o verbo como "comissionou", o que é justificável. Entretanto, esta tradução obscurece o fato de que houve uma unção no comissionamento de Paulo e seus colaboradores. *Chriō* encontra-se em outros quatro lugares no Novo Testamento, uma vez em Hebreus 1:9 ("Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros"), e três vezes nos escritos de Lucas (Lc 4:18; At 4:27; 10:38). Duas referências em Lucas são explicitamente à unção com o Espírito, sendo discutível se a terceira é referência implícita. Em face da ênfase no Espírito, no presente contexto, é melhor ver aqui uma referência a Paulo e seus companheiros sendo ungidos pelo Espírito, reconhecendo que sua comissão está inextricavelmente amarrada a tal unção.

Em terceiro lugar, diz Paulo: *que também nos selou*. O verbo *sphragizō*, "colocar um selo em", é empregado em documentos comerciais encontrados entre os papiros a respeito de selagem de cartas e envelopes, de modo que ninguém possa mexer em seu conteúdo. Usado de modo figurado, como no Novo Testamento, "selar" significa manter em segredo, ou marcar com um sinal identificador (cf. Ap 7:3-8). Efésios fala de os cristãos serem "selados com o Santo Espírito da promessa" (Ef 1:13; cf. 4:30). Aqui, com a frase *que também nos selou*, é quase certo que Paulo tinha em mente que Deus nos dotou do Espírito Santo (cuja presença é a marca identificadora de todo crente verdadeiro, Rm 8:9).

Em quarto lugar, lemos: *e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações*. A palavra grega *arrabōn*, traduzida aqui por *penhor*, é um termo comercial, à semelhança de *sphragizō*. Trata-se do depósito feito pelo comprador ao vendedor, como garantia de que o pagamento total

será efetuado no devido tempo. O termo é aplicado de modo figurado por Paulo, referindo-se ao Espírito que Deus concedeu aos crentes, como garantia da total participação deles nas bênçãos da era vindoura (cf. 5:5; Ef 1:14).

A maior ênfase, portanto, dos versículos 21-22, está em que Paulo e seus companheiros foram confirmados por Deus como mensageiros fiéis, tendo sido ungidos pelo Espírito.[1] Mas, por que faz Paulo estas afirmações neste ponto de sua carta? Só para mostrar que a integridade do grupo apostólico, e a verdade do evangelho baseiam-se em nada mais senão na obra de Deus. É o Espírito de Deus que confirma e unge os apóstolos; a presença do Espírito é que autentica e sela a missão e a mensagem deles. A implicação é que se a obra de Deus em suas vidas garante a confiabilidade dos apóstolos nessa grandiosa obra superior da proclamação do evangelho, é certo que garantirá também confiabilidade em questões de menor importância como seus planos de viagem. Quaisquer mudanças nos planos de viagem não significam mera inconstância, mas genuína necessidade eventual e imprevisível.

23-24. Começando com um juramento, *Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha*, Paulo afirma a pureza de seus motivos, e insiste em que as mudanças em seus planos de viagem foram efetuadas tendo em mente os sentimentos dos coríntios: *para vos poupar, não tornei ainda a Corinto.* O presente contexto não nos diz de que é que os coríntios foram poupados, mas a partir de declarações que Paulo faz noutras passagens (13:1-4, 10), parece que foram poupados de alguma providência disciplinar que o apóstolo se julgava compelido a executar.

Antes que os coríntios concluíssem, a partir das alusões de Paulo quanto a uma ação disciplinar, que ele exercia um tipo de tirania espiritual sobre eles, o apóstolo acrescenta: *não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria.* O papel do apóstolo (e de todos os ministros do evangelho) é o de servo do povo de Deus (cf. 4:5), nunca o de tirano. Todavia, como nos revela

1. Vários eruditos argumentam que as quatro maiores expressões apresentadas por Paulo, nos versículos 21-22, refletem a terminologia da liturgia cristã primitiva relacionada ao batismo. Se essas expressões tinham conotações batismais é questão discutível; todavia, não se pode descartar a questão fundamental, de modo especial à luz do fato de que no Novo Testamento não havia a separação entre o rito do batismo, a crença e o recebimento do Espírito, que alguns vêem hoje.

o versículo 23, servir ao povo de Deus não significa fazer apenas o que agrada ao povo. Pode haver necessidade de uma providência disciplinar também. Afinal, um apóstolo (à semelhança de todos os ministros cristãos), conquanto chamado para servir ao povo de Deus, deve executar seu trabalho em plena obediência aos desejos de seu Senhor. O versículo 23 também contém a mais atraente descrição dos propósitos do ministério cristão: trabalhar ao lado do povo, a fim de aumentar-lhe a alegria!

A razão que Paulo apresenta aqui para não exercer tirania sobre a fé dos coríntios encontra-se nestas palavras: *porquanto pela fé já estais firmados*. É verdade que os coríntios chegaram à fé mediante o ministério de Paulo, mas a fé daqueles crentes era deles mesmos, e baseava-se no poder de Deus (cf. 1 Co 2:5; 15:1-2, 11). Por causa de sua fé, os crentes possuem uma posição própria diante de Deus (Rm 5:1-2; 11:20), e nesse respeito não estão sujeitos a ninguém mais (Rm 14:4).

2:1. *Isto deliberei por mim mesmo: não voltar a encontrar-me convosco em tristeza.* Em 1 Coríntios 16:5-7, Paulo havia informado seus leitores que ele pretendia visitá-los depois de passar pela Macedônia. Subseqüentemente, ele mudou seus planos de modo que visitaria Corinto primeiro, a caminho da Macedônia, e outra vez ao voltar, o que significaria dar aos coríntios "um segundo benefício" (1:15-16). Parece que Paulo realizou a primeira dessas visitas prometidas e, por causa do fato de essa visita ter-se transformado em algo doloroso tanto para os coríntios quanto para o próprio apóstolo, este cancelou a visita de retorno e, em lugar da visita, escreveu-lhes a carta "severa". Nos próximos versículos temos alguns indícios da natureza da dolorosa experiência em que se tornou a primeira visita prometida.

2. *Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo?* Paulo está perguntando quem seria capaz de alegrá-lo se chegasse a fazer a segunda das duas visitas prometidas, e isso causasse aos coríntios (*vos*, plural) mais dores ainda? Responde Paulo à sua própria pergunta dizendo que apenas *aquele* (singular) a quem ele infligiu dor é que poderia alegrá-lo de novo. A maioria dos comentaristas identifica *aquele que está entristecido*, da segunda parte do versículo, com o *vos* da primeira parte. Isto seria feito

considerando-se *aquele* como um coríntio representante, ou como a NIV traz: *aquele* foi substituído por "vós".

Outra alternativa é identificar *aquele* deste versículo com o "alguém" dos versículos 5-8. Nesse caso, a dor causada a *aquele* teria sido a dor oriunda do entendimento de que a ação disciplinar contra ele havia sido exigida por Paulo, à congregação. A dor causada aos coríntios (*vos*) teria sido a repreensão implicada na exigência (renovada) de Paulo quanto à providência disciplinar, algo que os coríntios estiveram relutantes em acatar, ainda que seu apóstolo por causa disso houvesse sofrido (cf. v. 3). Esta interpretação faz sentido. Paulo havia infligido sofrimento ao ofensor e à congregação coríntia ao exigir que aquele fosse disciplinado. Não mais poderá existir alegria no relacionamento de Paulo com os coríntios, enquanto o ofensor não houver sido levado ao arrependimento e não for restaurado à comunhão. Só então aquele a quem Paulo causou tristeza poderá dar-lhe alegria. (Veja Introdução, pp. 46-50, quanto à hipotética identificação do ofensor.)

3. *E isto escrevi.* Refere-se à redação da carta "severa" após o retorno do apóstolo da visita "dolorosa" (veja Introdução, pp. 25-26). Paulo repreendera os coríntios porque estes não saíram em sua defesa ao ser caluniado por alguém que lhe "causou tristeza", e o apóstolo exigiu que punissem o indivíduo, deixando bem claro que esperava que lhe obedecessem nessa questão (cf. vv. 6, 9).

A esperança de Paulo era que *quando* [*eu*] *for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me*, i.e., ele esperava que sua carta fizesse que seus leitores tomassem as necessárias providências a fim de remover a fonte de fricção existente entre eles e seu apóstolo. Durante a visita "dolorosa", Paulo havia sofrido angústia mental da parte do ofensor, enquanto os coríntios, que deveriam tê-lo feito alegrar-se, aparentemente ficaram de lado, e nada fizeram. A carta "severa" tinha a intenção de impedir que isso acontecesse de novo.

Se a primeira parte da carta mostra o propósito da carta "severa", a segunda parte indica a confiança com que fora redigida: *confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa.* Embora a carta "severa" com certeza haveria de causar tristeza aos leitores de Paulo, este no entanto a escreveu, confiando em que eles se regozijariam em

ver seu apóstolo outra vez cheio de alegria. Assim é que Paulo procura resolver o espinhoso problema da punição daquele que "causou tristeza", confiante em que os coríntios teriam boa vontade suficiente para isso, naquela situação.

4. *Porque no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas.* Essa referência a *muitos sofrimentos e angústias* em que Paulo escreveu pode ser outro meio de falar das *angústias de coração* que sentiu na época, ou uma alusão à aflição sentida na Ásia, mencionada em 1:8-9. No caso de esta última hipótese ser a verdadeira, a situação de Paulo teria sido muito difícil na verdade. Além do desespero que lhe ameaçava a própria vida, na perseguição da Ásia, sofria o peso adicional das *angústias de coração* por causa da situação de Corinto. Nesse caso, podemos apreciar a razão por que a carta fora escrita *com muitas lágrimas.*

Não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida. A carta "lacrimosa" deveria conter alguma repreensão aos coríntios (cf. 7:8-9), mas Paulo lhes assegura aqui que sua intenção não era causar-lhes dores, mas fazê-los reconhecer seu amor por eles. E Paulo o demonstrou, não mediante o recurso dos "panos quentes" numa situação ruim, mas ao confrontá-los e deles exigindo (outra vez) que tomassem providências. É preciso muito amor para confrontar uma situação difícil, em vez de cortar por um atalho fácil, mas imoral.

B. Perdão para o Ofensor (2:5-11)

A carta "severa" de Paulo foi eficaz, na medida em que os coríntios tomaram uma providência disciplinar enérgica contra o ofensor. Tendo ouvido sobre esta medida disciplinar executada, Paulo sentiu-se aliviado (cf. 7:6-13) e ao mesmo tempo preocupado. Sua preocupação agora era que Satanás obtivesse vantagem, caso o ofensor fosse vencido de excessiva tristeza, de modo que o apóstolo exorta seus leitores a voltar-se para esse homem e reafirmar-lhe seu amor.

5. É óbvio que as palavras de Paulo, *Ora, se alguém causou tristeza,não o fez apenas a mim,* não devem ser tomadas literalmente, no

sentido que ele está negando que tenha sofrido algum mal. Devem ser tomadas com as palavras seguintes, *mas, para que eu não seja demasiadamente áspero, digo que em parte a todos vós*. Esta passagem mostra Paulo muito empenhado em demonstrar que o malefício feito afetou não só o apóstolo mas os coríntios também. De fato, se o mal houvesse afetado apenas o apóstolo, poderíamos perguntar por que não seguiu ele seu próprio conselho dado em 1 Coríntios 6:7, e simplesmente sofresse o malfeito em silêncio. Entretanto, toda a congregação como um todo, bem como o próprio Paulo, sofreram o malefício. (Na Introdução, pp. 46-50, apresentamos algumas sugestões sobre a natureza do malefício.)

6. Deixando de lado a injúria praticada e indo para o castigo infligido contra o ofensor, assim se expressa Paulo: *basta-lhe a punição pela maioria*. A palavra traduzida por *punição* (*epitimia*), só é usada aqui, no Novo Testamento, mas nos escritos extrabíblicos é empregada para significar penalidades legais ou sanções comerciais. Seu uso aqui se aproxima do sentido original, e sugere que a congregação havia agido de modo formal e judicial na disciplina do ofensor. A palavra traduzida por *maioria* (*pleionōn*) também poderia ser substituída por "pelo resto", caso em que a punição teria sido determinada por uma decisão unânime do resto da congregação, e não por mera maioria. Dessa ou de outra maneira, tomou-se a decisão sobre o castigo, que foi executado, ficando Paulo convencido de que fora suficiente.

7-8. Visto ter considerado a punição como suficiente (presumivelmente porque o ofensor se arrependera), assim diz Paulo: *de modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo*. Embora a punição contra o ofensor fosse merecida, não trouxe alegria alguma a Paulo (cf. v. 2); o apóstolo ansiava pela sua restauração. Se a igreja não desse a volta e lhe perdoasse, haveria o perigo de o ofensor ser *consumido por excessiva tristeza*. A palavra *consumido* (*katapinō*) também era empregada quando animais "devoravam" sua presa, e quando ondas e correntes de água "engoliam" pessoas ou objetos. Paulo receava que o ofensor, em não sendo perdoado, fosse "afogado" em sua tristeza; e acrescenta: *Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor*. A palavra grega traduzida por *confirmeis* (*kyrōsai*) era usada nos

papiros para confirmar uma venda, ou a ratificação de um compromisso. A confirmação do amor, então, contida na exortação de Paulo, parece ser um ato formal a ser executado pela congregação, da mesma maneira que a execução do castigo anteriormente parece ter assumido caráter formal e judicial.

9-11. Paulo, agora, volta sua atenção para os coríntios, deixando de lado o ofensor. É verdade que a carta "severa" teve o propósito de exigir que eles tomassem uma providência disciplinar enérgica contra o delinqüente; todavia, essa exigência também objetivou testar a obediência dos coríntios: *E foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que em tudo sois obedientes.* Paulo não esperava obediência a si próprio, pessoalmente, mas obediência ao evangelho e suas implicações. É significativo que, através de todas as suas cartas, Paulo persistentemente baseia suas exigências éticas nos primeiros princípios do evangelho, e não em sua autoridade pessoal. É ao evangelho e às suas implicações que os crentes devem obedecer.

A quem perdoais alguma cousa, também eu perdôo. Paulo exorta seus leitores a que perdoem ao delinqüente (vv. 6-7) e aqui lhes assegura: "a quem perdoais alguma cousa, também eu [perdôo]". Talvez o apóstolo esteja dizendo isto a fim de espantar qualquer temor de que ele desaprovasse a restauração da pessoa que o havia magoado tanto.

O que tenho perdoado, se alguma cousa tenho perdoado, por causa de vós o fiz na presença de Cristo. Três questões exigem comentário. Primeira questão: aparentemente Paulo estaria minimizando a extensão de seu prejuízo moral, ao dizer *o que tenho perdoado* e acrescentar em seguida *se alguma cousa tenho perdoado.* Sem dúvida alguma Paulo tinha algo a perdoar, como a ênfase geral de 2:5-11 e 7:8-13 nos revela. Segunda questão, Paulo sublinha que perdoou a ofensa *por causa de vós.* Isto poderia demonstrar que o apóstolo percebeu que seu próprio perdão era necessário antes de os coríntios se sentirem livres para executar a reconciliação com o ofensor. Portanto, o perdão ele o daria por amor aos coríntios, visto que abriria o caminho para aquela reconciliação e, mediante esta, a restauração do bem-estar no seio da igreja.

A terceira questão é: a expressão *na presença de Cristo* (lit. "na face de Cristo"), é difícil, e poderia ser traduzida de várias maneiras. Poderia ser tomada como uma espécie de juramento, e nesse caso Paulo estaria dizendo: "Como estou na presença de Cristo, eu perdoei a ofensa". Outra alternativa seria que o perdão teria a aprovação de Cristo. Neste caso a tradução seria: "O que eu perdoei foi perdoado perante a face de Cristo, que nos concede sua aprovação". Finalmente, a expressão poderia estar refletindo o fato de que, à época da redação da carta, o apóstolo não tivera a oportunidade de expressar perdão face a face perante o ofensor; mas, perante a face de Cristo ele já lhe havia perdoado.

Nisso tudo, a preocupação de Paulo era *que Satanás não alcance vantagem sobre nós.* Uma interpretação possível desta declaração é que Satanás não tivesse permissão de tirar vantagem da situação enfraquecendo a igreja, em não havendo reconciliação. Entretanto, é preferível e possível uma interpretação mais específica. A palavra grega *pleonekteō* ("tirar vantagem de") encontra-se em outros quatro lugares do Novo Testamento – todos em cartas de Paulo (2 Co 7:2; 12:17-18; 1 Ts 4:6). Todos os demais usos em 2 Coríntios (e talvez também, não sem polêmica, em 1 Tessalonicenses) denotam a ação de tirar vantagem de pessoas no sentido de fraudá-las, roubando delas alguma coisa que lhes pertence. Portanto, parece-nos mais provável que o que Paulo tem em mente, neste versículo, é a possibilidade de Satanás tirar vantagem da situação e fraudar a congregação, subtraindo-lhe um membro permanentemente. Assim, visto que *não lhe ignoramos os desígnios*, Paulo exorta os coríntios a reafirmarem seu amor pelo ofensor, para que fique afastada aquela possibilidade. Mais tarde, na mesma carta (veja o comentário sobre 11:3, 14-15), vemos que Paulo reconhece existir um desígnio ativo da parte de Satanás para minar a fé, a devoção e a boa ordem da igreja.

C. À Espera de Tito (2:12-13)

De acordo com a reconstituição dos fatos adotada neste comentário (veja a Introdução, pp. 25 - 26), foi algum tempo depois de Paulo haver voltado a Éfeso, após a visita "dolorosa" a Corinto, e após o apóstolo

ter escrito a carta "severa", que ele se dirigiu para o norte, para Trôade. Nos dias de Paulo, Trôade era um porto marítimo importante, e excelente centro comercial.

12. *Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor...* O principal propósito de Paulo ao ir a Trôade foi *pregar o evangelho de Cristo*, e, como ele próprio testemunha, *uma porta se... abriu no Senhor* para ele ali. Em 1 Coríntios 16:9, Paulo usou a metáfora da porta aberta para referir-se à oportunidade que se lhe deparou para um "trabalho eficaz" em Éfeso. Sabemos que, como resultado de seu trabalho ali, não só se fundou uma igreja, como o evangelho foi levado a outras cidades noutras regiões (e.g., Colossos e Laodicéia, e provavelmente às demais cidades, [sete ao todo] da Ásia, mencionadas em Ap 2–3; cf. At 19:10). Quando Paulo descreve a oportunidade encontrada em Trôade como uma "porta aberta" pelo Senhor, a ele, esta expressão sugere um potencial semelhante ao de Éfeso.

13. *Não tive, contudo, tranqüilidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito.* Tito é mencionado aqui pela primeira vez na correspondência coríntia. Paulo falou dele em Gálatas 2:1-3 como sendo alguém a quem ele levou a Jerusalém, e que, "sendo grego", não foi obrigado a circuncidar-se. Fora isto, nada mais sabemos a respeito do currículo de Tito, sendo duvidoso que seja o mesmo Tício Justo de Atos 18:7. Entretanto, como 2 Coríntios revela, Tito desempenhou um papel crucial no relacionamento entre Paulo e a igreja em Corinto. Uma das epístolas pastorais foi dirigida a Tito, que na ocasião estava ativo em Creta, com a responsabilidade de ordenar presbíteros nas igrejas ali (Tt 1:5).

Diz Paulo, pelo fato de não haver encontrado Tito em Trôade: *despedindo-me deles, parti para a Macedônia.* Se Paulo deixou para trás tão grande oportunidade, a "porta aberta" em Trôade, isto só enfatiza o desassossego que sentira por não ter encontrado Tito. Em 7:5-16 descreve-se o alívio que Paulo sentiu quando, finalmente, encontrou-se com Tito na Macedônia. Desta passagem podemos inferir que em Trôade Paulo estava profundamente preocupado com Tito, se ele teria sido bem recebido em Corinto, a que levara seu recado,

e se a igreja respondera de modo positivo às exigências de sua carta "severa".

Paulo volta a estes assuntos em 7:5ss., mas antes disso há uma longa digressão (2:14 – 7:4), na qual ele discute a natureza de seu ministério, e como fora sustentado nele em épocas de grande tristeza.

D. Conduzido em Triunfo (2:14-17)

O que Paulo vem dizendo, nesta carta, até este ponto, poderia ser considerado um relato um tanto deprimente de seu ministério. Ele se referiu às aflições sofridas na Ásia, às críticas à sua integridade, às dores experimentadas em Corinto por causa do ofensor e à sua incapacidade para abrir um trabalho missionário em Trôade. Como que para equilibrar este relato um tanto deprimente, Paulo nestes versículos faz ressoar uma nota positiva, ao descrever como Deus em toda parte, e sempre, capacitou-o a desenvolver um ministério eficaz, a despeito das dificuldades.

14. A despeito de todas as dificuldades de sua missão, Paulo é capaz de afirmar: *Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo.* As palavras *nos conduz em triunfo* são tradução de *thriambeuonti hēmas*, cujo sentido exato tem sido objeto de grande polêmica (veja Nota Adicional, pp. 95 - 96). O ponto de vista adotado neste comentário é o de que *thriambeuonti hēmas* entende-se melhor com o sentido de que Deus conduziu a Paulo e seus companheiros como soldados vitoriosos, em marcha triunfal. Esta interpretação permite que os versículos 14-17 funcionem como elemento de equilíbrio das seções precedentes, em que Paulo explora as dificuldades e sofrimentos inerentes ao ministério apostólico. É passagem que não dá apoio a uma abordagem "triunfalista" do ministério cristão, mas descreve-o como carreira vitoriosa em meio ao sofrimento, i.e., a despeito das dificuldades, Deus assegura a eficácia do ministério de Paulo e seus companheiros. Este é um tema importante que percorre todas as páginas de 2 Coríntios.

Paulo descreve seu ministério e o de seus companheiros com as seguintes palavras: *e, por meio de nós,* [Deus] *manifesta em todo*

lugar a fragrância do seu conhecimento. Parece que a imagem da marcha triunfal (durante a qual queimava-se incenso aos deuses, desprendendo-se uma fragrância que rodeava os espectadores bem como os participantes da marcha) partiu do versículo 14 e penetrou nos versículos 15-16.[1] A fragrância exalada pelo ministério paulino era o *seu conhecimento*, i.e., conhecimento de Deus, refletido na face de Cristo (cf. 4:6), a quem Paulo proclama em seu evangelho.

15-16. *Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo.* Paulo pode descrever-se nestes termos porque, mediante a pregação da palavra de Deus (v. 17), ele esparge ao redor a fragrância (perfume) do conhecimento de Cristo. Paulo estende mais a metáfora e descreve as duas possíveis reações à pregação do evangelho, ao acrescentar as palavras: *tanto nos que são salvos, como nos que se perdem.* O cheiro de incenso queimado perante os deuses numa procissão triunfal romana teria conotações diferentes para pessoas diferentes. Para o general vitorioso e seus soldados, bem como para as multidões que aplaudem dando boas-vindas, o perfume estaria associado à alegria da vitória. Todavia, para os prisioneiros de guerra tal perfume só poderia associar-se à fatalidade da escravidão ou morte que os aguardava. De modo semelhante, pois, a pregação do evangelho seria *aroma de vida para vida* para os que crêem, mas *cheiro de morte para morte* para os que se recusam a obedecer. A marcha triunfal tem um contexto que também possibilita a sugestão do significado da referência que Paulo faz a ele próprio como sendo perfume de Cristo *para Deus*. Na procissão romana comemorativa da vitória, o incenso era oferecido aos deuses, embora fossem as pessoas que sentissem a fragrância. De maneira semelhante, embora o principal interesse de Paulo se centralize na reação das pessoas à proclamação do evangelho, ele percebe, no entanto, que a

1. Barrett argumenta que essa figura de linguagem deriva do costume religioso dos sacrifícios (o cheiro das ofertas queimadas, ou do incenso, subia às narinas da divindade). Barrett chama a atenção para as palavras "nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo (*tō theō*)", no versículo 15, argumentando que o "perfume" objetiva primordialmente a Deus, não aos seres humanos. Entretanto, como salienta Furnish, *perfume* (fragrância, aroma), no presente texto, é considerado algo que afeta aos seres humanos, e não a Deus. Além disso, as palavras *tō theō* poderiam ser traduzidas "para Deus", o que resultaria nesta tradução: "nós somos um perfume de Cristo para Deus", i.e., um aroma para Deus "tanto nos que são salvos, como nos que se perdem".

proclamação evangélica agrada a Deus: é o perfume de Cristo para Deus.[1]

17. *Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus.* Paulo deixa a implicação de que o fardo pesado da responsabilidade que o esmaga resulta de ele recusar-se a agir como tantos outros que simplesmente "mercadejam" a palavra de Deus.[2] O verbo empregado na declaração, *não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus*, é *kapēleuō*, cujo sentido literal é "trocar comercialmente" ou "mascatear". À vista dos artifícios desonestos de negociantes inescrupulosos que adulteravam o vinho, adicionando-lhe água, ou utilizavam pesos e medidas falsos, tal verbo veio a sofrer conotações negativas. Portanto, o que Paulo quer dizer aqui é que ele sentiu o tremendo peso da responsabilidade da pregação do evangelho, tão esmagador, porque se recusara a tratar levianamente a palavra de Deus (cf. 4:2), e remover-lhe as condenações do erro, de tal maneira que a estaria mercadejando a fim de obter lucros pessoais. Mais tarde, Paulo haveria de escrever acerca de intrusos judaico-cristãos que chegariam com o objetivo de espreitar os crentes coríntios (11:20). É bem possível que esses homens já estivessem operando subrepticiamente em Corinto, quando os capítulos 1 – 7 estavam sendo redigidos. E talvez Paulo os tivesse em mente, ao mencionar os que andam *mercadejando a palavra de Deus*. A seguir, traçando um contraste entre ele próprio e seus companheiros, com tais pessoas, assim diz Paulo: *antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do*

1. T. W. Manson sugere outra interpretação possível para estes versículos ("2 Co 2:14-17: Suggestion towards an Exegesis", *Studia Paulina*, ed. J. N. Sevenster e W. C. van Unnik (Bohn, 1953), pp. 155-162). Ele cita fontes rabínicas em que a Tora funciona tanto como um elixir da vida (para Israel) e um perfume mortífero (para as nações gentílicas). É nesse contexto que Paulo fala de Cristo como sendo um perfume que produz efeitos diferentes em diferentes pessoas, as que crêem e as que não crêem nele.

2. Nos capítulos 10 – 13, Paulo refere-se a certos falsários que passavam como verdadeiros apóstolos. O próprio Paulo os chama de "falsos apóstolos" e "obreiros fraudulentos", deixando implícito que de fato eram servos de Satanás (cf. 11:12-15). Esses homens orgulhavam-se de suas credenciais judaicas (11:21b-22), e haviam persuadido os coríntios a receberem outro evangelho, diferente (11:1-6). Posteriormente, na carreira do apóstolo, haveria pregadores judaico-cristãos que se aproveitariam do fato de ele estar preso, para pregar de forma tal que causaria aflição a Paulo (Fp 1:15-17). Provavelmente é a tais pessoas que Paulo se refere ao falar de pessoas que estão *mercadejando a palavra de Deus*. A influência dos tais já se fizera sentir em Corinto, quando Paulo escreveu os capítulos 1 – 7, tendo chegado ao ápice à época da redação dos capítulos 10 – 13.

próprio Deus. Apóstolo é aquele que foi comissionado por Deus, isto é, *da parte do próprio Deus*; portanto, deve ele cumprir sua missão *na presença de Deus* e, por fim, prestar contas de si mesmo perante Deus (cf. 5:10-11).

Nota Adicional: O Sentido de "Thriambeuonti Hēmas" em 2:14

A palavra *thriambeuō* encontra-se apenas duas vezes no Novo Testamento (aqui e em Cl 2:15), nenhuma vez na LXX, mas várias vezes em textos extrabíblicos (veja LSJ, MM, BAGD *ad loc.*). Têm sido sugeridas quatro principais sugestões interpretativas de *thriambeuō* seguido de objeto direto, acusativo. (a) Causar o triunfo de alguém. Esta é a tradução que a AV usa, sem todavia ter apoio léxico; foi abandonada universalmente pelos modernos intérpretes. (b) Colocar alguém em destaque, ou à mostra. R. P. Egan apresentou recentemente esta interpretação;[1] esse autor rejeita a associação de *thriambeuō* à procissão triunfal romana, e argumenta que Paulo deseja enfatizar a idéia de abertura, ou de visibilidade, mediante o emprego desse verbo. (c) Conduzir alguém em cativeiro numa procissão triunfal. É a idéia que tem o melhor apoio léxico; a NEB e a GNB traduzem assim, sendo adotada por Hughes e L. Williamson Jr.;[2] em essência, é o ponto de vista adotado por P. Marshall,[3] embora este autor argumente que Paulo teve a intenção principal, ao usar esse verbo, de retratar-se a si próprio como prisioneiro envergonhado. O problema desta abordagem interpretativa é que a idéia de um cativo numa procissão romana, especialmente quando a ênfase recai sobre o cativo como figura cheia de vergonha, não provê o necessário equilíbrio com as seções precedentes, em que Paulo se demora na exposição das dificuldades que sofreu. (d) Conduzir a alguém (e.g., um soldado) em procissão triunfal. Esta interpretação não dispõe de apoio léxico claro, em textos extrabíblicos, mas aparentemente enquadra-se melhor no fluxo de pensamento de Paulo, neste contexto. Esta é a interpretação que subjaz à tradução JB; é a escolha de Allo, Héring, Barrett e Bruce. Proporciona bom sentido à figura de

1. "Lexical Evidence on Two Pauline Passages", *NovT* 19 (1977), pp. 34-62.
2. "Led in triumph", *Int* 22 (1968), pp. 317-332.
3. "A metaphor of social shame: *thriambeuein* in 2 Cor. 2:14", *NovT* 25 (1983), pp. 302-317.

linguagem de aroma/perfume dos versículos 14b-16, i.e., permite ver, aqui, alusões ao incenso queimado em procissões triunfais romanas (havendo evidências, a despeito de Egan negá-las). É esta quarta opção que adotamos neste comentário.

E. Cartas de Recomendação (3:1-3)

Paulo tem muito a dizer, de uma forma ou outra, acerca da recomendação elogiosa dos servos de Deus nesta epístola (veja também 4:2; 5:12; 6:4; 10:12, 18; 12:11). Nesta seção, ele fala sobre cartas de recomendação, declarando que, no caso dos coríntios pelo menos, ele não precisou sacar uma para eles, nem receber outra, deles. Isto não significa que Paulo desaprovasse cartas de recomendação; na verdade, ele próprio recomendou algumas pessoas em suas próprias cartas (cf. Rm 16:1; 1 Co 16:10-11; Fp 2:19-24). Acontece que, como apóstolo fundador da igreja de Corinto, achava que nenhuma carta de recomendação seria necessária a fim de comprovar a autenticidade de seu apostolado àquela igreja; além disso, o fato de haver plantado, com muito sucesso, a igreja em Corinto, podia ser considerado por todos prova suficiente de seu apostolado, de tal maneira que Paulo não precisaria de cartas de recomendação de ninguém.

Todavia, por que razão Paulo levanta essa questão de cartas de recomendação, afinal? Temos de presumir que o fato de ele não trazer consigo uma carta de recomendação a Corinto havia sido pretexto para críticas por parte de alguns obreiros da igreja. É muito provável que o ofensor (o que lhe causara dores, 2:5; o que procedera mal, 7:12), tenha sido aquele que, ao orquestrar seu ataque pessoal contra Paulo, criticou a falta de tal carta. Ao assim proceder, o delinqüente provavelmente recebeu apoio moral pelo menos dos "falsos apóstolos" que já se haviam infiltrado na igreja e que mais tarde se oporiam com toda violência contra Paulo (isto se reflete nos caps. 10 – 13).

1. *Começamos, porventura, outra vez a recomendar-nos a nós mesmos?* Paulo é muito sensível nesta questão de auto-recomendação (cf. 5:12; 10:18). Ele já se havia pronunciado uma vez em defesa própria, nessa carta (1:12-14), e obviamente sente-se relutante em autodefender-se outra vez. Entretanto, a crítica de que ele não apresentara cartas

de recomendação força-o a dizer alguma coisa. Assim é que ele pergunta: *temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós outros, ou de vós?* Outros haviam chegado a Corinto portando tais cartas (e.g., Apolo, cf. At 18:24-28), porque os coríntios precisavam delas. É um absurdo alguém exigir tais cartas de Paulo, para a igreja de Corinto, visto que ele era seu apóstolo fundador. Assim é que a pergunta de Paulo (iniciada pela partícula grega negativa *me*, espera um enfático "não" como resposta.

2. *Vós sois a nossa carta* [de recomendação]. A própria existência da igreja coríntia testificava da eficácia e da autenticidade do ministério de Paulo. Aqueles crentes eram sua carta de recomendação. Tal carta, afirma Paulo, está escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens[1]. A obra de Deus nos corações deles, mediante a instrumentalidade do apóstolo, efetuara uma mudança na vida e na fidelidade deles. Esta mudança em si mesma constituía uma "carta viva" que podia ser lida por todos e conhecida de todos.

3. *Estando já manifestos como carta de Cristo.* Se os coríntios são a carta de recomendação de Paulo, o autor dessa carta é Cristo. Declara Paulo, pois, que ninguém mais senão o Senhor exaltado redigiu aquela carta para seu apóstolo. Todavia, se o autor da carta é Cristo, diz Paulo que ela foi *produzida pelo nosso ministério.* A palavra *produzida* é tradução de *diakonētheisa*, que literalmente significa "pelo ministério de" ou "por obra de". Dentro de uma metáfora de redação de carta (como esta), onde os personagens são um escritor e um escriba copista, uma tradução melhor seria "inscrita". Assim é que Paulo vê os coríntios como "carta viva", ditada por Cristo, mas "inscrita" por Paulo mediante o ministério apostólico da proclamação do evangelho. Paulo adian-

1. A tradução "nossos corações" tem forte base em manuscritos antigos, ainda que alguns comentaristas aceitem a tradução "seus corações", por se encaixar melhor ao contexto.
Se adotada a versão "nossos" (como está na ARA), então a *carta* teria sido escrita no coração de Paulo e de seus seguidores, e presumivelmente consistiria no conhecimento daquilo que Deus tinha feito na vida dos coríntios através da pregação do evangelho. A isto Paulo poderia apelar sempre que suas credenciais fossem questionadas. No entanto, este ponto de vista é difícil de ser conciliado com as afirmações do versículo 2a (*vós sois a nossa carta* [de recomendação]) e do versículo 3 (os quais os proponentes deste ponto de vista teriam de explicar para poder chegar ao significado de que os corações nos quais a carta está escrita sejam o de Paulo e de seus companheiros missionários.

ta-se um pouco mais nessa analogia, dizendo que o trabalho de inscrição foi efetuado *não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente*. Seu ministério fora fortalecido pelo Espírito de Deus, de modo que quaisquer mudanças produzidas nas vidas de seus ouvintes foram executadas pelo Espírito (Rm 15:17-19; 1 Co 2:4-5). No fim do versículo, prosseguindo na argumentação, Paulo muda ligeiramente a metáfora, ao afirmar que a inscrição fora feita *não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações*. Aqui, Paulo abandona o contraste entre a obra de um escriba que usa pena e tinta, e a obra de um apóstolo que ministra no poder do Espírito, e introduz outro contraste, o de escrever em tábuas de pedra e escrever em corações humanos. Este último contraste é claramente uma alusão à descrição profética da nova aliança (cf. Jr 31:31-34; Ez 36:24-32), sob a qual Deus escreveria sua lei nos corações humanos. Esta alusão prepara o caminho para a descrição que Paulo faz de si próprio, e de seus companheiros, como ministros da nova aliança (vv. 4-6), e para a comparação e contraste estendidos entre um ministério sob a antiga aliança e o ministério sob a nova aliança (vv. 7-18).

Convém notar o que está implícito nos versículos 1-3, quanto a uma visão exaltada do ministério. Paulo e seus companheiros tiveram o privilégio de ser os agentes que inscreveram as "cartas vivas" ditadas pelo Cristo exaltado nos corações de homens e mulheres. Os apóstolos receberam a preciosa "tinta" do Espírito para a realização desse ministério. Pela graça de Deus, os resultados conseguidos tornaram-se cartas autenticadoras do ministério, cartas de recomendação do apóstolo que as intermediou.

F. Ministros da Nova Aliança (3:4-6)

É aqui que Paulo responde à pergunta que ele mesmo fez em 2:16 ("Quem, porém, é suficiente para estas cousas?"), mostrando que sua competência como ministro da nova aliança vem de Deus.

4. *E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus.* Estas palavras antecipam o que será dito nos versículos 5-6. A confiança de Paulo baseia-se no fato de que o próprio Deus dá competência a seus servos para desempenharem as tarefas que lhes foram atribuídas, atra-

vés de seu Espírito derramado mediante Cristo. A confiança, ou audácia, era uma das marcas distintivas dos primitivos pregadores do evangelho (cf. At 4:13, 29, 31; 28:31; Ef 6:19; Fp 1:20). Noutra passagem, Paulo fala da confiança como sendo efeito da presença do Espírito no crente, confiança que se contrapõe ao medo e à timidez (Rm 8:15-17; cf. 1 Tm 3:13; 2 Tm 1:7).

5. *Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma cousa, como se partisse de nós.* A confiança de Paulo, no que concerne à competência ministerial, não é autoconfiança; em vez disso, insiste ele em que *a nossa suficiência vem de Deus.* Isto não reflete uma humildade exagerada da parte do apóstolo, mas antes um reconhecimento sóbrio dos fatos. A obra espiritual só pode ser realizada pelo poder de Deus liberado mediante a pregação do evangelho (cf. Rm 15:17-19; 1 Co 1:18 – 2:5).

6. Paulo vai além, na descrição de sua confiança, afirmando que é Deus que *nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança.* A expressão *nova aliança* só se encontra em mais uma passagem, nos escritos de Paulo, i.e., em 1 Coríntios 11:25, onde forma parte da tradição da Ceia do Senhor, que Paulo recebera ("Este cálice é a nova aliança no meu sangue"). Este emprego do termo da parte de Paulo deixa claro que o apóstolo, à semelhança do autor de Hebreus (cf. Hb 9:15-28), considerava a morte de Cristo o fato que estabeleceu a nova aliança. Entretanto, Paulo enfatiza no atual contexto que o ministério da nova aliança é *não da letra, mas do espírito* (a tradução é literal). No passado, isto era interpretado como referindo-se a um ministério que não se focaliza no sentido literal do Antigo Testamento (na "letra"), mas em sua real intenção subjacente (no "espírito"). Todavia, tal interpretação deixa de reconhecer que neste capítulo o que Paulo faz é um contraste entre a lei de Moisés (gravada "com letras em pedras", v. 7) e o Espírito Santo (v. 8), como sendo as principais características pelas quais os ministérios sob a antiga e a nova aliança deverão ser distinguidos.

Paulo, depois de descrever seu ministério como sendo não o de um código escrito, mas o do Espírito Santo, salienta a diferença existente ao acrescentar: *porque a letra mata, mas o espírito vivifica.* Mas como

pode Paulo afirmar que o código escrito mata? Parece que a resposta é que o código escrito (a lei) mata quando usada de modo impróprio, i.e., como um sistema de regras que devem ser observadas a fim de estabelecer a auto-retidão do indivíduo (cf. Rm 3:20; 10:1-4). Usar a lei desta forma inevitavelmente conduz à morte, visto que ninguém pode satisfazer às suas exigências e, portanto, todos ficam sob sua condenação. Por isso, o ministério do código escrito, neste sentido, é um ministério de morte. Entretanto, o ministério do espírito é completamente diferente. É o ministério sob a nova aliança, sob a qual os pecados são perdoados, para nunca mais serem lembrados, e as pessoas são motivadas e capacitadas pelo Espírito Santo a fim de realizar aquilo que a aplicação imprópria da lei jamais poderia conseguir (cf. Jr 31:31-34; Ez 36:25-27; Rm 8:3-4).

É preciso que se enfatize que quando Paulo contrasta o código escrito, que mata, com o Espírito, que dá vida, ele não afirma que houve degradação do papel das Escrituras na vida e no ministério cristãos. O código escrito que mata refere-se à lei de Moisés, usada inadequadamente, como forma de a pessoa estabelecer sua própria retidão perante Deus. As Escrituras e, de modo particular o evangelho que nelas se aninha, são o instrumento primordial mediante o qual o Espírito transmite vida ao povo de Deus.

G. Dois Ministérios: Comparação e Contraste (3:7-18)

Em 3:6, Paulo fala de seu ministério sob a nova aliança do Espírito, e o contrasta com o ministério sob a antiga aliança. Em 3:7-18, o apóstolo, mediante uma exposição de Êxodo 34:29-32 e, depois, de 34:33-35, continua a comparar e contrastar os ministérios sob as duas alianças, a antiga e a nova, a fim de demonstrar a superioridade desta. O principal propósito de Paulo ao fazer isso é salientar o glorioso caráter do ministério que lhe fora confiado e dessa forma explicar por que, a despeito de tantas dificuldades, ele não desanima (cf. 4:1).

O fato de Paulo prosseguir nesse propósito, comparando o esplendor superior de seu ministério sob a nova aliança com o esplendor menor do ministério sob a antiga aliança, pode indicar uma intenção apologética, talvez polêmica, em suas palavras. Se as pessoas que se opunham

a Paulo, cuja oposição se reflete tão vividamente nos capítulos 10 – 13, já haviam começado a exercer sua influência deletéria em Corinto, à época em que Paulo escreveu os capítulos 1 – 7, pode-se entender bem, nesse caso, os matizes apologéticos ou polêmicos desta passagem. Se aquelas pessoas que enfatizavam suas conexões judaicas (cf. 11:21b-22) já estivessem causando problemas, a exposição de Paulo sobre Êxodo 34:29-32 e 34:33-35, que demonstra a inferioridade do esplendor do ministério de Moisés, teria sido escrita com o objetivo de contra-atacar o exagero daquela posição.

A passagem de 3:7-18 divide-se em duas seções. A primeira, dos versículos 7-11, é uma exposição de Êxodo 34:29-32 (que fala da glória que sobreveio por ocasião da concessão da lei, glória refletida na face de Moisés, infundindo temor nos corações dos israelitas). Paulo reconhece que a antiga aliança viera acompanhada de esplendor, mas ao usar um método rabínico de exegese (que parte do menor para o maior), o apóstolo argumenta que a nova aliança veio rodeada de um esplendor bem maior. A superioridade da nova aliança é apresentada sob três aspectos: (a) o ministério do Espírito é mais esplêndido do que o da morte, (b) o ministério da justiça é mais esplêndido do que o da condenação, e (c) o ministério permanente é mais esplêndido do que o que se desvanece.

A segunda seção, versículos 12-18, é uma exposição de Êxodo 34:33-35 (que relata como Moisés cobriu a face após comunicar a lei de Deus aos israelitas, de tal modo que não mais precisassem ter de contemplar aquele brilho). Paulo interpreta isso como tentativa de ocultar dos israelitas a natureza desvanecente do esplendor que acompanhava a antiga aliança. Ele também entende que o véu sobre a face de Moisés é algo análogo ao "véu" que recobre as mentes de muitos judeus seus contemporâneos, incapazes de entender com propriedade a lei de Moisés, quando esta era lida em suas sinagogas. Em contraste, os crentes são os que trazem o rosto descoberto e assim contemplam a glória do Senhor.

1. Exposição de Êxodo 34:29-32 (3:7-11)

7-8. Estes versículos contêm o primeiro de três argumentos com que Paulo afirma a superioridade da nova aliança. Ele começa reconhecendo o esplendor que acompanhava a antiga aliança: *e se o ministério da*

morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente... É uma referência a Êxodo 34:29-32, que descreve a descida de Moisés do monte, com as duas tábuas da lei nas mãos, e o medo que gelou o coração dos israelitas diante do brilho de sua face.

Paulo descreve a lei gravada *com letras em pedras* como sendo *o ministério* (lit.) *da morte*. Entende-se melhor isto à luz de Romanos 7:10, onde o apóstolo diz: "E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte". Embora Levítico 18:5 possa prometer vida a quem guardar a lei, Paulo sabia que ninguém conseguiria guardá-la, e que a lei só poderia pronunciar um veredito de morte sobre o transgressor.

Como não será de maior glória o ministério do Espírito? Diferentemente da lei gravada *com letras em pedras*, incapaz de fazer que a pessoa consiga cumprir suas exigências, o Espírito dado sob a nova aliança na verdade faz que a pessoa ande no caminho dos mandamentos de Deus (cf. Ez 36:27; Rm 8:3-4). Por esta razão, *o ministério do Espírito* é mais glorioso do que *o ministério da morte*.

9. *Porque, se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.* Este é o segundo argumento do apóstolo, partindo do menor para o maior, a fim de demonstrar o caráter muito mais glorioso da nova aliança. Aqui, a antiga aliança é chamada de *ministério da condenação*, refletindo mais uma vez o fato de que a lei que opera sob sua égide só pode trazer condenação aos que deixarem de cumprir suas exigências. A nova aliança é chamada de *ministério da justiça*, visto que, sob sua proteção, aqueles certamente culpados de transgressões são, apesar disso, considerados justos por Deus (cf. Rm 3:21-26). Mais uma vez fica demonstrado que a nova aliança é mais gloriosa do que a antiga, visto que sob a nova aliança a graça de Deus pode ser vista com maior clareza.[1]

1. Alguns têm argumentado que a doutrina da justificação pela fé, longe de ser ponto central do evangelho de Paulo, foi apenas uma idéia que o apóstolo introduziu com propósitos polêmicos, ao enfrentar os judaizantes. Portanto, é digno de nota que aqui, em 2 Coríntios 3, em que Paulo tem a primordial preocupação de enfatizar a glória do ministério que lhe fora confiado, a motivação da doutrina da justificação vem à tona de novo.

10. *Porquanto, na verdade, o que outrora foi glorificado, neste respeito já não resplandece, diante da atual sobreexcelente glória.* O ponto central dos versículos 7-11 encontra-se nesta declaração. Tão grandiosa é a glória da nova aliança, de que Paulo foi feito ministro, que a antiga aliança, de que Moisés fora feito ministro, embora tivesse uma glória que lhe era própria (Êx 34:29-32), agora, por comparação, deixou de vez de ser glória.

11. *Porque, se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente.* Este é o terceiro argumento de Paulo, partindo do menor para o maior, neste contexto. A antiga aliança é descrita aqui como algo *que se desvanecia* (NIV, "estava se desvanecendo", seria melhor). É importante que se reconheça que Paulo não deixa a implicação de que a própria lei estava se desvanecendo; o ministério da lei é que estava se desvanecendo. A lei como expressão da vontade de Deus para a conduta humana ainda é válida. De fato, Paulo diz que o propósito de Deus ao inaugurar a nova aliança do Espírito era exatamente esse: que as exigências justas da lei pudessem ser cumpridas nas pessoas que andam segundo o Espírito (Rm 8:4). Entretanto, o tempo do ministério da lei chegou ao fim (Rm 10:4; Gl 3:19-25).

A nova aliança é descrita como *o que é permanente*, e neste respeito é superior àquilo *que se desvanecia*. A nova aliança do Espírito não deverá ser substituída por outra aliança, como ocorreu à aliança da lei. Por causa de sua permanência, é muito mais gloriosa do que a que tinha caráter transitório.

2. Exposição de Êxodo 34:33-35 (3:12-18)

Nesta exposição, Paulo enfatiza dois assuntos: primeiro, a ousadia de seu próprio ministério, que ele contrasta com o de Moisés, que cobrira a face com um véu; e segundo, o fato de ele próprio ter contemplado a glória de Deus com "rosto desvendado", que o apóstolo contrasta com a cegueira de seus contemporâneos judaicos, sobre cujas mentes ainda permanecia um véu, sempre que a lei de Moisés era lida.

12-13. *Tendo, pois, tal esperança, servimo-nos de muita ousadia no falar.* Esta declaração liga-se à que a precede, no versículo 11, em que a permanência da nova aliança fora enfatizada. A esperança de Paulo

relaciona-se ao caráter permanente da nova aliança de que ele foi feito ministro. Nenhum temor tem o apóstolo de que essa aliança venha a ser substituída, razão por que ele pode ter *muita ousadia* em seu ministério. É a esse respeito que Paulo declara não ser *como Moisés que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.* Paulo podia ser ousado porque ministrava sob as provisões de uma aliança permanente, enquanto Moisés tinha falta de ousadia porque a aliança sob a qual ministrava, bem como sua glória, eram desvanecentes.

Êxodo 34:33-35, texto básico da exposição paulina aqui, não dá indícios de que a razão por que Moisés cobria a face era *para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.* Parece que o apóstolo tira duas inferências, por si mesmo, deste texto: primeira, que o esplendor do rosto de Moisés desvaneceu-se depois de algum tempo;[1] e segunda, que a razão por que Moisés cobriu o rosto foi que desejava ocultar o fim da glória dos olhos dos israelitas. Paulo viu no esplendor desvanecente um símbolo do caráter transitório da antiga aliança, daí inferindo que Moisés, não tendo ousadia porque era ministro de uma aliança desvanecente, cobriu a face para que os israelitas não lhe contemplassem o fim.[2]

14. *Mas os sentidos deles se embotaram.* Parece que o propósito destas palavras objetivou corrigir a impressão de que Moisés seria o culpado da incapacidade dos israelitas para contemplar o esplendor da antiga aliança em sua face. Moisés teria coberto seu rosto, mas era a mente (os sentidos) dos israelitas que estava embotada (cf. Sl 95:8; Hb 3:8, 15; 4:7). Escritos rabínicos de cerca de 150 A.D. afirmam que foram os efeitos do pecado de Israel, ao fazer o bezerro de ouro, enquanto Moisés estava no pico do monte, que determinaram sua incapacidade, pelo medo, de contemplar o brilho na face de Moisés (Str-B 3, p. 515).

1. Escritos judaicos posteriores dizem que esse esplendor na face de Moisés persistiu até a época de sua morte, e permaneceu com ele na sepultura (Str-B 3, p. 515).
2. A palavra usada é *telos*, que pode significar "fim" no sentido de "término", ou "objetivo". Alguns eruditos preferem este último sentido, afirmando que a glória refletida na face de Moisés era a glória de Cristo (preexistente), o objetivo da antiga dispensação; mas o fluxo de pensamento de Paulo aqui exige o primeiro significado, como o reconhece a maioria dos comentaristas.

Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece. A dureza da mente (sentidos) dos israelitas dos dias de Moisés traz à memória de Paulo a dureza que os israelitas de seus próprios dias ainda exibiam, e ele a descreve usando a idéia do véu. Assim como o véu impedia que os antigos israelitas vissem o brilho da face de Moisés, assim também *o mesmo véu permanece*, diz o apóstolo, quando os judeus de sua época põem-se a ler o Antigo Testamento. Estes não conseguiam ver que a antiga aliança chegara ao fim, e que a nova aliança havia sido inaugurada.

Não lhes sendo revelado que em Cristo é removido. Só *em Cristo* é que se remove o véu de sobre a mente das pessoas.[1] Quando um indivíduo se torna crente em Cristo, experimenta imediatamente a remoção do véu da ignorância e incredulidade que antes o impedia de entender o verdadeiro significado do Antigo Testamento, i.e., o testemunho que ele dá de Jesus Cristo, e que a vinda do Senhor pôs um ponto final na antiga aliança.

15-16. O que está dito no versículo 14 é reiterado no versículo 15: *Mas, até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles*, e a seguir, no versículo 16, o apóstolo dá um passo adiante: *Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.* Temos aqui uma adaptação de Êxodo 34:34 ("Porém, vindo Moisés perante o Senhor para falar-lhe, removia o véu"). Depois que Moisés descia do monte, e depois de haver comunicado a mensagem de Deus ao povo israelita, punha o véu sobre o rosto, para que não tivessem que lhe contemplar o brilho ofuscante. Entretanto, quando comparecia perante o Senhor, removia o véu e só o recolocava ao ter de falar ao povo. Paulo aplica esse fato a seus contemporâneos judaicos ao dizer que, se qualquer um deles voltar-se para o Senhor, o véu será removido de sua mente.

1. Presume-se que quando Paulo diz *em Cristo é removido*, está-se referindo ao véu. Outros comentaristas sugerem que o que se removeu foi a antiga dispensação, anulada por Cristo. A favor da primeira hipótese pode-se argumentar que o véu é o assunto do versículo 14a e, portanto, presume-se que também seja o assunto do versículo 14b, e que o véu ainda é o assunto principal de Paulo nos versículos 14-16. A favor da segunda hipótese, argumenta-se que no contexto mais amplo (vv. 7ss.) é a antiga dispensação que está sendo anulada, e que isto deveria conduzir a exegese do versículo 14a. O mesmo verbo *katargeō* ("anular") é empregado em ambos os lugares. Se Paulo quisesse dizer que o véu fora removido, teria usado o verbo *periaireō* ("remover"), como o faz no versículo 16.

Normalmente, quando Paulo emprega a palavra Senhor, refere-se a Cristo. Aqui, todavia, estando fazendo uma adaptação do texto de Êxodo 34:34 (segundo a versão LXX), este título refere-se a Deus. Podemos acrescentar que para Paulo, somente mediante Cristo, agora, é que uma pessoa pode vir a Deus, visto que a glória de Deus brilha na face de Cristo (cf. 4:4, 6). Entretanto, no presente contexto, o título Senhor refere-se a Deus.

17. *Ora, o Senhor é o Espírito.* Estas palavras têm suscitado muito debate. Se *o Senhor* referir-se a Cristo, podemos perguntar se Cristo é igual ao Espírito – com todas as implicações que tal identificação traria à doutrina da Trindade. Todavia, o significado dessa declaração só pode ser determinado quando o vemos no contexto mais amplo da discussão de Paulo, neste capítulo.

É preciso que nos lembremos de que o principal interesse de Paulo no capítulo 3 é salientar a glória superior da nova aliança do Espírito (cf. vv. 3, 6, 8, 18), que ele contrasta com a glória inferior da antiga aliança da lei. Os judeus contemporâneos a Paulo relacionavam-se com Deus mediante a lei, mas os crentes relacionam-se com Deus mediante o Espírito. Além disso, é preciso que nos lembremos de que no versículo 16 "o Senhor" refere-se a Deus, não a Cristo, pelo que as mesmas palavras do versículo 17 devem ser entendidas da mesma maneira. A ênfase de ambos os versículos, portanto, é que quando as pessoas se voltam para Deus, remove-se o véu de sobre suas mentes, e elas entendem que se acabou o tempo da antiga aliança da lei, iniciando-se a era da nova aliança do Espírito. Assim é que, quando sob a nova aliança, elas se voltam para o Senhor, e conhecem-no como o Espírito. A expressão *o Senhor é o Espírito* não significa identificação de duas pessoas iguais; antes, é um modo de dizer-se que sob a nova aliança o Senhor *para nós* é o Espírito.

E onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. Esta declaração também precisa ser entendida no contexto global do capítulo 3, em que a nova aliança do Espírito é contrastada com a antiga aliança da lei. Sob a nova aliança, em que o Espírito é a força operacional, há liberdade. Sob a antiga aliança, em que reina a lei, há escravidão.

Quando as pessoas vivem sob a antiga aliança, como alguns dos contemporâneos de Paulo (procurando aceitação diante de Deus pelas obras da lei), não há liberdade. Mas as exigências da lei não podem ser cumpridas e, por isso, tais pessoas permanecem sob a condenação da lei. Entretanto, sob a aliança do Espírito, há liberdade. Já não há memória de pecados (Rm 4:6-8), e nenhuma condenação para o pecador (Rm 8:1). O Espírito mesmo dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8:15-16), e mediante o andar no Espírito, as exigências justas da lei são satisfeitas em nós (Rm 8:3-4). Uma liberdade assim dá ensejo à ousadia, pelo que nos versículos 12-13 Paulo diz que tem "muita ousadia" (no trato com os coríntios), diferentemente de Moisés, a quem faltava tal ousadia (no trato com os israelitas).

18. *E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor.* Mais uma vez Paulo se volta para a exposição de Êxodo 34:33-35 (em que ficamos sabendo que Moisés removia seu véu antes de comparecer perante o Senhor). Conquanto a Moisés talvez faltasse ousadia perante os israelitas, pelo que cobria o rosto com um véu (v. 13), ao comparecer perante o Senhor ele o fazia com muita confiança e liberdade, simbolizadas na remoção do véu.[1] Portanto, à semelhança de Moisés, Paulo e todos os crentes chegam-se a Deus em confiança e liberdade *com o rosto desvendado*, e ainda à semelhança de Moisés eles contemplam a *glória do Senhor*. Para exprimir esta última, Paulo emprega o particípio verbal *katoptrizomenoi*. A forma média do verbo *katoptrizō* em geral significa "olhar-se a si próprio, ou a algo, como num espelho", embora haja evidências de que também possa significar "refletir como num espelho". Entretanto, a idéia de contemplar enquadra-se melhor no contexto. Em Êxodo 34:33-35, texto básico da exposição paulina aqui, lemos que quando Moisés comparecia perante o Senhor é que sua face era desvendada, e nesse momento ele ficava contemplando (em vez de refletindo) a glória do Senhor. Mais ainda, a idéia de Paulo de que *somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito* (v. 18b) entende-se melhor se esta transformação ocorrer

1. W. C. van Unnik (" 'With unveiled face', an exegesis of 2 Corinthians iii 12-18", *NovT* 6 (1963), p. 161) provê algumas evidências de que em textos rabínicos primitivos " 'cobrir a face' é sinal de vergonha e tristeza; 'descobrir a cabeça' significa confiança e liberdade".

enquanto os crentes estão contemplando (em vez de refletindo) a glória de Deus. Finalmente, em 4:6, certamente é a contemplação da glória de Deus que Paulo tem em mente.

Se pudéssemos perguntar a Paulo de que maneira os crentes contemplam a glória de Deus, sua resposta haveria de ser que eles o fazem quando o "véu" é removido de suas mentes, de tal modo que o evangelho deixa de estar oculto deles. Assim é que à "luz do evangelho" é que eles contemplam "a glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus", e vêem a "iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (4:3-6).

E todos nós... somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem. É importante notar que a transformação na imagem do Senhor não acontece num certo ponto do tempo, mas trata-se de um processo contínuo. O verbo *metamorphoumetha* ("somos transformados") está no tempo presente, indicando a natureza contínua dessa transformação, enquanto as palavras *de glória em glória* enfatizam sua natureza progressiva. O verbo *metamorphoō* só se encontra em outros três lugares em todo o Novo Testamento. Foi empregado para descrever a transfiguração de Jesus, em Mateus 17:2 e Marcos 9:2; e Paulo o usa em Romanos 12:2 para denotar transformação moral ("E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente").

Noutras passagens, Paulo fala com freqüência na transformação dos crentes, embora empregue outras palavras, em vez de *metamorphoō*. Em certos casos, ele tem em mente a futura transformação do corpo dos crentes, que ficará semelhante ao corpo glorioso de Cristo (1 Co 15:51-52; Fp 3:21). Noutros casos, trata-se claramente de uma transformação moral na presente vida (Rm 6:1-4; 2 Co 5:17; Gl 6:15). Os profetas do Antigo Testamento que falaram por antecipação da nova aliança, previram uma transformação moral das pessoas que haveriam de passar por tais bênçãos (Jr 31:33; Ez 36:25-27); Paulo viu esta expectativa cumprir-se nas vidas de seus convertidos (1 Co 6:9-11; 2 Co 3:3). Estas últimas referências, juntamente com Romanos 12:2 mencionado acima, dão-nos a pista para o significado que Paulo atribui àquela palavra no presente contexto. A transformação contínua e progressiva, mediante a qual os crentes mudam *de glória em glória,* é a transformação moral que vai ocorrendo em sua vida, de tal modo que vão

adquirindo mais e mais a semelhança de Deus, perfeitamente expressa na vida de Jesus Cristo.

Somos transformados... como pelo Senhor, o Espírito. Esta referência ao *Senhor, o Espírito*, pode significar "a Deus", presente sob a nova aliança e experimentado pelos crentes como o Espírito (veja comentário sobre v. 17). A atividade do Espírito é a maior característica da nova aliança, e a transformação dos crentes é totalmente atribuível à sua obra em suas vidas (cf. Rm 8:1-7).

H. A Conduta de Paulo em seu Ministério (4:1-6)

Em 3:7-18, Paulo delineou algo da glória do ministério que lhe fora confiado. Era o ministério do Espírito que traz vida, justiça e transformação de caráter a todos que crêem no evangelho. Em 4:1-6, Paulo nos diz como ele se conduz e proclama o evangelho, à luz do grande privilégio de ter recebido tal ministério. Ele também nos conta como a mente de algumas pessoas ainda estão embotadas perante esse evangelho, e conclui explicando o conteúdo do seu evangelho – Cristo é Senhor – e também afirmando que a glória de Deus brilha na face do Cristo que ele proclama.

1. *Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia...* Com estas palavras, a atenção dos leitores é conduzida de volta ao ministério da nova aliança, cuja glória Paulo havia delineado em 3:7-18. O apóstolo estava bem consciente de que recebera esse ministério somente pela *misericórdia que nos foi feita* [por Deus], visto que ele jamais se esquecera de que havia sido antes um perseguidor da igreja de Deus (cf. 1 Co 15:9-10; 1 Tm 1:12-16). A consciência de tão grande ministério não fez que o apóstolo desanimasse (*não desfalecemos*), a despeito das muitas dificuldades e sofrimentos que experimentara no desempenho desse ministério.

2. Por causa da grandeza do ministério que lhe fora confiado, Paulo rejeitou (renunciou) *as cousas que, por vergonhosas, se ocultam.* O significado disto extravasa tanto negativa quanto positivamente no resto do versículo.

Na forma negativa, Paulo diz que rejeita a *astúcia* (*não andando com astúcia*). Ele emprega a palavra *astúcia* (*panourgia*) outra vez em

11:3, onde ele se refere à "serpente" que "enganou a Eva com a sua astúcia". Paulo afirma que não estava tentando enganar mediante astúcia, em sua pregação do evangelho, *nem adulterando a palavra de Deus*. O verbo traduzido por *adulterando* (*doloō*) só se encontra aqui no Novo Testamento. É empregada nos papiros a respeito da diluição do vinho com água, o que sugere que Paulo teria em mente a corrupção da palavra de Deus mediante mistura com idéias estranhas (veja comentário de 2:17).

De forma positiva, Paulo declara: *Antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.* O contraste entre a prática da astúcia e a recomendação à consciência, e entre a palavra de Deus, que teria sido adulterada, e a verdade pura, é muito claro. Pela sua apresentação franca e sincera da verdade, Paulo se recomenda *à consciência de todo homem.* Para o apóstolo, consciência é aquela faculdade humana pela qual uma pessoa aprova ou desaprova suas ações (tanto as intencionadas como as já praticadas), e também as ações de terceiros (veja comentário sobre 1:12). Assim é que pela natureza franca e sincera de seu ministério, Paulo conclama a aprovação por todas as pessoas, convencido de que, enquanto forem fiéis às suas consciências, tais pessoas serão forçadas a reconhecer que ele sempre agiu com integridade. As palavras *na presença de Deus* trazem-nos à lembrança que o apóstolo, embora preocupado com seu ministério, e com que sua conduta se recomendasse às consciências das pessoas, na verdade está interessado em ministrar apenas de maneira que tenha a aprovação de Deus. Em 1 Coríntios 4:3-4 o apóstolo chega a dizer o seguinte: "a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano... pois quem me julga é o Senhor".

3-4. É difícil saber por que Paulo, tendo acabado de referir-se à *manifestação da verdade,* abertamente, passa de imediato a discutir o fato de ela estar encoberta: *mas se o nosso evangelho ainda está encoberto.* É possível que Paulo tivesse sofrido críticas, visto que seu evangelho havia sido rejeitado por tantas pessoas (de modo especial os de sua própria nação, cf. At 13:44-45; 17:5-9; 18:5-6, 12-31; 19:8-9). Se o apóstolo estiver respondendo a tais críticas, sua resposta então é

que o evangelho está encoberto por causa das condições de seus ouvintes: *é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos.* O problema localiza-se não na proclamação de Paulo, mas nas mentes daqueles que a rejeitam, mentes que foram entenebrecidas pelo deus deste mundo. No capítulo 3, Paulo falou do véu sobre as mentes de seus contemporâneos judeus, o qual lhes impedia de entender suas próprias Escrituras. É bem provável que as palavras *é para os que se perdem que está encoberto,* no atual contexto, também se refiram primordialmente aos mesmos judeus. Certamente esta idéia enquadra-se na sugestão segundo a qual Paulo estaria dando uma resposta às críticas de que a maioria de seus contemporâneos judeus, seus patrícios, não estava aceitando seu evangelho. Todavia, fica bem claro de outras referências em 2 Coríntios que o apóstolo de maneira alguma viu as atividades do deus deste século (Satanás) como estando restrita aos judeus apenas (cf. 2:11; 11:3, 14).

Em todos os lugares onde Satanás (ou, como aqui, *o deus deste século,* é mencionado em 2 Coríntios, ele é descrito como procurando febrilmente prejudicar a obra de Deus. Entretanto, devemos lembrar-nos de que Satanás só consegue desenvolver tais funções mediante permissão divina, e que a cegueira mental que lhe é permitido infligir em qualquer época pode ser desfeita por um raio de luz, se Deus assim o desejar. É claro que isto constituía experiência própria de Paulo. Em sua cegueira ele perseguiu a igreja de Deus até o momento em que Deus foi servido revelar nele seu Filho (cf. At 9:1-19; Gl 1:13-17).

Para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Esta é uma passagem, dentre três da correspondência coríntia, em que Paulo revela algo do conteúdo do evangelho que ele pregava (cf. também 1 Co 1:17-18, 23; 15:3-4). Paulo enfatiza que o evangelho diz respeito à *glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.* É bem provável que haja aqui uma alusão à criação do homem, em Gênesis 1:26: ("Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"), de modo especial à luz do fato que Paulo na verdade fala de Cristo como o "último Adão", comparando-o e contrastando-o com o "primeiro Adão" (1 Co 15:45-49). Também pode haver aqui uma alusão à literatura sapiencial de Israel, visto que nela a Sabedoria é personificada e suas glórias celebradas: "Porque ela

é um reflexo da luz eterna, um espelho imaculado da obra de Deus e uma imagem de sua bondade" (Sabedoria de Salomão 7:26). O fato de noutra passagem Paulo atribuir a Cristo o papel criativo, papel esse que a literatura sapiencial israelita atribui à Sabedoria (cf. Pv 8:22-31 e Cl 1:15-20), fortalece muito a possibilidade de tal alusão. Amalgamando as duas possíveis alusões, sugeriu-se que, para Paulo, Cristo é a semelhança de Deus, segundo a imagem de Adão, no que concerne à sua humanidade; e Cristo é a semelhança de Deus segundo a imagem da Sabedoria, no que concerne à sua transcendência.

5. *Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor.* Esta declaração pode ser polêmica ou apologética, talvez ambas. Seria apologética se Paulo estivesse respondendo às críticas segundo as quais em sua pregação ele se coloca na frente, i.e., o apóstolo estaria mais interessado em estabelecer sua autoridade de apóstolo do que em proclamar o evangelho. Seria polêmica se Paulo estivesse implicando que, diferentemente de outros que se colocam a si mesmos na frente, em sua pregação, ele estaria pregando o senhorio de Cristo. Diga-se de passagem, essa declaração também revela um pouco mais a respeito do conteúdo do evangelho de Paulo: a apresentação de *Jesus Cristo como Senhor*. Em 1 Coríntios 1:23 diz Paulo: "nós pregamos a Cristo crucificado", que, à semelhança de *Jesus Cristo como Senhor*, que aqui encontramos, é um sinal indefectível sobre o âmago do evangelho de Paulo. No evangelho, o senhorio de Cristo é proclamado e as pessoas são convocadas a render-lhe fidelidade; todavia, aquele a quem devem submeter-se é também o que fora crucificado, e morrera por essas pessoas. Estes dois elementos básicos do evangelho precisam ser sempre tomados em conjunto; caso contrário, o próprio evangelho fica desfigurado.

E a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus. Bem ao contrário da idéia de que, em sua pregação, Paulo promove sua própria autoridade e importância, ele diz que se considera servo daqueles a quem prega (cf. 1:24). Entretanto, isto não deve ser mal entendido, de modo que eles seriam tidos como seus senhores. Paulo reconhece apenas um Senhor, e é em obediência a ele que vai servindo à humanidade.

6. É a própria grandeza da glória de Cristo, que Deus revelou a Paulo, que assegura que Paulo pregue não a si mesmo, mas a Jesus Cristo como Senhor. *Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz.* Esse texto parece lembrar Gênesis 1:3 ("Disse Deus: Haja luz") e, se assim for, Paulo assemelha a revelação da glória de Deus, em Cristo, ao ato criativo de Deus, mediante o qual a escuridão do mundo foi banida pela luz. Da mesma forma, a escuridão da ignorância em que as pessoas são mantidas pelo deus deste mundo é banida quando, mediante um ato criativo, Deus faz brilhar nos seus corações a luz do evangelho.

Há um texto alternativo, de melhor padrão, entre os manuscritos gregos que diz o seguinte: "Porque foi o Deus que disse: 'uma luz brilhará na escuridão' ". Neste caso, Paulo poderia estar aludindo à profecia concernente à terra de Zebulom e Naftali, em Isaías 9:2 ("O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte resplandeceu-lhes a luz"), que se aplica ao ministério de Cristo, em Mateus 4:15-16 e Lucas 1:79.

Ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Aqui se entende a conversão como sendo iluminação, um resplendor que revela a verdadeira natureza de Cristo, alguém em cuja face se vê a glória de Deus. A própria conversão de Paulo pode bem tê-lo levado a pensar desta forma (Gl 1:13-17; cf. At 9:1-9).

Antes de deixarmos esta passagem, é bom que observemos com cuidado a grandiosa visão de Cristo que Paulo retrata, a qual fica implícita pelas referências nos versículos 4 ("a imagem/semelhança de Deus") e 6 (*a glória de Deus na face de Cristo*). É verdade que a humanidade em geral foi criada à imagem de Deus (cf. Gn 1:26), imagem que subseqüentemente se tornou manchada pelo pecado, sendo agora restaurada pela graça (cf. 3:18). Entretanto, a visão de Cristo que se reflete nas palavras de Paulo, nos versículos 4, 6 envolve muito mais do que isso. A visão de Paulo é descrita com maior clareza em Colossenses 1:15-20, em que Cristo é visto não apenas como a imagem de Deus (v. 15), mas também como o agente de Deus na criação e na providência (vv. 16-17), é o Senhor da igreja (v.18) e "aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude [de Deus]" (v. 19).

Ao manter tão exaltada visão de Cristo, Paulo não é o único entre os autores do Novo Testamento. Encontra-se uma Cristologia exaltada semelhante em, e.g., João 1:1-4 e Hebreus 1:1-4.

I. Tesouro em Vasos de Barro (4:7-12)

Tendo falado da luz gloriosa do evangelho em 4:1-6, Paulo contrasta, em 4:7-12, esse evangelho com a fraqueza daqueles que o pregam. Essa verdade é declarada como princípio genérico no versículo 7, ilustrada nos versículos 8-9 e declarada outra vez como princípio nos versículos 10-11, sendo o princípio estendido no versículo 12.

7. *Temos, porém, este tesouro em vasos de barro.* Vasos de barro eram artigos encontrados virtualmente em todos os lares do antigo oriente médio. Eram baratos, e quebravam-se com facilidade. Diferentemente de vasos metálicos (que podiam ser consertados), ou de vidro (que podiam ser derretidos, e o material reaproveitado), tais vasos de barro, uma vez quebrados, tinham que ser atirados no lixo. Portanto, eram de baixo custo e de baixo valor intrínseco. Talvez Paulo tivesse em mente as pequenas lamparinas de barro, para azeite, adquiríveis por umas moedas em qualquer bazar local. Se isso for verdade, "a luz do evangelho" seria o tesouro, e os apóstolos, em sua fragilidade, seriam as lamparinas de barro, portadoras da luz que iluminaria o mundo todo.

Esse contraste entre o *tesouro* e os *vasos de barro* que o contêm objetiva (*hina*) mostrar *que a excelência do poder* [*é*] *de Deus e não de nós*. Em 1:9, Paulo testemunha que a aflição que ele experimentou na Ásia ensinou-lhe uma lição: "Que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos". De modo semelhante a fragilidade dos mensageiros demonstra aqui, não tanto perante os apóstolos, mas antes perante o mundo, *que a excelência do poder* [*é*] *de Deus e não de nós*.

8-9. O princípio geral enunciado no versículo 7 é ilustrado aqui numa série de quatro declarações paradoxais. Elas refletem, de um lado, a vulnerabilidade de Paulo e de seus companheiros, e por outro lado, o poder de Deus que os sustenta. *Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos.* Quanto ao tipo de experiências concretas a que estes versículos aludem, veja 11:23-33.

10-11. Após as ilustrações tiradas de suas experiências, Paulo declara novamente, em duas coplas, o princípio já enunciado no versículo 7. A imagem (morte e vida de Jesus) é diferente, mas o princípio é o mesmo.

Na primeira copla (v. 10), o apóstolo diz: *Levando sempre no corpo o morrer [nekrōsin] de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo [sōmati]*. Na segunda copla (v.11), diz ele: *somos sempre entregues à morte [thanaton] por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal [sarki]*. A substituição de *thanaton* e *sarki* por *nekrōsin* e *sōmati*, respectivamente, quase com toda certeza é de natureza estilística, não substancial; uma vez reconhecido isto, o paralelismo íntimo entre as duas coplas torna-se óbvio.

O sentido de Paulo experimentar a morte e a vida de Jesus, como o contexto geral deixa bem claro, não deve ser interpretado de modo místico, mas muito concretamente. Apanhado em aflições e perseguições, Paulo se via continuamente exposto à morte. É o que lemos em Romanos 8:36: "Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro". Todavia, quando o apóstolo concorda em ser entregue "à morte o dia todo", ele passa a compartilhar, dessa maneira, o destino de Jesus (cf. Cl 1:24), e ao mesmo tempo descobre que a vida oriunda da ressurreição do Senhor manifesta-se em seu corpo (cf. 6:9). Assim é que aquele que proclama o Senhor crucificado e ressurreto descobre que o que é proclamado em sua mensagem também se torna exemplificado em sua vida. Por um lado, o pregador é diariamente submetido a forças que o arrastam para a morte, mas, por outro lado, ele é continuamente amparado, levado em triunfo, e torna-se mais do que vencedor, pela experiência da vida oriunda da ressurreição de Jesus que opera em seu corpo mortal (cf. Rm 8:35-39; 2 Co 1:8-10; Fp 3:10; 4:12-13).

12. *De modo que em nós opera a morte; mas em vós, a vida.* Esta declaração sumária conduz aquele pensamento um pouco mais longe. A exposição diária a forças conducentes à morte é experiência comum para Paulo; todavia, acompanha-o a contínua manifestação da vida de Jesus, não apenas objetivando sustentá-lo mas também operar por seu intermédio, e levar a vida a outras pessoas.

J. O Espírito de Fé (4:13-15)

Nestes versículos, Paulo nos diz como, a despeito das aflições a que se referiu na seção anterior, ele ainda opera num espírito de fé. Tal fé é fortalecida pelo conhecimento de que o apóstolo ressurgirá com o Senhor Jesus. Paulo inclui os coríntios, afirmando que todos juntos serão conduzidos à presença de Deus. Tudo isto é para a glória dos coríntios, de modo que, à medida que a graça de Deus se estende a eles mais e mais, aumentam as ações de graça, para a glória de Deus.

13. Paulo compara sua fé em Deus à fé que o salmista depositava no Senhor, em meio a sofrimentos. O apóstolo cita textualmente Salmo 115:1 (LXX), ao dizer: *"Eu cri, por isso é que falei", também nós cremos, por isso também falamos.* Em nossas edições da Bíblia em português, que se baseiam no texto original hebraico, a referência é ao Salmo 116:10. Há certa divergência entre a LXX e o texto hebraico, neste ponto. Todavia, o que Paulo deseja enfatizar é perfeitamente claro: *nós também cremos e, por isso, falamos.* À semelhança do salmista, a fé de Paulo em Deus persiste, a despeito de sofrimentos e, nessa fé, ele prossegue falando, i.e., proclamando a palavra de Deus (cf. 2:17).

14. *Sabendo que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará convosco.* A fé de Paulo é fortalecida pelo conhecimento de que o Deus que ressuscitou a Jesus dentre os mortos também o ressuscitará com Jesus. Em 1 Coríntios 15:20-23, Paulo referiu-se à ressurreição de Jesus como sendo as primícias, sinais da colheita completa que há de sobrevir. Foi Deus quem colheu as primícias, e é certo que tomará conta de toda a grande colheita. É essa certeza que encoraja o apóstolo em meio de suas atuais dificuldades (Rm 8:11, 17).

E nos apresentará convosco. A ressurreição não é um fim em si mesma. É apenas o portal conducente à imortalidade na presença de Deus. Paulo aguarda aquele dia, quando através da ressurreição ele se levantará ao lado de seus convertidos na presença de Deus (cf. 1:14; Fp 2:16; 1 Ts 2:19).

15. Assim diz Paulo aos coríntios, a respeito de todos os seus labores e sofrimentos apostólicos, e da fé que o sustentou em meio dessas

provações: *todas as cousas existem* [as que eu sofri] *por amor de vós*, i.e., para que os coríntios pudessem experimentar a graça de Deus que se fez conhecida pela pregação do evangelho. Todavia, há mais uma razão por que Paulo suporta aflições: *Que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graça por meio de muitos, para glória de Deus*. Portanto, aqui temos o penúltimo propósito (*por amor de vós*) e o último (*a glória de Deus*) do ministério apostólico de Paulo. O povo é que deve experimentar a graça de Deus (penúltimo propósito) e, como resultado disso, louvor e gratidão deveriam ser prestados para a glória de Deus (último propósito).

L. O Objeto da Fé (4:16 – 5:10)

1. Por isso não desanimamos (4:16-18)

Em 4:1, Paulo afirma que não desanima, porque percebera a grandeza do ministério que lhe fora confiado. Em 4:16-18, ele diz que não desanima, porque embora as aflições afetem o homem exterior, que por isso se desgasta, o homem interior se renova a cada dia. Além disso, as aflições são leves e momentâneas, comparadas com o peso e o caráter eterno da glória que ele vai experimentar um dia. Paulo suporta as aflições da era presente, neste mundo visível, porque mantém diante de seus olhos as glórias do mundo a ser desvendado.

16. *Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia.* Essa corrupção que ataca a natureza externa relaciona-se às aflições de Paulo (v. 17; cf. vv. 8-12). Assim é que, por um lado, Paulo encontra perseguições debilitadoras que lhe afetam o corpo físico, mas, por outro lado, ele experimenta renovação e fortalecimento diários em seu *homem interior* (cf. Ef 3:16). Essa expressão, *homem interior*, é sinônimo de "coração" para Paulo, denotando o centro da pessoa, a fonte da vontade, das emoções, pensamentos e afetos. O melhor comentário sobre o fortalecimento do *homem interior* encontra-se na oração de Efésios 3:14-19. Ali, o *homem interior* se fortalece quando, mediante o Espírito, Cristo mora na pessoa, que passa a estar enraizada e fundamentada no amor de Deus.

Alguns eruditos deduziram, a partir deste versículo, que Paulo adotava uma visão dualística da constituição humana, a qual considera

o *homem interior* (a alma) como estando destinado à imortalidade, e o *homem exterior* (o corpo), a parte que se desfará. Entretanto, o resto dos escritos de Paulo a respeito da escatologia da pessoa deixa bem claro que ele contemplava a existência futura não em termos de alma desencarnada, mas como pessoa integral – dotada de um corpo ressurreto. Paulo anseia não pela liberdade de uma alma imortal liberta das algemas e ferrolhos do corpo, mas pela vida na presença de Deus num corpo ressurreto (cf. 1 Co 15:35-38; 2 Co 5:1-5).

17-18. Paulo prossegue, dando mais algumas razões por que não desanima em meio às aflições. É que *nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação.* É claro que as aflições de Paulo não eram leves e tampouco momentâneas. Eram virtualmente um fardo, e companheiras constantes de seu ministério. Entretanto, por comparação com o caráter eterno e pesado da glória que lhe estava reservada, Paulo via suas aflições como sendo leves e momentâneas (cf. Rm 8:17-23). O apóstolo também viu uma conexão entre as aflições suportadas e a glória a ser experimentada. O versículo 17, traduzido de modo um pouco mais literal, diria algo assim: "porque nossa leveza temporária de aflição está produzindo para nós um eterno peso de glória inteiramente desproporcional [a essa aflição]". A aflição "está produzindo" a glória que há de ser revelada. De que forma haveremos de entender a conexão causal entre as duas realidades? Primeiramente é preciso entender que tal conexão também é feita em Romanos 8:17 (somos "co-herdeiros com Cristo: se com ele sofrermos, *para que* também com ele sejamos glorificados"). Em segundo lugar, precisamos entender que entre os judeus contemporâneos de Paulo havia uma crença segundo a qual a era messiânica sobreviria mediante uma medida definida, predeterminada, de aflições que seriam experimentadas pelo povo de Deus. Tais aflições eram conhecidas como as dores de parto do Messias (cf. Mc 13:3-8, 17-20, 24-27 e passagens paralelas de Mt 24 e Lc 21). É a idéia de que as aflições dos últimos dias são as dores de parto da era nova que está por detrás da declaração de Paulo de que uma coisa "produz" a outra. A declaração mais clara a este respeito nós a encontramos em Romanos 8:22-23, em que Paulo fala da nova criação, incluindo homens e

mulheres cristãos, todos nós que "igualmente gememos em nosso íntimo" enquanto aguardamos a adoção, e a redenção de nossos corpos.

Na prática, tudo isto significa que se os cristãos estiverem preparados para identificar-se com Cristo num mundo decaído, e aceitar quaisquer sofrimentos e aflições que assim possam vir a encontrar, compartilharão sua glória.

Não atentando nós nas cousas que se vêem, mas nas que se não vêem. Paulo não desanima ainda que se veja exposto à perseguição e testemunhe "que o nosso homem exterior" se corrompe (v. 16), i.e., seu corpo vai desmoronando aos poucos. Isto acontece, não só porque sua natureza íntima está continuamente sendo renovada, mas também porque seu coração firmou-se não sobre aquilo que se vê, mas no que é invisível. Quando ele contrasta as coisas que se vêem com as que não se vêem, não se põe a contrastar coisas visíveis com coisas inerentemente invisíveis. Antes, o contraste é entre o que *agora* é visível e o que por enquanto *ainda não* é visível, mas estão próximas de serem reveladas, i.e., no dia da revelação de Jesus Cristo e seu reino, em sua segunda vinda (cf. Rm 8:24-25; Cl 3:1-4; Hb 11:1-3).

Há algo, relacionado às coisas perto de revelar-se e que no momento presente são invisíveis, que fortalece a resolução de Paulo de não se deixar desanimar. É que, diferentemente de tudo que pode ser visto agora, as coisas *transitórias*, aquilo que hoje não é visível, mas que em breve será revelado, é *eterno*. O presente mundo, inclusive "o homem exterior", o corpo físico do cristão, submete-se à decadência, a saber, à corrupção; todavia, o mundo vindouro, inclusive o glorioso corpo da ressurreição dos crentes, é eterno e incorruptível (cf. Rm 8:19-23; Fp 3:20-21).

2. A Habitação Celestial (5:1-10)

Com freqüência esta passagem é estudada isoladamente do resto de 2 Coríntios, por causa de sua importância óbvia na compreensão dos pontos de vista de Paulo acerca da vida após a morte. Entretanto, na busca de um entendimento adequado de 5:1-10, é essencial que a passagem seja vista em seu contexto, de modo especial em relação ao que a antecede de imediato, porque de fato 4:16 – 5:10 constitui uma seção integrada. É à luz da "degradação" do "homem exterior" (4:16),

e o fato de que "a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória" (4:17) que Paulo prossegue, explicando que é que ele aguarda, depois que "a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer" (5:1).

1. De muitos modos este versículo é o âmago da passagem toda. A forma como a pessoa interpreta este versículo determina, em grande parte, sua compreensão dos que se seguem. Ao procurar entender o versículo 1, é importante reconhecer que a partícula *se* (*gar*) indica que o que se segue está intimamente relacionado com o que a precede (i.e., a nossa leve e momentânea tribulação, que nos prepara para um eterno peso de glória).

Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer. Paulo não emprega aqui a palavra usual para tenda (*skēnē*), que se encontra profusamente na LXX e várias vezes no Novo Testamento. Em vez disso, ele emprega a palavra *skēnos*, que se encontra apenas duas vezes no Novo Testamento (aqui e no v. 4), e apenas uma vez na LXX (Sabedoria de Salomão 9:15), onde é usada em sentido figurado, referindo-se ao corpo humano. Também é empregada nos papiros desta maneira. Isto nos sugere com muita força que *skēnos* deveria ser interpretada da mesma maneira aqui, o que se confirma pelo contexto geral de 4:16 – 5:10, em que Paulo está preocupado com a "degradação" do "homem exterior", pelas perseguições e sofrimentos que lhe afligem o corpo. Podemos concluir, pois, que na primeira parte deste versículo Paulo se refere ao resultado final desse processo, i.e., a destruição do corpo na morte. Em qualquer tempo suas aflições cresceriam tanto, que resultariam em sua morte.

Paulo está ciente de que *nossa casa terrestre* pode ser facilmente destruída, mas, diz ele, se isso vier a acontecer, *temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus.* Se é verdade que a maioria dos eruditos concorda em que o versículo 1a se refere à destruição do corpo, tal concordância deixa de existir acerca do sentido do versículo 1b. Sugerem alguns que as palavras *da parte de Deus um edifício* constituem uma imagem de templo, e lembram as acusações assacadas contra Jesus, ao ser julgado: "Nós o ouvimos declarar: Eu

destruirei este santuário edificado por mãos humanas e em três dias construirei outro, não por mãos humanas" (Mc 14:58). Baseados nisto, afirmam alguns que o versículo 1b refere-se a um templo celestial, que se entende ser a igreja no céu, ou o próprio céu, como o lugar da habitação de Deus, em que os cristãos encontrarão sua habitação eterna. Entretanto, essa interpretação deixa de levar em consideração o fato de que os acusadores de Jesus entenderam mal o significado das palavras do Senhor, pois como salienta o quarto Evangelho: "Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo. Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto" (Jo 2:21-22). O edifício feito sem mãos, neste caso, era o corpo ressurreto do próprio Jesus.

Outros eruditos interpretam *casa não feita por mãos,* do versículo 1b, como referência ao corpo ressurreto de Jesus, mas de forma corporativa, de tal modo que todos quantos crêem nele participam de seu corpo. Todavia, embora seja verdade que *temos da parte de Deus* está no presente do indicativo, precisamos lembrar-nos de que é parte de uma oração condicional (*se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos...*), e isso coloca o verbo "ter" (a posse), referente a *da parte de Deus um edifício,* no futuro, em relação à destruição da *casa terrestre.* Portanto, o que Paulo tem em mente agora não é o corpo ressurreto de Cristo, neste instante no céu, nem a participação dos crentes nesse corpo.

Um fator importante na determinação do significado das palavras de Paulo é o paralelismo existente nesse versículo. O que é *terrestre* e ameaçado de destruição no versículo 1a deverá ser substituído por algo que lhe corresponde, uma *casa eterna, nos céus,* em 1b. Se a "casa terrestre deste tabernáculo" do versículo 1a denota o corpo físico do crente, é razoável considerar o *edifício, casa não feita por mãos,* da parte de Deus, como referência a outro corpo, o corpo da ressurreição do crente.

Há uma passagem paralela em Romanos, que foi escrita um pouco antes de 2 Coríntios, que dá apoio a este ponto de vista. Romanos 8:18-24 também trata do assunto do sofrimento experimentado pelos crentes, e compara-o à glória que há de manifestar-se neles. O que os crentes esperam com ansiedade no dia da revelação desta glória é

a redenção do *corpo* (v. 23). Esta é uma referência claríssima ao corpo ressurreto do crente. Verificando que esta passagem de Romanos trata de um assunto semelhante àquele coberto por 2 Coríntios 4:16 – 5:10, e que a carta aos Romanos foi redigida um pouco antes de 2 Coríntios, é razoável interpretar o versículo1b à luz de Romanos 8:23 e, desse modo, concluir que o *edifício, casa não feita por mãos* da parte de Deus, refere-se ao corpo ressurreto prometido aos crentes.

2. *E, por isso, neste tabernáculo gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial.* De novo, o paralelismo de Romanos 8:18-24 nos é útil e, neste caso, estrondoso. Os crentes, afirma Paulo, estão gemendo (ele usa o mesmo verbo, *stenazō*), enquanto aguardam a adoção, que se entende ser a redenção de seus corpos (vv. 22-23). Tal conceito apóia a idéia de que quando o apóstolo fala de gemidos e de aspirações de crentes, sobre serem "revestidos da nossa habitação celestial", no atual contexto, ele está falando de uma só coisa.

O principal verbo neste versículo, *stenazomen* (*nós gememos*), é qualificado pelo particípio *epipothountes* ("aspirando"), de modo que o versículo poderia ser traduzido assim: "por isso, nesta [situação] gememos, aspirando revestir-nos da nossa habitação celestial". Paulo descreve essencialmente uma aspiração positiva por tomar posse de uma *habitação celestial*. Embora as aflições experimentadas pelo apóstolo possam ter-lhe causado gemidos ("gememos") e aumentado suas aspirações, isso tudo resultou num forte desejo por aquilo que Deus lhe havia prometido, e de modo algum numa preocupação com as próprias aflições – pois isto jamais foi característica do apóstolo, como o vemos através de suas cartas.

3. *Se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus.* Sendo coerentes com a linha interpretativa adotada, a nudez que Paulo quer evitar, ao vestir a habitação celestial, é a nudez da alma desencarnada. Sendo judeu, Paulo consideraria a existência como alma desencarnada algo a ser evitado. O corpo celestial que lhe fora prometido o livrará disso. É possível que, ao enfatizar o futuro estado num corpo real, ele estivesse atacando algumas idéias gnósticas a respeito da salvação (o livramento da alma da prisão do corpo), que talvez exercesse alguma influência em Corinto.

4. *Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados.* Ao referir-se agora à presente situação, em que *estamos neste tabernáculo*, i.e., estamos em nosso corpo físico, expostos às aflições que nos sobrevêm, diz Paulo: *gememos angustiados* (*stenazomen baroumenoi*). Uma tradução mais literal seria: "gememos, deprimidos", que capta melhor o sentido da expressão paulina. Não é bem o caso que o apóstolo "suspira cheio de ansiedade" (RSV), mas ei-lo gemendo, porque as aflições impingidas em seu corpo o deprimem.

Não por querermos ser despidos. Embora o apóstolo esteja gemendo, deprimido por sofrimentos e perseguições que lhe afligem o corpo, ele não busca uma fuga mediante o estado de alma permanentemente desencarnada. Paulo anseia pelo corpo novo e melhor. Então, ele descreve o que deseja com o emprego de duas metáforas. Primeira, a metáfora de vestir um vestuário extra, que recobre o que já está usando (*os que estamos neste tabernáculo... querermos ser... revestidos*). Segunda metáfora, a de uma coisa que é devorada por outra, de tal forma que a primeira cessa de existir como era antes, mas é absorvida e transformada pela outra (*que o mortal seja absorvido pela vida*).

Desta maneira, Paulo demonstra com clareza que não anseia pela libertação da existência num corpo, mas ao contrário, almeja com fervor a existência corporal, permanente e celestial. Nas categorias de Romanos 8:23, Paulo anseia pela redenção do corpo, e pelos termos de Filipenses 3:21, ele almeja a transformação de seu corpo, para que seja como o corpo glorioso de Cristo.

5. Tendo enunciado a natureza de sua esperança quanto ao futuro, Paulo retoma a idéia apresentada antes, em 4:17, e lembra a seus leitores que *foi o próprio Deus quem nos preparou para isto.* O que o apóstolo acalenta não é uma esperança oca, ou vã, mas baseia-se no fato bem conhecido de que o próprio Deus lhe preparou tal futuro. Não nos devemos esquecer de que, à luz de 4:16-17, parte do processo da preparação para o glorioso futuro é a participação no sofrimento do presente (cf. Rm 8:17). Todavia, esta idéia deve ser complementada pela outra encontrada em Romanos 8:28-30 em que a eleição, a vocação e a justificação dos pecadores, por Deus, constituem a base sobre a qual ele prepara seus filhos para a glória.

A esperança de Paulo não repousa apenas no conhecimento objetivo de que é Deus quem o está preparando para o glorioso futuro, mas baseia-se também na experiência subjetiva do Espírito que ele usufrui. O Deus que prepara é também o Deus que nos outorgou *o penhor do Espírito*, isto é, uma garantia da redenção. Foi mediante o Espírito que Cristo ressuscitou dentre os mortos em seu corpo glorioso de ressurreição. Esse mesmo Espírito foi dado aos cristãos como garantia de que eles também, na devida ocasião, ressurgirão e serão revestidos de um corpo de ressurreição. (Quanto a uma explicação do conceito de penhor, ou garantia (*arrabōn*), veja o comentário sobre 1:22.)

É bom notar que até este ponto Paulo vinha falando da destruição do corpo físico, mediante o emprego de várias imagens; tal destruição seria compensada pela provisão do corpo ressurreto. Note-se ainda que Paulo não se refere à possibilidade de esta provisão ocorrer sem que a destruição física tenha acontecido. Só nos versículos 6-9 é que o apóstolo introduz essa possibilidade, muito provavelmente à luz de sua própria consciência de que poderá experimentar pessoalmente a corrupção de seu corpo físico antes da ressurreição geral.

6-7. Desde que Paulo iniciou, em 2:14ss., a explicar como, a despeito de muitas dificuldades, ele permaneceu confiante em Deus, ele reiterou várias vezes sua confiança e o fato de que não desanimou (cf. 2:14; 3:4, 12; 4:1,16), e aqui, no versículo 6, ele retoma esse tema: *Temos, portanto, sempre bom ânimo.* Entretanto, embora ele afirme isto, confessa que deixa algo a desejar: *Sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor.* O significado desta frase pode ser encontrado na observação parentética que o apóstolo nos apresenta no versículo 7, antes de voltar à principal corrente de pensamento no versículo 8. Entre parênteses ele diz: *visto que andamos por fé, e não pelo que vemos.* Isto sugere que *enquanto* estamos *no corpo*, Deus não está acessível à nossa vista (e neste sentido *estamos ausentes do Senhor),* só podemos alcançá-lo mediante a fé (cf. Jo 20:29).

8. *Entretanto, estamos em plena confiança.* Com estas palavras, Paulo retoma o fio de pensamento que estava seguindo, antes do parênteses. Todavia, aqui, embora ele afirme que tem *plena confiança,* continua confessando seu desejo de uma situação melhor: *preferindo*

deixar o corpo e habitar com o Senhor. A frase parentética do versículo 7 lança luzes para trás, para dar sentido ao versículo 6, e também para a frente, iluminando a declaração do versículo 8. *Deixar o corpo* significa *habitar com o Senhor*, no sentido de que assim o Senhor estará acessível à vista, não mais acessível somente pela fé. Nas palavras de 1 João 3:2, "havemos de vê-lo como ele é".

No versículo 8, parece que Paulo reconhece que, embora não deseje experimentar o estado desencarnado, terá de fazê-lo, se vier a morrer antes da parousia. Todavia, este versículo expressa sua convicção de que ainda que isto lhe seja imposto durante algum tempo, isso seria preferível a permanecer "no corpo" e, portanto, "ausentes do Senhor" (v. 6). Diz Paulo noutra passagem: "Estou... tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (Fp 1:23).

9. Paulo não dá quaisquer indícios quanto ao seu pensamento a respeito da natureza do estado desencarnado. O que ele faz, no versículo 9, todavia, é salientar algo mais importante do que qualquer especulação sobre o assunto: *É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para lhe ser agradáveis*. Quanto tempo Paulo continuará a viver "no corpo" ou se vai morrer logo, e deixar o corpo, são questões que ele não pode determinar. Todavia, ele pode determinar *como* vai viver. Paulo determinou que seu objetivo na vida é agradar ao Senhor.

10. *Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo*. O apóstolo determinou que viverá de modo que agrade ao Senhor porque sabe que todos os crentes deverão comparecer *perante o tribunal de Cristo*. A palavra empregada aqui para *tribunal* é *bēma*. No meio das ruínas da antiga Corinto ainda permanece uma impressionante estrutura de pedras conhecida como o *bēma* (veja Introdução, p. 20, quanto a outros detalhes). De acordo com Atos 18:12-17, Paulo foi trazido perante o *bēma* ("tribunal") por judeus coríntios irados que o acusaram perante o procônsul Gálio. Entretano, Gálio recusou-se a presidir um julgamento sobre assuntos judaicos, e expulsou os acusadores de Paulo do *bēma*. Tanto Paulo quanto seus leitores sabiam o que significava ser conduzido a julgamento em tribunal coríntio. O que Paulo está dizendo aqui é que precisamos ordenar nossa vida à luz da

realidade segundo a qual todos nós deveremos comparecer *perante o tribunal de Cristo* (cf. Rm 14:10).

Para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo. Não há dúvidas quanto à aceitação de uma pessoa diante de Deus, dependendo do que fez enquanto no corpo. Em sua carta aos Romanos, Paulo deixa claríssimo que nenhum ser humano será justificado à vista de Deus com base em suas obras, "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3:23). Foi por esta razão que Deus criou um novo método para que as pessoas se justificassem a seus olhos, que não fosse pelo das obras (cf. Rm 3:21-26).

Então, que é que Paulo tem em mente aqui, quando fala em recebermos o *bem ou o mal*, dependendo do que houvermos *feito por meio do corpo*? Trata-se do reconhecimento de que Deus avaliará as vidas e ministérios de seus filhos, e recompensará aos que agiram com fidelidade, enquanto os infiéis sofrerão a perda de todas as recompensas. Em 1 Coríntios 3:10-15 aplica este princípio ao trabalho de quem fundou e edificou igrejas. Assim diz ele: "Manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo" (vv. 13-15).

É importante que notemos que o que a pessoa fez *por meio do corpo* é que será avaliado no tribunal de Cristo. No atual contexto, em que Paulo tem falado sobre viver "no corpo" e "deixar o corpo", o que o crente fez "no corpo" só pode significar o que ele fez nesta vida. Tudo isto significa que o que os crentes fazem nesta vida tem implicações muito sérias. Os crentes deverão prestar contas de suas ações; receberão galardões, ou sofrerão penalidades, segundo seu viver. É esta convicção profunda que Paulo transporta para a próxima seção, em que ele se refere a conhecer "o temor do Senhor".

M. O Ministério da Reconciliação (5:11 – 7:4)

Nesta seção central de sua carta, Paulo apela aos coríntios a que se reconciliem com Deus e abram seus corações ao apóstolo. Ele prepara

caminho para esses apelos, primeiro ao responder às críticas quanto ao estilo de seu ministério (5:11-15), e, a seguir, ao enunciar as bases teológicas sobre que repousa a reconciliação (5:16-21). A seguir, Paulo apresenta apelos (6:1-13; 7:2-4), e vai semeando aqui e ali exortações quanto à santidade de vida (6:14 – 7:1).

1. Reação à crítica (5:11-15)
Paulo responde à crítica concernente a seu estilo ministerial primeiramente relacionando-o ao julgamento de Deus (v. 11) e, depois, ao amor de Cristo (vv. 14-15).

11. *E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens.* A palavra *assim* indica que o que Paulo está prestes a dizer é continuação do que vinha dizendo no versículo 10, sobre o crente estar preparado para comparecer perante o tribunal de Cristo. Paulo não tem "medo" do Senhor, mas um "temor reverente" e reconhece que sua vida toda e seu ministério ficarão sob o escrutínio de Deus. Ele persuade aos homens mediante esta sua convicção.

Há duas maneiras possíveis pelas quais entenderemos a referência de Paulo à persuasão dos homens. Segundo a primeira maneira, o apóstolo está dizendo que a certeza de que deverá prestar contas a Deus motiva-o a ser diligente em seus esforços no sentido de persuadir os homens, i.e., fazê-los chegar à obediência da fé, de acordo com seu chamado. O que estaria envolvido nessa persuasão podemos avaliar por algumas evidências nos escritos do apóstolo (cf. 1 Co 2:1-5; 2 Co 10:5; Cl 1:28) e também pelo testemunho de Lucas em Atos (At 9:20-22; 13:16-43; 17:22-34; 19:8-10; 26:24-29; 28:23). Ele procurou remover barreiras, vencer preconceitos e ignorância, convencer mediante argumentação e testemunho, e pela proclamação honesta e franca do evangelho.

De acordo com a segunda maneira, Paulo, antecipando a defesa de seu estilo ministerial, que exporá a seguir, enfatiza que a persuasão que pratica está isenta de métodos dúbios, e é desempenhada sob o temor do Senhor, que exige nada menos do que a total integridade de seus mensageiros. Talvez seja significativo que a única passagem, além desta, em que Paulo emprega o verbo "persuadir" (*peithō*), onde outras

pessoas são o objeto de persuasão, esse verbo denota algo negativo: "Procuro eu agora o favor [*peithō*] dos homens, ou o de Deus? ou procuro agradar a homens?" (Gl 1:10). Parece que fica indicado neste emprego do verbo um tipo de persuasão que envolve a falsificação do evangelho, de modo que Paulo possa agradar a seus ouvintes. Sob esta luz, o versículo11 seria visto como concordância de Paulo em que ele pratica a persuasão, todavia, fica a implicação forte de que não se trata de uma persuasão que sacrifica a verdade a fim de agradar aos homens. Trata-se de uma persuasão direta e franca, praticada sob o adequado temor do Senhor.

Esta segunda interpretação recebe algum apoio das palavras que se seguem: *somos cabalmente conhecidos por Deus*. Os motivos e as ações de Paulo jazem abertamente diante de Deus, que vê que não existe engano embutido em suas tentativas de persuadir os homens. *e espero que também a vossa consciência nos reconheça*. Aqui o apóstolo apela para a consciência de seus leitores (cf. 4:2), na esperança de que eles também reconheçam sua integridade, ao ouvirem, não as críticas de outros, mas o testemunho de suas próprias consciências (veja comentário sobre 1:12, quanto a uma explicação sobre como Paulo entendia o papel da consciência).

12. *Não nos recomendamos novamente a vós outros*. Paulo é muito sensível a respeito da auto-recomendação (cf. 3:1; 10:18), sendo muito provável que parte das críticas que ele recebeu relacionavam-se com isto. Por isso ele nega, ao defender o caráter direto e franco da persuasão que pratica, que esteja abusando da auto-recomendação. Em vez disso, o que Paulo faz é o seguinte: *ao contrário, damo-vos ensejo de vos gloriardes por nossa causa, para que tenhais o que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração*. Paulo está ciente de que há alguns em Corinto que lhe criticam os motivos e os métodos, pelo que apresenta esta defesa de sua integridade de maneira que seus convertidos possam rebater as críticas maldosas. O apóstolo deseja que seus leitores sintam orgulho justificado pela maneira como seu pai espiritual se conduz e, desse modo, possam dar resposta a seus detratores.

Aos detratores que se ocultam por detrás dos cenários da correspondência coríntia, Paulo descreve como *os que se gloriam na aparência*

e não no coração. A partir de indícios encontrados tanto nos capítulos 1 – 7 como nos capítulos 10 – 13, posteriores, podemos deduzir que assuntos externos serviam de base para o orgulho daqueles homens iníquos. Tais indícios incluíam as cartas de recomendação que portavam (3:1), sua ascendência judaica (11:22), suas experiências extáticas e visionárias (12:1) e os sinais apostólicos que desempenhavam (12:11-13). Paulo deixa implícito que para eles essas questões externas eram mais importantes do que o estado espiritual do coração do indivíduo, que é do interesse de Deus.

13. *Porque, se enlouquecemos, é para Deus; e, se conservamos o juízo, é para vós outros.* Esta expressão pode ser entendida de duas maneiras possíveis. Primeira, poderia ser a resposta de Paulo às acusações de que seria louco. Tais acusações certamente foram lançadas contra ele num ponto adiantado de sua carreira; as mesmas acusações haviam sido assacadas contra seu Senhor e Mestre. Jesus fora acusado de loucura por causa de seu zelo inquebrantável no ministério (Mc 3:21), e porque seu ensino ofendia a seus ouvintes (Jo 10:20). Esta última razão sublinha a acusação de loucura que Festo atirou contra Paulo (At 26:22-24), a qual, é lógico, Paulo rejeitou: "Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso" (At 26:25).

Segunda, poderia ser a resposta de Paulo às pessoas de Corinto que negavam que seu ministério era verdadeiramente espiritual, porque ele não mostrava sinais de experiências extáticas. A isto assim responderia Paulo: *Se enlouquecemos* (*exestēmen*), *é para Deus.* Esta é a única passagem em que Paulo emprega o verbo *existēmi*, mas o substantivo cognato *ekstasis* ("transe, êxtase") é empregado em Atos 22:17, em que Paulo descreve uma experiência extática com visão, que ele tivera no templo de Jerusalém. À luz desse paralelismo, a declaração de Paulo no atual contexto poderia ser parafraseada assim: "Se realmente experimentamos o êxtase, isso é coisa entre nós e Deus".

Se conservamos o juízo, é para vós outros. Se adotarmos a primeira alternativa interpretativa acima, Paulo estaria dizendo, então: "Ainda que nós sejamos loucos [como afirmam alguns], isso é apenas o resultado de nossa fidelidade a Deus na pregação do evangelho puro;

todavia, se estivermos em nosso juízo perfeito [como de fato estamos], isto é por amor de vós [que vos beneficiais da verdade sóbria que apregoamos]". A ser verdadeira a segunda alternativa, Paulo estaria então dizendo: "Se de fato experimentamos o êxtase, isso é do exclusivo interesse nosso e de Deus [não é algo a ser exibido diante das pessoas como comprovante do caráter espiritual de nosso ministério]; todavia, se estamos em perfeito juízo [e utilizamos fala racional, inteligível], isto é para vosso benefício".

14. Ainda a título de explicação e defesa da conduta de Paulo em seu ministério, o apóstolo agora declara: *Pois o amor de Cristo nos constrange.* Há um emprego paralelo do verbo que se traduziu por *constrange* (*synechei*), em Filipenses 1:23, em que Paulo, enfrentando as possibilidades de partir para estar com Cristo, mediante a morte, ou ter um pouco mais de tempo de vida, devotado à continuação de seu ministério, diz: "de um e outro lado estou constrangido (*synechomai*)". O apóstolo sentiu a pressão de duas alternativas, de modo que se viu motivado de um lado a fazer uma coisa, e do outro lado, a fazer o contrário. Isto ilustra o sentido básico de *synechō*, que significa "pressionar, constranger". Trata-se mais de uma pressão que objetiva não o controle, mas a ação. É força mais motivacional que direcional. O verbo aqui no versículo 14 está no presente, o que enfatiza a natureza contínua da pressão lançada contra Paulo. Mas a fonte dessa pressão é *o amor de Cristo.* Tal expressão pode ser entendida como o amor de Paulo por Cristo (genitivo, objetivo), ou o amor de Cristo por Paulo (genitivo, subjetivo). À luz do que se segue (vv.14b-15), deve-se preferir a segunda opção. É o reconhecimento do amor de Cristo demonstrado em sua morte por todos nós que serve de motivação ao ministério do apóstolo.

O amor de Cristo, que influenciou tão profundamente o apóstolo, de tal maneira que este entregou a própria vida para um serviço de total zelo e fidelidade ao Senhor, tem que ser algo excepcional. Diz Paulo que sentiu esta tremenda influência porque se convenceu de que *um morreu por todos, logo todos morreram.* O que motivava Paulo não era uma idéia vaga a respeito da boa vontade de Cristo, mas o fato real de que *um morreu por todos.* O verbo *morreu* (*apethanen*) está no aoristo,

isto é, aponta para trás, para o evento histórico da cruz. Todavia, não era o fato singelo da morte de Cristo na cruz que emocionava Paulo, mas sua morte entendida de maneira especial. Trata-se da morte de Cristo *por todos* (*hyper pantōn*). Tem havido muito debate quanto a se *hyper* deveria ser entendido como significando "em lugar de" (i.e., Cristo morreu "em lugar de" todos), ou "por amor de todos" (i.e., Cristo teria morrido "para benefício de todos", entendendo-se algo diferente de "no lugar de" todos). Contra esta última interpretação tem-se argumentado que se Paulo quisesse dizer que Cristo morreu "no lugar de" ele teria usado a preposição grega *anti*, que exprime essa idéia com maior clareza. É verdade que *anti* expressa essa idéia sem ambigüidade, mas devemos lembrar-nos de que *hyper* não denota necessariamente "em lugar de", embora possa ter esse sentido.

A questão não pode ser resolvida mediante a consideração deste texto isoladamente. É preciso que outros textos paulinos relacionados com essa questão sejam consultados. Por exemplo, em Gálatas 3:13, Paulo diz: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (*hyper*), porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro". Nesse contexto, Cristo claramente suporta a maldição divina em nosso lugar. De outra forma, não existe nenhuma razão para Cristo suportar a maldição de Deus. Assim foi que no madeiro, i.e., em sua morte na cruz, o Senhor suportou a maldição de Deus em nosso lugar. Portanto, neste contexto, não é improvável que *um morreu por* (*hyper*) *todos* signifique que Cristo morreu no lugar de "todos".[1] Esta interpretação preserva a conexão lógica com o que vem a seguir: *logo, todos morreram*. Se Cristo não houvesse morrido por "todos", não se poderia afirmar que todos morreram (o sentido de "todos" é discutido junto com o sentido da palavra "mundo" no comentário do versículo 19, onde ela se encontra).

Só o caráter excepcional do amor de Cristo, entendido como a força que o levou a morrer em nosso lugar, explica de modo satisfatório o tremendo poder motivacional na vida de Paulo. É essa a função que aquela afirmação exerce no presente contexto. Paulo nos dará mais alguns indícios a respeito do significado da morte de Cristo nos versí-

1. É desta maneira que *hyper* é interpretado aqui, tanto por BAGD, *ad loc.*, e H. Riesenfeld, *TDNT* 8, pp. 509-510.

culos 18-21; todavia, no momento, seu maior interesse relaciona-se ao poder motivacional, interesse que se transporta para o versículo 15.

15. Neste versículo, Paulo declara o propósito da morte de Cristo no que diz respeito às vidas das pessoas que dela se beneficiaram. Primeiro ele o declara de modo negativo, dizendo: *E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos*; depois, ele apresenta uma forma positiva, *mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.* A possibilidade de que os que se beneficiaram da morte e ressurreição de Cristo voltem a viver para si mesmos está sempre presente, e esse foi de fato o caminho tomado por muitos dos crentes relacionados com Paulo (Fp 2:21; 2 Tm 4:10). O que manteve Paulo no caminho certo, e também nos manterá a nós, é a consciência do caráter excepcional do amor de Cristo por nós. Nós o amamos e desejamos viver para ele, ao percebermos que ele nos ama, e a si mesmo se entregou por nós (Gl 2:20).

O escopo de "todos" neste versículo é discutido junto com o significado de outra expressão de âmbito universal, "o mundo", no comentário sobre o versículo 19 (em que este se encontra).

Conforme observamos acima, nesta seção toda (5:11-15) Paulo está respondendo às críticas quanto ao estilo de seu ministério. Afirma o apóstolo que seus motivos e ações estão abertos diante de Deus. O Senhor vê que nenhum engano macula a conduta ou o ministério de Paulo. Além disso, se ele experimenta o êxtase, isso é algo entre ele próprio e Deus, e quando ele usa linguagem inteligível, isso visa o benefício de seus ouvintes. Argumenta o apóstolo que não poderia agir de maneira diferente, com outro propósito, senão servir a Cristo, esforçando-se para alcançar máxima integridade, visto que o amor de Cristo o constrange. Paulo está convencido de que Cristo morreu em seu lugar, e deseja agora viver para ele. Assim, vemos em 5:11-15 os dois pólos da motivação ministerial de Paulo. Por um lado ele está convicto da necessidade de prestar contas, pelo que revela um temor sadio (v. 11), e por outro lado, sabe do grande amor de Cristo, pelo que não poderia agir de outro modo senão esse: viver por aquele que morreu e ressuscitou por ele (v. 14).

2. Ato de reconciliação de Deus em Cristo (5:16-21)
Esta seção tem seu ponto de partida no efeito da morte e ressurreição de Cristo sobre os crentes – eles morreram em Cristo, e nele vivem. Um dos resultados disso é que Paulo e seus companheiros obtiveram uma visão inteiramente nova. Como parte da nova criação efetuada por Deus em Cristo, suas antigas atitudes já pertencem ao passado. Tudo isso eles devem a Deus, e às suas atividades reconciliatórias para com o mundo. A mensagem concernente a tal reconciliação foi confiada a Paulo e seus colaboradores, mediante quem, como embaixadores de Cristo, Deus apela a homens e mulheres para que se reconciliem com o Senhor. O meio empregado por Deus para efetuar essa reconciliação é esse: Cristo foi feito pecado, para que os pecadores pudessem tornar-se justiça de Deus nele.

16. *Assim que nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne.* A partir do momento em que Paulo entendeu o significado da morte de Cristo – "um morreu por todos, logo todos morreram" (v.14) – o amor de Cristo para com ele ali expresso tornou-se a força motivadora de sua vida; e não foi só isso – toda sua perspectiva de vida mudou. Paulo já não podia considerar os outros *segundo a carne.* Coisas que antes haviam sido consideradas importantes, agora se vêem despidas de valor (cf. Fp 3:4-8). Paulo já não pode orgulhar-se da "posição humana", apenas de sua posição diante de Deus, que é dom da graça (cf. v. 12). Ele confessa que *antes conhecemos a Cristo segundo a carne.* Em seus dias anteriores à conversão, Paulo julgava a Cristo utilizando critérios humanos, tendo chegado a uma conclusão errada; todavia, depois que aprouve a Deus revelar seu Filho nele, o apóstolo precisou dizer: *já agora não o conhecemos deste modo,* i.e., não mais de um ponto de vista humano, carnal, enganoso.

Este versículo, com sua referência a considerar-se a Cristo *segundo a carne* (trad. lit., com o sentido de "segundo a opinião humana"), tem sido utilizado como texto de prova, pelos que argumentam que Paulo demonstrou pouco interesse pelo Jesus histórico (Cristo depois da encarnação), mas focalizou a atenção sobre o Cristo da fé. Entretanto, não se pode apoiar essa opinião neste versículo, porque Paulo se refere a um modo de conhecer algo ("segundo a carne"); ele não está falando

de uma fase particular da existência de Cristo (Cristo depois da encarnação – o Jesus histórico). O que Paulo está falando é que antes ele tinha um conhecimento inteiramente inadequado de Cristo – conhecimento baseado num ponto de vista humano – mas agora, sua compreensão de Cristo deixou de ser limitada dessa maneira. Precisamos averiguar o modo de Paulo considerar a Cristo antes e depois de sua conversão, a fim de apreciar o grande contraste das duas perspectivas de que o apóstolo fala aqui. Antes de sua conversão, Paulo poderia considerar Jesus como sendo um falso Cristo, cujos seguidores deveriam ser banidos. Depois, ele veio a conhecer a Jesus como o Cristo de Deus, aquele que haveria de fazer novas todas as coisas, a quem todos os homens devem ser chamados para prestarem obediência pela fé.

17. Algo do grandioso significado de Cristo ficou expresso nesta passagem, quando Paulo disse, a respeito da pessoa que pertence ao Senhor: *E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram* (lit., "de modo que, se alguém em Cristo, uma nova criação"). A ênfase desta afirmação está em que quando uma pessoa está *em Cristo,* ela faz parte da nova criação. O plano de Deus para a salvação, conquanto primordialmente delineado para a humanidade, abrange toda a criação (Rm 8:21). Quando uma pessoa está *em Cristo,* já passou a fazer parte da nova criação, e dela já se pode afirmar: *as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.* Esta participação da nova criação reflete-se na perspectiva mudada, a que se refere o versículo 16, e também na nova santidade de vida (cf.1 Co 6:9-11), e culminará na renovação da pessoa toda, mediante a ressurreição para a imortalidade na nova ordem criada, na parousia (cf. Is 65:17; 66:22; Rm 8:19-23).

É verdade, sem a menor dúvida, que por enquanto o velho ainda persiste, e o novo ainda não chegou inteiramente (cf. Rm 8:18-25; Gl 5:15-26). Entretanto, na passagem em tela aqui, é a novidade de vida em Cristo que se enfatiza, em vez de as limitações e a tensão envolvidas na participação na nova criação, enquanto ainda fazemos parte da velha vida.

18. Paulo sublinha o fato de que *tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo.* O cerne do evangelho de Paulo é Cristo crucificado como Senhor, mas a estrutura dessa mensagem é decidida-

mente teocrática. O grande plano da salvação mediante o qual toda a criação deve redimir-se pertence a Deus, sendo ele quem, mediante Cristo, nos reconciliou consigo mesmo. Sempre que a linguagem da reconciliação é encontrada no Novo Testamento, o autor das providências conciliatórias é sempre Deus. Jamais se encontrará o menor indício de que Cristo é a pessoa cheia de graça que precisa vencer a má vontade de Deus em reconciliar-se com a humanidade pecadora. É o próprio Deus quem toma a iniciativa e executa a reconciliação, mediante Jesus Cristo. Por outro lado, isto não significa que nenhum obstáculo existia, da parte de Deus, que precisasse ser transposto, antes que se pudesse efetuar a reconciliação entre Deus e a humanidade. Era preciso solucionar o problema da ira de Deus, revelada desde os céus contra a iniqüidade humana (cf. Rm 1:18; 5:9-11). O que se enfatiza na presente passagem é a maravilhosa graça de Deus, revelada quando ele mesmo tomou a iniciativa em Cristo, para remover o obstáculo inibidor da reconciliação que havia de sua parte. Só nessa base é que existe um evangelho da reconciliação, mediante o qual a humanidade pode ser convocada para reconciliar-se com Deus.

É importante que notemos que, em certo sentido, a reconciliação já se deu. Deus em Cristo já nos *reconciliou* (foi usado o aoristo) consigo mesmo. O Senhor demoliu as tremendas muralhas que nos separavam dele. O que eram essas muralhas, e como foram derrubadas, Paulo o descreve nos versículos 19, 21. Contudo, antes de fazê-lo, o apóstolo prevê nas palavras *e nos deu o ministério da reconciliação* o fato de que noutro sentido o processo conciliatório ainda está incompleto. A pregação da reconciliação precisa ser efetuada, e as pessoas precisam ouvir o chamado para reconciliar-se com Deus. A menos que reajam positivamente a esse chamado, não podem na verdade experimentar a reconciliação.

19. O ministério da reconciliação é, primordialmente, a proclamação do que Deus fez, o que Paulo reitera com estas palavras: *a saber, Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões*. Em coerência com a mudança de foco efetuada por Paulo, que sai de sua experiência própria de reconciliação e parte para a mensagem que ele proclama ao mundo, o objeto

da atividade conciliatória de Deus deixa de ser simplesmente nós ("nos", v. 18), para tornar-se "o mundo" e "os homens". Fica identificada a barreira alienadora (que separa os homens de Deus, e Deus dos homens), que são *suas transgressões*. A reconciliação que Deus efetuou em Cristo consiste na remoção dessa barreira, *não imputando aos homens as suas transgressões*. A base sobre a qual as transgressões foram canceladas é indicada no versículo 21.

O cancelamento dos pecados das pessoas, agora livres de sua culpa (é nisso que consiste a reconciliação), Paulo o expressa em Romanos 4:8, em que cita Salmo 32:2: "bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniqüidade". Paulo prossegue explicando que tal bem-aventurança não se restringe aos judeus apenas ("a circuncisão"), mas recai sobre todos quantos crerem, inclusive os gentios ("a incircuncisão") (Rm 4:9-12). Provavelmente é dessa maneira que deveríamos interpretar as expressões universais *o mundo* (neste versículo) e "todos" (v.14). Dificilmente se aplica à criação, visto que as transgressões sob referência são as da humanidade, sendo muito difícil entender que se aplicam extensivamente a todos os seres humanos individualmente, pois, noutra passagem, Paulo deixa implícito que os pecados dos incrédulos lhes serão imputados (cf. Rm 1:18-32; 2:5-11; Ef 5:3-6; Cl 3:5-6).

E nos confiou a palavra da reconciliação. Deus não só reconciliou *o mundo* consigo mesmo, mas também comissionou mensageiros para proclamar as boas novas. Todos quantos derem ouvidos ao chamado para o arrependimento e fé experimentarão por si mesmos a alegria da reconciliação com Deus.

20. Visto que Deus confiou a Paulo a mensagem da reconciliação (v.19), o apóstolo pode dizer: *De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio*. O verbo grego *presbeuō*, que Paulo emprega na expressão *somos embaixadores*, significava essencialmente "ser mais velho, ou o mais velho", vindo a ser empregado em conexão com funções para as quais a sabedoria da idade era um pré-requisito necessário. Nas esferas políticas era palavra usada para designar um embaixador representante de sua nação, enquanto nas esferas religiosas era usada de modo figurado (e.g., por Filo,

quando fala dos anjos, ou de Moisés, como emissários de Deus). O fato extraordinário a respeito da embaixada desenvolvida por Paulo é seu relacionamento com a atividade de Deus como quem promove a reconciliação. O Deus que reconciliou o mundo consigo mesmo, pela morte de seu Filho, agora apela ao mundo, através de seus embaixadores, para que se reconcilie com o Senhor.

Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Estas expressões talvez reflitam a linguagem evangelística de Paulo, mas aqui o apelo é dirigido aos membros da igreja coríntia. Dificilmente Paulo estaria querendo dizer, com estas palavras, que seus leitores ainda não haviam atendido ao apelo do evangelho, visto que já haviam acatado a mensagem que ele próprio lhes trouxera. Entretanto, a autoridade apostólica e o evangelho de Paulo haviam sido questionados em Corinto, pelo que em passagens sucessivas ele exorta seus convertidos a que não recebam a graça de Deus em vão (6:1-3) e a que abram seus corações a seu apóstolo (6:11-13; 7:2-4). Talvez seja como método preparatório para tais apelos que Paulo emprega linguagem evangelística aqui no versículo 20.

21. Antes de o apóstolo prosseguir em seu apelo aos coríntios, em 6:1-13, para o que preparou o caminho no versículo 20, ele faz uma declaração excepcionalmente compacta, mas profunda, concernente ao trabalho de Cristo: *Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós.* Esta é a maneira pela qual Paulo (nesta carta) descreve a base sobre a qual Deus reconciliou-nos consigo mesmo. Mediante esta declaração, vislumbramos uma idéia sobre por que a cruz, como expressão do amor de Deus em Cristo, concentrava tão grande poder motivador na vida do apóstolo.

Sendo coerente com o testemunho do resto do Novo Testamento (cf. Mt 27:4, 24; Lc 23:47; Jo 8:46; Hb 4:15; 1 Pe 1:19; 2:22), Paulo descreve a Cristo como Pessoa *que não conheceu pecado.* Pode existir aqui uma alusão ao Servo Sofredor de Isaías ("nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca", Is 53:9), mas seja como for, o que Paulo enfatiza é que Deus tornou Aquele que não tinha pecado em pecado ("ele o fez pecado") por amor a nós. Várias interpretações têm sido aventadas para esta declaração profunda: (a) Cristo foi feito

pecador, (b) Cristo foi feito oferta pelo pecado, (c) Cristo suportou as conseqüências de nossos pecados. A primeira sugestão é descartada de imediato. A segunda pode ser apoiada mediante apelo ao emprego que Paulo costuma fazer à terminologia sacrificial, noutras passagens, a fim de salientar o significado da morte de Cristo (e.g., Rm 3:25; 1 Co 5:7). Também tem sido salientado que em Levítico 4:24 e 5:12 (LXX), a mesma palavra, "pecado" (*hamartia*), é empregada no sentido de "oferta pelo pecado". Entretanto, com uma única possível exceção (Rm 8:3), essa palavra jamais é empregada dessa maneira no Novo Testamento, sendo duvidoso que tenha esse sentido aqui. É certo que o entendimento da morte de Cristo como um sacrifício pelo pecado é paulino, mas provavelmente esse não é o melhor meio de entendermos essa declaração de Paulo. Portanto, devemos preferir a terceira interpretação, a qual tem um apoio extra, o fato de Paulo em Gálatas 3:13 interpretar a obra de Cristo em termos de o Senhor suportar as conseqüências de nossos pecados: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro".

Esta interpretação conta ainda com um suporte adicional, que é o fato de a declaração: *Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós* (v. 21a) ser equilibrada por um paralelismo de antítese, pelas palavras, *para que nele fôssemos feitos justiça de Deus*. Devemos interpretar a primeira parte de tal maneira que a segunda seja entendida como sua contrapartida de antítese.

Ao procurar entender o que significa *para que nele fôssemos feitos justiça de Deus*, recebemos ajuda de algumas outras passagens em que Paulo trata do mesmo assunto (Rm 3:21-26; Fp 3:7-9). A *justiça de Deus*, entendida como aquilo que os crentes têm, ou aquilo em que se tornaram, é o dom do relacionamento correto com Deus, baseado no fato de Deus haver feito um julgamento favorável a eles, mediante a morte de Cristo em seu lugar, recusando-se a imputar-lhes seus pecados.

Se tornar-se *justiça de Deus* significa que Deus fez um julgamento a nosso favor, e colocou-nos em comunhão perfeita consigo mesmo, "ser feito pecado" então, sendo a contrapartida da antítese disto, significa que Deus fez um julgamento contra Cristo (porque o Senhor levou sobre si mesmo o peso de nossos pecados, cf. Is 53:4-6, 12), daí

resultando que a comunhão dele com Deus foi cortada (momentaneamente, mas de forma terrível, além de nossa humana compreensão). Se esta interpretação estiver correta, talvez possamos começar a entender um pouco da agonia do Getsêmani ("Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e, sim, a tua" (Lc 22:42) e o horrendo brado de agonioso abandono na cruz ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Mt 27:46). Obviamente estamos apenas na superfície de um grande mistério e nosso entendimento dele é mínimo.

3. Apelo à reconciliação (6:1-13)

Paulo, havendo falado no capítulo anterior sobre as providências conciliatórias de Deus, e sobre seu próprio papel de mensageiro da reconciliação, agora em 6:1-13 desempenha esse papel em benefício de seus leitores. Exorta-os a que não recebam a graça de Deus em vão (vv. 1-2) e apela a que abram seus corações para que fiquem totalmente reconciliados com seu apóstolo (vv. 11-13). Entre a exortação e o apelo, Paulo apresenta nova defesa de seu ministério (vv. 3-10).

1. *E nós, na qualidade de cooperadores com ele.* Seguindo o parêntese de grande profundidade teológica de 5:21, Paulo retoma o tema de 5:20 – seu apelo aos coríntios para que se reconciliem com Deus. A expressão *na qualidade de cooperadores com ele* é tradução de uma palavra grega, *synergountes* ("cooperando com"). A ARA provê corretamente *com ele* no texto, indicando que é com Deus que Paulo coopera, e isto se torna mais explícito ainda na NIV ("como cooperadores de Deus..."). Embora se pudesse entender que a palavra "cooperadores" (com quem Paulo trabalha) poderia ser entendida como um ou mais de seus companheiros, o contexto aqui (5:20) dá apoio à tradução da ARA e da NIV.

Também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus. Em 5:20, o texto afirma que Deus fez seu apelo através de Paulo, mas neste versículo é o próprio apóstolo que faz o apelo, como alguém que coopera com Deus. Trata-se apenas de duas maneiras diferentes de expressar a mesma realidade do envolvimento divino no ministério de Paulo. *Graça de Deus* pode-se entender como tudo o que foi proclama-

do na "mensagem de reconciliação" (5:19), o que Deus em seu amor fez mediante Cristo e oferece pela pregação do evangelho. Os leitores de Paulo haviam aceitado seu evangelho e experimentado um pouco da graça de Deus, de que ele fala. Agora, ele os exorta a que não recebam tal graça em vão. Não é provável que Paulo esteja dando a entender que a aceitação coríntia tenha sido muito superficial (à semelhança da semente semeada no solo granítico). É mais provável que ele tenha em mente a facilidade com que essas pessoas se deixam influenciar por outros, talvez pelo ofensor, que levantou um ataque pessoal contra Paulo (2:5; 7:12), talvez pelos críticos do apóstolo, que já surgiam no horizonte de Corinto. Paulo não quer que as vidas das pessoas que reagiram bem ao evangelho sejam perturbadas agora perdendo tempo com críticas contra seu evangelho e com as pessoas que as assacaram.

2. A fim de sublinhar a gravidade e urgência de seu apelo, Paulo introduz uma citação ao pé da letra, de Isaías 49:8 (LXX) com as palavras: *porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação.* Em seu contexto original, estas palavras foram dirigidas ao Servo do Senhor e aplicadas ao tempo da libertação de Israel do exílio babilônico. Paulo faz sua própria aplicação: *Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação.* Se o dia do retorno dos exilados foi um dia de salvação, o dia em que Deus agiu, em Cristo, para reconciliar o mundo consigo mesmo é o dia da salvação *par excellence.* Todavia, a idéia do dia da salvação não se exaure pelo que já está ali, presente, visto que Paulo e outros escritores do Novo Testamento contemplavam a parousia de Cristo, o grandioso dia em que a salvação se consumaria (cf. Rm 13:11; 1 Ts 5:8-9; Hb 9:28; 1 Pe 1:5).

3-4a. *Não dando nós nenhum motivo de escândalo em cousa alguma.* Paulo exortou seus leitores: "não recebais em vão a graça de Deus", e agora insiste em que sua própria conduta de mensageiro divino não constitui pedra de tropeço capaz de prejudicar a aceitação adequada da graça de Deus pelas pessoas. O que Paulo tem em mente esclarece-se no texto que se segue: *para que "o" ministério não seja censurado* (aquele artigo "o" é literal). Se fosse possível encontrar falhas em seu ministério, e em Corinto só estivessem pessoas demasiado prontas para descobri-las, presumivelmente então isso poderia ser usado como des-

culpa para que sua mensagem fosse recusada. Portanto, Paulo diz: *Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus.* O que temos aqui não é propriamente auto-recomendação, como algo primordial, coisa que o apóstolo evitaria (3:1; 5:12), mas a recomendação de um ministério. Nos versículos 4b-10, vemos o que Paulo quer dizer com a expressão *em cousa alguma.*

4b-5. *Na muita paciência.* Parece que isto seria o título, ou cabeçalho geral, de nove elementos que Paulo relaciona a fim de recomendar seu ministério. São nove fatores reunidos em três grupos de três fatores cada. Primeiro grupo: *aflições, privações, angústias,* expressas em termos genéricos. O segundo grupo apresenta exemplos particulares: *açoites, prisões, tumultos.* O terceiro refere-se a provações assumidas voluntariamente: *trabalhos, vigílias, jejuns.* O capítulo 11 mais o relato do ministério de Paulo em Atos provêem o melhor comentário destes versículos. Dois desses fatores precisam de explicações. Falando de *tumultos,* Paulo tem em mente "desordens civis" ou "multidões em rebelião" (cf. At 13:50; 14:19; 16:19; 19:29), e *vigílias* refere-se a sono perdido e noites sem dormir (cf. 11:27), talvez por causa das pressões das viagens, do ministério e das preocupações com as igrejas.

Pode parecer estranho que Paulo faça apelo a tais provações a fim de recomendar seu ministério. Todavia, subjacente aos apelos está o reconhecimento de que o verdadeiro servo de Deus é o Servo Sofredor, e quem for seguidor leal do Senhor compartilhará suas provações: "O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor" (Mt 10:24; cf. At 20:19).

6-7. Prosseguindo em sua recomendação, Paulo fala da integridade moral e das "armas" empregadas. Assim, recomenda seu ministério *na pureza* [ou "sinceridade"], *no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo* [o dinamismo do ministério de Paulo derivava do Espírito], *no amor não fingido, na palavra da verdade* (trad. lit.; provavelmente "evangelho"), *no poder de Deus* [cf. 1 Co 2:5]; *pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas.*

Ministério *pelas armas (hoplōn) da justiça, quer ofensivas, quer defensivas* tem recebido diferentes interpretações: trata-se de ministério que (a) está sujeito a ataques vindos de qualquer lado, (b) guarnecido

com armas ofensivas (espada para a mão direita) e defensivas (escudo para a esquerda), (c) que se desenvolve tanto na prosperidade (a mão direita) como na adversidade (a mão esquerda). Esse tipo de metáfora militar é empregado em outras passagens de Paulo, e o estudo delas lança luzes em seu uso aqui. Em 10:3-5, Paulo fala das "armas (*hopla*) da nossa milícia" que "não são carnais" mas, "poderosas em Deus, para destruir fortalezas". Estas fortalezas são "sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus", e o propósito de sua destruição é levar "cativo todo pensamento à obediência de Cristo". O que vemos aqui é a arma ofensiva da apresentação e argumentação do evangelho (cf., e.g., At 19:8-10), pela qual o poder de Deus é liberado a fim de produzir o fracasso dos falsos argumentos, e da loucura, trazendo as pessoas à obediência da fé.

Em Romanos 13:12, assim escreve Paulo: "Vai alta a noite e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas, e revistamo-nos das armas (*hopla*) da luz". Estas palavras fazem parte de uma exortação em prol de um viver piedoso, em contraste com a libertinagem, bebedice e outros vícios, de modo que a expressão "armas da luz" significa, aqui, caráter e comportamento cristãos.

Em Efésios 6:10-20, as várias peças do equipamento do soldado constituem a base em que Paulo descreve a "armadura" do cristão. Diz Paulo: "Revesti-vos de toda a armadura (*panoplian*) de Deus". A palavra *panoplian* era empregada para referir-se ao equipamento pesado de um soldado fortemente armado. Conquanto a palavra grega usada seja diferente (i.e., não *hopla*), a metáfora militar subjacente é a mesma. As peças da armadura relacionadas na maior parte são defensivas (e.g., couraça, escudo, capacete – cf. 1 Ts 5:8, em que algumas peças semelhantes são relacionadas), mas incluem uma arma ofensiva, "a espada do Espírito", que representa a "palavra de Deus". A apresentação do evangelho é o único método conhecido de Paulo, e por ele empregado, para enfrentar "principados e potestades" que se opõem ao progresso do evangelho.

À luz de tudo isto, é melhor adotar a tradução *armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas* como a melhor interpretação, como está na ARA (ao pé da letra: "armas para a mão direita e para a esquerda"), isto é, armas para atacar e se defender.

8-10. Paulo prossegue na recomendação de seu ministério, apresentando nove antíteses. Em cada uma delas, uma parte da antítese representa uma avaliação de seu ministério "segundo a carne", e uma outra parte, o verdadeiro ponto de vista de alguém que está "em Cristo". Assim é que Paulo recomenda seu ministério *por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama.* Os que o julgavam "segundo a carne" (pessoas de fora, ou talvez os críticos de Corinto) atribuíam-lhe desonra e infâmia, mas os que haviam abandonado o modo carnal ("segundo a carne") de avaliar as coisas, atribuíam-lhe honra e fama. *Como enganadores, e sendo verdadeiros.* Os que criticavam Paulo porque este não portava cartas de recomendação (3:1-3) talvez o considerado um impostor. Mas os crentes dotados de discernimento piedoso saberiam reconhecer que Paulo era um verdadeiro apóstolo. *Como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos.* Tanto pelo mundo como por seus críticos, Paulo era considerado um "joão-ninguém", não era "conhecido"; entretanto, os que haviam deixado os padrões mundanos reconheciam seu apostolado, e deles Paulo era bem conhecido.[1] *Como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos.* A julgar-se pelos padrões mundanos, a carreira de Paulo foi miserável. Ele esteve continuamente exposto a perigos de morte, sempre perseguido por multidões enfurecidas e pelas autoridades civis, mas Deus livrou-o vezes e vezes sem conta (veja 1:8-10, onde se registra o livramento mais recente). Portanto, contra todas as expectativas, ei-lo que vive, não foi assassinado. *Entristecidos, mas sempre alegres.* Esta antítese relaciona-se de modo íntimo às duas anteriores. Em meio às suas muitas tribulações, Paulo representava um quadro triste perante quantos o contemplassem "segundo a carne", a saber, do ponto de vista humano, mas a verdade era que pela graça de Deus o apóstolo estava sempre se regozijando (cf. At 16:19-26). *Pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo.* Nos dias de Paulo era comum, e.g., entre os filósofos cínicos e os estóicos, falar-se de nada ter materialmente, mas possuir tudo num sentido superior. Paulo afirma ser *pobre* e como *nada tendo*, talvez em parte por haver recusado o sustento financeiro dos coríntios

1. O particípio presente passivo que aqui se traduziu por *bem conhecidos* é *epiginōskomenoi* no grego, derivado do verbo *epiginōskō*, que Paulo emprega em 1 Coríntios 16:18, em que ele exorta os coríntios a "reconhecer" certos companheiros cristãos na obra de Deus.

(11:7-9), ou porque ele se recusara a mercadejar "a palavra de Deus" em proveito próprio (2:17). No entanto, o apóstolo se considera rico, porque já estava experimentando bênçãos espirituais, à guisa de primícias da era vindoura. Mais ainda: Paulo se alegrava pelo fato de, sendo materialmente pobre, poder enriquecer a tantas pessoas, ao capacitá-las a compartilhar as bênçãos espirituais em Cristo.

O propósito da longa recomendação de Paulo (vv. 3-10) é mostrar que não havia falhas em seu ministério; ele desejava, assim, preparar o caminho para um apelo aos coríntios para que se reconciliassem completamente com ele. Agora o apóstolo está pronto para iniciar seu apelo (vv. 11-13).

11. *Para vós outros, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios.* Uma expressão semelhante a essa com freqüência era usada a respeito de Jesus nos Evangelhos, aparente em algumas traduções (e.g., Mt 5:2; 13:35), refletindo uma expressão idiomática hebraica que significa "ele falou". Entretanto, a expressão de Paulo *abrem-se os nossos lábios* é uma expressão idiomática grega que denota candura, ou fala direta e franca. Ao acrescentar *alarga-se o nosso coração*, Paulo está afirmando que há abundância de espaço em seu afeto para com os coríntios.

12. *Não tendes limites em nós.* O texto grego correspondente a esta tradução contém a idéia de que os coríntios não sofrem restrições, não ocupam uma faixa estreita demais no afeto de Paulo. A seguir, o apóstolo acrescenta: *mas estais limitados em vossos próprios afetos.* Os constrangimentos existentes no relacionamento deles com Paulo resultam de seus afetos terem sido espremidos, digamos assim, num canto qualquer. Eles permitiram que os acontecimentos do passado e as críticas assacadas contra Paulo restringissem seu afeto pelo apóstolo.

13. *Ora, como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós.* O interesse pastoral de um pai espiritual reflete-se de modo especial neste versículo. Aqueles a quem ele chamou de "coríntios", no versículo 11, aqui são chamados de *filhos* (cf. 1 Co 4:14-15). Quando Paulo diz: *como justa retribuição... dilatai-vos também vós*, está apelando a seus filhos amados a que reajam à sua abertura de coração perante eles (v. 11), demonstrando a mesma abertura para com o apóstolo. O apóstolo anseia pelo afeto recíproco.

4. Apelo a um viver santo (6:14 – 7:1)

Esta passagem apresenta muitos problemas para o leitor, porque não é óbvia a conexão que deveria existir entre ela, o assunto anterior e o seguinte. Se esta passagem deve ou não ser considerada uma interpolação posterior já foi discutido na Introdução (pp. 42 - 45). Ali, chegamos à conclusão de que a teoria da interpolação, em vez de resolver os problemas, suscita outros, maiores, visto ser extremamente difícil explicar, segundo tal teoria, *a razão por que* alguém introduziria tal passagem nesse lugar. Se essa passagem não for de fato uma interpolação posterior, temos diante de nós duas tarefas: entender a mensagem de 6:14 – 7:1 propriamente dita e relacioná-la, de alguma forma, ao resto da carta, de modo especial ao contexto imediato.

A fim de entendermos a passagem em si, é necessário que primeiro reconheçamos sua estrutura. Ela consiste de (a) uma exortação introdutória para que os crentes não formem equipes desparceiradas com incrédulos (6:14a); (b) cinco perguntas retóricas que enfatizam a necessidade de atender a esta exortação (6:14b-16a); (c) uma afirmação do relacionamento singular dos crentes com Deus (6:16b), (d) várias citações do Antigo Testamento que salientam os privilégios decorrentes deste relacionamento e reiteram o conteúdo da exortação (6:16c-18); e (e) um chamado para que os coríntios se purifiquem, deixem o pecado e sigam a perfeita santidade.

14a. *Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos.* A expressão *jugo desigual* (*ginesthe heterozygountes*) contém a idéia de alguém estar num jugo desnivelado. O verbo *heterozygeō* encontra-se apenas aqui em todo o Novo Testamento, mas é empregado na LXX em Levítico 19:19, como parte da proibição de colocar animais diferentes sob o mesmo jugo.[1] É empregado por Filo e Josefo da mesma maneira. A proibição de "lavrar" com animais diferentes sob o mesmo jugo (não havendo, porém, o verbo *heterozygeō*) encontra-se em Deuteronômio 22:10. Paulo emprega uma linguagem que lembra essas proibições ao exortar seus leitores a que não entrem em "sociedades" com os incrédulos. Mas que tipo de "sociedades" tinha Paulo em mente? Seria o

1. Segundo o texto hebraico de Levítico 19:19, em que se baseiam as versões em português, é proibido cruzar (acasalar) diferentes espécies de animais. Não se trata de proibição de colocá-los sob o mesmo jugo.

casamento (cf. 1 Co 7:39)? ou a noção mais genérica de participação em práticas cultuais pagãs (cf. 1 Co 10:14-22)? À luz do que se segue (vv. 15-16), parece que esta última hipótese é a mais provável.

14b-16a. A exortação introdutória do v. 14a é apoiada aqui por cinco perguntas retóricas que sublinham sua importância. *Porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniqüidade? ou que comunhão da luz com as trevas?* O contraste entre a justiça e a iniqüidade, a luz e as trevas, existente nestas duas perguntas iniciais, encontra-se com freqüência nos Rolos do mar Morto (e.g., *Os Hinos*, 1:26-27; *A Regra da Guerra*, 3:19). A palavra Belial (*Maligno*, que se encontra na terceira pergunta: *Que harmonia entre Cristo e o Maligno?*) também se encontra com freqüência nos Rolos do mar Morto (e.g., *A Regra da Guerra* 1:1, 5, 13, 15; 4:2; 11:8) e na literatura intertestamentária (e.g., *Testamento de Levi* 3:3). Nestes escritos, Belial (Maligno) é um nome dado ao chefe dos demônios, Satanás. (Na AV, assim como na ARC e ARA, a expressão "filhos de Belial", ou seu equivalente, é encontrada várias vezes no Antigo Testamento, e.g., Dt 13:13; Jz 19:22; 1 Sm 2:12; 1 Rs 21:10, 13, mas tais expressões não se encontram na RSV, onde elas são substituídas por "espíritos maus".)

Em Colossenses 1:12-14, Paulo delineia a salvação como sendo o livramento dos crentes do domínio das trevas e transporte para o reino do Filho de Deus, onde compartilham a herança dos santos em luz. Portanto, os que foram transferidos para o reino de Cristo, o reino da luz, não podem manter comunhão com Satanás e o domínio das trevas. Em 1 Coríntios 10:14-22, Paulo refere-se à participação em cultos pagãos como sendo comunhão com os demônios, pelo que sua pergunta, *Que harmonia entre Cristo e o Maligno* (algumas versões em português trazem "Belial"), provavelmente reflete sua preocupação quanto ao mesmo problema. Neste caso, a quarta pergunta retórica de Paulo, *que união do crente com o incrédulo?*, seria interpretada com mais acerto em relação ao culto pagão; isto significaria que a chamada para a separação, ressoada na passagem toda, relaciona-se não aos contatos do dia a dia com os incrédulos (cf. 1 Co 5:9-10), mas ao problema do culto pagão.

Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Esta pergunta final, com sua figura de linguagem sobre cultos, oferece um pouco mais

de apoio ao ponto de vista segundo o qual as primeiras perguntas reforçam a exortação para que os crentes não tenham nenhum relacionamento com o culto pagão. Quando Paulo fala aqui do *santuário de Deus*, a figura de linguagem no pano de fundo refere-se ao santuário de Jerusalém, mas na aplicação imediata, trata-se da comunidade cristã como templo de Deus. Isto se confirma pela afirmação de Paulo na parte final do versículo (16b).

16b. *Porque nós somos santuário do Deus vivente.* Tendo enfatizado a incompatibilidade entre "o templo de Deus" e os ídolos (v. 16a), Paulo, com esta afirmação, mostra por que a comunidade cristã não se deve envolver em cultos pagãos: os crentes constituem *o santuário do Deus vivo.*

Em 1 Coríntios, Paulo fala do corpo do crente individual (1 Co 6:16-20), e da comunidade cristã como um todo (1 Co 3:16-17), como sendo o templo de Deus. Paulo usa essa expressão neste último sentido, aqui. A expressão *Deus vivente* também é empregada com freqüência pelo apóstolo (cf. Rm 9:26; 2 Co 3:3; 1 Ts 1:9; 1 Tm 3:15; 4:10). O contexto geral é o contraste do Antigo Testamento, entre o Deus vivente de Israel e os ídolos destituídos de vida das nações pagãs. No atual contexto, o mesmo contraste fica implícito. Noutras passagens, Paulo afirma claramente que os ídolos nada são, por si mesmos; o perigo da idolatria jaz no envolvimento com os poderes demoníacos, ativos nos ídolos, provocando o zelo e a ira de Deus (1 Co 8:4-6; 10:19-22).

16c-18. A série de citações do Antigo Testamento registrada nestes versículos é introduzida por uma fórmula verbal: *como ele próprio* [Deus] *disse.* No contexto original, de fato era Deus quem falava em cada um desses casos, e o povo de Israel era o destinatário das mensagens. Agora, Paulo aplica as mesmas palavras de Deus à comunidade cristã de Corinto.

Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não existe um texto exatamente igual na LXX, e nem na Bíblia hebraica. Parece que a "citação" de Paulo é bastante livre; talvez ele tenha mencionado Levítico 26:11-12 e Ezequiel 37:26-27. Todavia, as promessas aqui contidas são repetidas vezes sem conta no Antigo Testamento (cf., e.g., Êx 25:8; 29:45; Jr 31:1), sendo reiteradas no

Apocalipse com o objetivo de expressar a bem-aventurança final dos redimidos: "Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles" (Ap 21:3). O povo de Deus não tem um privilégio maior do que este, o de pertencer a Deus, tendo o Senhor habitando ao seu lado. No tempo do Antigo Testamento, Deus se fazia presente no tabernáculo e no templo. A partir do Pentecoste, o Senhor habita entre seu povo de maneira infinitamente mais íntima, mediante o Espírito Santo, sendo isto uma pequena amostra da bem-aventurança final de que Apocalipse 21:3 fala.

À luz dos grandes privilégios do povo de Deus, expressos nas passagens citadas no versículo 16, Paulo reitera no versículo 17 a exortação a que os crentes nada tenham que ver com o paganismo, e ele assim o faz utilizando-se de outra passagem do Antigo Testamento. *Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em cousas impuras.* Substancialmente, estas palavras foram extraídas de Isaías 52:11, onde o apelo primário destina-se aos exilados judaicos da Babilônia, para que deixem seu local de exílio e retornem à Judéia e a Jerusalém. De maneira análoga, Paulo roga aos coríntios que se separem do paganismo de Corinto.

Com o intuito de encorajar seus leitores a proceder a essa separação, Paulo menciona mais algumas citações veterotestamentárias, para demonstrar como Deus recebe de braços abertos aos que se voltam para ele. Primeiramente, há uma breve citação de Ezequiel 20:34 (LXX): *Eu vos receberei.* A referência original do texto era aos exilados que voltavam da Babilônia, mas novamente Paulo faz uma aplicação desse texto aos crentes coríntios, a quem convida a que abandonem qualquer compromisso com o paganismo. Segue-se uma adaptação de 2 Samuel 7:8, 14 (LXX): s*erei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.* Esta promessa, dirigida originalmente ao rei Davi, sofre adaptação: Paulo substitui os pronomes da segunda pessoa do singular (tu) pelos do plural (vós), e acrescenta *e filhas*. Esta citação, em seu novo contexto atual, enfatiza mais ainda o tremendo privilégio de pertencermos ao povo de Deus. Existe maior incentivo para que alguém abandone todas as práticas idólatras do que ficar sabendo que o Senhor Deus Todo-Poderoso nos recebe de volta com boas-vindas amorosas, porque agora somos seus filhos?

7:1. *Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.* À luz das grandiosas promessas que ele próprio estabeleceu em 6:16c-18, Paulo reitera sua exortação quanto a um viver santo. O termo *amados* revela a afeição pelos coríntios, e o emprego do subjuntivo encorajador, exortativo (*purifiquemo-nos*), mais a primeira pessoa do plural numa conjugação reflexiva (*nos*) indica que ele próprio se inclui, e a seus companheiros, entre seus leitores a quem cabe acatar a exortação.

A palavra *impureza* (*molysmos*) encontra-se apenas aqui, em todo o Novo Testamento, e só três vezes na LXX. Em todos os casos denota conspurcação religiosa. A referência de Paulo a *impureza, tanto da carne, como do espírito* pode dar a entender simplesmente que a "pessoa toda" pode ficar adversamente poluída pelas práticas idólatras ou, de modo mais específico, que tanto o corpo da pessoa (exterior) como o espírito (interior) podem degenerar. Esta última alternativa pode ser ilustrada por 1 Coríntios 6:15-18, em que o apóstolo descreve o envolvimento sexual de uma pessoa com uma prostituta, chamando-o de pecado "contra seu próprio corpo" (a prostituição sagrada fazia parte do culto pagão em Corinto), e por 1 Coríntios 10:19-21, em que a participação no culto idólatra envolve comunhão com os demônios, i.e., "impureza do espírito". Purificar-se de tal impureza significa abandonar toda e qualquer participação em culto pagão.

O apelo de Paulo à vida santa encerra-se com uma nota positiva: *aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.* Ele emprega o substantivo *santidade* (*hagiōsynē*) em Romanos 1:4, em que fala do "espírito de santidade" (cf. "Espírito", ARC) pelo qual Cristo fora designado Filho de Deus, com poder, e também em 1 Tessalonicenses 3:13, onde aparece como parte de uma bênção: "a fim de que sejam os vossos corações confirmados [por Deus] em santidade, isentos de culpa". Na presente passagem, Paulo exorta seus leitores a se aperfeiçoarem na santidade. Isto exigiria deles que abandonassem todo envolvimento com a idolatria. Eles mesmos deveriam efetuar esse rompimento; todavia, ao fazê-lo, bem como em todo crescimento em santidade, podiam depender da graça de Deus, mediante o Espírito de santidade.

O *temor de Deus*, à semelhança do "temor do Senhor" de 5:11 (veja comentário sobre esse versículo), deve-se entender não como terror, mas "assombro reverente".

A passagem toda, 6:14 – 7:1, constitui, então, uma chamada e encorajamento aos cristãos, para que nada tenham que ver com o culto pagão mas, ao contrário, que aperfeiçoem *a santidade no temor de Deus*. A questão difícil que permanece é por que, se esta passagem não é uma interpolação, Paulo a incluiu neste ponto de sua carta. Várias sugestões têm sido apresentadas (veja Introdução, pp. 44 - 45), das quais as menos insatisfatórias seriam as seguintes: (a) que Paulo, profundamente preocupado em reestabelecer comunhão com os coríntios (cf. 6:11-13; 7:2-4), fá-los lembrar-se, todavia, de que a restauração total dessa comunhão só poderá ser atingida mediante a cessação do culto pagão, e (b) que Paulo estaria advertindo a seus leitores de que caso juntassem à oposição contra ele e seu evangelho, tal atitude seria o mesmo que alinhar-se ao lado do Maligno/Satanás. Paulo os convoca, então, a que evitem essa ligação, e que se reconciliem com seu verdadeiro apóstolo. É claro que é possível que Paulo tenha pulado de um assunto a outro, e depois tenha voltado, *não* havendo conexão lógica entre eles. A maioria das pessoas que escrevem cartas faz isso, ocasionalmente, e precisamos admitir que talvez Paulo houvesse feito isso aqui.

5. Apelo adicional à reconciliação (7:2-4)

Aqui, logo depois da seção que apela a que não haja compromisso com o paganismo (6:14 – 7:1), Paulo renova seu apelo aos coríntios a que abram seus corações para seu apóstolo, retomando, assim, o que ele já havia dito em 6:11-13.

2. *Acolhei-nos em vosso coração* (lit., "arranjem lugar para nós"). O verbo está no tempo imperativo aoristo, indicativo de que Paulo aguarda alguma ação específica, e não fez simplesmente uma exortação geral. Isto, por outro lado, dá a entender que Paulo achava que ainda existia certa reticência da parte dos coríntios quanto a abrir seus corações para ele. No apelo anterior (6:11-13), Paulo enfatizou que seu próprio coração estava aberto, escancarado para os coríntios, e que qualquer restrição, se houvesse, seria da parte deles.

Para apoiar esse apelo renovado, Paulo assevera sua integridade em três níveis diferentes. Em cada um deles, o tempo aoristo é empregado, indicativo de que o apóstolo tem em mente as ocasiões específicas de suas visitas do passado a Corinto, e o modo por que ele se conduzira então. Paulo afirma, em primeiro lugar: *a ninguém tratamos com injustiça*, não sendo verdade o oposto (cf. 7:12). Em segundo lugar, diz Paulo: *a ninguém corrompemos*. Esse verbo, "corromper" (*phtheirō*), é usado três vezes na correspondência coríntia. Em 1 Coríntios 3:17, Paulo o emprega depois de falar da edificação da igreja sobre o alicerce, que é Cristo, por vários ministros, cujas obras precisam ser provadas. Adverte o apóstolo que "se alguém destruir (*phtheirei*) o santuário de Deus", Deus destruirá (*phtheirei*) tal pessoa. Em 1 Coríntios 15:33, Paulo fala das más companhias que "corrompem" (*phtheirousin*) os bons costumes (há um paralelismo disto em Efésios 4:22, em que do "velho homem" se diz que "se corrompe" (*phtheiromenon*) pelas concupiscências do engano). Portanto, com toda probabilidade, Paulo quer dizer, em nosso presente contexto, que ele não causou mal algum à igreja; seu exemplo e ensino não corromperam ninguém, nem incentivaram o comportamento imoral. Em terceiro lugar, Paulo assegura a seus leitores que *a ninguém exploramos* (*pleonekteō*). Este é um dos quatro lugares em que o verbo "tirar vantagem" é empregado por Paulo nesta epístola. Em 2:11, a idéia é que Satanás tentará obter vantagem da congregação, se lhe for permitido arrebatar um de seus membros. Em 12:17 e em 12:18, o verbo é usado com a idéia de explorar as pessoas, com o objetivo de lucro financeiro, e é dessa maneira que devemos entender seu uso aqui. Paulo vindica absoluta integridade pessoal em questões de dinheiro. Ele jamais usou sua posição privilegiada para ganho pessoal.

3. *Não falo para vos condenar*. Talvez Paulo tenha sentido que, ao defender com toda força sua própria integridade no versículo 2, poderia ter dado a entender que a integridade dos coríntios era questionável. Se assim foi, estas palavras constituiriam uma negativa imediata de que ele teria tido esta atitude. Ao contrário, a atitude do apóstolo para com os coríntios é muito mais positiva: *porque já vos tenho dito que estais em nossos corações para juntos morrermos e vivermos*. Nos papiros, a

expressão "viver juntos e morrer juntos" é encontrada sempre que se acentuam a amizade e a lealdade mútuas. A idéia básica é que as pessoas assim envolvidas nutrem entre si uma amizade que se sustentará ao longo da vida, e as manterá unidas até mesmo na morte (cf. Mc 14:31). Ao afirmar sua amizade, Paulo inverte a ordem, i.e., em vez de viver e morrer, escreve morrer e viver juntos, o que reflete uma perspectiva fundamentalmente cristã. É ao morrer que vivemos; é mediante o sofrimento que nos preparamos para a glória. É uma idéia que se originou no próprio Senhor Jesus (cf. Mc 8:34-36; Jo 12:24-26), sendo encontrada com freqüência nos escritos de Paulo (cf. Rm 6:8; 8:17, 36-39; 2 Co 4:8-12, 16-18; 2 Tm 2:11). Quando Paulo diz que os coríntios estão em seu coração *para juntos morrermos e vivermos*, ele o fez reconhecendo o fato de que ser cristão é expor-se ao sofrimento e à possibilidade da morte; entretanto, também era poder experimentar uma posição de renovação diária e a manifestação da vida de Cristo no íntimo. Mediante tal processo, a pessoa prepara-se para a vida e glória eternas (cf. Rm 8:18; 2 Co 4:17). É também o reconhecimento desse fato que nos possibilita dar sentido às palavras de Paulo, no final do versículo seguinte ("sinto-me transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação").

4. A despeito do fato de Paulo achar que ainda havia alguma reticência da parte dos coríntios no sentido de recebê-lo de modo completo em seu afeto, o apóstolo não obstante sentiu e expressou grande confiança neles: *muito me glorio por vossa causa; sinto-me grandemente confortado*. Esta expressão de confiança e orgulho, que se repete nos versículos 14 e 16, indica que a despeito do ataque desferido contra a integridade do apóstolo pelo ofensor (cf. v. 12 e Introdução, pp. 46 - 50), por esta altura Paulo ainda cria fortemente na lealdade básica dos coríntios para com ele. Tal lealdade precisava apenas ser liberada das restrições oriundas dos dolorosos eventos passados, e das críticas com respeito à integridade do apóstolo. Quando Paulo afirma: *Sinto-me grandemente confortado; e transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação*, é quase certo que se trata de um reflexo do grande alívio e regozijo que ele experimentou ao tomar conhecimento das providências efetuadas pelos coríntios, em obediên-

cia às exigências feitas em sua carta "severa". Eles haviam demonstrado sua lealdade ao apóstolo, de tal maneira que ele pode afirmar *sinto-me... transbordante de júbilo* a despeito de todas as aflições (cf. v. 5, que indica que Paulo ainda estava imerso em provações, ao escrever estas palavras).

N. A Alegria de Paulo após a Resolução da Crise (7:5-16)

Nesta seção, Paulo retorna ao relato de suas viagens, o qual se rompera em 2:13, quando ele passou a incluir uma avaliação longa da natureza, integridade e capacitação divina de seu ministério apostólico (2:14 – 7:4). Agora, Paulo retoma o fio da narrativa, deixado de lado em 2:13, e no resto do capítulo 7 completa o relato de suas viagens e de suas preocupações com respeito à crise coríntia. Reconta o grande alívio que sentira quando, finalmente, encontrara-se com Tito, na Macedônia, dele recebendo o bom relatório sobre a situação em Corinto (vv. 5-7). Menciona como, à luz dos fatos relatados por Tito, Paulo deixa de sentir tristeza por ter escrito aquela carta "severa", ainda que logo depois de enviá-la, sentira pesar por tê-la escrito. Todavia, a mudança em sua atitude resultara do fato de ter visto os benefícios positivos operados por tal carta (vv. 8-13). Finalmente, Paulo fala de como está aliviado, em face do excelente relatório, e também em face de a confiança que ele expressara a Tito, a respeito dos coríntios, ser plenamente justificada.

5. Em 2:12-13, antes da longa divagação a respeito do ministério, Paulo diz aos coríntios que quando ele fora a Trôade, a fim de encontrar-se com Tito, conforme combinação anterior, eles não se encontraram. O que Paulo encontrou foi uma grande porta aberta para a evangelização naquela cidade, mas por causa de sua ansiedade e expectativa em torno das notícias que Tito traria, Paulo foi incapaz de aproveitar a oportunidade evangelística que se lhe apresentava. Assim, ele deixou Trôade e partiu para a Macedônia. Aqui, no versículo 5, Paulo nos conta como, chegando à Macedônia, viu-se envolvido em problemas outra vez. *Porque, chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos.* No texto grego há a palavra *sarx* ("carne") que a ARA não traduziu, e que nas cartas paulinas é usada predominantemente com uma conotação negativa. Aqui, a palavra tem um sentido neutro, denotando a pessoa

toda (*nós*). Isto se confirma pela declaração paralela que se segue: *em tudo fomos atribulados*. Paulo descreve a aflição como sendo *lutas por fora, temores por dentro*. É possível que *lutas por fora* se refira ao fato de Paulo compartilhar a perseguição que se abatera sobre as igrejas macedônias (cf. 8:1-2). Entretanto, a palavra "lutas" (*machai*), sempre que encontrada noutras passagens do Novo Testamento (2 Tm 2:23; Tt 3:9; Tg 4:1), aplica-se apenas a brigas e disputas, de modo que as "lutas" de Paulo poderiam ter sido disputas calorosas com incrédulos (cf. At 17:5-14), ou com adversários crentes (cf. Fp 3:2) na Macedônia. Os *temores por dentro* podem referir-se a temores de perseguição (durante sua primeira visita a Corinto, Paulo em certa ocasião passou pelo perigo de ser reduzido ao silêncio, pelo medo, cf. At 18:9), ou talvez o medo de perdas espirituais que aconteceriam se os coríntios não reagissem de modo positivo diante da carta "severa". (Há evidências em 11:3 e Gl 4:11 de que Paulo experimentou esse tipo de medo.) Fosse qual fosse a natureza exata de *lutas por fora, temores por dentro,* é evidente que Paulo estava num estado atribulado, enquanto esperava a chegada de Tito, na Macedônia.

6-7. *Porém, Deus, que conforta os abatidos*. Paulo conhecia esse conforto não apenas no sentido do encorajamento verbal, mas também em que Deus intervinha sempre, para aliviar a situação do apóstolo (1:3-11; cf. Is 49:13), assegurava-lhe sua proteção (cf. At 18:9-10) e, quando necessário, provia a graça para suportar a aflição (cf. 12:7-10). Na tribulação em que Paulo se viu imerso, na Macedônia, assim disse Paulo: *Deus nos consolou com a chegada de Tito*. Foi o encontro com Tito, que demorou tanto, mas finalmente ocorreu, que trouxe grande alívio ao apóstolo, mas prossegue, dizendo que o alívio experimentado foi decorrência de outra coisa: *não somente com a sua chegada, mas também pelo conforto que recebeu de vós*. Quando Tito partiu para Corinto, na qualidade de enviado da parte de Paulo, logo após a "dolorosa" visita do apóstolo, o jovem teria partido cheio de apreensões, a despeito das expressões paulinas de grande confiança em seus convertidos. Quando Tito, porém, chegou e viu a forma como os coríntios haviam reagido diante da carta "severa" de Paulo, e a forma como o receberam, o jovem ficou muito aliviado e confortado (cf.

7:13b-16). Quando Paulo recebeu notícias sobre o alívio de Tito, ele próprio sentiu-se confortado, mas muito mais confortado e cheio de regozijo em face do que o apóstolo chama de *que indignação, que temor, que saudades, que zelo* [por mim!] (veja comentário sobre o v. 11, em que discorremos com mais minúcias sobre a natureza desta reação).

8-9. Paulo faz referência à tristeza que sentiu pelo fato de ter de escrever a carta "severa", porque causara tantas tristezas a seus leitores. Entretanto, à luz da reação que ela provocou, ele pode afirmar: *ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido.* A razão por que ele já não lamentava mais tê-la escrito foi que a tristeza causada pela carta durou *por breve tempo.* Paulo se apressa em afirmar que não achou alegria em causar-lhes tristeza mediante aquela carta: *agora me alegro, não porque fostes contristados* (cf. 2:3-4). A única alegria de Paulo derivava da reação positiva dos coríntios: *agora me alegro... porque fostes contristados para arrependimento.* A tristeza que eles experimentaram não foi um remorso inútil, sem uma providência correspondente retificadora da situação. Foram *contristados segundo Deus* para o arrependimento, o qual trouxe resultados positivos para que *nenhum dano sofrêsseis* ao receberem a carta "severa" de Paulo. Não ficou especificado que tipo de "dano" Paulo tinha em mente, como possibilidade de virem a sofrer. Entretanto, ele usa o mesmo verbo (*zēmioō*) em 1 Coríntios 3:15, a respeito da pessoa que sofre a perda de seu galardão, se suas obras não passarem pelo teste de Deus no último dia. Talvez Paulo houvesse entendido que a reação positiva dos coríntios à sua carta "severa" os salvara de tão grande dano.

10. Paulo contrasta a "tristeza segundo Deus" com a "tristeza do mundo". A primeira *produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar*, a segunda, *produz morte.* A diferença entre tristeza piedosa (a primeira) e tristeza mundana (a segunda) é que aquela conduz ao arrependimento, e esta ao remorso. A tristeza piedosa, que termina em arrependimento (i.e., mudança de mente e de coração e determinação para mudança de comportamento), quando aliada à fé em Deus, conduz à salvação. Esta vem envolta na alegria do Senhor, não havendo, portanto, tristezas. Por outro lado, a tristeza mundana não passa de

remorso. Há profunda depressão por causa das coisas que aconteceram, mas inexiste a mudança de mente e de coração, a prontidão para mudar o comportamento e a fé em Deus, que necessariamente devem acompanhar o verdadeiro arrependimento. O resultado final não é a salvação, mas a morte (Rm 6:15-23).

Podemos ver alguns casos de tristeza "segundo Deus" na Bíblia: Davi (2 Sm 12:13; Sl 51), Pedro (Mc 14:72) e o próprio Paulo (At 9:1-22); temos também alguns casos de tristeza "segundo o mundo", como o de Esaú (Gn 27:1-40; Hb 12:15-17) e Judas (Mt 27:3-5). É digno de nota que Paulo tomou providências no sentido de evitar a possibilidade de haver mera "tristeza segundo o mundo", no caso do "ofensor", em 2:7, ao exortar seus leitores a reafirmarem seu amor para com o "delinqüente", de modo que ele não fosse vencido da tristeza e a igreja o perdesse (veja comentário sobre 2:5-11).

11. Paulo traz à memória de seus leitores o resultado da tristeza piedosa ("segundo Deus") no caso deles, coríntios: *quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados! que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita!* É provável que a *indignação* houvesse sido dirigida ao "ofensor", que era o pivô do problema (cf. 2:5; 7:12). O *temor* (lit.) pode ter sido o temor de Deus, quando os coríntios perceberam que não haviam tributado o devido respeito a seu apóstolo, enquanto *as saudades* a que Paulo se refere poderiam ser um veemente desejo de restauração de comunhão entre a igreja e seu apóstolo. Assim foi que a carta "severa" de Paulo despertou em seus leitores um profundo sentimento de vergonha e arrependimento por causa da deterioração de seu relacionamento com o apóstolo, e da situação em geral na igreja. O resultado foi uma ação enérgica, cheia de zelo, a fim de restaurar-se a si próprios, restaurar a comunhão com o apóstolo e disciplinar o "ofensor". Quando Paulo ouviu isto, de pronto assegurou aos coríntios: *em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto.* Parece-nos, portanto, que embora a congregação, como um todo, não tenha corrido em defesa de seu apóstolo, que viram ser caluniado pelo "ofensor", e embora houvesse demonstrado lassidão moral ao deixar de atender a apelos anteriores no sentido de disciplinar aquele crente relapso, eles próprios,

todavia, não se envolveram nas calúnias. Pelo menos nessa questão eram inocentes, quando, por fim, providenciaram a disciplina do faltoso.

12-13a. Por causa de uma reação tão positiva da parte dos coríntios, em face da carta "severa" de Paulo, o apóstolo está agora na posição favorável de poder dizer-lhes que seu verdadeiro motivo ao escrever-lhes não fora simplesmente induzi-los a tomar uma providência disciplinar contra o "ofensor" (*não foi por causa do que fez o mal*), tampouco lhes escrevera a fim de esclarecer e impor sua posição de autoridade perante os coríntios (*nem por causa do que sofreu o agravo*), mas, antes, para que os próprios coríntios, ao experimentarem aquela "tristeza segundo Deus", pudessem entender o quanto Paulo na verdade significava para eles (*para que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus*). O fato de Paulo definir o propósito de sua carta "severa" em termos de salientar o zelo dos coríntios por ele mesmo, Paulo, *diante de Deus,* significa que os coríntios eram responsáveis diante de Deus por suas atitudes nessas questões todas. Ao escrever-lhes aquela carta, Paulo os estimulara a agir de maneira agradável a Deus; a maior preocupação do apóstolo era que os coríntios agissem segundo sua orientação, o que para ele era mais importante que a vindicação de sua pessoa. E em vista de isso mesmo haver acontecido, Paulo conclui: *Foi por isso que nos sentimos confortados.*

13b-16. Nestes versículos, Paulo explica mais algumas das razões de sua alegria ao encontrar-se com Tito. O apóstolo alegrava-se porque as apreensões do próprio Tito, quando ambos se encontraram, se haviam dissipado logo ao chegar a Corinto, e seu espírito estava em paz. Ele se alegrava, ainda, porque sua confiante exaltação dos coríntios, quanto às suas atitudes reais perante Tito, a despeito da falha deles em defender seu apóstolo no processo calunioso, ficara comprovada positivamente.[1] Ficara justificado o orgulho que Paulo sentia em relação aos coríntios. Outra razão da alegria era que Paulo via que o coração do próprio Tito agora se inclinava a favor dos coríntios, pois o jovem lembrava-se da

1. Eventos subseqüentes, que se refletem nos capítulos 10 – 13, sugerem que ou o relatório de Tito, ou a reação de Paulo a esse relatório, foi prematuramente otimista.

sua obediência (às exigências feitas na carta "severa"), bem como do temor e tremor com que o haviam recebido (isto evidenciava o respeito que tributavam a Paulo e a sua equipe apostólica, o que por sua vez também evidenciava estarem eles livres de culpa, no caso dos ataques à pessoa do apóstolo). Paulo encerra esta seção importante de sua carta com uma expressão de confiança na igreja: *Alegro-me porque em tudo posso confiar em vós.* Esta expressão de confiança salienta-se em contraste com a maneira como Paulo se dirige a essas mesmas pessoas, nos capítulos 10 – 13 (cf. esp. 11:3-4, 19-20), sendo esta uma das principais razões por que muitos eruditos vêem nos capítulos 10 – 13 o remanescente de uma carta subseqüente de Paulo (veja Introdução, p. 39).

III. A QUESTÃO DA COLETA (8:1 – 9:15)

Tendo falado da grande alegria e alívio decorrentes das notícias que Tito trouxe, sobre a reação positiva dos coríntios à sua carta, Paulo prossegue, agora, tratando do assunto da coleta que estava sendo levantada entre as igrejas gentílicas, para assistências às igrejas judaicas pobres de Jerusalém. Estes cristãos pobres haviam sido atingidos por vários surtos de fome durante o reinado do imperador Cláudio (41-54 A.D.). A igreja de Antioquia (da Síria), em grande parte gentílica, atendera ao apelo com rapidez, enviando socorro pelas mãos de Saulo (Paulo) e de Barnabé (At 11:27-30). Em Gálatas 2:10, Paulo nos diz que os líderes da igreja em Jerusalém, tendo reconhecido seu apostolado aos gentios, exortaram-no a que continuasse lembrando-se dos pobres, e isso, afirma o apóstolo, ele estava ansioso por fazer. À época em que escreveu 1 Coríntios (c. 55 A.D.), Paulo já havia iniciado uma campanha entre as igrejas da Galácia; os coríntios, tendo ouvido a este respeito, pediram permissão para participar desse ministério (1 Co 16:1-4). À época em que 2 Coríntios fora escrita (c. 56 A.D.), Paulo entrara em contato com as igrejas macedônias, as quais lhe solicitaram "com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos", de modo que Paulo agora usa seu exemplo de generosidade a fim de estimular os coríntios a executarem o que anteriormente demonstraram estar prontos para fazer (8:1-7; cf. 1 Co 16:1-4), da mesma forma que ele havia usado o exemplo da prontidão dos coríntios a fim de motivar os macedônios (9:1-5).

O significado da coleta, para Paulo e sua missão, tem sido assunto de muitos comentários e discussões.[1] Primeiramente, essa coleta é vista como uma resposta cheia de compaixão diante das prementes necessidades dos cristãos judeus. Em segundo lugar, a coleta, conforme tem sido observado, era para Paulo uma importante expressão da unidade das seções judaica e gentílica da igreja (2 Co 8:14-15; cf. Rm 15:25-27). Em terceiro lugar, tem-se demonstrado a existência de algumas similaridades (e algumas diferenças) entre o modo como Paulo fala dessa coleta e o modo como o imposto do templo judaico era administrado.[2] Em quarto lugar, e esta opinião é mais hipotética, tem sido sugerido que Paulo concebeu a idéia de levar-se a coleta a Jerusalém, por representantes das igrejas gentílicas, em termos das profecias do Antigo Testamento, quanto aos últimos dias, quando as nações e suas riquezas fluiriam para Sião (Is 2:2-3; 60:5-7; Mq 4:1-2). Segundo esta perspectiva, Paulo esperava convencer os judeus cristãos de que Deus estava cumprindo suas antigas profecias; quando esta percepção entrasse na mente dos judeus incrédulos, eles se tornariam ciumentos, ao verem os gentios usufruindo as bênçãos de Deus, o que faria disparar o gatilho do arrependimento de Israel, algo que constituía o sonho mais acalentado de Paulo (Rm 11:11-14, 25-32). Infelizmente, as coisas não decorreram da forma como Paulo esperara, pois sua viagem a Jerusalém junto com os portadores da coleta (At 24:17-21) acabou num tumulto, em sua prisão e num endurecimento ainda maior de Israel contra o evangelho.[3] Esta sugestão não tem sido julgada convincente para a maioria dos comentaristas mais recentes, visto constituir uma tremenda infra-estrutura edificada sobre alicerces feitos de meras inferências tiradas de evidências limitadas.

A questão sobre se os capítulos 8 e 9 originalmente estiveram ligados aos capítulos 1 – 7 já foi discutida na Introdução (pp. 33 - 36). Concluíamos que as evidências favoráveis à unidade são pelo menos tão fortes quanto as evidências contrárias, senão mais fortes ainda. A

1. K. F. Nickle, *The Collection: A Study in Paul's Theology* (SCM, 1966) é representante das teorias modernas, provendo uma boa cobertura literária sobre as principais questões envolvidas. Veja também J. Munck, *Paul and the Salvation of Mankind* (SCM, 1959), pp. 287-305, e comentários de maior fôlego, de Barrett, Furnish e Martin.
2. Nickle, *op. cit.*, pp. 74-93.
3. Ibid., pp. 129-142.

conexão entre os capítulos 1 – 7 com os capítulos 7 – 8 pode ser explicada como segue. Nos capítulos 1 – 7, Paulo responde com grande alegria e alívio às boas novas trazidas por Tito quanto à virada para melhor no relacionamento entre o apóstolo e os coríntios. Ele conclui essa resposta (que também contém uma longa explicação sobre a natureza e integridade de seu ministério e sobre como Deus lhe havia dado prosperidade, a despeito de todas as suas aflições e ansiedades) com uma expressão de confiança e orgulho a respeito dos coríntios (7:14-16). Visto que o relacionamento, nesse instante, era razoavelmente bom, Paulo achou que poderia trazer à lembrança dos coríntios a antiga prontidão deles em contribuir para a coleta em prol dos judeus cristãos, exortando-os agora a terminar o que haviam iniciado. Assim, embora os assuntos dos capítulos 8 e 9 sejam completamente diferentes dos assuntos dos capítulos 1 – 7, aqueles podem ser explicados como tendo originado nestes.

A. O Exemplo dos Macedônios (8:1-6)

Nestes versículos, Paulo utiliza o exemplo da extraordinária generosidade dos macedônios, ao atenderem ao apelo sobre a coleta; ele quer motivar os coríntios a que façam o que anteriormente já estavam dispostos a fazer: prover socorro aos santos de Jerusalém.

1-2. Paulo começa conscientizando seus leitores sobre *a graça de Deus, concedida às igrejas da Macedônia.* A província romana da Macedônia compreendia a parte norte da Grécia, onde se encontravam as igrejas paulinas de Filipos e Tessalônica e também, possivelmente, uma igreja em Beréia (cf. At 20:4). O apóstolo considera a liberalidade dos macedônios como sendo o resultado da graça de Deus em suas vidas. Deus é generoso (v. 9; Rm 5:6-8; 8:31-32; cf. Mt 5:45; 7:11) e onde sua graça é verdadeiramente experimentada haverá, nas vidas das pessoas, evidências de amor e generosidade similares (cf. Mt 5:43-48; 10:8; Rm 15:7; Ef 4:32; 5:1-2; Fp 2:4-11; Cl 3:12-13; 1 Jo 4:7-12).

A evidência extraordinariamente notável da atuação da graça de Deus nas igrejas da Macedônia mostra-se em sua generosidade exercitada nas circunstâncias mais adversas. Primeiramente, tudo ocorreu *no meio de muita prova de tribulação.* O nascimento das igrejas na Macedô-

nia foi acompanhado de muita oposição, tanto contra a equipe apostólica quanto contra os novos convertidos (veja os relatos da missão em Filipos, Tessalônica e Beréia, em At 16:11 – 17:15); Paulo ainda estava vividamente consciente disso ao escrever às igrejas da Tessalônica e Filipos (1 Ts 1:6; 2:1-2, 14-16; 3:1-5; 2 Ts 1:4; Fp 1:27-30). As igrejas da Macedônia estavam ainda (ou outra vez) sofrendo perseguições quando Paulo escreveu aos coríntios, estando ele na Macedônia (2 Co 7:5). Em segundo lugar, e igualmente notável, é o fato de os crentes macedônios compartilharem da coleta apesar da *profunda pobreza deles*. Mais tarde, nesse mesmo capítulo, Paulo vai falar da necessidade de igualdade, pois a abundância de uma igreja supria as necessidades de outra (vv. 13-15). Os macedônios eram extraordinários na generosidade porque atendiam aos apelos financeiros, embora fossem eles mesmos necessitados.

Diz Paulo a respeito dos macedônios que *manifestaram abundância de alegria* e sua *profunda pobreza* material *superabundou em grande riqueza da sua generosidade*. Foi, então, a alegria dos macedônios que se extravasou em grande liberalidade. Jesus havia dito aos doze, ao enviá-los na missão pela Galiléia: "de graça recebestes, de graça dai" (Mt 10:8). Os cristãos macedônios conheciam a alegria de ser recipiendários da rica liberalidade de Deus e, nessa alegria, contribuíam generosamente. Por causa da situação deles, o que davam provavelmente somava pouco, mas comparado à *profunda pobreza deles*, sua contribuição *superabundou em grande riqueza da sua generosidade* (cf. Mc 12:41-44).

3-5. Aqui, Paulo explica mais um pouco a natureza da extraordinária generosidade das igrejas macedônias. *Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários*. A expressão *na medida de suas posses* (*kata dynamin*) é muito comum nos papiros, de modo especial em contratos de casamento, em que o noivo promete prover comida e vestuário para sua futura esposa "na medida de suas posses". Paulo testemunha que os macedônios fizeram tudo quanto puderam, segundo o que se esperaria deles; atenderam aos apelos *na medida de suas posses*. Entretanto, o apóstolo se sente forçado a acrescentar: *e mesmo acima* de suas posses. Mais uma vez os papiros lançam luzes sobre o significado desta expressão. "Acima das posses

de alguém" (*para dynamin*) encontra-se no contexto de uma queixa do marido contra sua esposa, para a qual ele vem provendo acima do que lhe é realmente possível. Assim é que Paulo afirma a respeito dos macedônios que eles contribuíram para a coleta destinada aos pobres acima e além de tudo quanto se poderia esperar deles, em face de sua situação financeira.

E em tudo isso eles *se mostraram voluntários*, acrescenta Paulo, *pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos*. Neste versículo encontramos três palavras-chave empregadas por Paulo com relação à coleta. (a) *Graça* (*charis*) é a palavra empregada a fim de mostrar que os macedônios consideravam a oportunidade de contribuir como um favor, ou privilégio. Evidentemente eles entendiam a verdade das palavras de Jesus: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20:35). (b) *participarem* (*koinonia*) indica que o envolvimento deles era considerado participação numa entidade maior, i.e., num ato "ecumênico" de compaixão. (c) *Assistência* é tradução da palavra grega *diakonia*. Seu emprego, aqui, reflete o fato de que a contribuição financeira era entendida como sendo um "ministério" cristão. Este era um ministério em que a igreja filipense, pelo menos, esteve envolvida durante longo tempo (Fp 4:14-20).

Finalmente, Paulo testemunha que este ato extraordinário de generosidade teve algo mais: *não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus*. O que aparentemente surpreendeu a Paulo foi que os macedônios não apenas entregaram seu dinheiro, por sentirem grande compaixão pelos judeus cristãos, mas eles próprios se deram primeiro ao Senhor e ao seu apóstolo, *pela vontade de Deus*. Paulo havia sido nomeado apóstolo *pela vontade de Deus* (1:1), e agora ele vê seus convertidos da Macedônia dedicarem-se ao Senhor e a ele. Parece que reconheciam a autoridade que o próprio Deus delegara a Paulo, de modo que sua reação aos apelos do apóstolo a favor dos judeus cristãos teria sido um reconhecimento dessa autoridade, bem como uma expressão de compaixão pelos necessitados.

6. *O que nos levou a recomendar a Tito*. A motivação de Paulo, pelo menos em parte, para reabrir a questão da coleta entre os coríntios, deve-se um pouco à espantosa resposta dos macedônios (e seu temor

de humilhação perante estes, caso os coríntios, cuja prontidão para contribuir ele gabara tanto, falhassem nesse aspecto, cf. 9:1-5). Foi por isso que ele recomendou a Tito *que, como começou, assim também complete esta graça entre vós*. O versículo 10 revela que algumas providências teriam sido tomadas com respeito à coleta em Corinto "desde o ano passado". É provável que isso se refira a uma investigação inicial promovida pelos coríntios, e às instruções que Paulo emitiu em resposta (1 Co 16:1-4). Entretanto, é improvável que Tito estivesse envolvido nesse estágio inicial, porque 7:14 dá a entender que a visita a Corinto, de que ele acabara de regressar (7:5-7), teria sido sua primeira visita àquela igreja. Portanto, é mais provável que teria sido em sua visita mais recente que Tito, ao verificar que os coríntios haviam reagido bem em face da carta "severa" de Paulo, iniciara entre eles o serviço da coleta assistencial. Portanto, no presente contexto, Paulo está dizendo a seus leitores que recomendara a Tito que completasse o que ele mesmo iniciara em sua recente visita.

B. Paulo Exorta os Coríntios a Exceder em Excelência (8:7-15)

7-8. Se as palavras deste versículo estivessem em 1 Coríntios, suspeitaríamos de uma sátira paulina (cf. 1 Co 2:14 – 3:4; 6:5), i.e., seria como se Paulo estivesse dizendo: "Se vocês *acham* que excedem em excelência em tudo, então podem exceder já, nesta questão da coleta!" Entretanto, no contexto de uma passagem ligada aos capítulos 1 – 7, que é uma carta de conciliação, alívio e regozijo, uma sátira desse naipe estaria deslocada. Paulo reconhece aqui que aquela congregação excede em tudo: *Em tudo manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra, como no saber e em todo cuidado e em nosso amor para convosco.* (Há uma variante de texto que diz: "em vosso amor para conosco", em vez de *em nosso amor para convosco.* O contexto, em que se enaltecem as excelências do caráter cristão coríntio, indica que "vosso amor para conosco" deve ser preferível.) Em 1 Coríntios, o apóstolo reconheceu a excelência dos coríntios em palavra e conhecimento (1 Co 1:4-7), mas o interesse e o amor devotados a Paulo, mencionados no presente contexto, são qualidades que haviam sido desafiadas na carta "severa". As palavras finais do versículo 7, *assim*

também abundeis nesta graça, estão na forma de uma ordem (*hina* mais um subjuntivo empregado como imperativo), mas Paulo prossegue, qualificando esta exortação com estas palavras: *Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor.* "Outros" (i.e., os macedônios) haviam demonstrado, mediante reação extraordinariamente generosa ao apelo, a sinceridade de sua entrega a Cristo. Quando Paulo exortou os coríntios a que sobressaíssem nessa mesma área, não se tratava de uma simples ordem a ser obedecida, mas de um encorajamento; que os coríntios aproveitassem aquela oportunidade para demonstrar quão genuíno era seu amor e entrega a Cristo. O verdadeiro amor nunca nos deixa satisfeitos apenas com palavras; ele precisa expressar-se em atos de verdadeiro interesse (cf. Lc 19:1-10; 1 Jo 3:16-18).

9. A fim de dar apoio a sua exortação em prol do amor em ação, Paulo cita como exemplo *a graça de nosso Senhor Jesus Cristo.* Quando Paulo fala da graça de Deus, ou como aqui, da *graça de nosso Senhor Jesus Cristo,* ele não se refere a uma atitude, nem a uma disposição graciosa, mas ao amor de Deus expresso em ação concreta de amor em prol da humanidade. (De modo semelhante, é uma expressão concreta de amor que Paulo espera de seus leitores.) A natureza da expressão de amor de Cristo está declarada nestas palavras: *sendo rico, se fez pobre por amor de vós.* Ao procurar entender esta declaração, é importante que não distorçamos o quadro bíblico da experiência da pobreza de Jesus, nem deixemos de reconhecer a natureza da pobreza que Paulo tem em mente aqui.

No que concerne à experiência de Jesus, é verdade que Lucas salienta as circunstâncias humildes do nascimento do Senhor; todavia, Lucas não nos deu uma indicação da pobreza da sagrada família, mas antes mostrou-nos as condições excepcionais de multidões superpovoando a pequena Belém, à época do censo (Lc 2:7). A oferta apresentada por Maria, para sua purificação, era permitida às pessoas que não tinham condições de oferecer um cordeiro (Lc 2:24; cf. Lv 12:6-8). Tudo isto indica que a família não era rica. Jesus era conhecido como o "carpinteiro", o "filho de Maria" (Mc 6:3). Sendo, porém, um artesão, não seria contado entre os miseravelmente pobres.

Durante seu ministério na Galiléia, Jesus conscientizou um candidato a discípulo de que "as raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9:58). Entretanto, esta palavra do Senhor não deve ser interpretada como se ele, como pregador itinerante, estaria em circunstâncias financeiras continuamente caóticas. Há indicações de que os custos do ministério itinerante de Jesus, mais o sustento de seus seguidores, eram providos por vários simpatizantes ricos que haviam sido abençoados em seu ministério de cura (Lc 8:1-3). Além disso, havia um costume entre os judeus de prover hospitalidade aos pregadores em viagem (cf. Mt 10:9-13) e Jesus usufruiu dessa hospitalidade em várias casas, de modo especial no lar de Marta e Maria (Lc 10:38-42; Jo 12:1-3). Portanto, segundo as evidências, Jesus não era mais pobre do que a maioria dos judeus palestinos do primeiro século; na verdade, era mais rico que alguns deles (e.g., os que foram relegados à mendicância). De fato, Jesus e seus seguidores tinham dinheiro suficiente para prover auxílio aos mais pobres, em situação ruim (cf. Jo 12:3-6; 13:27-29).

Independentemente do grau de pobreza que Jesus poderia ter experimentado (e a extensão de sua pobreza pode facilmente ser exagerada), não é à sua pobreza material que Paulo se refere aqui. Muito provavelmente o que Paulo tem em mente é o drama todo da redenção, de modo especial a encarnação. As declarações do primeiro capítulo do Evangelho de João ilustram a "pobreza" auto-infligida na encarnação. Aquele que no princípio estava com Deus e era Deus (Jo 1:1-2) "se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1:14). "Estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1:10-11; cf. Fp 2:5-8).

Cristo *se fez pobre por amor de vós*, diz Paulo, *para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos*. Assim como a pobreza de Jesus não deve ser mal interpretada como sendo abjeta miséria material, em sua encarnação, assim também a riqueza que ele veio trazer-nos, aos crentes, não deve ser entendida como prosperidade material. É a salvação, e as bênçãos a ela relacionadas no porvir, que constitui as riquezas que Cristo, mediante sua *pobreza*, capacita os crentes a usufruir. Tais riquezas são experimentadas já aqui, nesta vida, como uma espécie de

pagamento inicial, ou garantia, sendo completadas no retorno de Cristo (1 Co 1:4-8; 2 Co 5:5; Ef 1:3-14).

Jamais devemos esquecer-nos de que é somente *pela sua pobreza* que nós nos tornamos ricos. Houve um preço pago em troca das bênçãos que usufruímos em Cristo. Nesse preço inclui-se o custo da encarnação do Filho preexistente, num mundo decaído. Todavia, como ficamos sabendo mediante outras passagens, o custo da encarnação, conquanto infinitamente grande, foi apenas o início. Houve ainda o custo da rejeição, do escárnio, da perseguição, da traição e do sofrimento, culminando tudo isso na agonia da cruz no Getsêmani. Todos esses custos somados constituem o preço total de nossa salvação (cf. e.g., Rm 3:22b-26; 1 Co 5:7; 6:19-20; 15:3; 2 Co 5:21; Gl 3:13-14; 1 Pe 1:18-20).

10-11. Tendo citado o exemplo do amor sacrificial de Cristo, Paulo exorta seus leitores a demonstrar a sinceridade de seu próprio amor mediante um ato concreto de compaixão. *E nisto dou minha opinião.* A exortação de Paulo não constitui uma ordem (cf. v. 8a). Conquanto o apóstolo não seja avesso a fazer exigências, desde que ele as considere exigências do Senhor a seus convertidos (cf. 1 Co 14:37-38), às vezes faz questão de distinguir seu próprio aconselhamento pessoal das ordens revestidas da autoridade divina, e é isso que ele faz aqui (cf. 1 Co 7:25, 40). É evidente que a generosidade não é algo que se preste para ser ordenada (cf. 9:5, 7). *A vós outros que desde o ano passado principiastes não só a prática, mas também o querer, convém isto.* Embora tanto o versículo 7 (*hina* mais um subjuntivo) como o versículo 24 (uso do particípio com força de imperativo) tenham força de imperativo, na verdade o único verbo no tempo imperativo no texto de Paulo, concernente à coleta, nos capítulos 8 – 9, encontra-se no versículo 11. A NIV interpreta bem esse emprego verbal com força de imperativo: "Agora terminai (*epitelesate*) a obra, de tal modo que vossa ansiosa prontidão para fazê-la seja equilibrada pela consumação do trabalho". Isto nos permite deduzir qual teria sido o interesse fundamental de Paulo nestes capítulos: fazer que os coríntios terminassem o trabalho que haviam iniciado.

Paulo diz que seria melhor que eles agissem *agora*, pois ele sabia que alguns representantes das igrejas macedônias estavam prestes a

chegar (a estes, o apóstolo gabara a generosa disposição dos coríntios para contribuir). Se os coríntios, pois, ainda não terminado aquele trabalho de coleta, sem dúvida ficariam embaraçados perante os crentes macedônios (cf. 9:1-5); por isso é que seria melhor que acabassem *agora* aquele serviço já começado.

É provável que essa referência ao que se iniciara *desde o ano passado* diga respeito a uma providência tomada em atendimento às palavras de Paulo em 1 Coríntios 16:1-4. A tradução apresentada pela RSV, "há um ano", do texto grego *apo perysi* pode levar a má interpretação. Essa mesma expressão é empregada nos papiros com o sentido de "no ano passado", i.e., em alguma época durante o ano calendário que se findou (a ARA traduziu bem). Portanto, a referência temporal poderia significar um evento tão recente como "há um mês", ou tão longínquo como "há vinte e três meses". Neste contexto, presumindo-se que a iniciativa original dos coríntios quanto à coleta fora expressa na carta a que Paulo respondeu quando escreveu 1 Coríntios, o ponto no tempo a que *apo perysi* se refere deve ser determinado pelo período de tempo que julgarmos ter decorrido entre a redação de 1 e 2 Coríntios (veja Introdução, pp. 57 - 58).

Poderíamos ter esperado que Paulo falasse a respeito "daquilo que eles não só começaram a querer, mas a praticar também". Entretanto, a ordem aqui é contrária. Paulo diz: *Desde o ano passado principiastes não só a prática, mas também o querer.* Isto coloca ênfase no fato de as ações anteriores dos coríntios terem sido motivadas em seus desejos sinceros, e não de eventual pressão exercida pelo apóstolo. Entretanto, as excelentes intenções coríntias não haviam produzido resultado algum *desde o ano passado,* pelo que Paulo os exorta: *Assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo, segundo as vossas posses.* Pouco importa quão fortes e boas sejam as intenções e os desejos, são infrutíferos se não se expressarem mediante ação.

12. *Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem, e não segundo o que ele não tem.* O fato de Paulo ter que explicar isto aos coríntios pode ser uma indicação de que eles ainda não haviam terminado o que começaram, porque achavam que seus recursos parcos os impediam de levantar uma importância volumosa (cf. Tobias 4:8).

A palavra *aceita* (*euprosdektos*) encontra-se em três outros contextos, nas cartas de Paulo. Ocorre em Romanos 15:16, onde Paulo tem em vista a "aceitação" dos gentios por Deus. Encontra-se outra vez em Romanos 15:31, onde Paulo expressa a esperança de que a coleta será aceitável aos santos (i.e., os judeus cristãos). Em 2 Coríntios 6:2, a palavra é utilizada a respeito do tempo aceitável para Deus, o dia da salvação. Assim é que Paulo emprega *euprosdektos* para aceitação tanto perante Deus como perante os homens. Em nosso atual contexto, em que a palavra é utilizada num sentido absoluto, não havendo em mira nenhuma aceitação humana, Paulo tem em mente a aceitação do ato misericordioso dos coríntios, perante Deus. Paulo assegura a seus leitores que quando contribuem segundo suas posses, isso é agradável e aceitável perante Deus. A perspectiva de Paulo é sadia, visto que leva em consideração as circunstâncias de quem dá, não aguardando uma resposta *segundo o que ele não tem.*

13-15. Nestes versículos, Paulo procura evitar todo e qualquer mal-entendido acerca da coleta. Os coríntios devem entender que sobre eles não se coloca um fardo tão pesado, enquanto outros ficam tranqüilos, vivendo às expensas deles. Paulo insiste em que deve existir igualdade entre os cristãos. A relativa opulência dos coríntios, na época presente, deve prover o necessário para os judeus cristãos pobres de Jerusalém. De modo semelhante, se no futuro as circunstâncias mudassem e as posições se revertessem, *que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta.* É bom observar que é da superabundância dos que estão em situação melhor que Paulo espera sejam satisfeitas as necessidades dos que estão em situação pior. Ele não advoga a idéia de que os que têm riquezas façam opção pela pobreza. A reciprocidade em dar e receber objetiva a promoção da igualdade. O apóstolo encontra uma ilustração desta igualdade na experiência da comunidade que saiu do Egito. Quando Deus proveu o maná do céu, cada chefe de família deveria colher "um ômer por cabeça, segundo o número de vossas pessoas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda" (Êx 16:16). À medida que as pessoas colhiam o maná, de acordo com suas necessidades, "não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco" (Êx 16:18). As necessidades de todos foram atendidas,

ninguém sofreu falta de maná, ninguém ficou com um super-suprimento. Este modelo ilustra o ideal que Paulo coloca diante dos olhos de seus leitores. Eles também deveriam assegurar-se de que há igualdade de condições quanto a necessidades que estão sendo atendidas, no seio das comunidades cristãs. Para que isto ocorra, é necessário que os que têm em abundância atendam às necessidades dos que têm falta de recursos.

C. Recomendação Daqueles que Receberão a Coleta (8:16-24)

Aqui, Paulo recomenda os três irmãos que deverão ir a Corinto a fim de administrar a coleta. Tito é recomendado em primeiro lugar (vv. 16-17), a seguir o irmão famoso pelo seu trabalho no evangelho (vv. 18-19) e em terceiro lugar o irmão "cujo zelo em muitas ocasiões e de muitos modos temos experimentado" (v. 22). A passagem se encerra com uma recomendação resumida dos três (v. 23), e uma exortação no sentido de os coríntios darem prova de seu amor (por Paulo), e da veracidade de seus elogios a respeito dos coríntios (aos macedônios), quando os três irmãos chegarem a Corinto (v. 24). Entre as recomendações do irmão "famoso" e do outro, "zeloso", Paulo faz ligeira digressão a fim de salientar que não dará oportunidade a que surjam críticas quanto ao modo por que a coleta está sendo administrada (vv. 20-21). Provavelmente é esta preocupação que explica as recomendações minuciosas que Paulo faz. Também pode ser que Paulo, ao prover "cartas de recomendação", esteja antecipando-se às críticas à administração do dinheiro, e evitando-as, pois alguns de Corinto haviam antes denegrido a pessoa do apóstolo por não portar uma carta semelhante (3:1-3).

16-17. *Mas graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós.* Paulo inicia sua recomendação de Tito com um preito de gratidão a Deus, que reflete seu agradecimento por um colega que partilha os mesmos interesses que ele próprio nutre pelos coríntios. Paulo reconhece que tão grande solicitude só pode ter sido colocada no coração de Tito pelo próprio Deus, da mesma forma que a extraordinária generosidade dos macedônios havia sido resultado da infusão da graça de Deus em suas vidas (vv. 1-2).

Porque atendeu ao nosso apelo e, mostrando-se mais cuidadoso, partiu voluntariamente para vós outros. Este texto salienta o interesse

demonstrado por Tito a respeito dos coríntios, constituindo, portanto, uma recomendação efetiva. Embora Tito houvesse chegado de Corinto havia pouco, não precisaria da persuasão de Paulo para reencetar a longa viagem de volta àquela cidade. Sendo bastante solícito em sua preocupação pelos coríntios, Tito voluntariamente aceitou a missão.

18-19. *E com ele enviamos o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas.* A tradução ao pé da letra seria a seguinte: "o irmão cujo louvor no evangelho [está] entre todas as igrejas". A RSV introduziu "pregação", ficando, pois: "louvor na pregação do evangelho". A NIV colocou "culto", dando um sentido mais genérico. Provavelmente seria melhor adotar uma expressão mais genérica, que incluiria a pregação do evangelho, mas que denotasse também um ministério de apoio geral ao evangelho, e às pessoas que o pregam.

E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta graça, ministrada por nós. O segundo ponto que Paulo enfatiza ao recomendar esta pessoa é sua nomeação pelas igrejas (o apóstolo não nos diz quais igrejas). Ele foi o escolhido das igrejas como representante delas *no desempenho desta graça*. Fica bem claro que, seja quem for esse famoso cristão primitivo, ele e as igrejas que o nomearam teriam partilhado a idéia de Paulo com respeito à importância dessa coleta.

As palavras finais do versículo 19 indicam algo do propósito da coleta no que diz respeito a Paulo. É *para a glória do próprio Senhor, e para mostrar a nossa boa vontade.* A coleta, tirada dentre convertidos gentios para ser entregue a judeus cristãos, era uma expressão tangível da reconciliação que Deus havia efetuado mediante Cristo. Ao reconciliar tanto judeus como gentios consigo mesmo, mediante a cruz, Deus havia reconciliado ao mesmo tempo ambos os grupos entre si. Assim foi que a coleta, como expressão tangível da nova comunhão entre convertidos gentios e judeus cristãos, refletia a graça de Deus nas vidas das pessoas envolvidas na questão, de modo que se pode dizer que foi *para a glória do próprio Senhor.* Entretanto, a coleta não era apenas para a glória do Senhor, mas também *para mostrar a nossa boa vontade.* Paulo havia lutado longa e duramente a fim de preservar a liberdade do

evangelho para seus convertidos gentios, e havia obtido a aprovação da igreja-mãe judia para o evangelho que ele pregava aos gentios (Gl 2:1-10). Os apóstolos haviam chegado à conclusão de que os convertidos gentios não precisavam submeter-se à circuncisão, nem tomar sobre si mesmos o jugo da lei (At 15:1-35). Por causa dos dois estilos de vida fundamentalmente diferentes, poderia ter acontecido que as igrejas gentílicas seguissem seu próprio caminho, nada tendo virtualmente que ver com as igrejas judaicas. Quando os líderes da igreja de Jerusalém confirmaram o evangelho paulino para os gentios, pediram a Paulo que "nos lembrássemos dos pobres" (Gl 2:10). Aparentemente Paulo viu isto como uma importante expressão de unidade entre as duas formas muito diferentes de cristianismo, pelo que o apóstolo tornou-se desejoso de promover uma coleta entre os gentios, visto que tal ato demonstraria a boa vontade tanto de Paulo quanto das suas igrejas para com os judeus cristãos.

20-21. Antes de prosseguir, fazendo a recomendação da terceira pessoa a quem está enviando a Corinto, Paulo faz ligeira digressão a fim de explicar por que se toma tanto cuidado ao providenciar representantes que portem credenciais impecáveis, de modo que possam receber a coleta e levá-la a Jerusalém: *Evitando assim que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós.* Havia adversários que se opunham a Paulo e seu evangelho, prontos para questionar seus motivos em questões financeiras, de modo que o apóstolo freqüentemente precisava defender sua integridade (cf., e.g., 2:17; 11:7-11; 12:14-18; 1 Ts 2:3-12; 2 Ts 3:6-9). Essa coleta era demasiado importante para as relações intereclesiásticas para poder-se permitir que sua administração fosse frustrada por acusações de uso indevido. A soma envolvida era grande (*generosa dádiva*), pelo que se deviam tomar excepcionais cuidados. Paulo enfatiza mais ainda as extremas precauções tomadas ao afirmar: *Pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens.* As palavras de Paulo ecoam as de Provérbios 3:4, e mostram que, embora a preocupação máxima do apóstolo neste caso fosse que a administração da coleta tributasse glória a Deus (*para a glória do próprio Senhor*), era de suma importância que ela fosse vista

como bênção honrosa *também diante dos homens*. Disso dependia o sucesso dessa coleta.

22. Após a breve digressão dos versículos 20-21, Paulo agora recomenda o terceiro membro do grupo que será enviado a Corinto. *Com eles enviamos nosso irmão, cujo zelo em muitas ocasiões e de muitos modos temos experimentado.* É difícil saber por que Paulo não deu o nome da pessoa a quem recomendou nos versículos 18-19, e tampouco o da que menciona aqui. O primeiro era famoso (*cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas*) e presumivelmente seria conhecido em Corinto. Este último talvez fosse bem conhecido também, visto que Paulo prossegue dizendo: *Agora, porém, se mostra ainda mais zeloso, pela muita confiança em vós.* É digno de nota quão importante essa virtude, solicitude, ou zelo é para o apóstolo, tanto quando recomenda um obreiro como quando exorta os crentes de modo geral. Podemos colocar outras qualificações em pontos mais altos, em nossa lista de prioridades, mas para Paulo, solicitude ou zelo era a mais importante (cf. e.g., Rm 12:8; 2 Co 7:11-12; 8:7-8, 16-17; Ef 4:3; 2 Tm 1:16-17).

23. Aqui, Paulo resume sua recomendação do grupo de três obreiros de tal modo que responde a alguém que pudesse perguntar: "Quem são esses homens?" *Quanto a Tito, é meu companheiro e cooperador convosco.* Enfatiza-se aqui a íntima ligação de Paulo com Tito. É o único lugar em que Paulo emprega a palavra "companheiro" (*koinōnos*) a respeito de um colega, mas utiliza "cooperador" (*synergos*) várias vezes, a fim de denotar colegas de ambos os sexos (Rm 16:3, 9, 21; Fp 2:25; 4:3; Cl 4:11; Fm 1, 24). *Quanto a nossos irmãos, são mensageiros das igrejas e glória de Cristo.* No caso dos outros dois irmãos, Paulo enfatiza sua função oficial de *mensageiros* [lit., apóstolos] *das igrejas*. O significado de apóstolo (essencialmente alguém que foi comissionado para uma tarefa importante) só pode ser entendido quando sabemos por quem a pessoa foi comissionada e para quê. Assim é que, por exemplo, os doze eram apóstolos de Cristo, por ele comissionados para serem testemunhas de sua ressurreição (Lc 24:44-49; At 1:15-26). Os dois irmãos a quem Paulo recomenda eram apóstolos das igrejas, comissionados a fim de representá-las e viajar com Paulo a Corinto, e provavelmente a Jerusalém também, como portadores do dinheiro da

coleta. Paulo não nos informa que igrejas haviam comissionado esses dois apóstolos. Podemos presumir, verificando que Paulo está escrevendo da Macedônia, que as igrejas a que se refere e seus apóstolos são macedônios. Entretanto, há dificuldades nesta identificação se, como presumimos, os capítulos 8 – 9 pertencem à mesma carta. No capítulo 9, Paulo fala da humilhação que ele e os coríntios experimentariam se, quando chegasse a Corinto acompanhado de alguns màcedônios, os coríntios não estivessem prontos (9:3-4). Se os mensageiros e as igrejas que os comissionaram fossem macedônios, a humilhação dos coríntios ocorreria à chegada de tais mensageiros. Tal humilhação, pois, não seria evitada pela chegada dos representantes macedônios, como Paulo dá a entender (9:5).

Estes mensageiros também são descritos como a *glória de Cristo*. É difícil determinar o que significa isso. Talvez se entenderia melhor como significando implicitamente que esses homens trabalhavam para a *glória de Cristo*, ao participar da administração de uma coleta de fundos levantada para a "glória do Senhor" (v.19).

24. *Manifestai, pois, perante as igrejas, a prova do vosso amor e da nossa exultação a vosso respeito na presença destes homens.* Tendo expedido as credenciais dos três obreiros que serão enviados a Corinto, Paulo conclui a passagem exortando seus leitores a entregar as provas (i.e., tendo suas contribuições prontas à mão) de seu amor pelo apóstolo, e as provas da validade dos elogios de Paulo aos macedônios, quanto à prontidão coríntia. Tais provas serão apresentadas *perante as igrejas* visto que serão exibidas a seus representantes, i.e., dois dos três que Paulo está enviando a Corinto.

D. Estejam Preparados e Evitem Humilhação (9:1-5)

1-2. *Ora, quanto à assistência a favor dos santos, é desnecessário escrever-vos.* Em certo sentido, a ação de Paulo de escrever acerca da coleta (como ele o fez no cap. 8) é supérflua, porque os coríntios, para início de conversa, haviam demonstrado sua prontidão ao trazer o assunto a Paulo (o apóstolo se referiu à consulta deles em 1 Co 16:1-4). Ele enfatiza mais ainda a superfluidade de ter escrito ao dizer: *porque bem reconheço a vossa presteza, da qual me glorio junto aos macedô-*

nios. O conteúdo desse elogio sobre os coríntios é, a seguir, declarado de modo breve: *Dizendo que a Acaia está preparada desde o ano passado.* (Quanto a *desde o ano passado [apo perysi]*, veja comentário sobre 8:10.) Registra-se a seguir o efeito produzido pelo elogio de Paulo aos coríntios: *O vosso zelo tem estimulado a muitíssimos* (i.e., à maior parte dos macedônios). É supérfluo escrever acerca de coleta financeira a quem já tomou a iniciativa nessa questão, e cujo zelo nesse trabalho tem sido uma inspiração para muitos.

3-4. Entretanto, há um sentido em que o fato de Paulo escrever não foi supérfluo, mas necessário. Ter prontidão para dar (8:11), e até mesmo ter feito um começo, ao colocar de lado algum dinheiro para a coleta (8:10), não é a mesma coisa que levar a cabo a tarefa, ou ter tudo preparado para quando Paulo e os outros chegassem a Corinto. Assim é que Paulo escreve: *Contudo, enviei os irmãos, para que o nosso louvor a vosso respeito, neste particular, não se desminta, a fim de que, como venho dizendo, estivésseis preparados. Irmãos* aqui se refere a Tito e aos dois obreiros anônimos, representantes de igrejas, a quem Paulo recomendou em 8:16-24. Ao gabar a prontidão coríntia, Paulo enfatizou não apenas sua solicitude, mas também a confiança que ele, Paulo, depositava nos coríntios, em que eles teriam suas contribuições prontas quando ele chegasse com os demais para apanhá-las. Agora, todavia, ele se preocupa; neste último aspecto talvez eles falhem. Caso isso viesse a acontecer, as conseqüências seriam embaraçosas. Por isso, ele vai mandar os dois obreiros na frente, diz Paulo, *para que, caso macedônios vão comigo e vos encontrem desapercebidos, não fiquemos nós envergonhados (para não dizer, vós) quanto a esta confiança.* De fato, alguns macedônios foram a Corinto, e se incluíram entre as pessoas que acompanharam Paulo dessa cidade até Jerusalém. Três macedônios recebem nomes: Sópatro de Beréia, Aristarco e Secundo, que eram tessalonicenses (At 20:2-6). Se quando esses macedônios chegassem a Corinto encontrassem os cristãos dali despreparados, a vergonha de Paulo teria sido aguda; mais aguda ainda seria a humilhação que os próprios coríntios haveriam de sofrer.

5. *Portanto, julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós.* A fim de evitar a humilhação, Paulo julgou

conveniente enviar Tito e os dois obreiros (8:16-24) na frente, de modo que *preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada.* Paulo queria evitar que se fizesse uma coleta apressada, quando ele próprio chegasse; a contribuição dos coríntios deveria ser *expressão de generosidade, e não de avareza.* O texto grego de que a ARA fez essa tradução (*hōs eulogian kai mē hōs pleonexian*) pode ser traduzido dessa forma, ou como traz a NIV: "como dádiva generosa, não uma coisa dada de má vontade". No primeiro caso, comparam-se duas maneiras de *obter-se* uma dádiva (aguardando-a, pois será voluntária, ou extraindo-a, pois será forçada) e no segundo, duas maneiras de *oferecer-se* uma dádiva (de boa vontade, ou de má vontade). À luz dos versículos 6-7 (em que o modo de contribuir, com alegria, ou com tristeza, é salientado em contraste), a última opção é a preferível.

E. Exortação a que Sejamos Generosos (9:6-15)

Nesta seção, Paulo utiliza uma figura de linguagem da agricultura, a fim de salientar o ensino do versículo 5, a respeito da oferta generosa, e retratar a Deus como aquele que enriquece a seu povo de todas as formas, a fim de que este seja generoso. Assim é que o apóstolo encoraja seus leitores a serem generosos (vv. 6-10). Depois, descreve os resultados que, prevê ele, hão de surgir em razão da resposta generosa vinda da parte dos coríntios. As necessidades dos judeus cristãos na Judéia serão atendidas, eles darão graças a Deus, reconhecerão a obediência dos gentios cristãos ao evangelho e a infinita graça de Deus operando neles, pelo que orarão amorosamente pelos irmãos gentílicos. Em suma, o resultado será o fortalecimento da unidade da igreja (vv. 11-14). Esta seção encerra-se com ação de "graças a Deus pelo *seu* dom inefável", uma nota que ressoa como a de 8:9.

6. A seção anterior (vv. 1-5) encerrou-se com a exortação de Paulo, que desejava que a contribuição dos coríntios fosse "expressão de generosidade, e não de avareza". Tendo isto em mente, o apóstolo continua: *Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará.* Trata-se de um truísmo agrícola; outros fatores sendo iguais, o tamanho da colheita é sempre diretamente proporcional ao tamanho da sementeira espalhada

(cf. Pv 11:24-25 e Gl 6:7-9, onde a mesma metáfora se aplica, não a quem semeia pouco, ou em abundância, mas à semeadura na carne ou no Espírito). A semeadura e a colheita no presente contexto referem-se à contribuição dos coríntios e aos resultados dessa semeadura, respectivamente. A abundante colheita que Paulo espera ver, como resultado de sua abundante semeadura, está descrita nos versículos 9-14.

7. Paulo aguarda uma contribuição abundante da parte dos coríntios, e enfatiza que tais ofertas devem ser voluntárias, e não resultado da pressão do apóstolo. Deverão proceder do mesmo modo como tomaram sua decisão, não com relutância, ou sob compulsão. Suas contribuições devem estar de acordo com o que determinaram de modo individual, cada um em seu coração. Se derem porque se sentem sob compulsão (da parte de Paulo), suas ofertas serão feitas relutantemente e o propósito global do projeto (expressar o *interesse* das igrejas gentílicas pelas igrejas cristãs na Judéia em necessidade) será frustrado. A oferta deve ser voluntária. Para enfatizar isso, Paulo acrescenta: *Deus ama a quem dá com alegria*. Paulo parafraseia uma tradução de Provérbios 22:9 encontrada na LXX (não, porém, no texto hebraico em que se baseiam nossas traduções): "Deus abençoa a quem dá com alegria" (lit., "Deus ama a quem é alegre e generoso"). A necessidade da generosidade na contribuição é enfatizada em várias outras passagens bíblicas (cf. Dt 15:10-11; Mt 5:43-48; Rm 12:8). Não é difícil explicar por que Deus se deleita em quem dá com alegria. O próprio Deus dá com alegria, e quer ver esta característica divina restaurada entre os que foram criados à sua imagem. Cristo nos ensinou segundo padrões semelhantes (cf. Mt 5:43-48).

8. Este versículo está cheio de expressões abrangentes (e contém uma extraordinária paronomásia – repetição de palavras de mesma raiz e sons parecidos – no texto grego: *pasan... panti pantote pasan... pan*) que falam do prazer de Deus em abençoar seu povo para que abundem em boas obras. Assim começa Paulo: *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça* (lit., "E Deus é capaz de fazer que toda graça abunde em vós"). No caso dos macedônios, cuja reação à coleta Paulo mencionou como exemplo em 8:1-5, a graça de Deus capacitou-os a contribuir generosamente, apesar de sua pobreza. No caso dos coríntios, a quem

Paulo considerava estarem em melhores condições financeiras nessa época (8:14), a graça de Deus sobre eles deve ser entendida e vista na relativa riqueza material. O propósito da bênção de Deus é declarado, a seguir: *A fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.* O sentido da palavra *autarkeia*, traduzida por *suficiência* ou "bastante" tem recebido certas conotações pelo seu emprego nas discussões éticas desde o tempo de Sócrates. Na filosofia cínica e na estóica, essa palavra era utilizada para caracterizar a pessoa auto-suficiente. Assim foi que Sêneca, estóico, e contemporâneo de Paulo, entendia *autarkeia* como sendo a orgulhosa independência das circunstâncias exteriores, e de outras pessoas, e que constituía a verdadeira felicidade.[1] Paulo empregava essa palavra de modo diferente. Para o apóstolo, *autarkeia* denota não a auto-suficiência humana, mas a suficiência oriunda da graça de Deus; como tal, *autarkeia* possibilitava não a independência dos outros, mas a capacidade de abundar em boas obras a favor dos outros. Mais uma vez nos ajudará fazermos uma comparação entre os macedônios e os coríntios. Os macedônios haviam sido abençoados com *autarkeia* (alegria) em sua pobreza, pelo que eram capazes, apesar disso, de abundar em generosidade. Os coríntios haviam sido abençoados com *autarkeia* (suficiência) em sua relativa riqueza material e deveriam, por isso, contribuir generosamente.

9. A fim de reforçar sua exortação para que os coríntios contribuíssem com generosidade, Paulo cita textualmente umas palavras do Salmo 111:9 (LXX), 112:9 (ARA): *"Como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre"*. O salmo 111 (112, ARA) celebra a bem-aventurança daquele que teme ao Senhor e se deleita em seus mandamentos. Tal pessoa é abençoada por Deus com prosperidade material também e, conseqüentemente, é generosa para com os pobres. Paulo exibe essa pessoa temente a Deus como exemplo de alguém que abunda em boas obras (*distribuiu, deu aos pobres*), cuja justiça permanece para sempre, pois foi estabelecida por Deus.

10. O apóstolo continua o pensamento do salmo citado no versículo 9, e aplica-o aos coríntios. Ao fazê-lo, cita o texto de Isaías 55:10 (LXX)

1. Sevenster, *Paul and Seneca*, pp. 113-114.

praticamente palavra por palavra: *aquele que dá semente ao que semeia, e pão para alimento* e a seguir acrescenta que essa mesma Pessoa *também suprirá e aumentará a vossa sementeira, e multiplicará os frutos da vossa justiça* (cf. Os 10:12). A palavra *sementeira* é tradução literal de *sporon*, "sementes". Paulo está dizendo, então, a seus leitores, que o Deus que provê a semente para o semeador multiplicará tal "sementeira", e aumentará a colheita, *os frutos*. Neste contexto, parece que o significado é que Deus multiplicará os recursos materiais dos coríntios e, enquanto estiverem usando-os para atender às necessidades dos cristãos da Judéia, ele aumentará os resultados dessa obra de justiça. Ao levantar a coleta financeira, os coríntios estarão espalhando a "sementeira", e Deus estará aumentando os resultados dessa obra de justiça, para que produza uma rica colheita de "frutos" – a unidade, o amor e ação de graças (cf. vv. 12-14).

11. *Enriquecendo-vos em tudo para toda a generosidade.* A grandiosa liberalidade dos macedônios era resultado da graça de Deus operando neles (8:1-2). Paulo acreditava que Deus haveria de enriquecer os coríntios caso se aplicassem a uma generosidade maior ainda. O apóstolo, com certeza, sabia que os ricos nem sempre usam seus recursos a serviço da generosidade, pelo que esperava que Deus enriquecesse seus leitores com sua graça. Uma generosidade assim, diz Paulo, *faz que por nosso intermédio sejam tributadas graças a Deus.* Ao dizer *por nosso intermédio* ele se refere às pessoas nomeadas para o trabalho de receber e distribuir a coleta, e refere-se a si próprio. É através dessas pessoas que as ações de graças a Deus serão tributadas, porque distribuirão as contribuições entre os necessitados.

12. *Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redunda em muitas graças a Deus.* A palavra *assistência* é tradução do grego *leitourgias*. Esta palavra, e seu cognato, o verbo *leitourgeō*, era utilizada no grego não-bíblico para denotar o serviço civil prestado ao Estado por um cidadão, e o serviço genérico, e.g., o do escravo que trabalha para seu senhor. Na LXX, tais palavras são empregadas a respeito do culto prestado à divindade, e do mesmo modo na carta aos Hebreus (onde o culto do Antigo Testamento e o ministério sacerdotal de Cristo são objeto de discussão). Paulo utiliza

essas palavras fora do contexto atual ao falar de dádivas monetárias feitas pelos cristãos (Rm 15:27; Fp 2:30) e de sua fé (Fp 2:17). A provisão de dádivas monetárias que Paulo descreve como "obra de Cristo" (*leitourgias*), em Fp 2:30, posteriormente é descrita como "aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus" (Fp 4:18). O pano de fundo do culto religioso é bastante óbvio. Portanto, parece que Paulo considerava a contribuição cristã não só como um serviço prestado aos necessitados, mas também um ato de culto ("serviço", em inglês) a Deus. É importante observar que para Paulo o propósito último da coleta financeira, como todas as formas de "serviço/culto" cristão, é que ações de graças jorrem abundantemente de corações agradecidos a Deus.

13. *Na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência* (lit., "mediante a prova deste ministério, glorificando a Deus pela vossa sujeição"). A tradução da RSV dá a entender que a coleta é um teste a que os próprios coríntios devem submeter-se e pelo qual glorificam a Deus mediante a obediência. A maioria das demais traduções modernas apresenta esse texto de modo tal que a coleta é uma prova pela qual devem passar os coríntios; todavia, tendo passado por ela, proverão a *todos* (seriam os judeus cristãos?) uma base sobre a qual poderão glorificar a Deus (NIV: "Por causa do serviço no qual vós provastes a vós mesmos, os homens louvarão a Deus pela obediência"; de modo semelhante também RV, NEB, GNB, JB e ARA), sendo este o melhor enfoque.[1]

Quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade com que contribuís para eles e para todos Outros hão de glorificar a Deus pela obediência dos coríntios, tanto ao evangelho, quanto à exortação para uma contribuição generosa. Os crentes glorificam a Deus ao agir com generosidade, pois fazem-no por inspiração divina, e o ato reflete o próprio caráter de Deus (cf. Mt 5:43-48; 2 Co 8:1-2). A contribuição

1. As palavras *pela obediência da vossa confissão* da ARA são tradução de *epi tē hypotagē*. Noutras passagens de Paulo, *epi* com o dativo, após verbos como "louvar", "agradecer", "regozijar-se" ou "glorificar" sempre indica o fundamento sobre o qual se deve louvar, agradecer etc. Nunca indica o meio pelo qual tais atividades se expressam. Portanto, no presente contexto, "os homens louvarão a Deus *pela* obediência" (NIV, etc.) deve ser tradução preferida a "glorificai a Deus *mediante, pela* vossa obediência" (RSV). Daí entender-se que o sujeito da ação é os "outros" (provavelmente os judeus cristãos) e não os coríntios.

coríntia é *para eles e para todos. Para eles* refere-se aos judeus cristãos para quem a coleta foi levantada. É difícil dizer a quem se refere a expressão *para todos*. Talvez seja uma referência solta, abrangendo qualquer crente necessitado que vier a receber o benefício da coleta gentílica.

14. *Enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós.* Continuando a prever os efeitos da contribuição que os coríntios levantarão, de que Paulo tem certeza, o apóstolo enxerga novo vínculo sendo formado, enlaçando os cristãos judeus e gentios. Os crentes judeus, vendo a infinita graça de Deus em operação nos crentes gentios, nutrirão afeto por eles, e por eles orarão. Dessa forma, um dos maiores propósitos da coleta, no que concerne a Paulo (i.e., promover a unidade), terá sido atingido.

15. *Graças a Deus pelo seu dom inefável.* Este versículo ressoa a nota já ouvida em 8:9. Ali, a graça de Cristo foi mostrada em que o Senhor se fez pobre por amor de nós, para que enriquecêssemos. Esse é o *dom inefável* de Deus. A palavra *inefável* (*anekdiēgetos*), que Paulo utiliza aqui, não se encontra no grego clássico, nem nos papiros. Aparece pela primeira vez no Novo Testamento, e apenas neste versículo. Parece que é palavra que o próprio apóstolo cunhou, a fim de descrever o caráter inefável do dom de Deus. Tendo sido criada por Paulo, a palavra passou a ser usada por Clemente de Roma em sua carta aos coríntios (escrita em cerca de 95 A.D.), ao referir-se aos julgamentos, ao amor e poder "indescritíveis" de Deus (1 Clemente 20:5; 49:4; 61:1). O fato importante a ser observado é que para Paulo, todas as contribuições cristãs são efetuadas à luz do *dom inefável* de Deus, pelo que devem ser efetuadas com alegria no coração e expressão de gratidão a Deus, e também como demonstração de nosso interesse amoroso pelos necessitados que vão recebê-las, e nossa união com eles.

Finalmente, a confiança de Paulo em que os coríntios colaborariam na coleta foi recompensada. Quando o apóstolo escreveu a carta aos Romanos, durante sua estada de três meses na Grécia, depois que os problemas mencionados em 2 Coríntios haviam sido pelo menos temporariamente resolvidos, assim se expressou: "Agora estou de partida

para Jerusalém a serviço dos santos. Porque aprouve à Macedônia *e à Acaia* levantar uma coleta em benefício dos pobres" (Rm 15:25-26; cf. At 24:17-21).

B. PAULO REAGE DIANTE DE NOVA CRISE (10:1 – 13:14)

O leitor vai notar uma mudança marcante de tom, ao sair dos capítulos 1 – 9 e entrar nos capítulos 10 – 13. Na primeira seção, o tom básico é de alívio e conforto, de confiança em Deus e nos coríntios, a despeito do fato de Paulo ter sentido a necessidade de explicar sua mudança nos planos de viagem, e de enfatizar a integridade de seu ministério. O tom da segunda seção é bem diferente. Está marcada de sátiras e de sarcasmo, autodefesa acalorada, reprimendas assacadas contra os coríntios e ataque amargo atirado aos intrusos que se infiltraram e que agora influenciam a congregação.

Esta marcante mudança de tom (dentre outras considerações) levou a maioria dos comentaristas recentes a ver os capítulos 10 – 13 como sendo, provavelmente, a maior parte de outra carta (senão a carta toda), escrita antes ou depois dos capítulos 1 – 9. Muitos concluíram que os capítulos 10 – 13 devem ser identificados como a carta "severa" escrita depois de 1 Coríntios, mas *antes* de 2 Coríntios 1 – 9. Outros argumentam que os capítulos 10 – 13 foram escritos *depois* dos capítulos 1 – 9, e possivelmente constituem a maior parte de uma quinta carta escrita por Paulo aos coríntios. Esta última teoria é a que adotamos, como hipótese de trabalho, ao comentarmos os capítulos 10 – 13 a seguir. Quanto a uma discussão mais completa da natureza dos capítulos 10 – 13 e seu relacionamento com o resto da carta, veja Introdução, pp. 31 - 39.

Nos capítulos 10 – 13, Paulo enfrenta uma oposição determinada. Seus adversários são judeus cristãos que se apresentam como apóstolos de Cristo. Eles davam grande valor ao discurso eloqüente, às demonstrações de autoridade, às visões e revelações, à operação de milagres como sinais de um verdadeiro apóstolo. Esses homens se haviam infiltrado antes na congregação coríntia; suas críticas a Paulo provavelmente forneceram a "munição" usada pelo ofensor (i.e., aquele homem que causara sofrimentos, 2:5; que praticara o mal, 7:12) em seu ataque contra Paulo. Ao escrever a carta "severa", Paulo conseguiu convencer

a igreja a disciplinar o ofensor e, em seguida, em sua próxima carta (2 Co 1 – 9), exortou-os a demonstrar amor para com aquele ofensor (que se presumia arrependido), e recuperá-lo espiritualmente, para que Satanás não obtivesse vantagem. Nessa mesma carta, o apóstolo instou com os coríntios no sentido de que abrissem de vez seu coração a ele, assim como seu coração estava totalmente aberto a eles. Porém, os adversários infiltrados viram que o lugar de Paulo no afeto dos coríntios estava sendo restaurado, e que sua autoridade se reafirmava, pelo que orquestraram um ataque frontal contra a validade e integridade do apostolado de Paulo. E conseguiram, assim, persuadir os coríntios quanto a seus pontos de vista, ganhá-los e fazê-los submissos, impondo-lhes sua autoridade. Assim foi que Paulo, vendo usurpada sua autoridade e questionado seu apostolado, contra sua vontade foi forçado a apresentar sua autodefesa em termos fortes, dirigindo um ataque veemente e vigoroso contra seus adversários. A crise que Paulo enfrentou nessa situação foi a mais crucial em todo seu longo relacionamento com os coríntios. Este fato é que dá o tom e o colorido dos capítulos 10 – 13. Veja Introdução, pp. 50 - 57, quanto a uma discussão mais detalhada da situação histórica em que os capítulos 10 – 13 foram escritos e da natureza da oposição engendrada contra Paulo em Corinto, nessa época.

I. O TEXTO BÁSICO DA REAÇÃO (10:1 – 13:10)

A reação de Paulo em face da crise no relacionamento, criada pelos rebeldes infiltrados, consistiu de apelos e ameaças de ação disciplinar, autodefesa, ataques satíricos contra seus oponentes, expressões de profunda preocupação acerca do estado espiritual de seus convertidos e contrastes agudos entre a natureza de sua missão e a de seus adversários. Embora se sentisse obviamente relutante em assim proceder, Paulo acrescenta a tudo isso sua "conversa de insensato", na qual ele apresenta suas credenciais apostólicas. Cita sua ascendência judaica impecável, seus sofrimentos apostólicos, as visões e revelações que experimentara, e relembra a seus leitores de que desempenhara "os sinais de um verdadeiro apóstolo" entre eles. Adverte-os de que está prestes a encetar sua terceira visita a Corinto, e afirma que está disposto a

recusar-se de novo a ser um ônus financeiro para eles, a despeito das críticas de que isso comprovaria que ele ou não ama a seus convertidos, ou é malicioso, e intenciona tirar vantagens deles por meios ardilosos. Paulo expressa sua preocupação de que, ao chegar, ainda encontre alguns dos coríntios presos à imoralidade, e assegura a seus leitores que os que exigem provas de sua autoridade apostólica conseguirão o que estão almejando, à sua chegada: não os poupará.

A. Uma Petição Ansiosa (10:1-6)

Aqui Paulo apela aos coríntios no sentido de que tomem providências, antes de ele chegar, e efetuar sua terceira visita, de modo que ele não precise agir contra os crentes, como está determinado a fazer contra os *adversários que questionam a validade de seu apostolado* (vv. 1-2). O apóstolo nega que aja de acordo com padrões mundanos, assegurando a seus leitores que conduz seu ministério com as armas do poder divino (vv. 3-5). Conclui informando a eles que está pronto para punir seus adversários em Corinto, a partir do instante em que a obediência dos coríntios completar-se (v. 6).

1. *Eu mesmo, Paulo, vos rogo.* Grande ênfase é colocada sobre o fato de que se trata do próprio apóstolo (*Eu mesmo, Paulo*) quem roga, o apóstolo fundador da igreja coríntia, o pai espiritual de seus leitores (cf. 1 Co 4:15). Seu rogo ele o apresenta *pela mansidão e benignidade de Cristo.* Entre os gregos dos tempos clássicos em diante, *mansidão* (*prautēs*) denota "amizade afetuosa e gentil", uma virtude social altamente valorizada, sendo o contrário de fúria repentina e grosseira. Considerava-se grande virtude demonstrar mansidão afetuosa à sua própria gente e dureza no trato dos inimigos. Mansidão afetuosa da parte de um juiz significava que ele sentenciaria os ofensores com maior brandura do que a prescrita em lei. A mansidão afetuosa a que Paulo apela é a exemplificada na vida e ministério de Cristo. Tal mansidão não era moleza condescendente pela qual as exigências da lei de Deus seriam rebaixadas. Cristo demonstrou essa mansidão quando tratou benignamente, e cheio de compaixão, dos pecadores, sem, todavia, minimizar seus pecados (cf. Mt 11:29). É à luz dessa mansidão afetuosa que Paulo roga e apela.

A palavra traduzida por *benignidade* (*epieikeia*) significa basicamente "adequado" ou "apropriado" e, quando usada num sentido moral, "razoável" ou "justo". Quando aplicada a governadores, significa bondade, eqüidade e brandura (cf. At 24:4). Entretanto, no presente contexto, é parte de uma hendíadis (uso de dois substantivos ligados por um "e" para expressar uma idéia), de modo que o significado de *benignidade* se define ao lado de *prautēs*, sendo, portanto, corretamente assim traduzida pela ARA.

Quando Paulo roga aos coríntios *pela mansidão e benignidade de Cristo,* sua intenção é que eles recebam o conteúdo do apelo que vem a seguir, e ajam de acordo, à luz da Pessoa em cujo nome roga (cf. Rm 12:1; 15:30; 1 Co 1:10). Entretanto, antes de enunciar o conteúdo de seu apelo, Paulo insere uma referência irônica às críticas a respeito do seu comportamento, nas quais seus leitores haviam acreditado – *Eu que na verdade, quando presente entre vós, sou humilde; mas, quando ausente, ousado para convosco.* Paulo não havia agido autoritariamente em sua segunda ("dolorosa") visita, ao contrário de como ameaçara anteriormente (1 Co 4:18-21). Provavelmente seus adversários baseavam-se nisso para acusá-lo de covardia, e de comportamento nada "apostólico" quando face a face com os coríntios, e de ser ousado somente quando longe, a uma distância segura (cf. 10:10-11).

2. *Eu vos rogo que não tenha de ser ousado, quando presente.* Paulo roga aos coríntios que ajam de tal maneira que não lhe seja necessário usar de ousadia à sua chegada. Roga "pela mansidão e benignidade de Cristo", porque deseja que seus leitores reconheçam que seu anseio de não mostrar ousadia não pode continuar a ser interpretado como sinal de covardia "nada apostólica", da mesma forma que a mansidão de Cristo não pode ser interpretada como fraqueza moral. Paulo não deseja demonstrar ousadia perante os coríntios, diz ele, *servindo-me daquela firmeza com que penso devo tratar alguns que nos julgam como se andássemos em disposições de mundano proceder.* Ao afirmar isso, Paulo deixa implícito estar preparado para agir ousadamente quando necessário e, de fato, imagina que deverá agir assim contra seus adversários que o acusam de covardia moral (v. 1b) e de *mundano proceder* (lit., "andar na carne"). Andar na carne, no conceito dos adversários de

Paulo, provavelmente significava agir sem autoridade alguma (11:20-21), sem experimentar visões e revelações (12:1), sem executar sinais miraculosos (12:11-12), não sendo uma pessoa mediante quem Cristo estaria falando (13:3). Na verdade, diriam talvez esses inimigos de Paulo, "andar na carne" significava executar um empreendimento puramente humano utilizando o engano e a malícia (12:16-18).

Paulo reage diante dessas acusações usando e abusando de metáforas militares (vv. 3-6). O apóstolo emprega inúmeras imagens bélicas (marciais) – fazer guerra (v. 3b), armas, milícia, destruir fortalezas (v. 4), destruir a altivez (lit., "todas as coisas elevadas", i.e., torres), levar em cativeiro (v. 5) e prontidão para punir toda desobediência (i.e., levar à corte marcial) (v. 6).

3. *Embora andando na carne, não militamos segundo a carne* é tradução literal, em que "não militamos" significa "não fazemos guerra". Paulo reconhece que anda *na* carne, mas nega que combata *segundo a carne*. "Andar *na* carne", aqui, significa participar da existência humana normal com todas as suas limitações. "Não militar segundo a carne" significa não desempenhar o ministério cristão com meros recursos humanos, isento do poder de Deus, com a tendência concomitante a empregar meios duvidosos (cf. 1:17; 4:2; 12:16-18).

4. A fim de comprovar que não está empenhado numa guerra "segundo a carne", assim se expressa Paulo: *as armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas.* Nesta passagem Paulo não identifica suas *armas*; todavia, outras declarações do apóstolo na correspondência coríntia indicam que suas armas consistiam da proclamação do evangelho, mediante a qual o poder divino é liberado (1 Co 1:17-25; 2:1-5; 2 Co 4:1-6; cf. Rm 1:16).

A palavra *fortalezas* (*ochurōma*) encontra-se apenas aqui, no Novo Testamento. É empregada em sentido literal em Provérbios 21:22 (LXX), sendo que Filo a usa de modo figurado, ao falar de uma fortaleza construída por palavras persuasivas contra a honra de Deus (*Confusion of Tongues* [Confusão de Línguas], 129). Todavia, o fato importante é que a prática militar de edificar fortalezas (havia uma, enorme, no Acrocorinto) proveu a imagem empregada pelos filósofos cínicos e estóicos, e de modo particular por Sêneca, contemporâneo de Paulo, a

fim de descrever a fortificação da alma mediante *argumentação* racional, que a torne inexpugnável sob o ataque (de sofismas) da fortuna adversa. É significativo que no versículo seguinte Paulo fale da destruição de argumentos que se atravessam no caminho do conhecimento de Deus.

5. [Destruir] *toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus.* É evidente aqui a metáfora militar. *Altivez* simboliza a argumentação falaz, ou as "fortalezas" dentro das quais as pessoas se abrigam, julgando-se protegidas contra a invasão do *conhecimento de Deus* (o evangelho). A expressão *toda altivez... todo pensamento* é tradução de *pan hypsōma epairomenon* (lit., "todas as coisas altivas que se levantam"), pertencentes ao mundo das guerras antigas, denotando torres ou rampas para sitiar o inimigo. Tanto a fortaleza, do versículo 4, como a torre (*altivez*) deste versículo simbolizam os argumentos intelectuais, as racionalizações erigidas pelos seres humanos contra o evangelho. Entretanto, mediante a proclamação do evangelho, método escolhido por Deus para liberar seu poder, essa argumentação oca ("a sabedoria dos sábios", 1 Co 1:19) é destruída, e os crentes são salvos (cf. Rm 1:16; 1 Co 1:17-25; 2:1-5; 1 Ts 1:5; 2:13). Deve-se acrescentar que a proclamação do evangelho feita por Paulo, à semelhança da pregação do reino feita por Jesus, não era simples declaração verbal, mas envolvia raciocínio, e argumentação com os ouvintes, no sentido de remover-se todas as barreiras iníquas atiradas contra a verdade (cf. At 18:4; 19:8-10).

Assim é que mediante a proclamação do evangelho, Paulo pode destruir os argumentos *levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.* Esta imagem é a de uma fortaleza rompida; os que ali dentro se abrigavam, por detrás de muralhas, estão sendo levados em cativeiro. Assim é que o propósito do apóstolo não é apenas demolir os falsos argumentos, como também conduzir os pensamentos das pessoas sob o senhorio de Cristo. Seu apelo como apóstolo era implantar "a obediência por fé, entre todos os gentios" (Rm 1:5).

6. *Estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão.* Paulo se retrata como *estando pronto* (*en hetoimō echontes* – termo empregado para o soldado alerta) *para punir toda desobediência.* Não é fácil determinar qual teria sido a natureza exata

da desobediência que Paulo estava pronto para punir. Poderia ter sido a quebra de um acordo segundo o qual a missão gentílica havia sido confiada a Paulo, e a missão judaica a Pedro (cf. Gl 2:7-9). Pode ser que Paulo tenha considerado a Acaia como estando fora dos limites aceitos pelos judeus cristãos, agora na condição de intrusos, agravando, portanto, a situação em Corinto. Por outro lado, visto que Paulo é quem desenvolvera o evangelismo pioneiro em Corinto, o apóstolo poderia entender que isso lhe dava autoridade apostólica nessa área, de modo que qualquer pessoa que afirmasse ter credenciais de apóstolo deveria ficar submissa a ele, Paulo, nessa situação (cf. 10:13-16). Todavia, à luz das acusações que Paulo faz no capítulo 11, é mais provável que a desobediência que o apóstolo tinha em mente era muito mais séria. Era uma desobediência que tratava com leviandade a verdade do evangelho (11:4), em razão do que seus detratores poderiam ser chamados de "falsos apóstolos, obreiros fraudulentos", e até mesmo servos de Satanás (11:13-15).

Sendo tudo isto o quadro real, a obediência completa da parte dos coríntios, preconizada e aguardada pelo apóstolo, antes de tomar providências enérgicas contra os intrusos, incluiria a rejeição da mensagem e dos ensinos desses homens, e o reconhecimento de novo da autoridade de Paulo, e da verdade do seu evangelho.

B. Paulo Reage Perante a Crítica (10:7-11)

Nesta passagem, Paulo responde a duas críticas levantadas contra ele pelos seus adversários: primeira, de que ele não era um verdadeiro servo de Cristo, mas eles, sim, é que eram (vv. 7-8). Segunda, de que embora suas cartas fossem "graves e fortes", sua "presença pessoal... é fraca, e a palavra desprezível" (vv. 9-11).

7. A primeira sentença deste versículo, *Observai o que está evidente,* foi traduzida na ARA como uma ordem, enquanto a NIV a traduz como declaração ("Olhais apenas o que está na superfície das coisas"). Ambas são traduções legítimas do texto original, visto que o verbo *blepete* pode significar um imperativo ("Vede") ou um indicativo ("Vós estais vendo"), e até mesmo em forma interrogativa ("Vedes vós?"). A tradução que usa o imperativo deve ser preferida, visto que

blepete, quando empregado noutras passagens das cartas de Paulo, sempre indica imperativo (1 Co 8:9; 10:12, 18; 16:10; Gl 5:15; Ef 5:15; Fp 3:2; Cl 2:8), com apenas uma possível exceção (1 Co 1:26). O sentido dessa ordem de Paulo é: "Vede o que é patentemente óbvio!"

Se alguém confia em si que é de Cristo, pense outra vez consigo mesmo que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos. O que devia ser patentemente óbvio aos leitores de Paulo é que, ainda que ele concordasse com a declaração argumentativa de seus adversários, de que pertencem a Cristo, apenas para discuti-la (mais tarde ele desfará tal afirmativa deles, cf. 11:13-15), ele próprio, Paulo, também pertence a ele.

Tem havido muito debate a respeito do significado do termo *de Cristo.* Várias sugestões têm sido apresentadas: (a) ser cristão, (b) ter sido discípulo do Jesus encarnado, (c) ser servo ou apóstolo de Cristo, e (d) ser parte de Cristo (isto segundo a doutrina gnóstica). A opinião de que significa ser servo ou apóstolo de Cristo recebe grande apoio, à luz de 11:23 e do fato que por toda a seção dos capítulos 10 – 13 Paulo está defendendo seu apostolado. A vindicação de Paulo de ser apóstolo de Cristo baseia-se em sua experiência de conversão e de comissionamento. E se seus companheiros (e.g., Timóteo, Tito e outros) estiverem incluídos no pronome plural *nós,* a vindicação deles de serem servos de Cristo provavelmente baseia-se no fato de terem sido recrutados por Paulo a fim de ajudá-lo a cumprir seu mandato, embora no caso de Timóteo, pelo menos, parece ter havido uma nomeação especial, por meio de profecia (1 Tm 1:18).

8. *Se eu me gloriar um pouco mais a respeito da nossa autoridade.* Nos versículos 9 – 11, Paulo afirmará que o que ele diz (com grande autoridade) em suas cartas é coerente com suas ações, quando em Corinto. A referência a ele se "gloriar um pouco mais" (gabar-se em exagero) de sua autoridade pode ser, então, alusão às exigências autoritárias que ele fez em sua carta "severa". Todavia, acrescenta o apóstolo, como que entre parênteses, sua autoridade é algo que *o Senhor nos conferiu para edificação, e não para destruição vossa. O Senhor* aqui é Cristo, que o comissionou como apóstolo. O propósito (*eis*) para o qual o Senhor lhe deu autoridade está enunciado de modo positivo (*para edificação*) e também negativo (*não para destruição*). É inútil

perguntar como Paulo poderia ter usado sua autoridade para destruir, visto que não lhe fora dada com esse propósito (cf. 13:10). Se perguntarmos como o apóstolo poderia usar sua autoridade para construir, a resposta sugerida pela passagem presente é que ele faria exigências plenas de autoridade, mediante suas cartas, no sentido de que seus convertidos vivessem de acordo com a verdade do evangelho, ainda que isso significasse que um crente precisaria ser disciplinado (cf. 2:3-4; 7:8-12).

Após o parênteses, Paulo completa o que havia começado a dizer no início do versículo: *Se eu me gloriar um pouco mais a respeito da nossa autoridade... não me envergonharei.* A chave para a compreensão encontra-se nos versículos 9-11. Paulo confia em que ficará claro que seu comportamento (em pessoa) é inteiramente coerente com seu audacioso uso de autoridade (por carta). Assim é que Paulo sairá vencedor, em vez de sair envergonhado, no que concerne à sua alardeada autoridade.

É importante reconhecer que a autoridade apostólica tinha grande significado para Paulo. Ele era um embaixador de Cristo (5:20) e, como tal, transmitia a mensagem que lhe fora confiada, usando toda a autoridade de seu Senhor. Por isso é que Paulo esperava ser obedecido; todo aquele que lhe rejeitasse as instruções rejeitava a palavra do Senhor (1 Co 14:37-38). E por ter sido investido de tal autoridade, Paulo tomava o cuidado de distinguir a palavra do Senhor de seu próprio conselho, e de outras declarações que às vezes era forçado a fazer (1 Co 7:10, 25; 2 Co 11:17). Esta autoridade de Paulo não se expressava apenas nas instruções que esperava serem acatadas, mas também no poder grandioso de Deus que podia ser demonstrado (cf. 13:2-3). Entretanto, o fato de possuir tal poder não isentava o apóstolo de experimentar fraqueza, perseguição e sofrimento. Na verdade, o portador da autoridade de Cristo também compartilhava a experiência da fraqueza de Cristo, ainda quando o poder de Deus estava operando por seu intermédio (cf. 13:4).

9-10. *Para que não pareça ser meu intuito intimidar-vos por meio de cartas.* Com estas palavras Paulo abre um assunto que ele sabe ser a base de crítica contra ele, da parte de seus adversários. Paulo tem sido acusado de enviar cartas de conteúdo forte, para Corinto, nas quais se

gaba de uma autoridade que ele não tem. O apóstolo sabe o que seus inimigos vêm dizendo a seus convertidos e o reproduz aqui: *As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível.* Eis aí: as cartas de Paulo foram consideradas intimidantes (*graves e fortes*), mas ele próprio, pessoalmente, dava sinais de ter falta de autoridade. As palavras *a presença pessoal dele é fraca* podem refletir a reação de seus inimigos diante de um problema físico que nunca foi resolvido (cf. 12:7-9; Gl 4:15), ou uma estrutura física insignificante (cf. *Acts of Paul and Thecla* 3: "um homem de pequena estatura, calvo e pernas tortas, troncudo, de sobrancelhas cerradas e nariz meio torto"), ou mais provavelmente o que consideravam falta de presença dominadora, porque Paulo não exibia *sinais físicos* de autoridade e carisma espiritual.

A acusação de que sua palavra é "desprezível" talvez lhe tenha sido lançada pelos inimigos, ou porque não gostavam de seu estilo simples, despido de ornamentos (cf. 1 Co 2:1-2), ou porque não podiam entender por que uma pessoa que afirmasse ser apóstolo de Cristo não levantasse a voz com ousadia para defender-se perante o ofensor (cf. 2:5; 7:12), preferindo, em vez disso, retirar-se humildemente, e enviar uma carta forte, redigida a distância.

11. Aos que assim o criticavam, Paulo responde: *Considere o tal nisto: que o que somos na palavra por cartas, estando ausentes, tal seremos em atos, quando presentes.* Conquanto o apóstolo poderia ter decidido não exibir um espetáculo de autoridade em sua segunda visita, isso não significaria que ele não a tem. O que escreve cartas fortes está preparado para suportar críticas, ao voltar em sua terceira visita. Ninguém deve erroneamente presumir que seus esforços para ser conciliador sejam evidências de falta de autoridade.

C. Gloriar-se Dentro de Limites Apropriados (10:12-18)

Na seção anterior Paulo teve de defender sua autoridade contra os que afirmavam que ele enviava cartas ousadas, vindas de longe, mas sua falta de verdadeira autoridade era tão óbvia que todos podiam percebê-lo. Bastava que ele mesmo, em pessoa, estivesse presente. Em 10:12-18, Paulo assume a ofensiva. Ele satiriza seus adversários que se auto-elo-

giam (ao comparar-se uns com os outros!). Em contraste, ele, Paulo, se gloria, diz o apóstolo, numa medida cuidadosamente estudada, baseada no trabalho que realizou no campo missionário que o Senhor lhe designou. Conclui Paulo, tendo seus adversários em mente, com esta declaração: "Não é aprovado quem a si mesmo se louva e, sim, aquele a quem o Senhor louva".

12. Paulo satiriza seus adversários quando afirma: *Não ousamos classificar-nos, ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos.* Um método popular usado pelos mestres a fim de atrair discípulos, nos dias de Paulo, era comparar-se a si mesmos com outros mestres (cf. *Oxyrhynchus papyrus*, 2190). Diz Paulo que ele não ousaria comparar-se com seus críticos! O alvo específico da sátira de Paulo é o elogio em causa própria perpetrado pelos seus adversários e o modo como se pavoneiam: *Mas, eles, medindo-se consigo mesmos, e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez.* Não podemos ter certeza quanto aos critérios que esses homens teriam utilizado para auto-avaliar-se. Entretanto, é possível que tenham empregado o mesmo critério de quando se compararam com Paulo, havendo certos indícios em 2 Coríntios a respeito desses padrões. Eles procuravam aparência física imponente e eloqüência arrebatadora (10:1, 10; 11:20-21), cobravam uma taxa sobre cada sermão pregado (11:7-11), exibiam ascendência judaica impecável (11:21b-22), experiências espirituais impressionantes (12:1-6), realização de sinais apostólicos (12:12), e uma ou outra exibição de autoridade e poder (11:19-20), a fim de comprovar que Cristo estava falando por meio deles (13:3). Observe-se a natureza triunfalista desses critérios. Não há espaço para expressões de fraqueza, sofrimento, perseguição e prisão, que com freqüência constituíam a porção de Paulo, e que o próprio Jesus afirmara ser a experiência de todos quantos o seguissem. Se o método aqui utilizado para descobrir os critérios e padrões empregados pelos adversários de Paulo for válido, à luz, então, dos resultados, não é de admirar que Paulo dissesse de tais homens: *revelam insensatez.*

13-14. Havendo satirizado o modo como seus adversários se gloriam entre si, Paulo faz um contraste, agora, entre eles e seu próprio modo moderado de gloriar-se; o apóstolo se restringe ao trabalho executado.

Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós. Referindo-se ao *limite da esfera de ação* que Deus lhe traçou, Paulo emprega a palavra *kanōn*, cujo sentido básico é "regra", ou "medida padrão". Em documentos recentemente publicados, há evidências do uso dessa palavra com o sentido de serviços a serem prestados dentro de "uma área geográfica especificada",[1] e é esse o significado do termo aqui.

O *limite* (*kanōn*) que Deus delineou para Paulo consiste em seu trabalho evangélico (ministério) missionário em terras gentílicas (cf. Rm 1:5, 13-14; 15:18-19; Gl 2:7-8). Dentro de tais limites estava a responsabilidade, afirma Paulo, de alcançar *até vós.* Parece que seus adversários também questionavam o fato de ele estar operando (embora dentro de seus direitos) em Corinto, pois o apóstolo imediatamente assevera: *Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo.* Paulo comprova seu direito de trabalhar como apóstolo em Corinto, com dois fatos: primeiro, Deus lhe entregou a tarefa de evangelizar as nações e segundo, ele foi o primeiro a evangelizar Corinto.

15. *Não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios.* O que Paulo quer dizer com gloriar-se *fora de medida* (cf. v. 13) fica mais claro neste versículo, i.e., gabar-se dos resultados dos trabalhos de outrem, como se fossem resultados de seu próprio trabalho. A implicação dessas palavras de Paulo, segundo as quais ele *não* se gaba das realizações alheias, é que seus adversários fazem isso.

Tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da nossa esfera de ação (mais literalmente, "tendo a esperança de que, à medida que vossa fé vai crescendo, seremos magnificados dentre vós, de acordo com nossa esfera [de serviço] para abundância"). Esta porção do versículo 15 é muito difícil de traduzir. A RSV e a NIV traduzem-na de forma semelhante, de modo que o texto diz que Paulo espera que sua esfera de

1. G.H.R. Horsley, *New documents illustrating early christianity. A review of the greek inscriptions and papyri in 1976* (The Ancient History Documentary Research Centre, Macquarie University, 1981), pp. 36-45.

serviço entre os coríntios cresça à medida que a fé dos irmãos for crescendo. Esse desenvolvimento do ministério seria, ao mesmo tempo, um sinal do fim da crise presente, o que deixaria Paulo livre para pregar noutras áreas, e uma base grandemente aumentada para servir de apoio a essa expansão.

16. *A fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de cousas já realizadas em campo alheio.* Em Romanos, carta escrita não muito tempo depois de estes capítulos terem sido redigidos, Paulo fala de sua ambição de levar o evangelho à Espanha (Rm 15:24), e ficamos pensando que a referência a [terras] *para além das vossas fronteiras* denotaria nações como a Espanha, mais para o ocidente. Ainda em Romanos, Paulo expressa sua ambição de "pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio". Por tudo isto perpassa a implicação de que os adversários de Paulo, que interferiram em Corinto, estavam fazendo exatamente aquilo que o apóstolo procurava evitar com máximo cuidado.

Antes de deixarmos este versículo, devemos observar que ainda há neste mundo de hoje áreas geográficas e segmentos populacionais dentro da maioria das sociedades humanas, em que Cristo é desconhecido. Ali há grande necessidade de homens e mulheres que partilham a ambição de Paulo de pregar o evangelho onde Cristo ainda não entrou.

17. *Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor.* Embora possa talvez existir algum lugar para um orgulho humano legítimo na obra feita pela graça de Deus (cf. Rm 15:17-18), o verdadeiro fundamento, não obstante, do gloriar-se cristão é o privilégio de conhecer o próprio Deus. Aqui (e em 1 Co 1:31), Paulo apela para o ensino de Jeremias 9:23-24, em que os sábios, os poderosos e os ricos são aconselhados a não se gloriar de suas vantagens. Todos os que se gloriam, devem gloriar-se, esta é a exortação, no fato de conhecerem ao Senhor. Jesus ensinou a mesma lição aos setenta, quando regressaram de sua missão regozijando-se porque até os demônios se lhes sujeitavam (Lc 10:17-20).

18. O perigo está em que o gloriar-se no sucesso facilmente degenera em auto-elogio. Paulo traz à memória de seus leitores (e à sua

própria memória) que *não é aprovado quem a si mesmo se louva, e, sim, aquele a quem o Senhor louva.* A palavra traduzida por *aprovado* (*dokimos*) carrega a idéia de aprovação depois de um teste. Paulo usa essa palavra para descrever um servo de Cristo que foi testado e aprovado, um crente cujo valor foi atestado (Rm 16:10; cf. 2 Tm 2:15). O apóstolo usa o verbo cognato (*dokimazō*) para referir-se ao teste dos obreiros cristãos (2 Co 8:22) e das obras dos crentes (1 Co 3:13; Gl 6:4).

Neste versículo, os olhos de Paulo repousam sobre a avaliação última do ministério de uma pessoa. Pouco importa o que o indivíduo mesmo diga à guisa de auto-elogio, e tampouco o julgamento feito pelos outros. O que importa é o elogio que o Senhor mesmo proferir (cf. 1 Co 4:1-5). Foi sob essa rubrica que Paulo desenvolveu seu trabalho apostólico. No atual contexto, fica talvez implícito que seus adversários em Corinto assim não procederam. Paulo volta ao tema da aprovação no teste de Deus em 13:5-7.

D. A Ingenuidade dos Coríntios (11:1-6)

Nesta passagem, Paulo prenuncia a "conversa de insensato" (o gloriar-se das credenciais de apóstolo) que logo adiante, neste mesmo capítulo e no seguinte, ele derramará. E explica que foi sua grande preocupação pela ingenuidade de seus leitores que o forçou a fazê-lo. Sua preocupação é que os coríntios sejam desviados de sua devoção ao Cristo que ele pregou em seu evangelho, por aqueles que questionaram suas credenciais e proclamaram um evangelho diferente.

1. *Quisera eu me suportásseis um pouco mais na minha loucura.* Paulo considera a exibição de suas credenciais, nos versículos seguintes (11:21b – 12:13), uma verdadeira insensatez. Torna-se isto mais grave ainda porque, como ele mesmo acabara de afirmar, "não é aprovado quem a si mesmo se louva, e, sim, aquele a quem o Senhor louva" (10:18). Entretanto, dadas as circunstâncias de Corinto, Paulo é forçado a exibir suas credenciais. Isto ele faz (contrariando sua tendência), bem ao gosto do critério escolhido pelos seus adversários e, aparentemente, aprovado pelos seus convertidos. Assim é que Paulo enfrenta as exigências da situação, e "ao insensato responde segundo a sua estultícia". Ao exortar seus leitores, *Suportai-me, pois*, temos aí provavelmente

mais um sinal de seu próprio constrangimento, por causa da situação, do que a preocupação com a possibilidade de eles considerarem tudo aquilo muito inadequado.

2-3. Paulo revela a profunda preocupação que o leva a cair na insensatez da autoglorificação: *Zelo por vós com zelo de Deus* (tradução literal). Ao ver o que está acontecendo em Corinto, Paulo emociona-se, porque compartilha o zelo de Deus pelo seu povo. Temos aqui uma metáfora do casamento, o que se confirma pelas palavras seguintes: *Visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo.* O casamento entre os judeus do tempo de Paulo compunha-se de duas cerimônias separadas, o noivado e a cerimônia nupcial, que consumava o casamento. Em geral, entre uma e outra cerimônia decorria um ano, mas durante esse período a noiva era considerada legalmente a esposa do noivo, embora permanecesse virgem. O contrato de noivado tinha valor legal, e só podia ser rompido pela morte ou por uma carta formal de divórcio. A infidelidade ou a violação de uma noiva assim desposada era considerada adultério, e como tal recebia punição legal.[1] Esse costume matrimonial dá-nos o contexto cultural da afirmação de Paulo aqui.

Paulo vê a si mesmo como agente de Deus, mediante quem seus convertidos estão "ligados" a Cristo, de quem são a "noiva", *como virgem pura.* Ele se sente sob a obrigação de assegurar que a noiva seja apresentada a Cristo, o *esposo,* na cerimônia nupcial, quando o casamento será consumado (i.e., na parousia de Cristo). À vista dos recentes acontecimentos em Corinto, Paulo é obrigado a declarar: *Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo.* A fim de dramatizar o perigo que vê, Paulo compara-o ao engano sofrido por Eva no jardim do Éden ("A serpente me enganou, e eu comi", Gn 3:13). É significativo que a "sedução" de Eva não teve caráter sexual, como alguns textos rabínicos sugerem, mas, antes, um engano que lhe penetrou a mente, pela negação da verdade da palavra de Deus (Gn 3:1-7). Assim é que a história de

1. R. Batey, "Paul's Bride Image: A Symbol of Realistic Eschatology", *Int 17* (1963), pp. 176-182.

Eva retrata o tipo de perigo enfrentado pelos coríntios, i.e., suas *mentes* foram desviadas. A palavra traduzida por *mentes* (*noēmata*) encontra-se apenas seis vezes no Novo Testamento, todas nos escritos de Paulo, e dessas seis, cinco em 2 Coríntios. Além do presente contexto, Paulo a utiliza para descrever os "desígnios" de Satanás (2:11), o endurecimento ou a cegueira "mental" (3:14; 4:4), o levar em cativeiro todo "pensamento" à obediência de Cristo (10:5), e a "mente" que é guardada na paz de Deus, que excede todo entendimento (Fp 4:7). Na passagem em tela, Paulo está preocupado com o engano das mentes (não o comprometimento da moral) de seus leitores. O que ele quer dizer com estas palavras será revelado no versículo 4, mas antes de partirmos para lá é importante enfatizar que as mentes dos crentes são o alvo principal dos assaltos da *serpente* (que Paulo iguala a Satanás no v. 14), e tais ataques visam desviá-los de sua devoção a Cristo.

4. As mentes dos coríntios estavam sendo desviadas por hereges que pregavam outro Jesus, e um evangelho diferente. Assim como Eva fora enganada pela serpente, que negou a verdade da palavra de Deus, assim também as mentes dos convertidos de Paulo estavam sendo desviadas por pessoas que negavam a verdade de seu evangelho, substituindo-o por outro, forjado por eles mesmos.

Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado. Que é que Paulo quer dizer com *outro Jesus*? Como já observamos antes, no comentário de 10:12, os critérios para avaliação do apostolado, aparentemente empregados pelos inimigos de Paulo, tinham caráter triunfalista, sem deixar lugar para a experiência das fraquezas e do sofrimento. Pode ter acontecido que esses adversários, em sua pregação, enfatizassem o poder e a glória de Cristo, excluindo virtualmente o fato real de que o Senhor também havia experimentado fraqueza, humilhação, perseguição, sofrimento e morte. Paulo pregava a Cristo *crucificado* como Senhor, de modo que uma proclamação, conforme delineada acima, lhe teria parecido pregação de *outro Jesus*.

Se aceitais espírito diferente que não tendes recebido. Se for legítimo que interpretemos *outro Jesus* de acordo com o esboço sugerido acima, podemos, então, aplicar a mesma abordagem à interpretação de

espírito diferente que os coríntios estariam aceitando depressa demais. O Espírito que os coríntios receberam ao aceitar o evangelho pregado por Paulo (cf. 1 Co 2:12; 3:16; 6:19), sob o poder do qual o próprio ministério de Paulo era executado (cf. Rm 15:18-19; 1 Co 2:4; 1 Ts 1:5), era o Espírito que também produziu as virtudes do amor, bondade e benignidade nas pessoas em que ele habita (Gl 5:22). O espírito pelo qual os oponentes de Paulo operavam era autoritário e escravizador (11:20) e, segundo a opinião de Paulo, fora inspirado por Satanás (11:13-15). Se os coríntios se submetessem a esses homens, aceitariam um espírito completamente diferente daquele que haviam recebido quando aceitaram o evangelho de Paulo.

Ou evangelho diferente que não tendes abraçado. Paulo usa a mesma expressão, *evangelho diferente* ao descrever o ensino dos judaizantes, para os quais o apóstolo quase perdera suas igrejas da Galácia (Gl 1:6-9). Tem sido sugerido que o *evangelho diferente* dos adversários coríntios de Paulo teria sido o mesmo da Galácia, i.e., um evangelho que enfatizava a necessidade de os gentios não só crerem em Cristo, mas também tomarem sobre si o jugo da lei, e submeter-se à circuncisão, se desejassem fazer parte do verdadeiro povo de Deus. No entanto, isto nos parece improvável por duas razões. Primeira, não há menção em 2 Coríntios 10 – 13 de exigências quanto a guardar a lei (quer leis dietéticas, quer sabáticas, ou outras, referentes a festividades e ritos) ou praticar a circuncisão. Em segundo lugar, as ênfases que realmente encontramos em 2 Coríntios 10 – 13 (e.g., eloqüência, conhecimento (11:6), exibição de autoridade (11:20), visões e revelações (12:1) e execução de sinais apostólicos (12:12-13)) não se encontram em Gálatas. Parece-nos que seria melhor, então, interpretar *evangelho diferente* da mesma maneira que *outro Jesus* e *espírito diferente*, i.e., como sendo um evangelho que enfatizava a glória e o poder de Cristo, dando pouquíssimo lugar para o Cristo *crucificado* como Senhor.

A esses de boa mente o tolerais (lit., "vós o suportais bem"). Paulo utiliza aqui a mesma palavra que usara no versículo 1. Não é de admirar que o apóstolo achasse que podia pedir a seus leitores que tivessem paciência com ele, sabendo que estavam tendo toda paciência com os que pregavam um evangelho diferente.

5. *Suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos.* Paulo deixa de lado suas expressões de preocupação, e passa a defender-se pessoalmente. Quanto à discussão da identidade desses *tais apóstolos*, veja Introdução, pp. 50 - 57. A posição adotada neste comentário é que esses homens devem ser identificados como sendo os que pregavam o evangelho diferente (v. 4), a quem Paulo chama de falsos apóstolos e servos de Satanás (vv. 14-15). Ao afirmar *em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos*, Paulo não está concordando que são iguais a ele próprio. Está apenas dando resposta às afirmações deles. Depois é que ele fará suas próprias vindicações e afirmará ser-lhes superior (vv. 21b-33).

6. *E, embora seja falto no falar, não o sou no conhecimento.* A primeira parte desta declaração pode ser entendida de uma dentre duas maneiras diferentes: primeira, um reconhecimento franco de que no emprego da retórica e eloqüência, ao falar em público, Paulo é inferior a seus adversários; segunda, trata-se de um recurso de retórica, pelo qual o apóstolo se coloca numa posição inferior, em face de seus oponentes, ainda que ele saiba (e espera que seus leitores o saibam também) que ele, Paulo, de fato lhes é superior.

É a primeira alternativa que se encaixa melhor no contexto, visto que o propósito de Paulo parece ser o seguinte: ele concede superioridade a seus adversários numa área menos importante, a dos recursos retóricos, mas vindica superioridade para si próprio na área muitíssimo mais importante do conhecimento.

Ao referir-se a *conhecimento,* Paulo quer dizer primordialmente discernimento ou visão espiritual do mistério do evangelho (cf. Cl 1:26-27; Ef 1:9; 3:1-6), que seus adversários não conseguiam entender de modo apropriado. Inclui-se também provavelmente a compreensão dos dons concedidos por Deus sobre os que crêem (1 Co 2:10-13), e aquilo que se descreve como "todo o desígnio de Deus" (At 20:27). De tudo isso, assim diz Paulo: *mas em tudo e por todos os modos vos temos feito conhecer isto*; indubitavelmente ele tem em mente os dezoito meses, ou mais, que passou ensinando a palavra de Deus em Corinto, durante sua primeira visita a essa cidade (At 18:11), bem como as instruções que ele ministrou por carta.

E. A Questão da Remuneração (11:7-15)

Nestes versículos, Paulo responde às críticas contra a prática que ele adotara durante sua missão em Corinto, a de não pedir, nem aceitar nenhuma remuneração financeira da parte de seus ouvintes. Por essa prática, Paulo teria sido criticado por duas razões. Primeira, os coríntios talvez se tenham sentido afrontados, porque Paulo se recusara a receber sustento pastoral da parte deles, especialmente tendo em vista que ele fora obrigado a dedicar-se a trabalho braçal a fim de sustentar-se, o que eles teriam considerado degradante para um apóstolo (v. 7). Segunda, essa recusa fora entendida como evidência de que Paulo na verdade não amava os coríntios. Se ele não aceitava o dinheiro deles, certamente não tinha afeição nenhuma por eles (v. 11). A despeito destas críticas, Paulo informa a seus leitores que não tem a intenção de mudar suas práticas; a razão dessa decisão é que ele deseja podar todas as vindicações de seus adversários de que trabalham na mesma base em que ele trabalha (v. 12). Segue-se um forte ataque verbal, cheio de ironia, em que o apóstolo revela com clareza suas opiniões sobre seus oponentes (vv. 13-15).

7. *Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente, para que fôsseis vós exaltados?* De acordo com Atos 18:1-4, Paulo trabalhava como artesão, fazendo tendas, a fim de prover seu sustento, durante sua primeira estada em Corinto. Ao assim proceder, ele viveu "humildemente", visto que entre os gregos considerava-se degradante que um filósofo ou professor itinerante se dedicasse a trabalhos manuais, a fim de sustentar-se. Sem dúvida consciente desse fato, Paulo pergunta com exagerada ironia se ele havia cometido algum *pecado* porquanto *gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus.* Seria *pecado*, pergunta o apóstolo, o fato de eu, por amor à pregação do evangelho a vocês, sem custo, ter-me humilhado para que vocês fossem exaltados?

8. *Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir.* A palavra que Paulo usa aqui, *sylaō* ("despojar"), é muito forte. Nos papiros era usada com o sentido de "pilhar", e no grego clássico era empregada de modo predominante em contextos militares com o signi-

ficado de "despojar" (um soldado morto de sua armadura). A RSV traduz "roubar". Por que Paulo escolheu um verbo tão forte é difícil determinar. Talvez ele desejasse conscientizar bem os coríntios sobre os sacrifícios que ele fez para que o evangelho chegasse a eles sem custo, i.e., até ao ponto de "despojar" outras igrejas ao aceitar sustento delas pelo trabalho feito em Corinto. Os doadores não receberiam nenhum benefício decorrente de tal trabalho.

9. Paulo explica aqui com exatidão o que significa "despojar" outras igrejas. *Estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém, pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava.* A palavra *supriram* traduz o aoristo indicativo de *prosanaplēroō*, que tanto pode significar "encher" como "encher por acréscimo". No presente contexto, em que os rendimentos do trabalho manual de Paulo obviamente proveriam parte de seu sustento, o último sentido, "encher por acréscimo", expressa de modo apropriado a função das ofertas trazidas da Macedônia. A partir das evidências disponíveis nas cartas de Paulo, parece que dentre as igrejas macedônias, teria sido a de Filipos a maior contribuinte para o sustento material do apóstolo. Reiteradamente, eles partilharam do ministério de Paulo, ajudando-o nas finanças, a partir do momento em que se converteram até inclusive a época do encarceramento do apóstolo, durante a qual ele escreveu a carta aos Filipenses (cf. Fp 1:5; 4:10, 14-18).

Em tudo me guardei, e me guardarei, de vos ser pesado. Visto que o sustento de Paulo provinha de seu próprio trabalho manual, ou pelas ofertas vindas dos macedônios, ele podia eximir-se de ser pesado aos coríntios, e assevera que está determinado a prosseguir, no futuro, nessa prática.

10. *A verdade de Cristo está em mim; por isso não me será tirada esta glória nas regiões da Acaia.* As *regiões da Acaia* denotam aqui a província romana da Acaia, de que Corinto era a principal cidade e centro administrativo. Por todas essas regiões, Paulo afirma com juramento, ninguém silenciará seu orgulho santo de haver ministrado de graça. Sem dúvida alguma seus adversários gostariam de silenciá-lo, se Paulo afrouxasse e passasse a receber remuneração financeira, mas o apóstolo estava determinado de que isso não ocorreria (cf. v. 12).

Este procedimento talvez fosse visto como uma afronta pelos coríntios, especialmente por terem sabido naquele instante (v. 9), se é que não o souberam antes, que estando Paulo entre eles, no passado, sofrera necessidades, e recebera auxílio dos outros, recusando, no entanto, o auxílio coríntio.

Há várias razões plausíveis por que Paulo recusou a ajuda coríntia. Primeiramente, havia seu desejo veemente de pregar o evangelho sem ônus. Pregar era-lhe obrigação; pregar de graça era sua opção (cf. 1 Co 9:15-18). Em segundo lugar, havia seu desejo de não constituir um fardo para as pessoas entre as quais trabalhava; talvez possamos acrescentar que o apóstolo não queria perder sua independência ao ficar devendo obrigações financeiras a alguém. No mundo de Paulo, a aceitação de benefícios com freqüência significava tornar-se "cliente" do benfeitor, tendo que sacrificar parte de sua independência.

Ficamos imaginando, então, por que Paulo aceitava ajuda dos macedônios. Talvez ele se sentisse à vontade para aceitar ofertas das igrejas que contribuíam com o propósito de participar do ministério paulino em outras regiões. Nesse caso, sua ambição de oferecer o evangelho sem custo não ficaria comprometida, e seriam mínimas as probabilidades de seus benfeitores virem a considerá-lo seu "cliente".

Visto que os adversários de Paulo não conseguiam silenciá-lo, quando se gabava de não ser pesado aos coríntios, tentaram minar seu relacionamento com estes ao declarar que sua recusa em receber ajuda financeira era prova indubitável de que Paulo não os amava. Visto que o apóstolo lhes conhecia a estratégia, fez uma pergunta retórica: *Por que razão? É porque não vos amo?* Paulo não quer atribuir dignidade alguma àquelas acusações iníquas, rebatendo-as com uma resposta racional. Em vez disso, chama a Deus por testemunha e de modo simples declara seu amor pelos seus leitores: *Deus o sabe.*

12. Paulo reitera a afirmação que fizera no versículo 9b, mas em termos ligeiramente diferentes: *O que faço, e farei,* i.e., continuará evitando colocar fardos financeiros sobre os coríntios. À luz das atividades de seus inimigos em Corinto, Paulo tinha mais uma razão para assim proceder – *para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam.*

Esta parte do versículo 12 é de tradução e interpretação difíceis, mas o texto da ARA capta provavelmente a intenção de Paulo aqui. Seus inimigos desejavam poder dizer que desenvolviam sua missão nas mesmas condições de Paulo, a fim de consolidar com força sua posição em Corinto. Entretanto, havia uma área crucial em que as condições eram diferentes – eles almejavam remuneração financeira da parte dos coríntios. Se fossem apóstolos de boa fé, não precisariam preocupar-se com estas distinções, visto que a maioria dos apóstolos aceitava remuneração (1 Co 9:3-7), e o próprio Paulo havia defendido fortemente o direito do obreiro cristão de receber sustento (1 Co 9:7-14). Parece muito provável que os adversários de Paulo não só aceitavam remuneração como avidamente a cobravam (cf. v. 20), o que os tornava particularmente sensíveis à odiosa comparação que se podia traçar entre seu comportamento e o de Paulo. Tal situação se aliviaria, e muito, se Paulo parasse de agir daquela maneira. Todavia, exatamente por essa razão é que o apóstolo estava determinado a não receber sustento: para podar a possibilidade de seus inimigos dizerem que trabalhavam em igualdade de condições.

13. Agora Paulo injeta ironia, faz sua defesa pessoal e dá explicações quanto à sua política em questões monetárias e, com temível virulência, expõe o verdadeiro caráter de seus adversários. *Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo.* Em essência são enganadores, disfarçados de apóstolos de Cristo, pois nunca foram apóstolos, pelo que merecem o epíteto de *falsos apóstolos.*

14. A malícia enganadora dessas pessoas não surpreende a Paulo, *porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.* É possível que Paulo estivesse pensando aqui em Gênesis 3, e na malícia astuciosa da serpente que "enganou" a Eva. Por outro lado, há histórias nas obras pseudoepígrafas judaicas nas quais o diabo ou Satanás aparece como um anjo a fim de enganar a Eva (*Vida de Adão e Eva* 9:1 – 11:3; *Apocalipse de Moisés* 17:1); o apóstolo poderia estar usando tais referências como ilustração. Pode ser simplesmente que Paulo aprendera a reconhecer as ciladas de Satanás, como resultado de seu mi-nistério missionário (2:11).

15. Seja o que for que esteja por detrás da declaração de Paulo, no versículo 14, que Satanás se disfarça em anjo de luz, a conclusão a que ele chega é bastante clara. Argumentando do maior para o menor, diz ele: *Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.* Os adversários de Paulo revelam-se aqui como instrumentos de Satanás disfarçados como *ministros da justiça.* Os ataques de Satanás contra a igreja raramente são frontais. Com freqüência são subversivos, desenvolvidos e realizados por pessoas de dentro da igreja que, desorientadas e extraviadas, servem aos fins do diabo. É exatamente isso que Paulo teme poderá acontecer à igreja coríntia, como o indica 11:3-4 com clareza.

A respeito das pessoas que servem a Satanás em Corinto, assim diz Paulo: *O fim deles será conforme as suas obras.* Paulo traz à memória de seus leitores que todos deveremos comparecer perante o tribunal de Cristo e receber o bem ou o mal que fizemos no corpo. Também, noutras cartas, quando trata das pessoas que se opõem à verdade de Deus ou atacam a seus mensageiros, Paulo afirma que deverão enfrentar o julgamento de Deus (Rm 3:8; 1 Co 3:17; Fp 3:19; 2 Tm 4:14).

F. A "Conversa Insensata" (11:16 – 12:13)

1. Recebei-me como insensato (11:16-21a)

Nesta breve seção, Paulo abre sua "conversa insensata" em que ele se gaba de suas credenciais, de suas tribulações apostólicas, de suas experiências visionárias e dos sinais miraculosos que executou. Ele sabe que gloriar-se dessas coisas mundanas é insensatez; todavia, nessas circunstâncias em que seus convertidos foram levados pelos falsos apóstolos, que tanto se gabaram, Paulo se sente constrangido a gabar-se um pouco também. Portanto, nesta seção introdutória, Paulo pede a seus leitores que lhe relevem a insensatez, deixa bem claro que o que está prestes a dizer não traz a marca da autoridade do Senhor e, a seguir, com ironia mordaz, lembra aos coríntios que estão dispostos a tolerar os demais insensatos, sendo eles próprios sábios! Esses tais têm agido da forma mais dominadora e pretensiosa, mas Paulo afirma, ironicamente: "ingloriamente o confesso, como se fôssemos fracos".

16. *Outra vez digo.* Paulo já havia pedido a seus leitores que o suportassem "um pouco mais" na sua "loucura" (v. 1) e agora, depois de longa digressão, pelos versículos 2-15, repete seu pedido de modo ligeiramente diferente: *Ninguém me considere insensato; todavia, se o pensais, recebei-me como insensato, para que também me glorie um pouco.* Paulo está consciente de que o ato de gloriar-se que está prestes a cometer é um ato de insensatez, mas ele não quer que os coríntios o considerem um insensato por fazê-lo. Na verdade, não fora a ingenuidade deles em face das asserções dos falsos apóstolos, Paulo não precisaria gloriar-se (12:11). Entretanto, ainda que entendam que o ato de Paulo, ao gloriar-se, é ato de um tolo, eles que o aceitem como tal, e ouçam suas ostentações da mesma forma como ouviram as dos outros tolos (os inimigos de Paulo), a quem receberam.

17-18. Estes versículos estão corretamente colocados entre parênteses na RSV, pelo fato de constituírem um aparte em que Paulo deixa bem claro que a vanglória em que está prestes a mergulhar não é coisa que ele faz com a autoridade do Senhor. *O que falo, não o falo segundo o Senhor, e, sim, como por loucura, nesta confiança de gloriar-me.* A última sentença também poderia ser traduzida "nesta questão de basófia", mas desta ou daquela maneira, fica bem clara a justificativa do apóstolo. Prossegue ele, indicando que é que o move a esse ato de insânia: *Posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei.* As palavras *se gloriam segundo a carne* (*kauchōntai kata sarka*, lit., "vangloriar-se pela carne") denotam vangloriar-se à maneira do mundo, i.e., das realizações humanas, de poder e prestígio, até mesmo de experiências espirituais, em termos que não levam em conta o que agrada a Deus. Visto que *muitos* (seus inimigos) vangloriam-se segundo a carne, e seus convertidos foram seduzidos por tanta vanglória, Paulo sente-se obrigado a mergulhar também na auto-ostentação por amor aos coríntios, ainda que esteja dolorosamente consciente de que essa vanglória toda é pura tolice.

19. Após o parêntese dos versículos 17-18, Paulo retorna a seu pedido aos coríntios, que se estes o considerassem um insensato, que o aceitassem como tal, e tolerassem um pouco de basófia da parte dele (cf. v. 1). Assim, sacando de um pouco mais de ironia, diz Paulo: *sendo*

vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos. No que concerne a Paulo, os insensatos que os coríntios toleram alegremente são os intrusos, seus adversários. Assim é que se os coríntios demonstraram alegria em tolerar os insensatos, que tolerem a ele também, se o considerarem insensato. A expressão *sendo vós sensatos* provavelmente é uma alusão mordaz à tendência dos coríntios de orgulhar-se de sua própria sabedoria (1 Co 3:18-20; 4:10; 6:5; 8:1-7; 13:2).

20. *Tolerais quem vos escravize*. Diferentemente de Paulo, que considerava sua função trabalhar para a alegria das pessoas, e não para tiranizá-las à fé (1:24), os intrusos punham em servidão aos que conseguiam influenciar. Paulo expõe a desprezível exibição de tirania, da parte de seus oponentes, e também a iníqua tolerância dos coríntios, ao despejar em rápida sucessão quatro expressões que traçam a natureza da escravidão coríntia. Vós consentis, diz Paulo, e *tolerais quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem se exalte, quem vos esbofeteie no rosto. Quem vos devore* (*katesthiei*, lit., "consumir") provavelmente se refere às ambiciosas exigências dos intrusos quanto a remuneração. O verbo traduzido por *quem vos detenha* (*lambanei*, lit., "tomar") é utilizado por Paulo novamente em 12:16, onde ele escreve: "Eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi (*elabon*) com dolo". Este texto ilumina o emprego inusitado do verbo *lambanō* no atual contexto: os coríntios estavam sendo "tomados, presos, detidos, ou enganados" pelos adversários de Paulo. *Quem se exalte* (*epairetai*) significa a exaltação presunçosa do eu humano. Paulo usa esse verbo em 10:5 ao referir-se a "toda altivez que se levante contra [lit., "toda coisa elevada que se ergueu contra"] o conhecimento de Deus". Na expressão *quem vos esbofeteie no rosto* Paulo emprega o verbo *derō*, que significa "esfolar" um animal e, mais comumente, "bater, espancar". Paulo emprega esta palavra em 1 Coríntios 9:26 em que ela tem o sentido mais comum de "espancar" ("luto, não como desferindo golpes no ar"), e é assim que talvez o verbo deveria ser entendido no presente contexto. Se este for o caso, o texto estará afirmando que os adversários de Paulo se haviam tornado tão inflados em suas próprias opiniões que não hesitariam em esbofetear a face daqueles que se sujeitaram à sua autoridade.

21a. Paulo encerra este parágrafo com outra declaração cheia de sarcasmo cortante: *Ingloriamente o confesso, como se fôssemos fracos.* Os coríntios haviam acreditado nas críticas dos adversários de Paulo, segundo os quais ele era fraco (10:10). Agora Paulo lhes devolve essa injúria, dizendo, na verdade: "Sim, envergonho-me de dizê-lo, éramos fracos demais, tão fracos que executamos uma demonstração servil de tolerância à tirania desses intrusos!"

2. Ascendência judaica e as provações apostólicas de Paulo (11:21b-33)

Nesta seção, Paulo dá resposta a seus adversários, que afirmam ter ascendência judaica impecável, e serem servos de Cristo. Paulo concorda com isso, apenas para poder argumentar (embora negue esta última vindicação deles, mais tarde, nos vv. 13-15), mas assevera que suas próprias credenciais judaicas são igualmente excelentes, e vindica ser um servo melhor de Cristo (vv. 21b-23a). A seguir, a fim de reforçar sua declaração de ser um melhor servo de Cristo, o apóstolo provê uma lista de suas tribulações apostólicas (vv. 23b-29), a qual pode ser dividida em quatro seções: (a) (vv. 23b-25) prisões, açoites, perigos de morte, inclusive uma explicação minuciosa de tudo que esteve envolvido nessas circunstâncias; (b) (v. 26) viagens freqüentes, com uma descrição dos perigos nelas enfrentados; (c) (v. 27) trabalhos e fadigas, com uma descrição dos perigos e privações; e (d) (vv. 28-29) preocupação por todas as igrejas, dando exemplos do que a causava. Finalmente, Paulo narra a história de sua ignominiosa fuga de Damasco, como ilustração adicional de sua "fraqueza" de apóstolo (vv. 30-33).

21b-23a. Paulo começa sua "conversa insensata" com palavras adequadas: *Naquilo em que qualquer tem ousadia, com insensatez o afirmo, também eu a tenho.* O apóstolo vai pegando uma a uma as coisas de que seus adversários se gabam: o "pedigree" israelita e a presunção de serem servos de Cristo (vv. 22-23), visões e revelações (12:1) e a execução de sinais portentosos (12:12). A seguir, Paulo refestela-se em vanglória de si mesmo, para demonstrar que em ponto nenhum é inferior a qualquer daqueles homens. Todavia tanto aqui (vv. 21b, 23a), como

em outros três lugares do discurso (11:30; 12:1, 11), Paulo demonstra como se sente mal ao gloriar-se – *falo como fora de mim.*

São hebreus? também eu. A designação *hebreus* pode ser entendida de duas maneiras. Primeira, era usada para denotar pureza étnica, como na expressão "hebreu de hebreus" (Fp 3:5), e segunda, era empregada a fim de distinguir os judeus de fala aramaica, que em geral moravam na Palestina (hebreus) dos judeus de fala grega, em geral da dispersão (helenistas) (cf. At 6:1). Entretanto, esta segunda distinção não era bem definida, como poderia parecer, pois como aparece na inscrição "[Sin]agoga dos Hebr[eus]", encontrada em Corinto (veja Introdução, p. 19), até os judeus da dispersão referiam-se a si mesmos como "hebreus". No contexto atual, é melhor ver Paulo declarando ter a mesma ascendência vindicada por seus adversários. Estes versículos não nos permitem identificar se se tratava de judeus palestinos ou helenistas.

São israelitas? também eu. É difícil verificar se na mente de Paulo, a palavra *israelitas* se distinguia da palavra *hebreus*. Entretanto, considerando-se que prosélitos eram admitidos no povo de Israel, mas logicamente não poderiam jamais afirmar serem hebreus (nascidos de hebreus), o termo "israelita" deveria ser interpretado como indício de aspectos religiosos e sociais do judaísmo.

São da descendência de Abraão? também eu. É muito difícil ver que diferença existe, se de fato existe alguma, entre *israelitas* e *descendentes de Abraão*, de modo especial pelo fato de o próprio Paulo usar esses termos como sinônimos, em Romanos 11:1. Uma sugestão é que se *hebreus* deve ser entendido de modo étnico, e *israelitas*, de modo religioso e social, *descendência de Abraão* deveria ser entendido teologicamente, relacionando o termo ao chamado e às promessas de Deus à descendência de Abraão.

Embora haja dificuldades no discernimento das nuanças exatas desses três termos, a ênfase principal de Paulo é bastante clara. Não importa em que vanglória se refestelam os adversários do apóstolo, no que diz respeito à ascendência judaica deles, pois Paulo pode vangloriar-se em igualdade de condições.

São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais. Ao responder às vindicações de seus oponentes, com respeito à ascendência

israelita, Paulo simplesmente afirmou ser-lhes igual, mas aqui, com ênfase retórica, Paulo reage diante da afirmação deles de serem servos de Cristo afirmando ser um servo melhor ainda. Ei-lo disposto a concordar aqui, apenas para argumentar, que aqueles intrusos são servos de Cristo (o que ele nega noutra passagem, vv. 13-15), pois o apóstolo vai demonstrar sua superioridade nessa área. Ao afirmar *falo como fora de mim*, Paulo revela mais uma vez sua relutância em engajar-se na "conversa insensata". (Diz a RSV: "estou falando como um louco"). Comparar um servo de Cristo com outros é algo contra o que Paulo já havia alertado os coríntios antes (1 Co 1:11-16; 3:4-9, 21-22; 4:1); agora, todavia, sob a força de circunstâncias novas, ele próprio faz essa comparação.

23b-25. A primeira seção da lista de tribulações abre-se com estas palavras: *Em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes.* É provável que *em trabalhos, muito mais* refira-se aos esforços estrênuos de Paulo em seu trabalho missionário, esforços superiores aos de seus oponentes, e até mesmo dos demais apóstolos (cf. 1 Co 15:10). Atos registra apenas um encarceramento antes de estes capítulos terem sido escritos, a noite que Paulo passou na prisão de Filipos (At 16:19-40). A referência de Paulo a muitos outros encarceramentos lembra-nos de duas coisas: que ele experimentou muitos outros julgamentos além daqueles registrados em Atos, e que nosso conhecimento de sua carreira missionária é bastante limitado, não obstante termos o registro de Atos para consultar.

O que significa *em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes* revela-se nos versículos 24-25. *Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um.* Jesus advertira seus discípulos de que seriam açoitados nas sinagogas (Mt 10:17; Mc 13:9), e Paulo, em seus dias anteriores à sua conversão, na verdade instigou essa forma de castigo (At 22:20; 26:11). Tendo-se convertido à fé que antes combatera, ele próprio sofrera, à época em que escreveu estas palavras, cinco penalidades legais de açoite em sinagogas. Isto nos revela de modo indireto que a despeito de muita oposição, Paulo nunca desistiu de sua ligação com o judaísmo, nem com as sinagogas, e jamais se refugiou no mundo gentílico. Deuteronômio 25:1-3 especifica que a punição por

açoite não deve exceder quarenta chibatadas, de modo que os judeus dos dias de Paulo protegiam-se contra a possibilidade de quebrar a lei infligindo quarenta açoites menos um, para que algum eventual erro de contagem não causasse um excesso ilegal.

Fui três vezes fustigado com varas. Sabemos de um desses incidentes, o que ocorreu em Filipos (At 16:22-23). De fato era ilegal um magistrado ordenar que um cidadão romano (Paulo era romano) fosse flagelado, embora se perceba, mediante este incidente e outros registrados na literatura antiga, que nem sempre a lei era cumprida. Provavelmente é por essa razão que Paulo, escrevendo logo depois deste acontecimento, fala de "maltratados e ultrajados em Filipos" (1 Ts 2:2). Também seria essa a razão por que os magistrados vieram pedir desculpas a Paulo pelo que eles haviam feito (At 16:38-39).

Uma vez apedrejado. Apedrejamento podia ser uma execução legal judaica (cf. Lv 24:14, 16) ou um ato de violência do populacho. Em Listra, Paulo foi apedrejado pela multidão enfurecida, e abandonado como se houvera morrido (At 14:19).

Em naufrágio três vezes, uma noite e um dia passei na voragem do mar. Sabemos, pela leitura de Atos, de apenas uma ocasião em que Paulo sofreu um naufrágio, o que aconteceu depois de esta carta ter sido escrita. Entretanto, Atos registra nove viagens marítimas empreendidas pelo apóstolo antes desta, e é certo que houve outras. Portanto, houve muitas viagens de navio, em algumas das quais Paulo teria sofrido naufrágio. Ficar à deriva no mar *uma noite e um dia* deve ter feito o apóstolo ver-se face a face com a morte, como quando fora apedrejado em Listra.

26. *Em jornadas muitas vezes.* Com estas palavras, inicia-se a segunda seção da lista de tribulações de Paulo; o que vem a seguir lança luz sobre os perigos que ele enfrentou em suas muitas viagens. Ele esteve *em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios* (os judeus) *em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos.* É provável que esta última expressão se refira a cristãos, seus companheiros, que se opuseram a Paulo e ao seu evangelho (cf. Gl 2:4), e aqui, com toda probabilidade, Paulo tem em mente de modo especial as pessoas que se lhe opuseram em Corinto.

27. A terceira seção das tribulações traz um título: *Em trabalhos e fadigas*, e mais uma vez segue-se uma descrição genérica com exemplos específicos. *Em vigílias muitas vezes.* Se isto significa falta de sono devido à ansiedade, talvez ficasse bem se incluído no versículo 28, em que Paulo fala da pressão que sua ansiedade lhe provocava, pelo cuidado das igrejas. Todavia, por estar incluído entre exemplos de trabalhos e fadigas, interpretaríamos melhor as noites insones como sendo devidas ao fato de Paulo pregar e ensinar pela madrugada afora (cf. At 20:7-12, 31), visto que as pessoas que precisavam trabalhar durante o dia só podiam ouvi-lo à noite; talvez ele se referisse ao exercício de sua profissão de tecelão de tendas, em horário noturno, para sustentar-se, usando as horas do dia para seu trabalho missionário (2 Ts 3:7-8). *Em fome e sede, em jejuns muitas vezes; em frio e nudez.* A despeito do rendimento de seu trabalho artesanal, e das ofertas vindas da Macedônia, houve épocas em que Paulo sofreu necessidades (Fp 4:10-13) e ficou sem ter o que comer, sem água e sem vestimenta adequada (cf. Rm 8:35; 1 Co 4:11; 2 Tm 4:13).

28-29. A quarta seção da lista de tribulações difere das três primeiras em que Paulo trata de questões subjetivas em vez de objetivas: *Além das cousas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.* É preciso que notemos que a ansiedade de Paulo aqui não é a preocupação prejudicial, ilícita, que uma pessoa nutre a seu próprio respeito, e contra a qual Jesus advertiu seus discípulos (Mt 6:25-34), mas antes, trata-se de um interesse sadio pelo bem-estar dos outros, algo que caracterizava o próprio Jesus (Lc 13:34). As cartas aos Coríntios provêem abundantes exemplos de situações criadoras de ansiedade que exerceram forte pressão sobre o coração pastoral de Paulo. Ele próprio mencionou um exemplo: *Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?* Isto reflete a preocupação de Paulo com os fracos na fé que venham a tropeçar e cair por causa do mau comportamento daqueles que se orgulham de serem fortes na fé (cf. Rm 14:1-23; 1 Co 8:1-13). Quando Paulo vê crentes fracos na fé, ele sofre a vulnerabilidade deles, e quando vê que caem por culpa de terceiros, o apóstolo se inflama, cheio de indignação contra o comportamento escandaloso destes.

30-33. Nesta passagem, Paulo narra um incidente dos primeiros dias de sua experiência cristã. Este fato é adendo à lista de tribulações de que ele se gloria, mas também ressoa como uma paródia dessa questão toda de vangloriar-se. Assim se inicia a passagem: *Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza.* Uma vez mais o apóstolo reafirma sua repulsa à ostentação, e antecipa o fato de estar prestes a transtornar tudo. Diferentemente da lista de tribulações dos versículos 23b-29, que se poderia interpretar como tendo natureza triunfalista (i.e., "todas estas dificuldades eu as venci a fim de cumprir minha missão, eu sou um supercrente"), a fuga ignominiosa de Damasco, que Paulo está prestes a narrar, contém pouquíssimos elementos de que ele pudesse vangloriar-se.

O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto. Antes de prosseguir no relato, Paulo apela a Deus como testemunha de que o que vai dizer é verdade. Talvez o apóstolo teria desejado, mediante esta afirmação, enfatizar também a verdade do conteúdo das listas de tribulações, embora sua maior parte deveria ser do conhecimento comum. A construção gramatical do texto grego exige que a expressão *que é eternamente bendito* seja atributo de *Deus e Pai* e não de *Senhor Jesus.*

Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender. O rei Aretas IV (9 a.C. – 39 A.D.)[1] era o soberano sobre os nabateus, nação árabe cujo reino incluiu a cidade de Damasco, durante algum tempo. À época do Novo Testamento, a cidade se havia incorporado à província romana da Síria. Entretanto, parece que durante o reinado do imperador Calígula (37-41 A.D.), quando se estabeleceu a política de reincorporar estados ocidentais do império como reinos-clientes, deu-se a Aretas o controle de Damasco, o que lhe possibilitou nomear um governador para essa cidade. Se assim de fato aconteceu, a fuga de Paulo de Damasco teria ocorrido entre 37 – 39 A.D.[2]

De acordo com o relato da fuga de Paulo, em Atos 9:23-25, judeus hostis que reagiram contra sua pregação franca e honesta de Jesus como

1. A filha de Aretas IV fora a primeira esposa de Herodes Antipas, de quem este se divorciou a fim de casar-se com Herodias, esposa de seu meio-irmão Filipe (Mt 14:3-4).
2. Veja discussão disto em R. Jewett, *Dating Paul's life* (SCM, 1979), pp. 30-33.

o Messias planejaram matá-lo, e guardavam os portões da cidade, de modo que o prendessem quando tentasse sair dali. O testemunho de Paulo na presente passagem identifica o governador como sendo a pessoa responsável pela segurança da cidade. Podemos concluir que os judeus tinham sido bem-sucedidos em convencer o governador a tomar providências contra Paulo, exatamente como os judeus de outras cidades deviam convencer as autoridades a procederem da mesma forma, em outras ocasiões.

Mas num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livrei das suas mãos. A saída de Paulo da cidade de Damasco, nesta ocasião, foi bem diferente das outras em que ele era um perseguidor. Como tal, ele chegava como um zeloso cruzado judeu "respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor", portando cartas aos líderes das sinagogas judaicas de Damasco, autorizando-o a levar presos para Jerusalém qualquer pessoa "do Caminho" (At 9:1-2). Agora, porém, ele próprio se vê caçado por seus próprios patrícios judeus, por causa de sua pregação de Jesus como o Messias. Assim foi ele obrigado a fugir de Damasco, e só conseguiu escapar ao ser baixado por cima do muro, dentro de um cesto, como se fora um embrulho de mercadoria. Talvez tenha sido esta sua primeira degustação da ignomínia da perseguição, que deve ter deixado uma impressão indelével no apóstolo. Foi uma experiência humilhante, e o fato de ele a incluir aqui parece constituir uma paródia daquele espetáculo de ostentação. Seja como for, esse relato serve para preparar o caminho para o que Paulo deseja dizer-nos a respeito do auto-elogio autêntico, aprovado, em 12:9b-10.

3. Visões e revelações (12:1-10)

A ostentação de Paulo sai agora das tribulações apostólicas e entra nas visões e revelações. Ele relata de novo, na terceira pessoa, uma experiência em que ele se viu arrebatado até o terceiro céu, no paraíso, onde ouviu coisas inefáveis, não permissíveis de serem relatadas. A última parte desta seção fala do espinho na carne que lhe fora dado para impedir que se exaltasse. Paulo fala como orou ao Senhor para que o espinho lhe fosse removido, mas em resposta Deus lhe disse que sua graça lhe bastava. Através desta revelação, Paulo aprendeu a simultaneidade da

fraqueza e do poder, uma das grandes surpresas da maneira de Deus operar. A ênfase de Paulo na coincidência da fraqueza e do poder quase com certeza teve a intenção de minar as idéias triunfalistas a respeito do poder e da autoridade pregados por seus adversários, e dar apoio à sua própria autoridade apostólica, a despeito das prisões, perseguições e rejeição que talvez pudessem ser consideradas incoerentes, em face da vindicação de autoridade.

1. *Se é necessário que me glorie, ainda que não convém.* Embora o apóstolo esteja convencido de que nada há a ganhar pela ostentação ou vanglória, ele talvez reconheça que na atual situação há muito a perder, se ele não autogloriar-se. Seus inimigos estabeleceram a agenda de vindicações, seus convertidos adotaram-na, e agora o apóstolo precisa responder ao próximo item dela. *Passarei às visões e revelações do Senhor.* Talvez estejamos acostumados à ocorrência de visões e revelações das histórias de como Deus se relacionava com seu povo nos tempos do Antigo Testamento. É surpreendente como esses episódios também fazem parte do relacionamento de Deus com os cristãos no Novo Testamento. Zacarias recebeu uma visão estando servindo no templo, e foi-lhe dito que suas orações haviam sido ouvidas e que sua esposa Isabel daria à luz um filho, cujo nome seria João (o Batista) (Lc 1:8-23). A transfiguração de Jesus foi uma visão dada a Pedro, Tiago e João (Mt 17:9). As mulheres que haviam ido ao túmulo de Jesus relataram que haviam tido uma visão de anjos, que lhe disseram que Jesus estava vivo (Lc 24:22-24). Estêvão, um pouco antes de morrer, teve uma visão do "Filho do homem" de pé ao lado direito de Deus (At 7:55-56). O Senhor falou a Ananias numa visão ao instruí-lo para procurar Saulo de Tarso, depois de este ter ficado cego na estrada de Damasco (At 9:10). Pedro tornou-se disposto a receber o chamado para que fosse visitar Cornélio, mediante uma visão tríplice de animais imundos que desciam do céu num lençol (At 10:17, 19; 11:5). Noutra ocasião, ao ser liberto da prisão por um anjo, Pedro julgou estar tendo uma visão (At 12:9). O livro de Apocalipse é a descrição de revelações que chegaram ao autor na ilha de Patmos (Ap 1:1).

O próprio Paulo recebeu muitas *visões e revelações do Senhor.* A primeira e mais importante foi a revelação de Jesus Cristo a ele, na

estrada de Damasco (At 22:6-11; 26:12-20; Gl 1:15-16). Subseqüentemente, Paulo teve a visão do homem da Macedônia chamando-o para que o ajudasse (At 16:9-10). Quando estava desenvolvendo o evangelismo pioneiro em Corinto, recebeu encorajamento da parte do Senhor através de uma visão (At 18:9-11). Paulo afirmava ter recebido seu evangelho por revelação (Gl 1:12), e que seu discernimento do mistério do evangelho, seu acesso à verdadeira sabedoria, e sua compreensão das verdades escatológicas particulares baseavam-se em revelações da parte de Deus (cf. Ef 3:3-5; 1 Co 2:9-10; 1 Ts 4:15).

2-4. Das muitas visões e revelações que havia recebido, Paulo agora seleciona uma, que lhe ocorrera *quatorze anos* antes. Isto significa que a experiência ocorrera vários anos depois de sua conversão, pelo que não pode ser considerada a mesma revelação de Cristo a Paulo no caminho de Damasco. *Conheço um homem em Cristo.* Paulo descreve sua experiência na terceira pessoa, talvez um modo de indicar sua natureza sagrada, para ele; ou quem sabe, seria porque Paulo deseja manter uma distinção entre o Paulo que teve a honra de passar por tal experiência superlativa e o outro Paulo que se gaba de suas fraquezas (cf. 11:30). De fato, a narrativa é tão coerente e continuamente feita na terceira pessoa que o leitor poderia até pensar que o apóstolo está relatando a experiência de outra pessoa, e não a sua própria. No entanto, uma leitura cuidadosa e uma apreciação da ênfase posta nos versículos 1, 5 e 7 confirmam que Paulo está-se referindo à sua própria experiência. A referência aqui a *um homem em Cristo* pode ser interpretada simplesmente como "a Paulo, o cristão".

Diz o apóstolo que *foi arrebatado até ao terceiro céu* (v. 2) e logo depois que *foi arrebatado ao paraíso* (v. 3). Ele utilizou o mesmo verbo, "arrebatar" (*harpazō*) em 1 Tessalonicenses 4:17, ao falar dos crentes vivos que hão de ser "arrebatados" a fim de encontrar-se com o Senhor nos ares.

Entre os contemporâneos de Paulo havia diferentes cosmologias em voga, as quais retratavam três, cinco ou sete céus, aos quais se referiam como sendo uma série de camadas hemisféricas acima da Terra. Tem sido sugerido que a referência na oração dedicatória de Salomão a "céus, e até o céu dos céus" (trad. lit.), em 1 Reis 8:27, deu origem,

pelo menos entre os judeus, à noção de que os céus têm três esferas ou camadas. Todavia, o texto em si provavelmente não passa de um superlativo hebraico comum. Nos escritos chamados pseudoepígrafos (e.g., *Testamento de Levi* 3) há uma referência a vários céus, e nos escritos rabínicos há referências a sete céus (Str-B 3, p. 531).

A equivalência entre *terceiro céu* e *paraíso*, identificados assim por Paulo, na presente passagem, tem um paralelismo no *Apocalipse de Moisés* 37:5, em que Deus entrega Adão ao arcanjo Miguel e diz: "Levanta-o até ao paraíso, ao terceiro céu, e deixa-o lá até o dia amedrontador de acerto de contas que farei com o mundo".

Na literatura tanto dos judeus (e.g., 1 Enoque 39:3s.) quanto dos gentios (e.g., Platão, *República*, 10:614-621), há mundos que representam paralelismos da experiência arrebatadora do apóstolo.

No Talmude da Babilônia (*Hagigah* 14b), há a história de quatro rabis que foram temporariamente conduzidos ao paraíso; mas a experiência foi tão aterradora que só um deles, o rabi Akiba, dali voltou ileso. Esta história é de uma data posterior a Paulo (o rabi Akiba morreu c. 135 A.D.); ela indica, todavia, o tipo de relatos que estavam circulando nos primeiro e segundo séculos da era cristã.

Todos esses paralelismos literários, quer se refiram a terminologia, a conceitos ou a experiências de arrebatamento, servem para demonstrar três coisas. Primeira, que o que Paulo estava falando era compreensível a seus contemporâneos. Segunda, que a experiência de ter sido transportado ao paraíso, segundo se cria, era terrível, o que explica, em parte, a reticência de Paulo em descrevê-la. Terceira, a experiência de arrebatamento até ao terceiro céu colocaria o apóstolo no mesmo nível dos grandes heróis da fé e, ao afirmar ter tido tal experiência, ele ultrapassaria seus adversários de longe. Portanto, é espantoso que Paulo não tirasse disso o máximo proveito. Em vez de assim proceder, tendo descoberto o fato, o apóstolo bem depressa dirige a atenção para longe desse fato, focalizando-a em sua fraqueza, como sendo o único terreno firme em que pode vangloriar-se.

Ao mencionar sua experiência de ter sido conduzido ao terceiro céu, Paulo diz duas vezes, *se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe* (vv. 2-3). Se o próprio Paulo desconhecia o exato mecanismo mediante o qual seu arrebatamento ocorreu, certamente nós não pode-

mos saber. Entretanto, devemos empreender algum esforço no sentido de entender os dois meios possíveis que o apóstolo menciona, *no corpo* e *fora do corpo*. Na tradição do Antigo Testamento, dois homens foram trasladados para o céu em seus corpos: Enoque (Gn 5:24) e Elias (2 Rs 2:9-12), mas esses arrebatamentos foram permanentes, não temporários. Diz ainda a Palavra a respeito de Elias que ele foi corporalmente de um lado para outro mediante o Espírito do Senhor (1 Rs 18:12).

No Novo Testamento, o relato da tentação de Jesus nos diz de o Senhor ter sido levado pelo diabo ao pináculo do templo e a um monte alto (Mt 4:5, 8), mas o mecanismo (quer tenha sido corporal, quer imaginário) não ficou especificado. O autor de Apocalipse fala a respeito de ele ter sido transportado "em espírito" ao deserto (Ap 17:3), e a um monte altíssimo (Ap 21:10). Não ficou claro se "em espírito" significa "fora do corpo" ou se apenas denota uma experiência visionária.

Filo aparentemente acreditava que as experiências celestiais precisariam ocorrer *fora do corpo*, e explica que se os acordes da música celestial chegassem a nossos ouvidos, anseios frenéticos e desejos irreprimíveis se produziriam em nós, fazendo que nos abstivéssemos de toda a alimentação necessária. Aludindo a Êxodo 24:18, diz ele que Moisés ouvia música celestial "quando, tendo deixado de lado seu corpo, durante quarenta dias e quarenta noites ele nem sequer tocou em água nem em pão" (*On Dreams* 1, 36). Tal idéia sobre o arrebatamento não corpóreo estaria alinhada com a crença gnóstica, segundo a qual não pode haver contato entre o mundo material e o celestial, sendo que o material é considerado mau, por definição. Quando Paulo afirma que não sabe se seu arrebatamento temporário ocorreu no corpo, ou se fora do corpo, deixa aberta a possibilidade de *ambas* as formas, ficando claro assim que ele não aceitaria o postulado gnóstico de que o mundo material é inerentemente mau. Ao mesmo tempo, ele não exclui a possibilidade de uma experiência espiritual fora do corpo.

E ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir. A expressão *não é lícito... referir* (*arrēta*) encontra-se apenas aqui no Novo Testamento, mas é comum em inscrições antigas. Está associada a religiões de mistério e descreve coisas sagradas demais para serem divulgadas. Tal confidencialidade a respeito de coisas que haviam sido

reveladas era comum entre os devotos das religiões misteriosas dos dias de Paulo, mas muito inusitada nos círculos cristãos. Paulo de fato referiu-se ao "mistério" do evangelho, mas isso foi algo que, embora previamente oculto, havia a seguir sido divulgado aos apóstolos e profetas mediante o Espírito, para o expresso propósito de proclamarem-no a todos os homens (cf. 1 Co 2:1, 4, 7; Ef 3:1-9; 6:19-20; Cl 1:25-27; 4:3). Somente no atual contexto é que Paulo fala de algo que lhe fora revelado que ele não podia divulgar, presumivelmente por ser sagrado demais, e dirigido unicamente a ele.

O relato de Paulo de seu arrebatamento difere marcadamente de outros relatos do mundo antigo, tanto no que concerne à brevidade como à ausência de descrições daquilo que ele viu. Paulo só faz referência ao que ouviu.

5-6. *De tal cousa me gloriarei.* Conquanto o breve relato tenha terminado, Paulo continua a falar do assunto na terceira pessoa. Ele está preparado para gloriar-se a favor do Paulo que, há quatorze anos passados, tivera o privilégio de receber tal experiência da parte de Deus, mas a seu próprio favor diz ele: *não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas* [eu me gloriarei]. Tendo sido forçado a praticar o exercício fútil de vangloriar-se de experiências espirituais, Paulo volta-se (cf. 11:30) para um terreno firme e seguro para ostentar-se – suas fraquezas pessoais, idéia que ele desenvolverá nos versículos 7-10. Entretanto, antes de começar, Paulo faz questão de afirmar: *pois se eu vier a gloriar-me não serei néscio, porque direi a verdade.* Parece que o que Paulo quer dizer é que se ele quisesse vangloriar-se para seu próprio proveito pessoal, sobre aquela experiência, em certo sentido não estaria agindo como um tolo, visto que tudo quanto afirmasse seria verdade.

Mas, abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve.[1] A razão do apóstolo para minimizar suas experiências do passado, propositalmente, é que ele deseja que a

1. É possível que as palavras "pela abundância das revelações" (*kai tē hyperbolē tōn apokalypseōn*) (v. 7a, *com a grandeza das revelações*, na ARA) que no texto grego seguem-se de imediato, neste ponto, devam ser entendidas como parte da explicação da razão por que Paulo se abstém de vangloriar-se, i.e., "para que ninguém pense mais a meu respeito, além do que vê em mim ou ouve de mim, e em particular por causa da abundância das revelações".

avaliação que as pessoas farão dele baseie-se no que vêem nele, ou ouvem dele, agora. Ambos os verbos *vê* e *ouve* estão no tempo presente, enfatizando que Paulo deseja ser julgado na base de seu desempenho atual. Esta ênfase no presente dá algum apoio à sugestão segundo a qual Paulo usou a terceira pessoa do singular, no relato de sua experiência de quatorze anos passados, como recurso capaz de distinguir aquele Paulo de experiências passadas e o Paulo que as pessoas vêem e ouvem no presente. O apóstolo quer que toda e qualquer avaliação de sua pessoa se faça à luz de suas fraquezas.

7. *E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne.* Em vez de capitalizar seu arrebatamento, como seus adversários obviamente fizeram, a respeito de suas eventuais experiências espirituais, Paulo de imediato explica como escapou da tentação de envaidecer-se demais. Foi-lhe dado *um espinho* (*skolops*) *na carne*. A palavra *skolops*, encontrada apenas aqui no Novo Testamento, era usada para qualquer objeto pontiagudo, e.g., uma estaca, a ponta do anzol, uma lasca de madeira ou metal, ou um espinho. O fato de Paulo falar de um espinho *na carne* sugere a imagem de um fiapo de madeira ou outro material, ou de um espinho, em vez de estaca, como alguns têm argumentado.

Na LXX, *skolops* é palavra empregada de modo figurado, em Números 33:55 ("Porém se não desapossardes de diante de vós os moradores da terra, então os que deixardes ficar ser-vos-ão como espinho [*skolopes*] nos vossos *olhos*"); Ezequiel 28:24 ("Para a casa de Israel já não haverá espinho [*skolops*] que a pique, nem abrolho que cause dor, entre todos os vizinhos que a tratam com desprezo"); e Oséias 2:8 (ET e ARA, v. 6) ("Portanto, eis que cercarei o seu caminho com espinhos [*skolopsin*]; e levantarei um muro contra ela, para que ela não ache as suas veredas"). Em todos esses casos, *skolops* é palavra usada para denotar algo que frustra e causa problema nas vidas das pessoas aflitas. Torna-se claro que o *espinho* de Paulo era um problema ou uma frustração pelo fato de ele orar três vezes para que lhe fosse removido (v. 8).

Prossegue o apóstolo, descrevendo o espinho na carne como *mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte*. Na história de Jó, Satanás recebe permissão para perturbar o grande herói

da fé e da paciência, mas apenas dentro dos limites estabelecidos por Deus (Jó 1 – 2). Em 1 Tessalonicenses 2:17-18, Paulo diz a seus leitores quanta vontade ele sentia de revisitá-los, depois de ter sido forçado a deixar Tessalônica (cf. At 17:1-10), mas não pôde fazê-lo porque Satanás o impediu. No presente contexto, Satanás recebe permissão para perturbar o apóstolo por meio de um espinho na carne. É importante que reconheçamos que tanto no Antigo Testamento como no Novo Satanás não tem nenhum poder senão o que Deus lhe permite usar. Nos evangelhos, Jesus exerce poder completo, total, contra todas as forças das trevas. Satanás não tem poder sobre Cristo (Jo 14:30-31), e os demônios devem obedecer à sua vontade santa (Mc 1:21-28; 5:1-13). Esse mesmo poder Jesus deu a seus discípulos (Mc 6:7). Entretanto, no caso de Paulo, vemos que Satanás tem permissão de perturbar-lhe os planos e afligi-lo com um espinho na carne. Entretanto, é preciso que se diga que em ambos os casos as ações de Satanás, conquanto perversas em si mesmas, acabam servindo aos propósitos de Deus. No primeiro caso, a perturbação manteve Paulo em ação, o que significa que o evangelho chegou a Beréia, a Atenas e a Corinto. No segundo caso, a perturbação serviu para manter Paulo bem equilibrado espiritualmente. Foi como um peso sobre seu espírito, que o impedia de inchar e explodir, pelo excesso de vaidade.

Muitas sugestões têm sido apresentadas com respeito à natureza do "espinho na carne" de Paulo. Elas se classificam em três grandes categorias: (a) alguma forma de perturbação espiritual, e.g., as limitações de uma natureza corrompida pelo pecado, os tormentos da tentação, ou a opressão demoníaca; (b) perseguições, e.g., aquela instigada pelos adversários judeus, ou pelos adversários cristãos que se opunham a Paulo; (c) alguma enfermidade física ou mental, e.g., problema nos olhos, ataques de febre, gagueira, epilepsia ou uma perturbação neurológica. Entretanto, o fato na sua inteireza é: não temos dados suficientes para uma decisão neste assunto. A maioria dos intérpretes modernos prefere entender que se trata de algum problema físico; o fato de Paulo dar-lhe o apelido de *espinho na carne* dá algum apoio a esta tese. Em Gálatas 4:15 há um indício para os que pretendem identificar o espinho como sendo um problema nos olhos de Paulo.

8-10. *Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim.* Embora não haja similaridade essencial entre a experiência de Paulo e a de Jesus no Getsêmani, é interessante, não obstante, observar que ambos oraram três vezes para que algo fosse removido, e em ambos os casos a remoção não foi concedida. Entretanto, assim como Jesus foi fortalecido de modo que pudesse enfrentar sua tribulação terrível e única, assim também Paulo foi encorajado e fortalecido: *Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.* Paulo emprega o perfeito do indicativo na expressão *Então ele me disse* (*eirēken*), o que indica que a resposta do Senhor à sua oração, uma vez dada, assumiria contínua aplicação ao caso de Paulo. Na resposta propriamente dita, o uso do presente do indicativo em *A minha graça te basta* (*arkei*) denota a disponibilidade contínua da graça. Essencialmente, a palavra do Senhor a Paulo foi que embora o espinho lhe não fosse removido, a graça de Deus o capacitaria a cuidar do espinho. A tais palavras foi acrescentada uma explicação: *porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.* Em 1 Coríntios 1:26-31, Paulo salientou a seus convertidos que fora pela escolha deliberada de Deus que muitos deles não eram sábios de acordo com os padrões do mundo, e tampouco eram poderosos, ou de berço nobre. A razão era que Deus havia determinado que as coisas loucas envergonhassem as sábias, que as fracas segundo o mundo envergonhassem as fortes, e as humildes e desprezadas rebaixassem as que se tinham em alta conta. Isto o Senhor fez a fim de que ninguém, nenhum ser humano, se exaltasse e se vangloriasse em sua presença, de modo que se alguém gloriar-se, glorie-se no Senhor. Assim, a resposta do Senhor ao pedido de Paulo para que o Senhor lhe removesse a perturbação objetivou lembrar ao apóstolo que o poder de Deus revela-se nos fracos. A resposta também provê, no contexto, justificação para o fato de Paulo haver rejeitado a ostentação oca de seus inimigos, e também para sua própria vanglória na fraqueza.

De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Tendo aprendido que o poder de Cristo se aperfeiçoa na fraqueza, Paulo alegra-se de poder gloriar-se em suas *fraquezas.* Isto não significa que ele usufrui suas fraquezas pelo que são; ele se deleita, isto sim, no poder de Cristo que nele habita, em

meio a tais fraquezas. O verbo "repousar" (*episkēnoō*) é raríssimo. Encontra-se apenas aqui em todo o Novo Testamento, e em parte alguma da LXX, nem dos papiros. Antes de Paulo, o único uso de que se sabe é o de Políbio, historiador grego (c. 201-120 a.C.), que o empregou duas vezes no sentido de "aquartelamento" de soldados. Portanto, talvez seja melhor traduzi-lo por "habitar" ou "residir" em vez de *repousar*. Seja como for, trata-se da realidade do poder de Cristo nas fraquezas de Paulo; ela é que o capacita a gloriar-se alegremente.

Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte. Aqui, no versículo 10, Paulo aplica a lição que aprendera com o Senhor, mediante a experiência do espinho na carne, a todas as inúmeras dificuldades por que passou em sua missão apostólica.

Embora os leitores de Paulo pudessem ganhar muito, ao aprender a simultaneidade da fraqueza e do poder, lição que Paulo ensina nos versículos 7-10, os motivos do apóstolo para ensiná-la não se limitaram a tal simultaneidade. Seus inimigos haviam criticado suas afirmações de apostolado genuíno, e basearam-se em seus pontos fracos (cf. 10:10), e muito provavelmente consideravam as muitas perseguições e insultos que recaíram sobre Paulo como experiências incoerentes com sua vindicação de ser um apóstolo do Cristo exaltado. Ao enunciar o princípio divino do poder manifestado em meio às fraquezas, Paulo defendeu de vez sua vindicação de apostolado, e cortou pela raiz a presunção oca de seus oponentes.

4. Sinais do apostolado (12:11-13)

Com estas palavras, Paulo encerra a "conversa insensata". Diz ele que o exercício todo não passou de um ato de loucura. Todavia, ele fora obrigado a desempenhá-lo por causa da incapacidade de seus convertidos de pronunciarem-se em defesa de seu apóstolo. Eles deviam tê-lo defendido, para que Paulo não precisasse mergulhar na loucura de ostentar-se em benefício próprio. O fato é que de modo nenhum ele, Paulo, é inferior a seus oponentes, os assim chamados "superapóstolos". Os coríntios haviam sido favorecidos mediante o exercício de sinais apostólicos. A única coisa que lhes faltara foi isso: não foram

onerados financeiramente por Paulo. O apóstolo conclui, ironicamente, pedindo perdão por esse "malefício"!

11. *Tenho-me tornado insensato.* No final de sua longa ostentação, ou vanglória, Paulo está consciente de que tudo não passou de um exercício de insensatez. Mas em certo sentido os coríntios é que são os culpados. Diz Paulo: *a isto me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós.* Paulo injeta ênfase especial nos pronomes *vós* e *eu.* Com efeito, assim diz ele: "*Vós* coríntios me forçastes a deleitar-me em auto-elogios, quando, na verdade, *eu* deveria ter sido elogiado por *vós*". Se os coríntios, em vez de aceitarem as críticas assacadas contra Paulo, pelos seus inimigos, defendido seu apóstolo, testemunhando que fora pela pregação de Paulo que eles se haviam convertido (cf. 1 Co 9:1b-2), que Deus havia confirmado tal pregação mediante sinais e maravilhas, e que o comportamento do apóstolo entre eles havia sido sempre exemplar, Paulo não teria necessitado, então, de vangloriar-se em defesa própria. Um ministro de Deus não precisa refestelar-se no desagradável auto-elogio, em causa própria, quando seus amigos, ou os crentes a quem ele ministrou, tomam providências positivas a fim de defender-lhe a integridade.

Porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou. Paulo emprega o tempo aoristo do verbo *hystereō* ("ser inferior"). Isto aponta para um tempo especial no passado, para indícios comprovadores de que os coríntios deveriam ter reconhecido como evidências claras de que Paulo de modo nenhum era inferior aos "superapóstolos". O que Paulo tinha em mente era sua primeira visita a Corinto, o período de evangelismo pioneiro naquela cidade, quando o poder de Deus havia sido visto operando por seu intermédio. Quando Paulo acrescenta: *ainda que nada sou,* poderia estar referindo-se ironicamente ao que seus adversários estariam falando dele, ou revelando de modo franco e direto seu próprio senso de indignidade, e falta de valor, pelo que não deveria ter recebido a comissão apostólica (cf. 1 Co 15:9-10); provavelmente tinha em mente ambas as coisas.

12. *Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência.* A palavra *apostolado* poderia vir qualificada por "verdadeiro" ou "genuíno" (RSV), o que não ocorre no

original grego, mas Paulo está afirmando que ele é um verdadeiro apóstolo, até mesmo se se usassem os critérios esposados pelos seus adversários. Afirma ele não ser inferior àqueles homens, no que concerne ao desempenho de sinais apostólicos. A estes, Paulo dá a designação de *sinais, prodígios e poderes miraculosos*. O relato da primeira visita de Paulo a Corinto, em Atos 18, não registra nenhum milagre, mas é óbvio que alguns foram realizados, pois do contrário seu apelo a tais sinais aqui seria um contra-senso. Em Romanos (carta escrita logo depois destes capítulos), Paulo fala de seu ministério em termos de "aquelas [coisas] que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavras e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo" (Rm 15:17-19). Fica bem claro que a execução de sinais como *credenciais do apostolado* genuíno sempre foi o acompanhamento normal do ministério de Paulo e, nesta questão, Corinto não foi menos favorecida do que as demais cidades.

13. Assim é que Paulo pergunta: *Em que tendes vós sido inferiores às demais igrejas, senão neste fato de não vos ter sido pesado?* Paulo havia determinado que não sobrecarregaria a igreja coríntia com o custo de seu sustento, enquanto estivesse trabalhando entre eles. O significado desse fato havia sido distorcido e usado contra o próprio apóstolo, como evidência de que ele não amava os crentes coríntios, sugestão a que Paulo recusou dar uma resposta racional (cf. 11:7-11). E aqui, no atual contexto, Paulo mais uma vez se recusa a responder às críticas com seriedade; de modo algum seu desejo de não receber salário dos coríntios era evidência de que esses crentes teriam sido menos favorecidos do que os de outras igrejas. Ele responde, mas com grande ironia: *Perdoai-me esta injustiça*. Ao dizer isto, Paulo deixa implícito que é muito estranho na verdade que os coríntios objetassem contra o fato de *não* serem onerados, e *não* serem explorados pelo apóstolo, como haviam sido pelos seus inimigos (cf. 11:20).

G. Paulo Recusa-se a Ser Pesado aos Coríntios (12:14-18)

Paulo informa a seus leitores, aqui, que está pronto para realizar sua terceira visita a Corinto. Dando prosseguimento ao tema apresentado no versículo 13, assegura-lhes que não os onerará com pedidos de

sustento pastoral. No que diz respeito a Paulo, faz parte das obrigações dos pais (espirituais) entesourar para seus filhos (espirituais), e não vice-versa. Declara o apóstolo estar pronto para deixar-se gastar, consumir seus recursos e até a si próprio, por amor dos coríntios. No entanto, ele está consciente das mais insidiosas maquinações que outros perpetraram, distorcendo suas atitudes e ações. Dizem eles que a recusa de Paulo em aceitar salário ministerial só serve para velar um esquema iníquo que objetiva arrancar para si próprio uma importância bem maior, mediante a farsa da coleta. Esta seção encerra-se com Paulo perguntando a seus leitores, de modo abrupto e franco, se ele ou alguém a quem ele enviara alguma vez tiraram vantagens deles. A única resposta factível seria: "Definitivamente nunca!"

14. *Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco.* Esta declaração é ambígua tanto no original quanto na tradução. Tanto pode significar que esta é a terceira vez que Paulo se apronta para realizar uma visita (sem indicar se ele de fato realizou as visitas para as quais se aprontou), ou que ele agora está pronto para encetar sua terceira visita. Felizmente, 13:1 resolve esta questão, pois confirma que Paulo está prestes a embarcar, iniciando sua terceira visita. As duas visitas anteriores foram: a visita missionária pioneira, e a visita "dolorosa" (veja Introdução, pp. 25 - 26). A terceira visita planejada por Paulo é mencionada em vários outros lugares desta carta (10:2; 12:20-21; 13:1, 10), e destas referências fica claro que o apóstolo estava pronto para uma repreensão franca e sem rebuços, embora ele esperasse não ser necessário chegar a tanto.

Não vos serei pesado, pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Em sua terceira visita, Paulo continuará pondo em prática sua política de não aceitar sustento financeiro da parte dos coríntios. Seu propósito ao visitá-los é ganhá-los de novo, e não passar a mão no dinheiro deles. Talvez haja nesta declaração um contraste velado entre os motivos de Paulo e os de seus inimigos, que não podiam afirmar estarem trabalhando nos mesmos termos do apóstolo (cf. 11:12).

Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais para os filhos. Paulo apela para o fato óbvio de que na vida familiar os pais é

que estão sob a obrigação de prover para seus filhos, e não vice-versa. O apóstolo usa o verbo *thēsaurizō* ("poupar, guardar"), que também se encontra em sua resposta a uma pergunta sobre a coleta financeira, na qual ele instruiu os coríntios: "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando (*thēsaurizōn*), para que se não façam coletas quando eu for" (1 Co 16:2). Parece que esta instrução havia sido falsamente interpretada pelos inimigos de Paulo, para quem o apóstolo estava dizendo que seus filhos espirituais deviam juntar dinheiro para ele, Paulo. O apóstolo nega tais acusações afirmando que são os pais que devem entesourar para seus filhos, e não vice-versa.

15. Assim como os pais de boa vontade provêem às necessidades de seus filhos, assim também o faria Paulo, que diz: *Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol das vossas almas.* Paulo emprega dois verbos cognatos, *dapanaō* ("gastar") e *ekdapanaō* (voz passiva, "ser gasto"). O verbo *dapanaō* é empregado várias vezes em outras partes do Novo Testamento, onde em geral se refere a gasto de dinheiro (Mc 5:26, a mulher hemorrágica havia gasto todo o seu dinheiro com os médicos; Lc 15:14, o filho pródigo gastou toda a sua herança num viver dissoluto; At 21:24, Paulo gastou algum dinheiro ao pagar o custo dos sacrifícios oferecidos pelos cristãos judeus; mas cf. Tg 4:3), e este é também seu emprego comum nos papiros. De modo que aqui, em consonância com o contexto e como paralelismo com aqueles outros empregos, Paulo usa esse verbo a fim de expressar sua alegre prontidão para gastar-se e aos seus recursos em prol dos coríntios. Referindo-se a gastar seus recursos, Paulo provavelmente está dizendo que custeará seu próprio sustento, enquanto estiver trabalhando entre os coríntios, e para eles.

A palavra *ekdapanaō* encontra-se apenas aqui, no Novo Testamento, e significa "gastar" ou "exaurir". Na voz passiva e aplicada a uma pessoa, como aqui, significa "ser gasto", no sentido de a pessoa sacrificar a própria vida. O compromisso de fidelidade do apóstolo para com seus convertidos é de tal ordem que ele está preparado não apenas para gastar seus recursos, mas até mesmo sacrificar sua própria vida por amor dos crentes. Esta declaração de extrema lealdade sacrificial

ao bem-estar dos outros não é caso isolado, nos escritos paulinos. O mesmo ele sentia, nós o sabemos, com respeito a seus patrícios judeus (Rm 9:3) e à igreja filipense (Fp 2:17).

Após essa declaração de amor e lealdade sacrificial aos coríntios, Paulo compreensivelmente pergunta: *Se mais vos amo, serei menos amado?* O apóstolo, que está preparado para exaurir seus próprios haveres, para não vir a constituir um ônus para os coríntios, que está pronto até mesmo para sacrificar a própria vida por eles, se necessário for, pergunta-lhes se seu amor mais abundante vai significar que ele será menos amado por eles.

16. Paulo sabe por que o amor maior dele pelos coríntios significa amor menor deles pelo apóstolo. É que uma expressão de seu amor (a recusa a ser um fardo financeiro para os coríntios) foi mal interpretada pelos seus adversários. Assim é que ele confronta seus leitores com a acusação assacada contra ele: *Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi com dolo.* A crítica a Paulo não se originou entre os crentes coríntios, mas entre seus inimigos; os coríntios erraram ao dar-lhes ouvidos. A malícia e avareza de que Paulo fora acusado resume-se em que ele usará a oportunidade da coleta para os judeus cristãos pobres para encher seus próprios bolsos. Os versículos 17-18 confirmam que esta era a natureza da acusação que pesava contra o apóstolo.

17-18. Aqui Paulo confronta seus leitores. *Porventura vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei?* Para aumentar o impacto, Paulo os faz lembrar-se das pessoas a quem ele enviou aos coríntios. *Roguei a Tito, e enviei com ele o irmão.* Paulo se refere ao envio de Tito e o irmão de grande "louvor", antecipado em 8:16-17, 22.[1] Tendo-lhes refrescado a memória, Paulo lhes faz a segunda pergunta: *porventura Tito vos explorou?* Tanto esta pergunta como a anterior, por causa de sua construção gramatical no original, exigem a resposta: "Não". Paulo encerra sua defesa contra este tipo de alegação perguntando: *Acaso não temos andado no mesmo espírito? não segui-*

1. Paulo omite as referências a esse irmão de "louvor", muito afamado, que também acompanhou a Tito (8:18-19), possivelmente porque se tratava menos de um companheiro de Paulo e mais de uma pessoa nomeada representante das igrejas.

mos nas mesmas pisadas? Estas perguntas, como o demonstra a linguagem no original e na tradução da ARA, requerem uma resposta positiva, "sim". Tanto Paulo como aqueles a quem ele enviara a Corinto, encarregados de proceder à coleta, haviam agido da mesma maneira, com máxima lisura e integridade. O apóstolo espera que seus leitores reconheçam esse fato.

H. O Verdadeiro Propósito da "Conversa Insensata" de Paulo (12:19-21)

Nestes versículos, Paulo procura esclarecer os verdadeiros motivos que subjaziam à sua ostentação. É certo que ele se sentira forçado a auto-elogiar-se porque seus leitores haviam sido influenciados de modo adverso pela vanglória de seus adversários, pelo que o apóstolo precisava mostrar que em nada era inferior àqueles homens. Todavia, por trás desse pequeno espetáculo estava o verdadeiro objetivo paulino: promover o crescimento de seus convertidos (v. 19). E isto Paulo realizou, porque ele estava temeroso de que, ao chegar ali, em sua terceira visita, nem ele nem seus convertidos encontrariam o que mais almejavam uns dos outros. Os coríntios poderiam achar que Paulo estava agindo com ousada autoridade contra eles, e Paulo poderia ver-se lamuriando, entristecido pelo fato de muitos dos coríntios ainda estarem presos aos pecados do passado (vv. 20-21).

19. *Há muito pensais que nos estamos desculpando convosco.* A RSV e a NIV traduzem este texto como se fora uma pergunta. O original pode ser justificadamente traduzido como uma afirmação, como o faz a ARA. Traduzido desta ou daquela maneira, o ponto nevrálgico de Paulo é o mesmo. Ele deseja corrigir um ponto de vista segundo o qual sua vanglória seria apenas uma tentativa de defender-se perante seus leitores. Em essência, o apóstolo não sente a necessidade de defender-se perante os coríntios, ou outros, visto que é diante de Deus que ele fica de pé ou cai (cf. 5:10), pelo que ele acrescenta: *Falamos em Cristo perante Deus, e tudo, ó amados, para vossa edificação.* Paulo não quer que seus leitores interpretem mal sua ostentação, como se ele pessoalmente de alguma forma dependesse da aprovação deles (cf. 1 Co 4:3-4). O motivo saliente de Paulo não era obter a aprovação dos coríntios, mas

possibilitar sua edificação espiritual. Diz o apóstolo: *tudo, ó amados, para vossa edificação*. Quando afirma que *tudo* fora feito *para vossa edificação,* Paulo se refere possivelmente a tudo quanto já disse, fez e escreveu (de modo particular esta presente carta), que os coríntios poderiam erroneamente ter interpretado como mera autodefesa. Ele reitera, também, com essas palavras, o propósito do ministério apostólico: edificar a igreja (cf. 10:8; 13:10). Deve-se notar que depois de todas aquelas palavras fortes, toda aquela ironia dos caps. 10 – 12, o verdadeiro sentimento de Paulo pelos seus convertidos emerge de novo no vocativo *ó amados* (cf. 11:11; 12:15). Era o amor de Paulo pela igreja coríntia, bem como seu desânimo, porque um evangelho falso estava sendo proclamado, que explicava a força de seu ataque contra os inimigos e a extensão de sua vanglória.

20-21. Paulo trabalhava na edificação dos coríntios porque os amava, mas diz temer algo: *Temo, pois, que indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero.* Ele está disposto a ir vê-los em sua terceira visita (v. 14), mas não quer desapontar-se por causa de seus convertidos, ao chegar. Se o que ele teme estiver em evidência à sua chegada, adverte o apóstolo, temo *que também vós me acheis diferente do que esperáveis.* Se não houve crescimento espiritual, Paulo deverá agir com ousadia e autoridade enérgica contra a igreja (cf. 1 Co 4:21), da mesma forma como ameaçara tratar de seus adversários (10:2, 6; cf. 13:1-4).

Nos versículos 20b-21, Paulo declina minuciosamente o que ele teme encontrar entre os coríntios, à sua chegada. [Temo] *que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos.* Esta lista deve algo às listas tradicionais de vícios de que Paulo faz uso noutras passagens (e.g., Rm 1:29; 13:13; Gl 5:19-21; Cl 3:8-9). Entretanto, é significativo que os dois primeiros itens da lista paulina, aqui (*contendas, invejas*), são exatamente as coisas que ele mencionou ao tratar do problema do espírito partidário em 1 Coríntios (cf. 1 Co 1:11; 3:3). Também em 1 Coríntios 13 ele condenou, por implicação, a ira, o egoísmo, a calúnia e o orgulho, ao fazer a apologia do amor como o único contexto apropriado para a aplicação dos dons espirituais. O último item da lista de Paulo, *tumultos*, era um problema de que o apóstolo tratara em 1 Coríntios, relacionado ao comportamento das

mulheres e à celebração da ceia do Senhor, bem como ao uso dos dons espirituais, tudo no contexto do culto na igreja coríntia.

Parece, portanto, que de modo algum Paulo estava convencido de que os problemas de que tratara em 1 Coríntios eram coisa do passado, e isto se confirma pelas palavras dele no versículo 21. Neste versículo, o apóstolo expressa seu temor: *Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós*. Em 9:3-4, Paulo falou da humilhação que sentiria se, ao chegar a Corinto acompanhado de alguns macedônios, os coríntios estivessem despreparados quanto ao assunto da coleta. Aqui, todavia, ele enfrenta a possibilidade de muito maior humilhação, a de ver os resultados de seu trabalho prejudicados por uma séria bancarrota moral. Prevê Paulo a tristeza de *chorar por muitos que outrora pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram*. Em 1 Coríntios 5 – 6 Paulo cuidou pacientemente da arrogância dos crentes coríntios, no contexto das práticas imorais do ambiente iníquo prevalecente na igreja. Havia o caso do incesto (um homem que vivia com sua própria madrasta) e o uso de prostitutas; ambos os casos aparentemente eram justificados mediante um apelo ao lema "todas as coisas são lícitas". Paulo exigiu ação disciplinar contra o homem incestuoso (1 Co 5:3-5), e declarou-lhes que a imoralidade sexual era incompatível com a honradez do cristão, que se tornou habitação do Espírito (1 Co 6:18-20).

Se for correto identificar o homem incestuoso como sendo um dos que questionaram a autoridade de Paulo, e lideraram o ataque pessoal contra ele, durante aquela visita "dolorosa", entenderemos que ele teria sido severamente disciplinado, ao ponto de Paulo exortar a igreja no sentido de dar a volta e perdoar-lhe (2:6-8). Nesse caso não é provável que tal pessoa se inclua entre os *muitos que pecaram e não se arrependeram*. É mais provável que o apóstolo esteja referindo-se a crentes que outrora praticavam imoralidade e que durante algum tempo teriam desistido de seu pecado (em deferência a seu apelo em 1 Co 5 – 6) sem, contudo, ter verdadeiro arrependimento. Todavia, na nova situação de crise, em que a autoridade de Paulo é novamente questionada, desta vez por adversários judeus cristãos que se lhe opõem, o apóstolo teme que tais pessoas possam estar engajadas outra vez em práticas imorais e licenciosas.

I. Paulo Ameaça Tomar Providências Enérgicas em sua Terceira Visita (13:1-10)

Paulo fala aqui de sua terceira visita a Corinto em termos ameaçadores. Ele informa a seus leitores que, ao chegar a Corinto, não vai poupar os ofensores. Querem eles uma prova de que Cristo está falando por meio dele? Ora, eles a terão! O apóstolo lhes diz que assim como Cristo foi crucificado em fraqueza, mas agora reina pelo poder de Deus, assim também ele, Paulo, embora participe da fraqueza e dos sofrimentos de Cristo, agirá com o poder de Deus, ao relacionar-se com os coríntios. Aludindo mais uma vez às exigências deles quanto a provas, Paulo responde desafiando seus leitores a que provem que estão firmes na fé. Ele assegura a seus leitores que de sua parte jamais poderia agir de forma contrária à verdade.

1. *Esta é a terceira vez que vou ter convosco.* A primeira visita fora a de evangelização pioneira em Corinto; a segunda, a visita "dolorosa" feita após a redação de 1 Coríntios (veja Introdução, pp. 25-26). A terceira visita havia sido anunciada antecipadamente várias vezes, nos capítulos 10 – 13 (10:2; 12:14, 20-21), ficando claro, a partir destas referências e do presente contexto, que Paulo está preparado para ministrar-lhes uma repreensão enérgica.

Por boca de duas ou três testemunhas toda questão será decidida. Paulo apresenta aqui, sem nenhuma fórmula introdutória, uma versão abreviada de Deuteronômio 19:15 (LXX). O judaísmo do primeiro século enfatizava a exigência de que pelo menos duas testemunhas apoiassem as acusações. Estas mesmas exigências foram incorporadas por Jesus, em seus ensinos aos discípulos, com respeito à disciplina eclesiástica (Mt 18:16), refletindo-se também em vários lugares por todo o Novo Testamento (Jo 8:17; 1 Tm 5:19; Hb 10:28; 1 Jo 5:8).

A introdução de Paulo a esta citação tem sido entendida de várias maneiras. Alguns eruditos chamam a atenção para a referência paulina à segunda e terceira visitas a Corinto, nos versículos 1-2, e sugerem que estas de algum modo são análogas às duas ou três testemunhas exigidas pela lei. As evidências levantadas durante tais visitas justificariam as providências disciplinares que Paulo tenciona tomar em Corinto. Todavia, a primeira visita do apóstolo dificilmente poderia ser vista como

uma testemunha do mau comportamento coríntio (era a visita pioneira, de cunho evangelístico, durante a qual a igreja fora fundada). Além disso, a terceira visita dificilmente poderia ser considerada como uma "testemunha" porque era nesse momento que Paulo tencionava disciplinar os crentes faltosos. Tal interpretação faria também que Paulo mudasse estranhamente o texto de Deuteronômio 19:15, que com máxima clareza diz que as testemunhas são pessoas (e não acontecimentos), conforme alusões noutras passagens do Novo Testamento testificam.

Outra sugestão é que as advertências de Paulo (v. 2) constituem as testemunhas exigidas. A dificuldade neste caso é que, a despeito das inúmeras advertências dadas, somente uma pessoa fora arrolada como testemunha. Uma terceira possibilidade seria que Paulo, determinado a implantar providências disciplinares à sua chegada, está aqui meramente advertindo seus leitores de que assim procederá, de acordo com as instruções de Jesus e a jurisprudência aceita pelas igrejas.[1]

Finalmente, o apóstolo poderia estar lançando um desafio a qualquer de seus leitores que pudesse estar inclinado a lançar-lhe uma acusação. Se assim fosse, Paulo estaria dizendo que deveriam estar preparados para apoiar sua acusação mediante a apresentação de duas ou três testemunhas. Esta sugestão leva em conta o fato de que não é apenas a igreja coríntia que está sob escrutínio (da parte de Paulo), mas o próprio apóstolo (da parte dos coríntios) (vv. 5-10).

2. *Já o disse anteriormente, e torno a dizer.* Paulo emprega o perfeito (*proeirēka*, lit., "adverti"), o que coloca a advertência no passado, mas sublinha a continuidade de sua aplicação até o presente. Nas palavras que se seguem, Paulo reitera e renova sua advertência e marca para nós a época em que a fez pela primeira vez: *como fiz quando estive presente pela segunda vez; mas agora, estando ausente, o digo aos que outrora pecaram.* A ocasião da advertência original foi a "segunda visita" do apóstolo, i.e., a visita "dolorosa" durante a qual ele foi atacado pelo

1. Contra este ponto de vista tem-se argumentado que as testemunhas pessoais são necessárias apenas para trazer à luz os pecados ocultos, não os escândalos públicos, com que Paulo está preocupado aqui. Em resposta pode-se afirmar que o papel das testemunhas não é apenas o de trazer à luz o que era secreto, mas também arcar com a responsabilidade diante dos poderes judiciários quanto à acusação feita.

ofensor (cf. 2:5; 7:12). Pelo presente contexto aprendemos que Paulo não concluiu sua segunda visita, senão depois de pronunciar horrendas advertências aos que ainda não se haviam arrependido de seus pecados.

A referência de Paulo *aos que outrora pecaram* pode ser entendida como apontando os ofensores sexuais que nunca se arrependeram, mencionados em 12:21 (cf. 1 Co 6:12-20), enquanto *todos os mais* talvez se refira aos que aprovaram as ofensas de caráter sexual (cf. 1 Co 5:2, 6).

O conteúdo da advertência do apóstolo é: *se outra vez for, não os pouparei.* Paulo havia ameaçado que em sua segunda visita haveria de tomar providências disciplinares (1 Co 4:18-21), mas na ocasião do evento ele se retirou sem cumprir suas ameaças; preferiu escrever-lhes uma carta "severa". Agora, todavia, pronto para realizar sua terceira visita, o apóstolo adverte seus leitores de que não os poupará desta vez.

3. Paulo dá uma razão para a ação que ameaça implantar no versículo 2b, "não os pouparei": *posto que buscais prova de que em mim Cristo fala.* Influenciados pelos inimigos de Paulo, os coríntios haviam adotado vários critérios para testar a validade dos ensinos apostólicos. Um desses critérios era que através de um verdadeiro apóstolo a palavra de Cristo deve ser ouvida, e os coríntios procuravam provas indicadoras de que este critério se cumprira em Paulo. Tais provas também incluíam porte pessoal impressionante e eloqüência poderosa (10:10), e a realização de sinais e prodígios (12:11-13). Paulo não teria objetado contra esses critérios, mas teria sido uma contundente exceção, no que concernia às provas exigidas. Ele havia aprendido que o poder de Cristo repousava sobre os fracos, não sobre os de presença impressionante, e que Cristo falava através de seus servos quando estes proclamavam o evangelho, nada tendo que ver com palavras de grande sonoridade, mas ocas.

Em resposta à exigência de provas, Paulo ameaça prover evidências de que Cristo está falando por seu intermédio, mas seus leitores não vão gostar delas. Paulo não vai poupá-los. Vai ser severo no emprego de sua autoridade apostólica (cf. v. 10). Quanto a isto ele adverte os coríntios: Cristo *não é fraco para convosco, antes é poderoso em vós.* Cristo havia operado poderosamente entre os coríntios, mediante o Espírito, quando

Paulo realizara os sinais indicativos do apostolado, em Corinto (12:12; cf. Rm 15:18-19); mas, no presente contexto, Paulo tem em mente o poder de Cristo revelado na ação disciplinar contra os coríntios que persistiam em seus pecados. As palavras do apóstolo em 1 Coríntios 11:30-31, escritas em resposta às notícias de abusos na ceia do Senhor, talvez constituam um indício sobre o que ele tinha em mente aqui: "Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes, e não poucos que dormem. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados".

4. *Porque de fato foi crucificado em fraqueza, contudo vive pelo poder de Deus.* Paulo lembra a seus leitores que o Cristo que agora vive pelo poder de Deus havia sido crucificado em fraqueza. Isto provê um paradigma mediante o qual poderiam entender o paradoxo do próprio ministério de Paulo: *Nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele para vós outros pelo poder de Deus.* As muitas evidências da fraqueza do apóstolo (cf. 1:3-11; 4:7-12; 11:23-29) não deveriam cegar os coríntios, impedindo-os de ver o poder de Cristo manifestado em seu apostolado. Embora reconheça sua fraqueza em Cristo, Paulo ameaça usar o poder de Cristo para disciplinar, ao falar aos crentes.[1]

5. *Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos.* A colocação dos pronomes reflexivos (*heautous*, "vós mesmos") mostra que Paulo está enfatizando que eles próprios, os coríntios, é que deveriam examinar-se a si mesmos, em vez de examinar a Paulo. O apóstolo deseja que vejam se estão firmes na fé, i.e., no evangelho, e conformando suas vidas segundo esse evangelho.

Não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados. Numa carta anterior, Paulo havia enfatizado a importância da presença do Espírito Santo na congregação e no crente, individualmente, e as implicações morais dessa realidade (1 Co 3:16; 6:19-20). No atual contexto, em que a perspectiva do fracasso moral da parte dos

1. Alguns têm argumentado que as palavras de Paulo, *viveremos com ele para vós outros pelo poder de Deus*, referem-se ao futuro escatológico, em que Paulo e seus companheiros ressurgirão pelo poder de Deus, a fim de viver com Cristo. Entretanto, Paulo não tem em mente, aqui, um futuro escatológico. As palavras *não é fraco para convosco* (*eis hymas*), demonstram que o apóstolo tem em mente uma ação disciplinar que ele mesmo vai impor num futuro próximo.

coríntios estimulou o interesse de Paulo (cf. 12:21), o imperativo ético da presença de Cristo pelo Espírito é invocado pela pergunta de Paulo. *Não reconheceis que Jesus Cristo está em vós?* Parece que os coríntios estavam confiantes demais de que eram habitação de Cristo, de modo que a pergunta de Paulo objetiva sacudi-los e despertá-los para as implicações morais dessa grandiosa realidade.

6. *Espero reconheçais que não somos reprovados.* Da mesma forma que Paulo enfatizara no versículo anterior (mediante o uso de pronomes reflexivos) que os coríntios deveriam testar-se a si próprios, a fim de assegurar que estão firmes na fé, assim enfatiza ele aqui (mediante a inclusão do pronome enfático *hēmeis, nós*), sua esperança de que ele e seus companheiros não hão de fracassar no teste dos coríntios. Esta declaração é surpreendente, porque o contexto induz-nos a esperar que a esperança de Paulo seria que os coríntios passassem na prova. A explicação disto é a seguinte: ao provar-se a si mesmos e assim chegar à conclusão de que de fato estão firmes na fé, e que, portanto, Cristo habita neles, os coríntios entenderão simultaneamente que nem Paulo nem seus companheiros fracassaram na prova. Se se mantêm firmes na fé e são habitação de Cristo, isto se deve às bênçãos espirituais que receberam pelo ministério de Paulo e seus companheiros. A posição espiritual deles comprova, também, que Paulo é um verdadeiro apóstolo. Paulo passou na prova.

7. *Estamos orando a Deus para que não façais mal algum.* Paulo dá a conhecer o conteúdo de sua oração e essa abertura não só revela sua preocupação pelos coríntios, como também funciona como uma exortação a eles. O *mal algum*, objeto de sua oração, e que eles deverão evitar, entende-se melhor neste contexto como a incapacidade para firmar-se na fé (v. 5), e um retrocesso para dentro da imoralidade (12:21).

Há perigo de que seus motivos sejam mal interpretados, pelo que Paulo explica as razões por que ora assim: *não para que simplesmente pareçamos aprovados, mas para que façais o bem, embora sejamos tidos como reprovados.* Embora ele espere que os coríntios venham a descobrir que seu apóstolo passou na prova (v. 6), não é esta a maior preocupação de Paulo. Ele espera que os coríntios evitem o mal, não

porque sua própria reputação sofreria, mas simplesmente porque ele deseja que sejam encontrados fazendo o que é certo.

Os que entendem que Paulo foi reprovado provavelmente baseiam-se em que ele não apresentou provas de que Cristo falava por seu intermédio, i.e., Paulo não tinha aparência impressionante, sua fala era desprezível (10:10), e havia pouquíssima evidência, segundo pensavam, de poder espiritual no ministério paulino (e.g., experiências de visões e execução de sinais e prodígios, cf. 12:1, 11-13). Em sua "conversa insensata" Paulo apresentou-lhes as provas que exigiam, embora a tais provas ele houvesse dado seu toque especial (veja comentário sobre 11:21b – 12:13). Entretanto, no que dizia respeito a Paulo, a legitimidade de seu apostolado não se comprovaria mediante tais exibições de poder, mas ficaria evidente nas vidas transformadas de seus convertidos. Quando estes crentes passassem pela prova da firmeza de fé, o que se comprovaria na renovação moral de suas vidas, a genuinidade do apostolado de Paulo ficaria confirmada (cf. 3:1-3).

8. Para que sua declaração "embora sejamos tidos como reprovados" (v. 7b) não seja mal interpretada, como se fora confissão de que ele agira errado, Paulo acrescenta: *Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade. A verdade,* aqui, se entende como sendo o evangelho; o que Paulo afirma é que ele jamais poderia agir de modo que fosse contrário ao evangelho, ou às suas implicações.

9. *Porque nos regozijamos quando nós estamos fracos, e vós, fortes.* Esta assertiva reforça a do versículo 7, que em termos gerais é refundida. Paulo está preparado, como disse no versículo 7, para parecer que falhou, desde que os coríntios façam o que é certo. Agora, em termos mais genéricos, ele diz que está preparado (e até mesmo alegre), para passar por fraco se isso significar força para seus convertidos. Durante seu ministério, Paulo havia descoberto que com muita freqüência sua fraqueza era concomitante com o poder operando na vida de seus convertidos (cf. 4:11-12; 12:7-10); essa realidade repousa na decisão de Deus de usar as coisas fracas deste mundo a fim de atingir seus propósitos (cf. 1 Co 1:26-29). O tipo de força que Paulo procurava em

seus convertidos era a força da fidelidade ao evangelho, e o resultado dessa fidelidade era a renovação moral de suas vidas.

Isto é o que pedimos: o vosso aperfeiçoamento. A marca da maturidade cristã do apóstolo e de sua fidelidade aos propósitos de Deus é esta: em face da defecção de seus convertidos, e de eles questionarem seu próprio apostolado, a maior preocupação do apóstolo não era justificar-se e, sim, o aperfeiçoamento dos crentes.

10. Paulo resume o propósito de sua carta: *Portanto, escrevo estas cousas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu.* Esta afirmação de propósitos enquadra-se bem no conteúdo dos capítulos 10 – 13, no que diz respeito a Paulo ameaçar reiteradamente o uso enérgico da autoridade (10:5-6, 11; 12:20; 13:1-4). A despeito da repetição dessas ameaças, Paulo esperava não ser necessário pô-las em execução (10:2; 12:19-21). Podemos afirmar, então, que o propósito dos capítulos 10 – 13 era clamar de novo aos coríntios, para que tivessem juízo, de modo que rejeitassem o falso evangelho e falsas doutrinas trazidas pelos adversários de Paulo, e também que vivessem de tal modo que exibissem os frutos, as implicações morais do evangelho verdadeiro, com o que se descartariam das ameaças punitivas com que Paulo lhes acenava.

Paulo descreve sua autoridade como sendo *autoridade que o Senhor me conferiu para edificação, e não para destruir.* É verdade que noutras passagens em seus escritos Paulo fala do exercício da autoridade que constitui verdadeira *destruição* (e.g., entregar as pessoas a Satanás para a destruição da carne, 1 Co 5:3-5; cf. 1 Tm 1:20). Todavia, a função primordial da autoridade paulina é a edificação da igreja de Cristo. Este fato é enfatizado vezes sem conta nesta carta (cf. 10:8; 12:19).

II. CONCLUSÃO (13: 11-13)

A. Exortações e Saudações Finais (13:11-12)

11. *Quanto ao mais, irmãos, adeus!* A palavra *irmãos* é empregada de modo genérico, para denotar todos os cristãos (também em 1:8; 8:1). *Adeus* é tradução do grego *chairete*, que também poderia ser traduzido "regozijai-vos". Essa palavra é empregada com este último sentido em

1 Tessalonicenses 5:16, fazendo parte de uma lista semelhante de exortações breves. Entretanto, um simples *adeus* enquadra-se melhor no final de uma carta pontuada de expressões de ansiedade, autodefesa, punição aos adversários e sarcasmo, do que uma exortação a que os coríntios se regozijem.

Aperfeiçoai-vos, consolai-vos. O que Paulo exigia dos coríntios a título de aperfeiçoamento é bastante claro. Ele queria que os coríntios rejeitassem o evangelho estranho, pregado pelos seus adversários (11:1-6), reconhecessem as vindicações justas dele, Paulo, quanto a ser seu apóstolo (10:13-18; 11:21-23; 12:11-13), e que se certificassem de que nenhuma prática imoral seria tolerada em seu meio (12:20-21). O apelo de Paulo aos coríntios era no sentido de eles se auto-examinarem, e que endireitassem seus caminhos, de modo que à sua chegada o apóstolo não precisasse ser enérgico demais no uso da autoridade (vv. 5-10).

Sede do mesmo parecer, vivei em paz. Estas palavras também devem ser incluídas como parte do apelo de Paulo aos coríntios, fazendo-nos lembrar de que a desarmonia que prejudicava a igreja quando 1 Coríntios foi escrita (cf. 1 Co 1:10-12; 3:1-4) ainda era fonte de problemas na igreja (cf. 12:20). A essa exortação, Paulo acrescenta uma certeza: *o Deus de amor e de paz estará convosco.* Esta promessa não deve ser entendida como recompensa que será dada aos coríntios, se estes obedecerem às exortações de Paulo. Entende-se melhor que se trata de encorajamento aos que se propuseram obedecer, bem como indicação da fonte do poder pelo qual serão capacitados a obedecer.

12. *Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.* No Novo Testamento, o beijo era símbolo de saudação e respeito. Foi por isso que, por exemplo, Jesus repreendeu a Simão, o fariseu: este não o beijou quando o Senhor entrou em sua casa (Lc 7:45). Também significava afeição, como no caso da mulher que, tendo sido muito perdoada, beijava repetidamente os pés de Jesus (Lc 7:38, 45), e no caso do pai do filho pródigo, que abraçou e beijou seu filho rebelde quando este retornou a casa (Lc 15:20). Paulo reiteradamente assim exorta os membros das igrejas: *Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo* (além do presente contexto, esta exortação encontra-se em Rm 16:16; 1 Co 16:20; 1 Ts 5:26; cf. 1 Pe 5:14).

O fato de o beijo ser descrito como *santo* indica que estavam excluídos quaisquer laivos eróticos; tal beijo era uma saudação, um sinal de paz e de *agapē* cristão. Nos tempos que se seguiram à época do Novo Testamento, empregava-se o beijo santo, ou ósculo cultual, na liturgia cristã primitiva, especialmente na eucaristia. No entanto, bem cedo começaram a surgir objeções contra a prática do ósculo, por causa de suspeitas de não-cristãos e do perigo das perversões de caráter erótico.[1]

Todos os santos vos saúdam. Todos os santos, cuja saudação Paulo transmite, seriam todos os cristãos da Macedônia, ou aqueles cristãos da cidade específica da Macedônia na qual Paulo escreveu esta carta.

B. Bênção (13:13)

13. A impetração da bênção de Deus, como fecho da carta, é fato significativo de modo especial, por causa de sua formulação tríplice. É o único lugar em todo o Novo Testamento em que Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo são mencionados explicitamente numa bênção.

A graça do Senhor Jesus Cristo. Em 8:9, Paulo escreveu: "conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos" (veja comentário sobre 8:9). Esta é a natureza da graça de nosso Senhor Jesus Cristo que Paulo invoca sobre seus leitores, graça totalmente imerecida e, no entanto, maravilhosamente generosa e espantosamente voltada para o bem-estar de seres humanos pecadores.

O amor de Deus é tema da maior importância na teologia de Paulo. Esse amor ficou superlativamente demonstrado quando Deus providenciou a grande reconciliação efetuada por Cristo, e nela se envolveu, de tal modo que os seres humanos pudessem viver em paz com Deus (Rm 5:6-8; 2 Co 5:18-21). Esta é a natureza do amor de Deus, que Paulo invoca sobre os seus leitores. Mais uma vez, temos um amor totalmente imerecido, e espantosamente generoso.

A comunhão do Espírito Santo. A palavra *comunhão* é tradução de *koinōnia*, que significa essencialmente "participação". A expressão *comunhão do Espírito Santo* pode ser interpretada como sendo nossa

1. G. Stahlin, "Phileo", TDNT 9, pp. 142-143.

participação do Espírito Santo; nesse caso, Espírito Santo é a Pessoa da qual os cristãos participam (gramaticalmente, construção genitiva-objetiva). Pode-se também entender que essa expressão significa comunhão criada pelo Espírito Santo (construção gramatical genitiva-subjetiva). Ambas as idéias são verdadeiras, ortodoxas, e encontram-se noutras passagens das cartas de Paulo (e.g., 1 Co 12:13, em que dos cristãos se dizem duas coisas: que foram batizados *por* um Espírito, num corpo, e que beberam *de* um mesmo Espírito). Em qualquer caso, os crentes podem partilhar "objetivamente" do Espírito, se (e unicamente quando) o próprio Espírito "subjetivamente" possibilitar esse partilhamento.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.

ISBN 978-85-275-0344-0



